

Ana Cláudia Romano Ribeiro

**A ILHA DOS HERMAFRODITAS**  
**Viagem à França especular de Henrique III**

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título em Mestre em Teoria e História Literária na área de História e Historiografia Literária

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2005

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

**R354i**

Ribeiro, Ana Cláudia Romano.

A Ilha dos Hermafroditas : viagem à França especular de Henrique III / Ana Cláudia Romano Ribeiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientador : Carlos Eduardo Ornelas Berriel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Utopia. 2. Anti-utopia. 3. Hermafroditismo. 4. Maneirismo. 5. Sátira. I. Berriel, Carlos Eduardo Ornelas. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

(oe/iel)

Palavras-chave em francês (Keywords): Utopie, Anti-utopie, Hermaphrodite, Maniérisme, Satire.

Área de concentração: História e historiografia literária.

Titulação: Mestrado em Teoria e História Literária.

Banca examinadora: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel, Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes e Prof. Dr. Leandro Karnal.

Data da defesa: 02/02/2005.

**Banca examinadora:**

Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel (orientador)

Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Júnior

Prof. Dr. Leandro Karnal

Este exemplar e a redação final da tese  
defendida por Anna Claudia

Romano Ribelin

e aprovada pela Comissão Julgadora em  
30/03/05.

Carlos Eduardo O. Berriel

## RESUMO

O objetivo deste trabalho de mestrado é traduzir e estudar A Ilha dos Hermafroditas, obra em geral classificada junto a panfletos e à literatura polêmica, que, segundo Claude-Gilbert Dubois, inaugura o gênero utópico na França e, ao mesmo tempo, contém em si a primeira anti-utopia francesa. Artus Thomas, seu provável autor, não segue a estrutura paradigmática do texto de Thomas Morus, apresentando em um mesmo texto três partes distintas: uma anti-utopia de teor satírico, um poema panfletário e um discurso apologético, - a utopia propriamente dita. Para Pierre Bayle, trata-se de uma sátira engenhosa da corte de Henrique III, o último Valois, rei que se vestia de modo efeminado e vivia cercado de *mignons* com quem tinha uma relação confidencial. O alcance deste texto, de grande riqueza simbólica, vai, porém, além do tema sexual. Sua principal chave de leitura é a figura do hermafrodita, que, saído da área da teratologia médica, toma valor simbólico e pode ser transposto a diferentes áreas, especialmente à ideologia e à política, designando uma forma de oportunismo moral, econômico, filosófico e político, encoberto por uma ambigüidade de conduta e de discurso. Há neste libelo uma crítica ao estetismo maneirista derivado do naturalismo renascentista, em que o autor procura descobrir os vícios da natureza denunciando, ao mesmo tempo, as dissonâncias causadas pela subordinação dos princípios éticos à lei estética do interesse e do prazer.

## RÉSUMÉ

Traduire et étudier L'isle des Hermaphrodites, tel est l'objectif de ce travail de *mestrado*. Cet ouvrage, souvent classé à côté des pamphlets et de la littérature polémique, inaugure, d'après Claude-Gilbert Dubois, le genre utopique en France et, au même temps, contient en soi la première anti-utopie française. Artus Thomas, l'auteur supposé, ne suit pas la structure paradigmatique du texte de Thomas Morus. Il présente dans un même texte trois parties distinctes: une anti-utopie de ton satirique, un poème pamphlétaire et un discours apologétique, - l'utopie proprement dite. Pour Pierre Bayle, il s'agit d'une satire ingénieuse de la court d'Henri III, le dernier Valois, roi qui s'habillait de manière efféminée et vivait entouré de *mignons* avec qui il avait des rapports confidentiels. La portée de ce texte, de grande richesse symbolique, va, cependant, au delà du thème sexuel. Sa principale clef de lecture est la figure de l'hermaphrodite, qui, sorti du domaine de la tératologie médicale, prend valeur symbolique et peut être transposé à de différents domaines, spécialement à l'idéologie et à la politique. Il désigne une forme d'opportunisme moral, économique, philosophique et politique, recouvert par une ambiguïté de conduite et de discours. Il y a dans ce libelle une critique à l'esthétisme maniériste dérivé du naturalisme renaissant, dans laquelle l'auteur cherche à découvrir les vices de la nature et dénonce les dissonances dues à la subordination des principes éthiques à la loi esthétique de l'intérêt et du plaisir.

À Cláudia (*in memoriam*)  
ao P.R.V.  
e à Aurora

## AGRADECIMENTOS

Ao Berriel, de todo coração, pela orientação cuidadosa, generosa e constante.

À banca de qualificação e de defesa, Joaquim Brasil e Leandro Karnal, pelos esclarecedores comentários, sugestões e incentivo.

A todos os amigos e colegas, por diferentes razões - da busca do livro esgotado à torcida - especialmente ao Helvio, pela caminhada paralela compartilhada, e à Késia, à Gabi, à Juliette, à Maira, ao Sandoval e ao Grupo de Estudos sobre Renascimento e Utopias.

Aos professores com quem estudei no Departamento de Teoria e História Literária, em especial o Márcio Seligmann-Silva e o Berriel.

Aos funcionários da Unicamp, especialmente aos da biblioteca e da secretaria da pós-graduação, do IEL.

À Cláudia (*in memoriam*), ao Paulo e à Anita.

## ÍNDICE

<b>Introdução</b> .....	17
<b>PARTE I: <i>Estudo</i></b>	
<i>A língua francesa na <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	22
<i>Considerações gerais sobre o gênero utópico</i> .....	27
<i>As utopias francesas no século XVII</i> .....	31
<i>A questão do gênero literário na <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	38
<i>A datação da <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	41
<i>Hipóteses de atribuição da <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	42
<i>Artus Thomas</i> .....	45
<i>As citações em línguas antigas</i> .....	46
<i>Personagens e escritores citados na primeira parte da <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	48
<i>As <u>Metamorfoses</u> de Ovídio</i> .....	49
<i>O <u>Satiricon</u> de Petrónio</i> .....	51
<i>Dionísio e seu cortejo</i> .....	52
<i>Suetônio e Tácito</i> .....	52
<i>A <u>História Augusta</u></i> .....	53
<i>Sardanápalo e Heliogabalo</i> .....	54
<i><u>Vidas</u>, de Plutarco</i> .....	55
<i>Personagens e escritores citados na segunda parte da <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	56
<i>A sociedade de corte francesa</i> .....	57
<i>Henrique III</i> .....	60
<i>Os mignons</i> .....	68
<i><u>A Ilha dos Hermafroditas</u> e Henrique IV</i> .....	74
<i>As metáforas da instabilidade</i> .....	75
<i>Natureza e artifício na ilha dos hermafroditas</i> .....	79
<i>Natureza e artifício no personagem hermafrodita</i> .....	82
<i>A linguagem hermafrodita</i> .....	88
<i>As ordenanças</i> .....	92
<i>Natureza e lei na <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	97



<i>O termo “hermafrodita” à época da <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	101
<i>O mito do andrógino</i> .....	101
<i>O mito do hermafrodita</i> .....	106
<i>Diferenças entre os mitos do andrógino e do hermafrodita</i> .....	110
<i>Uso técnico da palavra “hermafrodita”</i> .....	110
<i>Uso simbólico da palavra “hermafrodita”</i> .....	112
<i>O hermafrodita como metáfora dos infiéis</i> .....	115
<i>O hermafrodita como metáfora política</i> .....	115
<i>O andrógino e o velho mundo</i> .....	116
<i>Viagens rumo ao Novo Mundo</i> .....	118
<i>Metáforas androgínicas</i> .....	121
<i>Montaigne</i> .....	121
<i>O andrógino degenerado</i> .....	123
<i><u>A Ilha dos Hermafroditas</u> e as correntes estéticas</i> .....	124
<i>Renascimento</i> .....	125
<i>Maneirismo</i> .....	126
<i>Barroco</i> .....	128
<i>O hermafrodismo como elemento maneirista</i> .....	130

## **PARTE II: Tradução**

<i><u>A Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	133
EXTRATO DAS LEIS, ESTATUTOS, COSTUMES, E ORDENANÇAS DOS <i>HERMAFRODITAS</i> .....	156
ORDENANÇAS SOBRE O FATO DA RELIGIÃO .....	157
ARTIGOS DE FÉ DOS HERMAFRODITAS .....	162
NO QUE CONCERNE A JUSTIÇA E OFICIAIS DESTE ESTADO .....	163
NO QUE CONCERNE A POLÍCIA .....	171
NO QUE CONCERNE AS RELAÇÕES SOCIAIS .....	180
LEIS MILITARES .....	190
CONTRA OS HERMAFRODITAS .....	212
DO SOBERANO BEM DO HOMEM .....	214
QUE A ALMA DO HOMEM DEVE CUIDAR DAS COISAS CORPORAIS .....	229

### **PARTE III: Anexo de textos**

O Andrógino em Platão .....	237
O Hermafrodita em Ovídio .....	241

### **Bibliografia**

1. Edições da <u>Ilha dos hermafroditas</u> .....	245
2. Bibliografia geral .....	245

### **Índice das ilustrações**

<i>Palácio real na praça central da ilha dos Hermafroditas</i> .....	20
<i>Primeira página da <u>Ilha dos Hermafroditas</u></i> .....	26
<i>Henrique III</i> .....	63
<i>Véritable portrait de Henri III Le Monstrueux</i> .....	69
<i>Caylus, o mignon preferido de Henrique III</i> .....	73
<i>A navegação de São Brandão</i> .....	77
<i>Andrógino alquímico</i> .....	102
<i>Hermes e Afrodite</i> .....	103
<i>Andrógino na fogueira</i> .....	103
<i>Francisco I vestido de hermafrodita</i> .....	104
<i>Metamorfose de Hermafrodita e Salmacis</i> .....	107
<i>O hermafrodita adormecido</i> .....	108 -109
<i>Hermafroditas estudados por Ambroise Paré</i> .....	111
<i>Gravura alegórica representando a França cindida em dois pelas guerras de religião</i> .....	118
<i>Mapa ilustrando novas terras descobertas</i> .....	120

## Introdução

Esta dissertação de mestrado tem como objetivos estudar e traduzir A Ilha dos Hermafroditas, libreto utópico satírico que circulou na corte francesa no início do século XVII. Sobre ele não existem certezas absolutas sobre as datas de composição e de publicação, nem sobre o autor, nem sobre as circunstâncias históricas e nem sobre as intenções. Pouco conhecida na França e ainda menos no Brasil, esta obra é exemplar, pois ilustra o gênero utópico e a mentalidade dos inícios da era barroca. Como veremos, ela é não somente a primeira utopia, mas também a primeira anti-utopia francesa. Seu interesse, entre outras coisas, está na sua singularidade, nos seus diversos modos de narrar, nas suas soluções estilísticas originais, e no alcance de sua interpretação.

Usaremos a versão fac-similar do exemplar Lb<sup>34</sup> 806 da Biblioteca Nacional da França<sup>1</sup>, que serviu de base para a mais recente edição do texto, com introdução e notas de Claude-Gilbert Dubois<sup>2</sup>. Este exemplar foi encadernado juntamente com um outro texto alegórico e utópico, o Discours de Jacophile du Japon envoyé à Limne de Ximen, son amy, sur le voyage qu'il a fait à Aretinopolis.

Trata-se de um livro em formato in-12, com 235 páginas de 27 linhas cada. A capa, construída como um emblema, está dividida em três partes. Na parte superior, lê-se Les Hermaphrodites, talvez o título da enigmática gravura de uma pessoa que ocupa a maior parte da folha, com uma paisagem no fundo e a divisa ou moto “A tous accords” em uma faixa situada sobre a cabeça do personagem. Segundo Clément-Simon<sup>3</sup>, temos aí uma “composição alegórica, que associa índices de masculinidade e de feminilidade, e reúne os vários atributos da vaidade e do espírito mundano”<sup>4</sup>. Na parte inferior lê-se a seguinte glosa octossílabo de seis linhas:

*Não sou nem macho nem fêmea  
E no entanto muito me embarça  
Qual dos dois devo escolher  
Mas que importa com quem se pareça*

---

<sup>1</sup> O texto está disponível no site desta biblioteca (<http://gallica.bnf.fr/>).

<sup>2</sup> L'isle des hermaphrodites. Introduction et notes de DUBOIS, Claude-Gilbert. Genève: Droz, 1996.

<sup>3</sup> CLÉMENT-SIMON, Gustave. Curiosités de la bibliographie limousine. Limoges: Ducourtieux, 1905 (Genebra: Slatkine Reprints, 1972), art. 42.

<sup>4</sup> “[...] une composition allégorique, qui associe les indices de masculinité et de féminité, et rassemble les divers attributs de la vanité et de l'esprit mondain.” As citações do texto de Dubois, bem como as dos demais autores, foram traduzidas por mim. DUBOIS, Claude-Gilbert. Introduction à L'isle des hermaphrodites. Genève: Droz, 1996, p. 21.

*Vale mais tê-los juntos  
Recebe-se nisso duplo prazer<sup>5</sup>*

O personagem representado na gravura foi durante muito tempo considerado como sendo Henrique III, possivelmente porque Pierre de L'Estoile assim considerava, e porque a primeira página de uma das cópias (a que usamos, oriunda da Biblioteca de Sorel), traz uma breve apresentação baseada na opinião de Pierre Bayle, autor do Dictionnaire historique et critique, que diz tratar-se de uma “sátira bastante engenhosa da corte de Henrique III”<sup>6</sup>. Este rei se vestia de modo efeminado, como documentam as crônicas do período, e vivia cercado de *mignons*, tratados com afeto e com quem este rei mantinha relação confidencial.<sup>7</sup> Claude-Gilbert Dubois, o estudioso que mais se dedicou a esta obra, diz ser mais plausível interpretar o personagem da gravura como uma representação alegórica do hermafrodita, por não se parecer com o que restou dos dados iconográficos relativos a Henrique III. O rosto, o peito e o quadril correspondem a uma figura feminina. A divisa “A tous accords” parece referir a uma figura que se alia a diferentes posições, exprimindo o acordo desordenado hermafrodita, ao invés do “comum acordo” andrógino.

Introduzindo o texto, tem-se um título mais completo: L'Isle des Hermaphrodites nouvellement decouverte. Avec les moeurs, loix, coutume et ordonnances des habitans d'icelle.<sup>8</sup> Chamaremos o texto de A Ilha dos Hermafroditas, nome ao qual os estudiosos do assunto se referem ao dele tratar.

A autoria tem sido atribuída a Artus Thomas, ou Thomas Artus, nobre parisiense, que a teria escrito durante o reinado de Henrique III.

Em geral classificada junto a panfletos e à literatura polêmica, a Ilha dos Hermafroditas traz uma descrição de teor irônico e grotesco dos “*syresdonnes*”, habitantes hermafroditas de uma ilha imaginária situada nos caminhos marítimos que levam a Lisboa.<sup>9</sup> Esta obra pode ser lida como crítica irônica e mordaz aos costumes, às instituições e às idéias de sua época, ou seja, uma sátira.

A Ilha dos Hermafroditas é enigmática e polissêmica. Se a intenção do autor é clara – ele é satírico – a descrição desta ficção social a torna polivalente. Dubois levanta a

---

<sup>5</sup> P. 11 na tradução. Je ne suis masle ny femelle/ Et sy je suis bien en cervelle/ Lequel des deux je doibs choisir/ Mais qu'importe à qui on ressamble/ Il vault mieux les avoir ensemble/ On en reçoit double plaisir. (P. 49 na edição Droz).

<sup>6</sup> “Ce livre est une satire assez ingénieuse de la cour d'Henry trois...”

<sup>7</sup> Henrique III sucedeu ao seu irmão Carlos IX, cujo reinado durou de 1560 a 1574.

<sup>8</sup> A edição de 1724, a segunda das quatro que este texto conheceu, intitula a obra Description de L'Isle des Hermaphrodites nouvellement decouverte e mais adiante: contenant les Moeurs, les Coutumes et les Ordonnances des habitans de ceste Isle [...].

<sup>9</sup> A ilha dos hermafroditas teria inspirado a Terre australe connue, utopia de Gabriel de Foigy, publicada em 1676, em que um viajante também chega a uma ilha povoada por hermafroditas.

hipótese de que Artus Thomas a teria escrito entre os anos 1575 e 1580, não tendo porém ousado publicá-la, por temer ser censurado. Com efeito, à primeira vista, os hermafroditas representariam uma crítica aos costumes de jovens que provocavam com suas roupas extravagantes e seus comportamentos ambíguos - os “*mignons*” da corte de Henrique III – e que, segundo Pierre de L’Estoile, eram odiados pelo povo<sup>10</sup>. Mas, pergunta-se, por que a obra teria feito tanto sucesso sendo publicada muitos anos após os acontecimentos escandalosos do reinado do último Valois? A obra se referia a um fato que, deduz-se, permanecia atual. O “dandismo” dos nobres enfeitados e embelezados, algumas vezes “*parvenus*”, correspondia a uma realidade. O conceito de *mignon* havia deixado de ser uma referência a um período histórico determinado ou a uma moda passageira para tornar-se uma categoria compreensível, uma representação de certa atitude elitizada e pedante: o *mignon* teria se tornado um tipo histórico<sup>11</sup>.

A figura do hermafrodita é a principal chave de leitura deste texto. O hermafroditismo, saído da área restrita da teratologia médica, toma valor simbólico e pode ser transposto a diferentes áreas, especialmente à ideologia e à política. Em sua acepção figurada, o termo “hermafrodita” assumiu caráter pejorativo e serviu para designar toda forma de oportunismo moral, econômico, filosófico e político, encoberto por uma ambigüidade de conduta e de discurso. Do ponto de vista moral, o autor, sob a apelação hermafrodita, designa o estetismo maneirizante, saído do naturalismo renascentista, no qual ele se esforça em desnudar os vícios de natureza e a subordinação de todo princípio moral à lei do interesse e do prazer. Do ponto de vista econômico, ele denuncia a cobertura liberal dada à concentração de riquezas nas mãos de aproveitadores. Do ponto de vista filosófico, ele denuncia a “libertinagem” intelectual, cuja ordenação racional e a regulamentação sistemática servem para encobrir um agnosticismo e um materialismo prático. Do ponto de vista político, denuncia a conduta interesseira daquelas pessoas que encobrem suas intenções para revelá-las somente no momento a elas oportuno.

Na Ilha dos Hermafroditas há uma denúncia do hermafroditismo, sob a forma da hipérbole e do uso sistemático da inversão, que vai muito além de um simples modismo ou de uma mera referência a um tempo passado. Em seu libelo, o autor acena com indícios do que constituirá princípios da monarquia francesa do século XVII, cuja ascensão fica prenunciada. A Ilha dos Hermafroditas anuncia uma nova ordem e um novo estilo, entre a demonstração irônica e a exortação à oração. Nova *persona* do poder entra em cena: a

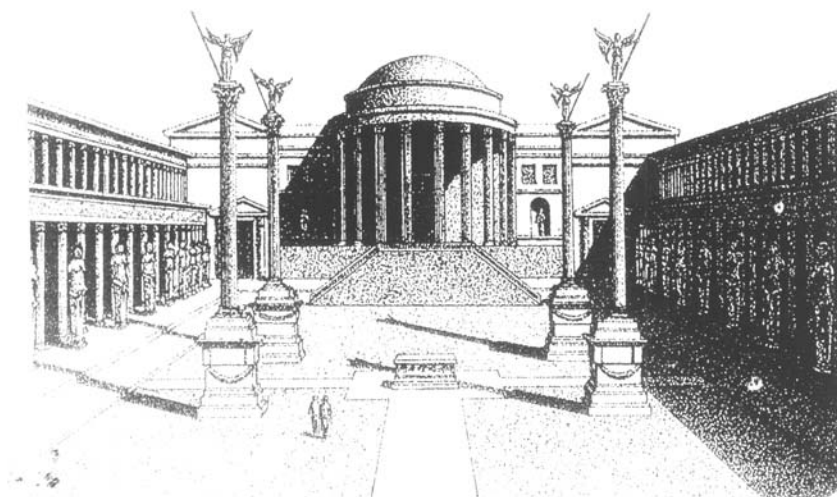
---

<sup>10</sup> Esta interpretação foi emitida por Pierre Bayle em seu Dictionnaire critique e no “Avis au lecteur” da edição da Ilha dos hermafroditas de 1724.

burguesia com sua praxis econômica contra uma aristocracia de existência gratuita, impregnada de estetismo e de epicurismo libertário. Esta mudança histórica está presente no texto, que tem por objetivo despilar as máscaras, coberturas e dissimulações da comédia social para que seja restaurada, segundo Dubois, “a essência divina da humanidade”<sup>12</sup>:

*O mundo é um bufão, o homem uma comédia,  
Um porta um bastão com guizos, e o outro é a loucura*<sup>13</sup>.

*Mas levanta um pouco esta máscara e descobre seu disfarce,  
Tão logo perderás o desejo de amá-la;  
Pois se provares Deus com uma alma pura e santa  
Julgarás depois muito amargo o mundo*<sup>14</sup>.



*Palácio real na praça central da ilha dos Hermafroditas*

MANGUEL, Alberto e GUADALUPI, Gianni. Dictionary of imaginary places. Harvest Books, Harcourt Inc., São Diego, Nova Iorque, Londres, 2000.

---

<sup>11</sup> DUBOIS, Claude-Gilbert, “L’Hermaphrodite: une allégorie énigmatique et son utilisation sous le règne d’Henri IV”, em *Cahiers de Littérature du XVII<sup>e</sup> siècle*, n° 9, 1987, p. 14-15.

<sup>12</sup> DUBOIS, Claude-Gilbert. “Un aspect de la littérature utopique dans les Lettres françaises sous le règne de Henri IV”, in *Mots et règles, jeux et délires. Études sur l’imaginaire verbal au XVI<sup>e</sup> siècle*. Caen: Paradigme, 1992, p. 207.

<sup>13</sup> “Le monde est un bouffon, l’homme une comédie,/ L’un porte la marotte, et l’autre est la folie.” (P. 53 na edição Droz).

<sup>14</sup> “Mais leve un peu ce masque, et découvre sa feinte,/ Tu perdras aussi tost le désir de l’aimer;/ Car si tu goustes Dieu d’une ame pure et sainte/ Tu trouveras après le monde fort amer.” (P. 157 na edição Droz).

Na primeira parte deste trabalho apresentaremos um estudo sobre a Ilha dos Hermafroditas, composto de um único texto, dividido por intertítulos que principiam partes de tamanhos variados. Começaremos tecendo alguns comentários sobre a língua francesa da Ilha dos Hermafroditas e sobre as escolhas feitas na tradução deste texto. Em seguida, trataremos do gênero utópico e de como a obra de Artus Thomas se insere nele, e a situaremos em relação às outras utopias francesas do século XVII. Veremos a seguir as hipóteses de datação e de autoria da obra, e traçaremos o perfil literário de Artus Thomas, listando suas obras, analisando seu estilo e mostrando de que maneira a cultura antiga é referida no texto - por meio de citações latinas, por meio de referência a personagens e a escritores - o que nos ajudará a completar as informações sobre o tipo de escritor que ele foi. Continuaremos com uma localização histórica do texto, que circulou na corte francesa, esboçaremos um retrato de Henrique III e dos *mignons* e apontaremos para uma leitura da Ilha dos Hermafroditas como panfleto a favor de Henrique IV. Na parte seguinte trataremos das metáforas da instabilidade, referência a um *topos* literário iniciado pela viagem de São Brandão. Continuaremos estudando as noções de natureza e de artifício na ilha dos hermafroditas e no personagem hermafrodita, assim como sua linguagem, suas ordenanças e noção de legalidade. Após esta análise, nos dedicaremos ao estudo do termo “hermafrodita” no século XVI: suas origens míticas e seu emprego técnico e figurado. Em seguida, relacionaremos a figura do andrógino àquela do selvagem, decorrência das descobertas de novas terras, que serviram de espelho para os europeus, pondo em questão as noções de barbárie e de civilização – em parte pelas mãos de Montaigne. Por fim, situaremos a Ilha dos Hermafroditas quanto às correntes estéticas do período e nos inclinaremos pela interpretação deste conceito do hermafroditismo como um elemento maneirista.

Na segunda parte, apresentaremos a tradução da obra de Artus Thomas e também das esclarecedoras notas e do léxico elaborados por Claude-Gilbert Dubois para a edição Droz.

Ao final deste trabalho há um anexo com textos - os mitos do andrógino e do hermafrodita, e o texto de condenação da Ilha dos Hermafroditas pela inquisição espanhola, datado de 13 de abril de 1727 - e ilustrações relativas ao tema do hermafrodita.

## PARTE I: *Estudo*

### *A língua francesa na Ilha dos Hermafroditas*

Data de 1605 a primeira publicação de A Ilha dos Hermafroditas, cuja autoria é atribuída a um nobre francês assíduo na corte parisiense, Artus Thomas. A tradução desta obra coloca algumas questões incontornáveis: a da língua em que está escrita, o francês de finais do século XVI e inícios do século XVII, e a de como traduzi-la para o português.

Entre a primeira publicação e a época atual acumularam-se quatrocentos anos de intervalo, e portanto, de mudanças lexicais que tornaram o texto de Thomas um pouco “estrangeiro” até mesmo para os franceses, sendo necessária uma primeira “tradução” para que se o possa ler: do francês de 1600 para o francês contemporâneo. A existência de dicionários relativos às diferentes épocas históricas da língua francesa prova a necessidade desta primeira tradução, e aponta para as particularidades idiomáticas de cada período.

No século XVI o uso do latim ainda predominava nas letras francesas. No entanto, muitos escritores, notadamente os poetas da *Pléyade*, começaram a preconizar o uso da língua moderna, o francês, que se viu enriquecido de novas palavras, de derivação latina. A imitação dos Antigos estava na ordem do dia, usava-se largamente a mitologia e alguns autores, mesmo escrevendo em francês, eram acusados de “latinismo” ou de “helenismo”, por imitarem Virgílio e Cícero, dentre outros, sem se preocuparem com as especificidades da língua francesa. Boileau, no século XVII, criticará a musa de Ronsard por ter falado grego e latim em francês<sup>15</sup>. Du Bellay, na sua Deffence et illustration de la langue française, publicado em 1549, lamenta o desprezo com que a língua francesa era com frequência tratada, tece sua defesa e sustenta que o gênio francês rivaliza com aquele dos italianos. Du Bellay, Ronsard e outros escritores de seu tempo queriam elevar as letras nacionais ao patamar das antigas. Para tanto, incorporam palavras “*mécaniques*”, vindas dos meios de artesãos e do campo, criam novos vocábulos de origem grega e latina e introduzem os gêneros antigos na literatura. Em 1578 e 1579 foram publicadas duas obras de Henri Estienne, Deux dialogues du nouveau langage français italianisé e La précedence du langage français respectivamente, onde também ele defende a língua nacional, desta vez contra o italiano. Esta preponderância da língua nacional se observava também nos meios oficiais: em 1539 a ordenança de Villers-Cotterêts determina que, a partir desta data, os atos judiciários deveriam ser escritos somente em francês. O francês de Paris e do Loire torna-se língua nacional.

---

<sup>15</sup> DUBY, Georges, Histoire de la France. Paris: Larousse, 1970, p. 258.



A língua francesa da época de Artus Thomas ainda não se fixara definitivamente em regras ortográficas, gramaticais e definições precisas, nela distinguindo-se “continuidades e discontinuidades no interior das significações das palavras e entre as próprias palavras”<sup>16</sup>. A leitura do texto de Artus Thomas revela uma língua em fase de sistematização, de fixação e hierarquização de elementos recorrentes. Trata-se de um francês anterior à fase de homogeneização da língua, apresentado por Du Bellay no prefácio da Defesa e ilustração da língua francesa, que não é mais a língua medieval, mas que ainda não é a língua clássica. O francês da Ilha dos Hermafroditas está situado em um momento em que a codificação e a consciência da língua, em germinação, culminará na elaboração de dicionários e gramáticas.

Observa-se, em qualquer bom dicionário do francês contemporâneo, a coexistência de sentidos que continuam atuais e de sentidos que caíram em desuso, mas permanecem repertoriados e datados nos verbetes. Ainda que um novo vocabulário tenha aparecido, são raros os casos de palavras que o final do século XVI e o XVII desconhecem. Este fato induz a crer que a língua francesa não mudou consideravelmente e, até mesmo, que seu vocabulário se empobreceu. O que de fato ocorreu foi uma redução das circunstâncias de uso de palavras e expressões, que na época clássica podiam figurar em contextos os mais diversos. Ou seja, havia palavras, como *fortune* ou *soin*, cujo significado podia variar consideravelmente: depreendia-se o sentido graças à leitura da frase ou do parágrafo inteiro. Além disso, termos que hoje em dia têm significados bem precisos, e são imediatamente compreendidos mesmo quando fora de contexto, como *fortune*, *risque*, *danger*, *hasard*, *chance* ou ainda *soin*, *attention*, *souci*, *zèle* e *service*, eram empregados indistintamente. Portanto, em quatrocentos anos, observa-se que o sistema lexical e semântico do francês escrito transformou-se no sentido de uma maior clareza e precisão.<sup>17</sup>

A primeira metade do século XVII é um período de esforços para regularizar a língua francesa, enriquecê-la e torná-la o mais nítida possível. Vaugelas e Malherbe são seus principais teóricos neste período. O uso, princípio que norteia suas escolhas e julgamentos, será tido como regra por todos os gramáticos vindos depois deles. Com Vaugelas, sobretudo, iniciou-se um movimento de busca de clareza e precisão que culminará na

---

<sup>16</sup>.. “continuités et discontinuités à l’intérieur des significations des mots et entre les mots eux-mêmes” DUBOIS, Jean, LAGANE, René e LEROND, Alain. Dictionnaire du français classique. Paris: Larousse, 2001, p. V, Avant-propos.

<sup>17</sup> Idem, ibidem, p. VI.

aparição de dicionários e gramáticas na segunda metade do século XVII<sup>18</sup>. Os escritores clássicos, assim como os estudiosos da língua, serão conhecidos pelo trabalho de ajuste exato e fino de termos. Eles discutirão sobre o peso das palavras, noção até então desconhecida, sobre a regularidade da sintaxe, sobre a associação de palavras e seu agrupamento em expressões, sobre a discriminação dos sinônimos e sobre a ortografia. A propósito desta, P. Monet ressalta o papel fundamental dos tipógrafos na fixação das regras ortográficas: “Não são nem Bossuet, nem Bouhours, nem Luís XIV, nem a própria Academia que contribuíram com a constituição da ortografia no século XVII. São os tipógrafos.”<sup>19</sup>

A tradução de A Ilha dos Hermafroditas aponta algumas questões: como seria uma boa tradução desse texto? Uma tradução mais literal, mais transparente, que tornaria possível o reconhecimento da língua original, seu momento histórico e suas particularidades? É importante que a tradução busque assemelhar-se ao original, mesmo que tal fidelidade resulte em uma menor clareza do texto em português? Por que tipo de tradução optar então: privilegiar a clareza na leitura do texto traduzido ou deixar algumas asperezas que mostram tratar-se de uma tradução? Essas questões mostram que traduzir não é um ato neutro, mas implica fazer escolhas que estão situadas em uma história das línguas e da própria tradução.

As escolhas feitas nesta tradução são, a seu modo, insatisfatórias. Estamos de acordo com Paulo Rónai quando diz que “a fidelidade alcança-se muito menos pela tradução literal do que por uma substituição contínua. A arte do tradutor consiste justamente em saber quando pode verter e quando deve procurar equivalências.”<sup>20</sup> Optamos portanto pela literalidade com limites. Ou seja, na medida do possível, deixamos nossa tradução bastante literal, com exceção de algumas passagens em que a mera transposição de palavras não encontra correspondente no português ou resultaria em mal entendidos ou obscuridades, e de verbos cuja regência e cuja equivalência de tempo são diferentes do francês. Nossa intenção foi chegar a um texto em português que desse a

---

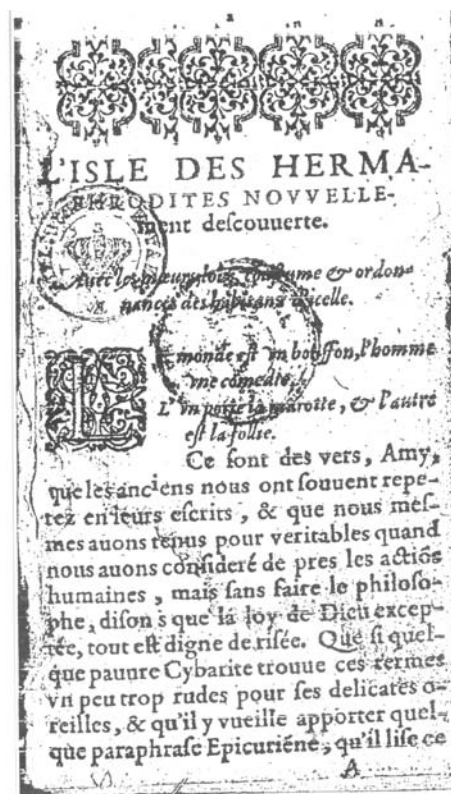
<sup>18</sup> Três grandes dicionários do francês do século XVII foram publicados em um curto espaço de tempo: Le dictionnaire de l'Académie Française começou a ser elaborado em 1634, por Chapelain, em 1680 as primeiras páginas foram levadas a uma editora mas somente em 1694 saiu a primeira publicação; Dictionnaire françois... tiré de l'usage et des bons auteurs, de Pierre Richelet, publicado em Genebra em 1680 e o Dictionnaire universel contenant généralement tous les mots Français tant vieux que modernes, et les Termes de toutes les sciences et des arts..., de Ant. Furetière, publicado na Holanda em 1690. Além desses três dicionários, na mesma data de aparição do dicionário da Academia e pelo mesmo editor saía o Dictionnaire des arts et des sciences, de Thomas Corneille, caçula do grande dramaturgo francês. CHAMPRIS, Gaillard de. Les écrivains classiques. Paris: J. de Gigord Editor, 1934, p. 442.

<sup>19</sup> “Ce n'est ni Bossuet, ni Bouhours, ni Louis XIV, ni l'Académie même qui ont contribué au XVII<sup>e</sup> siècle à constituer l'orthographe. Ce sont les imprimeurs.” Idem, *ibidem*, p. 458.

<sup>20</sup> RÓNAI, Paulo. Escola de tradutores. Rio de Janeiro: Educom, 1976, p. 10.

impressão de ter sido traduzido do francês de 1605, e não um texto que “trouxesse” o original para o português, sem deixar nenhuma marca, como nas *belles infidèles*. Preferimos transplantar o leitor para um ambiente estrangeiro ao invés de aclimatar o texto original, ou chamar as luzes para os campos do tradutor, deixando o autor na penumbra.

O que um brasileiro ou francês do século XX chamaria de falta de clareza se deve ao uso de poucas vírgulas, e, em consequência, a presença de períodos enormes e que muitas vezes acabam bruscamente, ao uso de alguns ponto-e-vírgulas, que parece muitas vezes arbitrário já que é semelhante ao uso da vírgula, e às numerosas repetições de pronomes, que tornam o texto pesado. Mantivemos a pontuação mas suprimimos boa parte dos pronomes repetitivos. Os substantivos grafados com a primeira letra maiúscula no original continuam assim grafados na tradução. O resultado esperado é um texto traduzido que soe em certos aspectos conforme o original, ou seja, estranho e às vezes pouco claro, impressão semelhante à de um leitor francês que leia o texto original.



Primeira página da *Ilha dos Hermafroditas*

### ***Considerações gerais sobre o gênero utópico***

O gênero utópico consiste – por conceituação primária - na descrição de um país imaginário, freqüentemente uma ilha isolada, onde as pessoas vivem em harmonia e cujos problemas sociais fundamentais estão resolvidos. A utopia apresenta um projeto de sociedade que obedece a uma razão ordenadora total. As obras utópicas são muitas vezes um longo diálogo em que um viajante, cujo navio foi acidentalmente levado a uma terra desconhecida, e que conta na volta a sua experiência, pontuado às vezes por perguntas previsíveis de seu interlocutor. A utopia remete a textos difundidos pela cultura humanista, principalmente à República, de Platão, fragmentos descritivos da Atlântida (também conforme Platão) e a referências milenaristas.

O modelo literário da utopia foi concebido por Thomas Morus, humanista inglês, que estabeleceu uma temática e uma forma codificadas em seu livro Libellus aureus de optimo reipublicae statu, mais conhecido pelo nome Utopia. Neste livro, o viajante Rafael Hitlodeu descreve Utopia, um estado em que os cidadãos vivem de maneira igualitária, e em que os problemas sociais mais fundamentais estão solucionados. Percebe-se nesta descrição uma construção alegórica onde uma sociedade, idêntica à Inglaterra nos seus aspectos fundamentais, organizou-se de forma a solucionar seus problemas de modo antagônico ao caminho inglês. Os tormentos advindos do desenvolvimento do capitalismo mercantil, de que a Inglaterra padecia, ficavam contornados naquela Inglaterra de inversão especular. O livro é composto de duas partes: na primeira, em um longo diálogo, são apresentadas as mazelas sociais, econômicas e políticas da Inglaterra; na segunda parte, propriamente utópica, está a descrição de uma sociedade em que tais problemas estão resolvidos.

A problemática desenvolvida nas utopias renascentistas refere-se à articulação entre liberdade individual – versão da noção teológica de ‘livre arbítrio’ aplicada à vida social - e organização social, em que uma legislação restritiva é imposta ao indivíduo ou ao grupo.

A dialética utopiana do Renascimento consiste em propor um exercício esclarecido da liberdade, como resultando de uma harmonia entre a ordem da consciência individual – e seus princípios de moralidade – e a ordem de uma coletividade – e suas exigências de sociabilidade. É a harmonia entre os imperativos da consciência e as regras da moral pública que suscita a felicidade e faz da utopia uma ‘eutopia’ [lugar feliz]<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> “La dialectique utopienne de la Renaissance consiste à proposer un exercice éclairé de la liberté, comme résultant d’une harmonie entre l’ordonnance de la conscience individuelle – et ses principes de moralité – et

Os textos utópicos, mesmo que se refiram ao real de maneira indireta, condenando ou fazendo uma sátira do presente, estão estreitamente ligados à história e são característicos de um momento em que a necessidade de reformas se impõe:

Como lembrava Roger Mucchielli com muita justiça, o processo de formação da utopia comporta várias fases dialeticamente organizadas. Tudo nasce da rejeição de uma situação histórica julgada insatisfatória, revolta combinada ao mesmo tempo a uma “observação lúcida e metódica da sociedade contemporânea considerada como um caso patológico” e a um pessimismo profundo sobre as possibilidades de intervenção eficazes. Desta contradição dolorosa surge, por necessidade compensatória, a construção da cidade imaginária organizada logicamente pela correção sistemática das insuficiências da realidade que, em todas as etapas do raciocínio, apresenta-se em filigrana<sup>22</sup>.

Tratando de um país longínquo, a utopia possibilita o diálogo com o mundo do viajante, este sim próximo do leitor, permitindo uma comparação com a situação social em sua terra natal: estabelece-se um olhar comparativo entre a realidade e a obra literária. O viajante tem uma função mediadora entre dois mundos. A utopia põe realidade e ficção face a face, esta espelhando aquela, em cujo reflexo aparecem correções, modificações e, especialmente, inversões. A categoria paradigmática da inversão é aqui fundamental.

A sociedade utópica é perfeita, composta de elementos simétricos, equilibrados, que não mudam nunca, portanto não evoluem no tempo. A utopia é um retrato de uma sociedade que não tem passado, tradições ou movimentos internos já ocorridos que possam mostrar alterações no decorrer de sua existência. Ilha sem dimensão temporal, a utopia vive em um eterno presente: é ucronia. Ela segue uma exigência platônica: o que é perfeito não muda, não se transforma. Ela se aparenta com a realidade, dá a ilusão de realidade, mas atribui às categorias espaciais e temporais da realidade referenciais imaginários ou ficcionais, localizando tal construção em um lugar e em um tempo inverificáveis.

---

l'ordonnance d'un collectivité – et ses exigences de socialité -. C'est l'harmonie entre les impératifs de la conscience et les règles de la morale publique qui suscite le bonheur et fait de l'utopie une 'eutopie'” DUBOIS. “Un aspect de la littérature utopique...”, p. 248-249.

<sup>22</sup> “Roger Mucchielli le rappelait fort justement, le processus de formation de l'utopie comporte plusieurs phases dialectiquement organisées. Tout naît du rejet d'un état historique jugé insatisfaisant, révolte assortie à la fois d'une 'observation lucide et méthodique de la société contemporaine considérée comme un cas pathologique' et d'un pessimisme foncier sur les possibilités d'intervention efficace. De cette contradiction douloureuse surgit, par besoin compensatoire, la construction de la cité imaginaire organisé logiquement par la correction systématique des insuffisances de la réalité qui, à toutes les étapes du raisonnement, reste présente en filigrane.” TROUSSON, Raymond. “Les protestants et l'utopie à l'aube des lumières: Foigny, Veiras et Tissot de Patot” em *Vite di utopia*. Longo Editore, Ravenna, 1997, p. 137.

Nela, os cidadãos pensam todos da mesma forma, e são de tal modo satisfeitos que não há conflitos nem necessidade de reformas ou adaptações. As utopias são anti-capitalistas: nelas trabalha-se o suficiente para se viver, sem a preocupação de acumular riquezas. Despreza-se ouro e prata. A necessidade representa um obstáculo à liberdade. O excesso, tanto no plano da produção quanto do acúmulo individual, é descartado: não há a idéia de uma economia expansionista. Os bens, o trabalho e o lazer são comuns a todos.

A utopia aparece como pré-cristã: nela não há a revelação, o que a insere em uma única história, universal. Religião e Estado estão unidos e formam um só bloco de poder. O Estado administra as esferas pública e privada, exercendo um controle total sobre a natureza, perigosa, pois pode trazer acontecimentos inesperados. Os instintos são reduzidos a comportamentos codificados, todos eles podendo ser previstos e, em conseqüência, conduzidos: toda a sociedade é racionalizada, toda a vida é construída racionalmente.

Amadurecida no Renascimento, a utopia é o reflexo de uma concepção de mundo e de homem diferente da anterior, medieval. No Renascimento, a instância política emancipa-se da instância religiosa. O indivíduo passa a ver sua vida como algo não-natural, portanto, algo sobre o qual pode interferir. Seu destino não está mais inteiramente nas mãos de Deus. O homem se descobre sujeito da história, dotado de uma racionalidade capaz de pensar e de agir conscientemente no mundo.

Nadia Minerva estuda uma das constantes do texto utópico, o recurso à viagem, vista não como mero expediente, mas como princípio<sup>23</sup>. A viagem é carregada de simbologia, podendo ser entendida como caminho para a verdade, constante mítica e antropológica. Nela, a relação entre real e ilusório é estreitíssima. O imaginário estrutura a experiência real, enquanto esta serve de base para as elaborações interiores: as fronteiras entre real e ilusório são, assim, indefinidas. Paralelamente, na utopia, o ideal se sobrepõe ao real com o mesmo compromisso que, na viagem, une real e ilusório: as fronteiras entre verdadeiro e falso se diluem.

O interesse do texto utópico está não somente no projeto em si, mas também na maneira de contá-lo e no agenciamento das diversas unidades narrativas. A articulação da aventura, da ação e do movimento, próprios da viagem, compõe um gênero feito, paradoxalmente, mais de conceitos que de ações. Tendo em vista os princípios de movimento e de estática, Minerva analisa as relações entre a seqüência da viagem e a descrição do alhures ideal.

Pela escassez de elementos romanescos, muitas vezes resumida à seqüência que precede a apresentação da parte utópica propriamente dita, a utopia pode assemelhar-se a projetos, tratados, escritos panfletários, manifestos e outras obras de propaganda. Trousson diz que algumas utopias do século XVII, como por exemplo as de Samuel Hartlib (Description of the Famous Kingdom of Macaria, de 1641) e de James Harrington (Commonwealth of Oceana, de 1656), constituem-se na verdade mais como projetos de legislação do que como obras literárias: o gênero utópico, nestes casos, é somente um pretexto. As obras deste tipo são monótonas, didáticas, sem graça, mas têm ao menos o mérito de mostrar que este gênero se enfraquece quando não transcende a história. Há, na utopia, um sutil equilíbrio a ser mantido: “aproximando-se demais do real, ela degenera em projeto de legislação, desvincula-se da realidade, dissipa-se no maravilhoso”<sup>24</sup>.

Em outros períodos, o elemento romanesco é mais desenvolvido, aproximando-se assim a utopia do relato de viagem, onde estão presentes duas modalidades de apresentação: a descritiva e a narrativa. Relato de aventuras e exposição didática, no relato de viagem há verdadeira trama, há ações concatenadas e princípio de causalidade. Com efeito, se algumas utopias são secas e essenciais, outras apresentam elementos fantásticos e de aventura em uma narrativa. O desenvolvimento deste estilo de utopia observa-se a partir do século XVII, quando se pode falar em “romance utópico” que tende a identificar-se com as viagens imaginárias, com as descobertas geográficas e com os relatos de viagem<sup>25</sup>, cujo impacto no imaginário utópico é evidente. Os relatos de viajantes inspiraram muitos utopistas em suas descrições. Dos textos de naturalistas e exploradores os utopistas aproveitaram as descrições de lugares, de cenários, as peripécias, a atmosfera e a trama narrativa.

Os relatos de viagem permitiram o apuramento da verossimilhança nos textos utópicos. Não se contenta mais somente com a ficção pura, faz-se necessário um certo realismo narrativo. A geografia utópica passa a ser verossímil, encontra um correspondente na realidade. Trata-se de um modo de ganhar a confiança do leitor. O acervo acumulado pelas viagens autênticas e estrutura a utopia. Dos relatos de viajantes, os utopistas tiraram não somente as precisões sobre lugares, como também procedimentos narrativos e estratégias retóricas, que dão veracidade ao texto. Por exemplo, a narração em primeira pessoa, como em um diário de bordo, que faz do utopista um viajante que viu e viveu tudo

---

<sup>23</sup> MINERVA, Nadia. “Viaggi in utopia. Note su alcuni romanzi dei secoli XVII e XVIII” em Utopia e... amici e nemici del genere utopico nella letteratura francese. Longo Editore, Ravenna, 1995.

<sup>24</sup> “[...] se troppo vicina al reale, essa degenera in progetto di legislazione, se troppo svincolata dalla realtà, essa sfuma nel meraviglioso.” TROUSSON, Raymond. “Fra Rinascimento e Lumi?” em Viaggi in nessun luogo – Storia letteraria del pensiero utopico. Ravenna: Longo, 1992, p. 73.

aquilo que escreve, e o uso de léxico especializado em descrições minuciosas da fauna, da flora e outros aspectos do mundo descoberto, que mostra o interesse científico de tal exploração.

Segundo Minerva, o relato de viagem se funda sobre o princípio da legibilidade do mundo. Ele pode perder a dimensão de movimento para tornar-se descrição da realidade encontrada e catálogo de seus componentes. A utopia, por sua vez, é a descrição de uma imagem ilusória mostrada como se fosse real. No relato de viagem e na utopia estão estreitamente articuladas as categorias do verdadeiro, do verossímil e do ilusório. Por outro lado, sendo a descrição de um mundo perfeito, racionalmente pensado, que se quer autêntico, a utopia pretende fugir do ilusório fazendo recurso às características do relato de viagem.

Apesar das suas características específicas [a utopia] está relegada ao abstrato, ao reino das idéias puras, não contaminadas com a realidade, que é o reino da finitude e da imperfeição. Lugar de nenhum lugar, ilha recortada do mundo da nossa civilização, projeção em uma dimensão imaginária de um estado de coisas que não tem nenhuma correspondência com a realidade contingente, a utopia é portanto ilusão que finge ser real e que, do real, assume todos os detalhes, todos os traços, para desenhar um quadro vivo. Por isto a utopia se mostra em movimento, se teatraliza, procura efeitos capazes de suscitar a impressão de encontrar-se em contato direto com a realidade e não com uma das suas representações, para dar um corpo àquilo que na realidade não existe. Certamente, um dos aspectos mais singulares da utopia é esta estreita trama de categorias que normalmente caminham sobre duas vias paralelas: o puramente ideal e o imaginário se cruzam com o real, o ser com o devir<sup>26</sup>.

### ***As utopias francesas no século XVII***

Já na França do século XVI encontram-se textos de inspiração utópica, em que o modelo da utopia de Morus foi retomado, recebendo influências de relatos de viagem e de descrições de terras descobertas por ocasião das viagens de exploração marítima. Estes escritos incrementarão a elaboração de relatos de viagens imaginárias, cujos diversos

---

<sup>25</sup> MINERVA, op. cit., p. 42.

<sup>26</sup> “Ciò nonostante le sue caratteristiche specifiche la relegano nell’astratto, nel regno delle idee pure non contaminate dalla realtà, che è il regno della finitezza e dell’imperfezione. Luogo di nessun luogo, isola tagliata dal mondo della nostra civiltà, proiezione in una dimensione immaginaria di un assetto delle cose che non há alcuna corrispondenza con la realtà contingente, l’utopia à dunque illusione che si finge reale e che, del reale, assume tutti i dettagli, tutti i tratti, per disegnare un quadro vivente. Per questo l’utopia si mostra in movimento, si teatralizza, cerca degli effetti atti a suscitare l’impressione di trovarsi a contatto diretto con la realtà e non con una delle sue rappresentazioni, per dare un corpo a ciò che nella realtà non esiste. Certamente, uno degli aspetti più singolari dell’utopia è questa stretta trama di categorie che di solito



elementos terão uma forte inserção nas formulações utópicas. Na descrição da abadia de Thélème, ou no Quarto e no Quinto Livro do Gargântua de Rabelais desfilam grotescas comunidades alegóricas.

Nos primeiros cinquenta anos do século XVII francês foram escritas poucas utopias, sendo as primeiras obras desta natureza A Ilha dos Hermafroditas, de 1605, a Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil, publicada em 1616, de autor anônimo<sup>27</sup>, e Le nouveau Cynée, de Éméric Crucé, de 1623. Estas utopias se afastam do modelo literário de Morus, dele aproveitando somente alguns elementos para compor uma obra de denúncia da circunstância política em que vivem, sem que haja a construção de um mundo à parte, paralelo à realidade<sup>28</sup>. Por esta razão, alguns estudiosos não as consideram pertencentes ao gênero. Elas apresentam um nexos efetivo com a história, pois são obras de provocação, satíricas, irônicas, que atacam especialmente os abusos dos governantes. Nelas, a realidade é apresentada de maneira fragmentada, distorcida, e está muito mais presente do que nas utopias posteriores.<sup>29</sup>

Assim, nas primeiras utopias francesas, certas passagens recordam a violência dos embates religiosos, como a noite de São Bartolomeu, em 1572, a esperança de pacificação da época da promulgação do Edito de Nantes, em 1598, e a paz de Vervins, do mesmo ano, que deu um termo aos conflitos entre a França e a Espanha. As questões que levaram à violência dessa época ou estão ausentes das comunidades utópicas ou nelas foram resolvidas. A Ilha dos Hermafroditas apresenta uma república em que um povo hermafrodita, tendo adotado um comportamento de descrença e de ceticismo quanto à religião e ao poder, vive em paz, apesar de tolerar religiões diversas e a presença de estrangeiros, prática que se contrapõe a uma França dividida por lutas religiosas e pelas guerras contra Felipe II. A Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil foi publicada durante o período de regência de Maria de Medici, após o assassinato de Henrique IV. Nela, um huguenote relata a vida serena conquistada pelos governantes do reino de Antangil após um difícil período de guerras, que ele conheceu em uma viagem que começou, significativamente, em 1598. Os habitantes de Antangil tornaram-se sábios, ou seja, capazes de adotar racional e impertubavelmente um modelo político e religioso – o

---

camminano su due binari paralleli: il puramente ideale e l'immaginario si intrecciano con il reale, l'essere con il dover essere." Idem, *ibidem*, p. 53.

<sup>27</sup> Histoire du grand et admirable Royaume d'Antangil, Incogneu jusques à present à tous Historiens et Cosmographes: composé de six vingts Provinces tres-belles et tres-fertiles. Avec la description d'icelui, et de sa police non pareille, tant civile que militaire. De l'instruction de la jeunesse. Et de la Religion. Le tout comprins en cinq livres, par I.D.M.G.T., A Saumur, par Thomas Portay, MDCXVI.

<sup>28</sup> TROUSSON, "Fra Rinascimento...", p. 67-69.

<sup>29</sup> CAMBI, Maurizio. "Storia e utopia nel primo seicento francese" em Vite di utopia. Ravenna: Longo, 1997, p. 113.

calvinismo - que ordenou o caos progressivo, causado por comportamentos anárquicos, supersticiosos e idólatras. O Nouveau Cynée data de quando a política absolutista estava se reforçando, sob a influência de Richelieu, e Luís XIII começou a subtrair progressivamente os direitos dos protestantes, expulsando-os de La Rochelle - movimento que culminou com a revogação do Edito de Nantes por Luís XIV. Nesta obra, Crucé escreve que a paz será conseguida quando povos diferentes puderem se entender através da razão, e adquirirem um entendimento baseado não no sentimento religioso compartilhado, mas no reconhecimento de que todos pertencem a uma mesma natureza humana. Estas três primeiras utopias são, de certa forma, o espelho que apresenta uma imagem invertida da história da França da época em que foram escritas.

Em 1659, Segrais publica a Relation de l'Île imaginaire, descrição satírica em que, segundo Trousson, não há mais do que aproveitamento de certos elementos do gênero utópico<sup>30</sup>.

Cyrano de Bergerac escreveu em 1657 a Histoire comique des États et Empires de la Lune, obra que combina utopia com viagem extraordinária, a primeira no gênero escrita na França. O viajante descobre que o Paraíso fica na Lua, habitada por nobres e pelo povo, cada categoria com uma maneira particular de se comunicar: os primeiros com sons musicais, os segundos com movimentos convulsivos do corpo. Há menos elaborações utópicas desenvolvidas neste livro fantasioso do que exposições de teorias científicas novas. Em 1662 ele escreve a Histoire comique des États et Empires du Soleil, em que os mais fracos têm mais poder que os mais fortes. Neste texto, os aspectos religiosos e filosóficos são mais desenvolvidos do que o âmbito social e econômico. Estas duas obras, arquetipos da ficção-científica, trouxeram uma renovação narrativa ao gênero utópico.

O século XVII francês não é particularmente rico em utopias; no entanto, dentre as que foram escritas, observa-se uma variedade considerável de inovações, notadamente a que traz Fénelon ao escrever um romance arqueológico, gênero que no século seguinte terá como continuadores Ramsay, Terrasson, Puget de Saint-Pierre, Pechméja e Chansierges<sup>31</sup>. Les aventures de Télémaque foram escritas em 1694 e publicadas em 1699, e compõem-se de lições de política e de moral destinadas ao herdeiro do trono, com admoestações e exemplos – ainda um espelho de príncipes. Nesta obra essencialmente romanesca a utopia ocupa uma parte menor, localizada em certos capítulos na forma de descrições de várias cidades, como por exemplo Bética e Salento. Nesta obra está presente uma característica importante das utopias do século XVIII, a relação estreita entre utopia e realidade histórica

---

<sup>30</sup> TROUSSON, “Fra Rinascimento...”, p. 67.

em obras que se assemelham a conjuntos de leis mais do que a obras literárias. A utopia torna-se projeto prático, com sugestões de soluções para a realidade histórica francesa do absolutismo, da revalorização da agricultura, das guerras e da ascensão da burguesia.

Em 1676, Gabriel de Foigny, ora protestante, ora católico, publica La terre australe connue ... par M. Sadeur, descrição de de uma terra povoada por hermafroditas australianos (do hemisfério austral, não da Austrália, ainda desconhecida) - que ignoram o pecado original, vivem em uma sociedade igualitária ausente de qualquer tipo de governo e quaisquer relações hierárquicas. Foigny foi o primeiro a imaginar um mundo sem governo e a recusar leis e instituições. No plano religioso, Foigny cria Haab, o Incompreensível, entidade transcendente, que permanece inacessível à razão humana e indiferente à Terra e às orações dos homens. Foigny professa uma religião natural em que a alma, material, quando morre, se integra no contínuo do ciclo universal. Percebe-se em sua formulação a influência do estoicismo, do epicurismo e do discurso libertino.

Denis Veiras ou Vairasse, protestante, é o autor da Histoire des Sévarambes, publicada primeiramente na Inglaterra e na França, em cinco volumes, de 1677 a 1679. Nesta utopia Veiras descreve um governo combinando monarquia francesa e regime constitucional inglês, encabeçado por Sévárias, legislador que não aceita mais do que a função de vice-rei, pois reconhece no Sol a autoridade máxima, objeto de culto e sacrifícios. Em uma monarquia de direito divino, Sévárias, consciente da importância de receber sua autoridade dos homens, foi escolhido pelo povo e estabeleceu leis que definem os limites do poder real, à maneira de Cromwell. Quanto à religião, Veiras revela uma posição semelhante à dos libertinos, já que reconhece sua importância sobretudo enquanto fator de coesão social, denunciando os fundadores de religião na figura do impostor Omigas, mas tolerando a presença de outras idéias acerca da vida espiritual.

Simon Tyssot de Patot escreveu Les voyages et aventures de Jacques Massé, certamente inspirado pela Histoire des Sévarambes. Nesta utopia, assim como nas duas precedentes, a questão religiosa é central. O autor vê na religião um conjunto de estórias e de fraudes, cujo objetivo é fortalecer a monarquia absoluta e a Igreja, instituições unidas. Ele recusa os mistérios, o pecado original, o dilúvio, a atribuição a Moisés dos livros que teria escrito, e aceita as conclusões de Spinoza e de Saint-Evremond, segundo as quais Jesus teria sido um homem extraordinário não por ser filho de Deus, mas por ter sido um homem de moral exemplar. Patot não acredita nem na Revelação nem na Trindade, assim como Veiras, Foigny e os libertinos. Em 1720, Tissot escreverá outra utopia, La vie, les

---

<sup>31</sup> Idem, ibidem, p. 75.

aventures et le voyage de Groënland du Révérend Père Cordelier Pierre de Mésange, uma viagem ao reino de Rufsäl, que tem como religião oficial o espinozismo.

O protestantismo de Tissot, Veiras e Foigny parece tê-los tornados mais aptos a receber a influência do pensamento libertino. Se não contestam a monarquia, sugerem entretanto reformas.

Na Europa, o final do século XVI e o início do século XVII (quando a literatura utópica torna-se cada vez mais rica, especialmente no fértil terreno filosófico de novas elaborações do paradigma), é um período de intensa produção de utopias, cuja maior parte enfatiza princípios unitários e autoritários<sup>32</sup>.

Se reinam guerra, fanatismo, intolerância e desigualdade social, os utopistas sonham então com reinos longínquos nos quais haja igualdade, liberdade de consciência e paz. Diversamente de seus irmão ingleses da primeira metade do século, eles [os utopistas franceses] não ‘espelham’ a realidade e suas construções ideais não são projetos aplicáveis. Ao invés de procurar intervir na história, se afastam, ou, antes, se movem paralelamente a ela [...]<sup>33</sup>

O aspecto romanesco começa a primar sobre os demais: há menos especulações filosóficas e o texto se aproxima da ficção. Com efeito, os relatos de viagem atraíram muita atenção nessa época e circularam tanto na corte quanto na cidade, o que certamente contribuiu para a associação da utopia com a viagem imaginária. Os relatos de viagens reais serviram de base para as descrições nas utopias francesas, que no século XVII seguiram um movimento em que se tornaram cada vez mais cheias de informações, de detalhes, de verossimilhança, enfim, de realismo. Os autores procuraram uma linguagem que reproduzia “o mesmo sabor de autenticidade que caracteriza as viagens reais”<sup>34</sup>. Este gosto será duradouro e aumentará até culminar no século XVIII, com a Histoire générale de voyages, de Prévost.

É interessante notar a combinação, em certos utopistas, de uma atividade de intervenção no real, de ação (Thomas More e Francis Bacon foram chanceleres da Inglaterra), combinada à projeção, no imaginário, de sonhos, de modelos de sociedades

---

<sup>32</sup> Em 1597 o Lalebuch, na Alemanha, em 1602 Campanella escreve a Cidade do Sol, em 1619 Valentin Andreas publica Reipublicae christianopolitanae descriptio, em 1621 é publicada a Anatomy of melancholy, de Robert Burton, em 1622, a Nova Atlântida, de Francis Bacon, Cervantes faz de Dom Quixote o governador da falsa ilha de Baratária na segunda parte de seu romance.

<sup>33</sup> “Se regnano guerra, fanatismo, intolleranza e disuglagianza sociale, gli utopisti sognano allora dei regni lontani in cui ci sai ugualianza, libertà di coscienza e pace. Diversamente daí loro fratelli inglesi della prima metà del secolo, essi non ‘rispecchiano’ la realtà e le loro costruzioni ideali non sono progetti applicabili. Anziché cercare di intervenire sulla storia, se ne discostano, o piuttosto si muovono parallelamente ad essa [...]” TROUSSON, “Fra Rinascimento...”, p. 81.

<sup>34</sup> Idem, ibidem, p. 82.

perfeitas sem problemas políticos nem sociais. Tanto as circunstâncias históricas, políticas e sociais, quanto a biografia dos autores podem sensibilizá-los, dirigindo-os para a elaboração de projetos que, ao menos no plano do imaginário, supram carências vividas de maneira dolorosa. Para Trousson isto explicaria que as mais antigas utopias francesas - segundo ele, a Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil, de I.D.M.G.T. (1616), La terre australe connue, de Gabriel de Foigny (1676), e Histoire des Sévarambes, de Denis Veiras (1677)<sup>35</sup> – sejam de autoria de autores protestantes, uma minoria perseguida religiosa, política e ideologicamente:

Foigny, Veiras e Tyssot apresentam muitos pontos comuns. Todos os três tiveram que se expatriar, levaram uma vida difícil e miserável, dando aulas particulares e procurando em vão fazer nome na literatura, todos os três viveram e morreram no anonimato. Neles, o gênero utópico desvela todo seu alcance compensatório, e o fato de colocar-se como conquistadores ou legisladores os consola do fracasso pessoal de “mendigos das letras”. Atormentados ou perseguidos por causa de suas opiniões, eles sofreram com a ausência de liberdade intelectual, o que explica, em seus escritos, a importância particular dada às questões religiosas e a descrição de governos tolerantes e inimigos do absolutismo. Está também claro que apesar de sua origem protestante (ou de sua conversão passageira, no caso de Foigny), estes autores vão bem além de uma profissão de fé reformada, como se o protestantismo os tivesse deixado somente mais aptos a receber a contribuição do pensamento libertino. [...] Todos os três são marginais, desclassificados e desenraizados, solitários que, provenientes de um grupo excluído, ainda tomam suas distâncias em relação a todas as confissões. [...] Sua experiência pessoal deve ter pesado em sua concepção de um mundo onde eles e seus semelhantes poderiam viver em paz. Se os elementos biográficos não explicam as obras no plano literário, pelo menos permitem uma melhor compreensão de sua gênese e finalidade<sup>36</sup>.

---

<sup>35</sup> Trousson e Frédéric Lachèvre não consideram a Ilha dos hermafroditas uma utopia. Para ele e para Frédéric Lachèvre a primeira utopia francesa é a Histoire du grand et admirable royaume d'Antangil, de 1616, publicada sob o reinado de Luís XIII, obra de um autor que assinou com as iniciais I.D.M.G.T. Já Maurizio Cambi tem uma concepção mais abrangente do gênero utópico e considera utópicos mesmo os textos cuja estrutura paradigmática se desvia da utopia de Morus: além da Ilha dos hermafroditas, ele aborda também Le nouveau Cynée, de Eméric Crucé, publicado em 1623. Ver TROUSSON, “Fra Rinascimento...” e CAMBI, “Storia e utopia...”.

<sup>36</sup> “Foigny, Veiras et Tyssot présentent nombre de points communs. Tous trois ont dû s’expatrier, ont mené une vie difficile et besogneuse, courant le cachet et cherchant en vain à se faire un nom dans la littérature, tous trois ont vécu et sont morts dans l’obscurité. Chez eux, le genre utopique déploie toute sa portée compensatoire, et le fait de jouer au conquérant ou au législateur les console de leur échec personnel de gueux des lettres. Inquiétés ou poursuivis pour leurs opinions, ils ont souffert de l’absence de liberté intellectuelle, ce qui explique, dans leurs écrits, l’importance particulière accordée aux questions religieuses et la description de gouvernements tolérants et ennemis de l’absolutisme. Il est clair qu’en dépit de leur origine protestante (ou de leur conversion passagère, dans le cas de Foigny), ces auteurs vont bien au-delà d’une profession de foi réformée, comme si le protestantisme les avait seulement rendus plus aptes à recevoir l’apport de la pensée libertine. [...] Tous trois sont des marginaux, déclassés et déracinés, des solitaires qui, issus déjà d’un groupe exclu, prennent encore leurs distances à l’égard de toutes les confessions. [...] Le poids de leur expérience personnelle a dû peser lourd dans leur conception d’un monde où eux et leurs semblables pourraient vivre en

As utopias do século XVI mostram, na sua maioria, uma vontade de laicizar o Estado, de limitar ao máximo a presença da Igreja nas decisões do governo, de afirmar a dessacralização da natureza e recusar a religião:

O deísmo generalizado enfatiza a existência de leis gerais, a concatenação das causas e dos efeitos; um universo necessário, sobreposto a regras imutáveis, se substitui ao mundo dos milagres e das coincidências sobrenaturais. Uma febril inquietude da razão leva à crítica agressiva e violenta do cristianismo e das religiões reveladas. A utopia torna-se assim – e frequentemente será assim no século XVII – um instrumento de propaganda e de divulgação. Seria equivocado atribuir a ela um papel criativo ou uma posição de vanguarda: simplesmente ela divulga e atinge um público mais vasto do que aquele dos tratados filosóficos ou dos manuscritos clandestinos; ela vem após a revolução, e não a provoca<sup>37</sup>.

No início do século XVII os objetivos da utopia se transformam. Ao invés de procurar a harmonia entre vida individual e vida social, ela tem por objetivo restaurar o princípio de unidade segundo o modelo monárquico, hierárquico e centralizado. Foi esse o efeito, segundo Carlo Curcio, da Contra-Reforma.

Henrique IV, que reinava na época provável em que a Ilha dos Hermafroditas foi publicada, faz o que já havia sido feito (cada qual a seu modo) na Espanha, na Inglaterra e na Itália, ou seja, restaura a autoridade política. Na Espanha, já se estabelecera uma ordem que pode se definir pela fórmula “um rei, uma fé, uma lei”. Os reis espanhóis, Felipe II, de 1556 a 1598, e Felipe III, a partir de 1598, aplicam o princípio unitário a uma ordem tripartida que compreende a administração da sociedade e das consciências. Na Inglaterra, Elizabeth I, de 1558 a 1603, e Jaime I, a partir de 1603, instauram e mantêm a autoridade política e religiosa, que reforçam a monarquia e defendem a religião de Estado. A Toscana, com os Medici, e a Suécia, com Gustavo II Adolfo, apresenta situações comparáveis. Observa-se esta política centralizada também em Roma, empenhada obsessivamente na Contra-Reforma. Vários países europeus se inscrevem, portanto, na dinâmica do Estado

---

paix. Si les éléments biographiques n'expliquent pas les oeuvres sur le plan littéraire, du moins permettent-ils d'en mieux comprendre la genèse et la finalité.” TROUSSON, “Les protestants...”, p. 146-147.

<sup>37</sup> “Il deismo generalizzato sottolinea l'esistenza di leggi generali, la concatenazione delle cause e degli effetti; un universo necessario, sottoposto a regole immutabili, si sostituisce al mondo dei miracoli e delle coincidenze soprannaturali. Una febbrile inquietudine della ragione porta alla critica aggressiva e violenta così – e lo sarà spesso nel Settecento – uno strumento di propaganda e di divulgazione. Sarebbe sbagliato attribuirle un ruolo creativo o una posizione di avanguardia: semplicemente essa divulga e raggiunge un pubblico più vasto di quello dei trattati filosofici o dei manoscritti clandestini; essa viene dopo la rivoluzione e non la provoca.” TROUSSON, “Fra Rinascimento...”, p. 96.

moderno, absoluto, que passou de projeto intelectual à realização efetiva. O estado moderno se constituirá na França, porém não sem alguns episódios de reação.

### ***A questão do gênero literário na Ilha dos Hermafroditas***

O texto de Artus Thomas não propõe um modelo de sociedade perfeita detalhadamente explicado, mas está em estreita ligação com a realidade de sua época, criticada muito ironicamente no texto. Isso levou alguns estudiosos a considerarem A ilha dos Hermafroditas uma mera descrição satírica da corte de Henrique III e de seus favoritos, sem ver aí qualquer perspectiva utópica. Para Raymond Trousson, este texto, mesmo possuindo algumas características do gênero utópico e utilizando alguns de seus procedimentos, não pode ser considerado uma utopia, já que não ultrapassaria o “o simples nível do cliché literário”<sup>38</sup>. Segundo este autor, se referindo às utopias francesas, “é somente no último quarto de século, com a conhecida ‘crise da consciência européia’ e a reação contra os excessos do absolutismo, que assistimos a um grande florescimento destas obras”<sup>39</sup>, e que, portanto, aparecem as primeiras utopias.

Já Maurizio Cambi, considerando o passado de guerras de religião que culminara na noite de São Bartolomeu (1572), quando os protestantes foram assassinados, vê na modalidade utópica da Ilha dos Hermafroditas “um projeto para que aquele lutuoso passado não venha a se repetir”<sup>40</sup>. Para este autor, o texto de Thomas é utópico, pois indica, através dos exageros diversos, “uma estratégia para superar os conflitos religiosos: assumir um comportamento de sã incredulidade ou ceticismo” quanto aos problemas advindos das lutas pelo poder<sup>41</sup>.

Claude-Gilbert Dubois, para explicar a questão do gênero na Ilha dos Hermafroditas, mostra as particularidades de cada uma das três partes do texto, e reconhece uma “utopia” propriamente dita somente na última parte do livro. Três partes se sucedem: a descrição da sociedade de hermafroditas, com a enumeração de suas leis e costumes, um panfleto em forma de versos, dirigido contra o vício e exaltando a virtude, e, por fim, um discurso moral em que estão expostos os princípios de uma outra sociedade imaginária, regida por valores cristãos.

Na primeira parte, através da ficção da viagem seguida de um naufrágio, o narrador leva seus interlocutores a uma ilha desconhecida e descreve a natureza, o palácio,

---

<sup>38</sup> “[...] il semplice livello del *cliché* letterario.” TROUSSON, “Fra rinascimento...”, p. 67.

<sup>39</sup> “È soltanto nell’ultimo quarto di secolo, con la nota ‘crisi della coscienza europea’ e la reazione contro gli eccessi dell’assolutismo, che assistiamo ad una grande fioritura di queste opere.” Idem, *ibidem*.

<sup>40</sup> “[...] Un progetto perché quel lutuoso passato non abbia a ripetersi.” CAMBI, “Storia e utopia...”, p. 114.

os hermafroditas, o modo de viver e os princípios que regem as leis desta sociedade, cujos valores são inversos àqueles aceitos quando se pensa sobre o necessário à organização de uma vida social harmoniosa - por exemplo, intolerância, impertinência, egoísmo, maledicência e desonestidade. Esta descrição tão irônica, imagem invertida de valores ideais, pode ser considerada uma anti-utopia.

Após a descrição das leis, o autor usa o *topos* narrativo do “manuscrito casualmente encontrado”, deixado em um lugar escondido da biblioteca. Ao viajante são mostrados dois textos heréticos, que criticam e atacam a sociedade hermafrodita: um poema satírico, ou panfleto, e um discurso, a utopia propriamente dita, em que estão expostos princípios fundadores de uma sociedade que segue uma ética proibida. Neste discurso se encontram os princípios fundadores da sociedade francesa do século XVII, unitária, pois calcada no sistema solar, trinitária, sintetizada pela fórmula “une foi, une loi, un roi”, e autoritária. Há um projeto expresso com certa efusão mística, e cuja realização é dito que se fará em uma estrutura social em que o desejo e a aspiração seriam unidos, sem degradação alguma.

*Deve-se então vir a vós, Soberana, Eternal, Infinita, Incompreensível Essência, sem fim e sem começo, uma simples em Trindade, Trindade em unidade, fonte originária da vida, Deus, Criador da luz, única beatitude e felicidade das criaturas racionais. É por vós que recebemos nosso ser, a vós para quem pedimos sua conservação, e em vós que desejamos disso fazer uma perfeita união.*<sup>42</sup>

Os versos do panfleto trazem um ataque direto aos valores não-cristãos enunciados na primeira parte, e vilipendiam as práticas sociais da Ilha dos Hermafroditas. O discurso moral final, Du souverain bien de l'homme, pode ser considerado como a utopia propriamente dita, pois estabelece as bases e define os princípios de um programa moral, de inspiração cristã, todavia sem filiação a um credo religioso, em que se lê uma concepção ordenada de uma legislação baseada no desejo de moralização e de ideologização. Este programa moral é a contraprova do naturalismo estético apresentado na forma do artifício, exposto na primeira parte. O hermafrodita caracteriza e exagera os traços de um tipo que pode ser tomado como a caricatura simbólica dos ateístas e dos

---

<sup>41</sup> “[...] uma strategia per superare i conflitti religiosi: assumere un atteggiamento di ‘sana’ miscredenza o di scetticismo nei confronti della religione e del potere [...]” Idem, *ibidem*, p.118.

<sup>42</sup> “Il faut donc venir à vous, Souveraine, Eternelle, Infinie, Incomprehensible Essence, sans fin et sans commencement, une simple en Trinité, Trinité en unité, source originaire de la vie, Dieu, Createur de lumiere, l'unique beatitude et félicité des creatures raisonnables. C'est par vous que nous recevons notre estre, à vous à qui nous en demandons la conservation, et en vous que nous desirons d'en faire une parfaite union.” (P. 165 na edição Droz).



libertinos da época, aqueles que muitas vezes reconciliam as várias religiões cristãs em uma atitude de tolerância. No discurso, lê-se:

*Esta infinita misericórdia que criou o homem para sua glória, que ela ama sobre todas as obras de suas mãos, querendo tirá-lo do abismo de miséria onde ele mesmo se havia precipitado, deu-lhe certas leis e certos meios, dos quais usando segundo a forma que lhe deu, poderia beatificar-se [...]*<sup>43</sup>

Dubois considera a Ilha dos Hermafroditas como utopia porque apresenta um modelo que ela recusa, “uma sociedade infectada pelo naturalismo renascentista desviado em estetismo maneirista e por antítese um modelo que ela propõe, fundado sobre o princípio unitário e autoritário saído das reformas religiosas. É, em suma, um modelo barroco de sociedade construído a partir da rejeição do maneirismo político e moral.”<sup>44</sup>

A Ilha dos Hermafroditas é singular, pois apresenta pela primeira vez na literatura francesa a reunião, em uma só obra, de uma anti-utopia, uma contra-utopia e uma utopia, ou seja, modos narratológicos variados. Várias formas literárias se combinam de diferentes maneiras no texto de Thomas: um relato de viagem no qual estão inseridos o texto das leis da república hermafrodita, um poema e dois discursos, intercalados pela narração do enredo e por comentários do narrador, elementos de coesão das diversas unidades do texto. As unidades narrativas compostas de conceitos, descrições de leis e costumes regulamentados são maiores do que as outras, mais próprias ao relato de viagem, onde estão presentes ação, aventura e movimento. É também uma obra exemplar, pois ilustra o gênero utópico e a mentalidade dos inícios da era barroca. É uma obra que contém soluções estilísticas interessantes, e sua atmosfera poderia ter atraído Sade:

*No que concerne aos incestos do pai com a filha, do irmão com a irmã, do genro com a sogra, e outros, que os loucos e desavisados estimam tamanbo crime, nós queremos e entendemos que se possa usar de toda franqueza e liberdade [...]*<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> “Cette infinie misericorde qui a crée l’homme pour sa gloire, qu’elle ayme sur tous les ouvrages de ses mains, le voulant tirer de l’abysme de misericorde où il s’estoit luy-mesme précipité, luy a donné certaines loix et de certains moyens desquels usant selon la forme qu’il luy a baillée, il se pourroit beatifier [...]”. (P. 79 na edição Droz).

<sup>44</sup> “[...] une société infectée par le naturalisme renaissant dévoyé en esthétisme maniériste, et par antithèse un modèle qu’il propose, fondé sur le principe unitaire et autoritaire issu des Réformes religieuses. C’est uen somme un modèle de société baroque construit à partir du rejet du maniérisme politique et moral.” DUBOIS, “Un aspect de la littérature utopique...”, p. 251.

<sup>45</sup> “Pour le regard des incestes du pere avec la fille, du frere avec la soeur, du genro avec la belle mere, et autres, que les fols et mal-advisez tiennent à si grand crime, nous voulons et entendons qu’on en puisse user en toute franchise et liberté [...]”. (P. 92 na edição Droz).

*Nós permitimos também aos pais e às mães traficar suas crianças para servirem de sacrifício ao amor [...]”<sup>46</sup>*

O texto de Artus Thomas apresenta diversas constantes narrativas das obras utópicas, como por exemplo o episódio inicial: um navio vaga pelo oceano até que uma tempestade o faz desembarcar em uma ilha desconhecida. Aqui há uma variante: a ilha dos hermafroditas é móvel, erra pelo mar, flutuando como um navio, “navega como qualquer outra grande embarcação e freqüentemente é atormentada por tempestades, exatamente como a França durante as guerras de religião”<sup>47</sup>. Dubois vê nesse fato a combinação de uma tradição literária (cita Voyage de saint Brendan e o Quart Livre de Rabelais) com um código alegórico onde a flutuação seria interpretada como sinal de incerteza e de ausência de referências.

### ***A datação da Ilha dos Hermafroditas***

A data da Ilha dos Hermafroditas, 1605, pode ser suposta a partir do texto de L’Estoile e da data do Discours de Jacophile. O texto de Artus Thomas coloca um problema de interpretação: a que fatos históricos se refere? Seria o texto relativo às questões da época de sua difusão, ou se referiria à época anterior, de Henrique III?<sup>48</sup> Duas interpretações são possíveis. Se aceitarmos a data de 1605, o rei citado no texto de L’Estoile é Henrique IV, e a corte a que se refere é a de seu tempo, olhada com certa distância por este rei. A alusão a fatos históricos, especialmente a paz de Vervins, situa a obra no período posterior a 1598. Henrique IV pode ser reconhecido no príncipe elogiado nas páginas iniciais do texto.

A segunda interpretação, partilhada por Pierre Bayle, publicada em seu Dictionnaire critique e no “Avis au lecteur” da edição de 1724 é a mais amplamente aceita. Ela consiste a interpretar a obra como uma sátira detalhista da corte de Henrique III e do papel dos *mignons*:

O senhor Bayle, em seu Dicionário crítico, no verbete Salmacis, diz que a Descrição da Ilha dos Hermafroditas é uma Sátira engenhosa que faz ver as desordens da Corte de Henrique III. Esta

---

<sup>46</sup> “Nous permettons aux pères et aux mères de traffiquer leurs enfants pour servir aux sacrifices de l’amour [...]”. (P. 93 na edição Droz).

<sup>47</sup> “[...] naviga come qualsiasi altra grande imbarcazione e spesso viene anch’essa sbalottata dalla tempesta, proprio come la Francia – riflette ancora Artus – durante le guerre di religione.” CAMBI, “Storia e utopia...”, p. 116.

<sup>48</sup> O palácio real no centro da ilha poderia corresponder, na realidade, ao palácio de Blois, onde viveu Henrique III.

peça é muito procurada por todos os Curiosos, pois nela se encontra efetivamente uma descrição divertida das afetações e das maneiras efeminadas dos *Mignons* deste Rei.

Isto faz acreditar que ela foi composta em seu tempo; no entanto foi impressa somente após a sua morte, pois encontramos nas Memórias manuscritas sobre a História da França, que esta Obra apareceu somente em 1605, que era vendida a um preço excessivo, que o Rei Henrique IV a fez ler para si e, mesmo se ele a achava livre e por demais ousada, todavia não quis que se procurasse o Autor nomeado Artus Thomas, fazendo consciência, dizia ele, de agastar um homem por ter dito a verdade.<sup>49</sup>

Como dissemos anteriormente, Artus Thomas teria escrito a Ilha dos Hermafroditas entre os anos 1575 e 1580 mas hesitara publicá-la, temendo a censura. Ele teria, então, esperado que uma nova época chegasse, mais calma, com um novo rei. Mas, por que a obra teria feito tanto sucesso, ao ser publicada muitos anos após os eventos escandalosos que marcaram o ocaso dos Valois? Dubois vê na rememoração desses fatos uma estratégia política para que Henrique IV, preocupado em restaurar a unidade nacional, se colocasse em uma posição de afastamento de seu precursor e, portanto, gozasse de maior credibilidade. Além disso, se a obra obteve sucesso mesmo se referindo a uma geração anterior, é porque a atualização de certo “dandismo” de nobres enfeitados e embelezados, algumas vezes “*parvenus*”, correspondia a uma realidade, que o conceito de *mignon* deixou de ser uma referência a um período histórico determinado ou a uma moda passageira para tornar-se uma categoria compreensível, uma representação de certa atitude elitizada e pedante. A gravura do hermafrodita que orna a edição de 1605, longe de se referir a Henrique III ou a outro personagem histórico, apresenta uma composição alegórica ou simbólica em que estão representados a vaidade e o espírito mundano. A gravura mostra que o *mignon* tornou-se um tipo histórico.

### ***Hipóteses de atribuição da Ilha dos Hermafroditas***

A primeira edição da Ilha dos Hermafroditas não traz o nome do autor, nem o do editor, nem o local de venda, nem a data. Existem quatro hipóteses quanto à autoria da obra.

---

<sup>49</sup> “Monsieur Bayle, dans son Dictionnaire critique, au mot Salmacis dit que la Description de l’Isle des Hermaphrodites est une Satire ingénieuse qui fait voir les désordres de la Cour du Roy Henri III. Cette pièce est fort recherchée de tous les Curieux, parce qu’on y trouve effectivement une description enjouée des minauderies et des manières efféminées des Mignons de ce Roy.// Cela fait croire qu’elle a été composée de son temps; cependant elle n’a été imprimée qu’après sa mort, car on a trouvé dans les Mémoires manuscrits sur l’Histoire de France, que cet Ouvrage n’a paru qu’en 1605, qu’on le vendoit à un prix excessif, que le Roy Henri IV se le fit lire, et quoiqu’il le trouvât libre et trop hardi, il ne voulut pourtant pas qu’on en recherchât

A primeira concerne ao cardeal Jacques Davy Du Perron, célebre polemista católico da Contra-Reforma, escritor de qualidades reconhecidas, que converteu Henrique IV. Não existem, no entanto, muitas pistas que confirmem esta atribuição.

Alguns exemplares foram encadernados juntamente com outro texto alegórico e utópico, o Discours de Jacophile à Limne. Este texto foi também publicado separadamente, em 1605 e em 1609, com o título Discours de Jacophile du Japon envoyé à Limne de Ximen, son amy, sur le voyage qu'il a fait à Aretipolis. Em uma das edições separadas deste texto há indicações de que o autor seria François de Lescours, barão de Savignac et d'Ouradour, nascido em 1557, membro de uma família reformada<sup>50</sup> do Limousin, homem de guerra que lutou com as tropas do rei de Navarra em Castillon, em 1586, e contra Mayenne. Depois dos anos de guerra este nobre voltou à sua terra e escreveu um relato de uma viagem imaginária às Índias Orientais, em prosa e em verso, recheado de aventuras e de reflexões, que também foi tomado como uma sátira da corte de Henrique III. É plausível a idéia de que o Discours... e A Ilha dos Hermafroditas tenham sido encadernados juntos somente para que o volume adquirisse uma dimensão um pouco maior, mais manuseável. O teor cristão do narrador e a posição de que pelas obras se obtém a salvação são pontos de aproximação entre o Discours... e a última parte da A Ilha dos Hermafroditas, que poderiam levantar a suspeita de ter sido o barão o autor dos dois textos. Mais tarde, Prosper Marchand será o primeiro a levantar dúvidas quanto a tal atribuição. Em seu Dictionnaire Historique (1758-1759), ele inverte o nome de família de Artus Thomas, origem da confusão que pode ser percebida no catálogo da Biblioteca Nacional francesa, onde há a entrada “Artus”, e na compilação bibliográfica de Roméo Arbour e Alexandre Cionarescu, onde se deve procurar por “Thomas”.

A terceira hipótese de atribuição concerne a Isaac Casaubon, humanista protestante, bibliotecário de Henrique IV. No mesmo ano da publicação da Ilha dos Hermafroditas, 1605, Casaubon publicou uma antologia de poesia satírica antiga, De Satyrica Graecorum poesi et Romanorum satyra libri II, que faz referências aos satíricos gregos e latinos, e também, enquanto teólogo, publicou observações críticas sobre os Annales ecclésiastiques de Baronius, de cuja tradução francesa Artus Thomas participou. A atribuição da Ilha dos Hermafroditas a Casaubon, homem de cultura erudita e teólogo, é tentadora. No entanto, o elogio da justificação pelas obras que se encontra nesta utopia não

---

l'Authéur nommé Artus Thomas, faisant conscience, disoit-il, de chagriner un homme pour avoir dit la vérité.” Description de l'isle des hermaphrodites /.../ed. cit., “Avis au lecteur”.

<sup>50</sup> D'Aubigné cita vários membros em sua Histoire Universelle.

combina com os propósitos de um protestante, mesmo que humanista e moderado, próximo do rei.

Alguns indícios presentes no texto e outros, exteriores, permitem tomar um partido quanto a esses pontos. Dubois, em seu prefácio à última edição da Ilha dos Hermafroditas, expondo as dúvidas até hoje levantadas sobre a sua autoria, constata que a atribuição da obra a Artus Thomas, *sieur d'Embry*, é a mais sustentável, assim como 1605 é a data de aparição em livraria unanimemente aceita. Segundo Prosper Marchand e Michaud<sup>51</sup>, o autor teria nascido em meados do século XVI e morrido após 1614.

Pierre de L'Estoile, alto funcionário da chancelaria de Paris, manteve um célebre diário em que redigiu minuciosamente crônicas das cortes de Henrique III e de seu sucessor. No dia 11 de abril de 1605, após registrar dois acontecimentos notáveis (a demolição da pirâmide erigida para a comemoração do atentado de Jean Chastel e a conversão do conde Guy de Laval), ele conta que Henrique IV, ao ler o curioso libreto, achou-o espirituoso, às vezes excessivamente sarcástico pela maneira como censurava os costumes da corte real, mas certamente verdadeiro. É o mesmo Pierre de L'Estoile que atribui esta obra a Thomas Artus, *sieur d'Embry*, autor de obras pouco apreciadas, tradutor e modesto historiador, talvez introduzido na corte por um amigo seu, Blaise de Vigenère, próximo e caro ao soberano Valois.

O livro dos Hermafroditas foi impresso e publicado ao mesmo tempo, e era visto em Paris neste mesmo mês, em que se fez passar a vontade aos curiosos, aos quais ele foi vendido por até dois escudos, não devendo valer mais do que dez soldos, e sabe-se de um que pagou tal quantia a um livreiro de Paris. Este pequeno libelo (que era muito bem feito) sob o nome desta ilha imaginária, descobria as maneiras e modos de fazer ímpios e viciosos da corte, fazendo ver claramente que a França é agora o refúgio e o asilo de todo vício, volúpia e impudência; enquanto que antes ela era uma academia honorável e seminário de virtude. O Rei o quis ver, e o fez ler para si; e mesmo que o tenha achado um pouco livre e por demais ousado, se contentou no entanto em saber o nome do autor que era Artus Thomas, o qual ele não quis que fosse procurado, sentindo escrúpulos, dizia ele, em agastar um homem por ter dito a verdade.<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> DUBOIS, Introduction..., p. 7-8.

<sup>52</sup> “Le livre des Hermaphrodites fut imprimé et publié en même temps, et se voyait à Paris en ce même mois, où on se fit passer l'envie aux curieux auxquels on le vendit jusques à deux écus, ne devant valoir plus de dix sols, et en sçai un qui en paya autant à un libraire de Paris. Ce petit libelle (qui estoit assez bien fait) sous le nom de cette isle imaginaire, decouvrait les moeurs et façons de faire impies et vicieuses de la cour, faisant voir clairement que la France est maintenant le repaire et l'asyle de tout vice, volupté et impudence; au lieu que jadis elle étoit une académie honorable et seminaire de vertu. Le Roy le voulut voir, et se le fit lire; et encore qu'il le trouvât un peu libre et trop hardi, il se contenta néanmoins d'en apprendre le nom de l'auteur qui étoit Artus Thomas, lequel il ne voulut qu'on recherchât, faisant conscience, disoit-il, de fâcher un homme pour avoir dit la vérité.” Passagem extraída de Michaud-Poujoulat, Mémoires pour servir à l'histoire de

### *Artus Thomas*

Há mais informações sobre os trabalhos de tradução e ensaios de Artus Thomas do que sobre sua vida. O *sieur* d'Embry é autor de obras de cunho didático: um tratado de moral e de um tratado sobre a educação das moças, Discours contre la desdisance; qu'il est bien séant que les filles soient sçavantes<sup>53</sup>. Ele foi o continuador de trabalhos de tradução de Blaise de Vigenère, notadamente a Histoire de la décadence de l'empire grec et Etablissement de celuy des Turcs<sup>54</sup>, de Laonikos Chalcondyle, traduzida em 1577, à qual acrescentou comentários, e o tratado das Images ou tableaux de platte peinture de Filostrates, traduzido em 1578. Interessou-se também por relatos sobre a reconquista de Jerusalém e publicou uma edição coletiva traduzida dos Annales Ecclésiastiques, do cardinal Baronius<sup>55</sup> cuja influência se observa na segunda parte da Ilha dos Hermafroditas, que mostra um autor conhecedor dos problemas e debates teológicos de seu tempo. Publicou um livro escrito a partir de trechos da obra de Chalcondyle, Tableaux prophétiques prédisant la ruine de la monarchie turque et le rétablissement de l'empire grec<sup>56</sup>. Por fim, a ele são atribuídas as Grandeurs et excellences du glorieux saint Joseph, e também um poema alegórico sobre os infortúnios e a defesa da Igreja.

Vimos que a atribuição da autoria da Ilha dos Hermafroditas a Artus Thomas é a mais convincente. A única objeção diz respeito ao estilo: esta obra está escrita em um francês eloqüente e elegante, por vezes jocoso; nela percebe-se um gosto pelas associações de imagens e de textos, pelos exercícios retóricos ligados ao modo descritivo (*ekphrasis*), além de certa agilidade estilística que revela soluções interessantes, muito diversa da escrita das outras obras<sup>57</sup>.

Não é possível estabelecer a identidade religiosa do autor a partir das idéias do texto, pois A Ilha dos Hermafroditas não traz indícios claros de vinculação a uma religião específica. Traz, sim, marcas gerais da moral e da doutrina cristãs dirigidas contra um tipo de ateísmo ou de libertinagem que se situa entre o naturalismo renascentista e a libertinagem do século XVII. Segundo Dubois, Artus Thomas é um homem da Contra-Reforma, escritor de estilo pesado e didático, preocupado com os problemas de decadência

---

France, deuxième série, "Pierre de L'Estoile", Supplément au registre journal d'Henri IV, 1605, avril, p. 384. Citada em DUBOIS. Introdução..., p. 15.

<sup>53</sup> Paris, L. Breyel, 1600.

<sup>54</sup> Paris, 1612.

<sup>55</sup> Paris, 1616.

<sup>56</sup> Lyon, s.d./1620/.

<sup>57</sup> DUBOIS, Introduction..., p. 15-16.

e de renovação, com questões morais e religiosas, que entretanto não despreza o uso de elementos de inspiração profana.

Na Ilha dos Hermafroditas há muitas menções a personagens e a escritores da Antigüidade, reveladoras do tipo de cultura que possuía o escritor, e de seu meio. A partir da análise de tais referências, podemos chegar a uma caracterização do autor, reforçar a hipótese da atribuição da obra a Artus Thomas, além de melhor compreender as intenções que ele pôde ter ao usá-las em sua obra. Identificando as obras que serviram de referência para o autor e mostrando a maneira bastante livre e imprecisa de citá-las, Dubois deduz que ele foi um homem de letras sem, no entanto, ser um erudito ou um filólogo<sup>58</sup>. Trata-se de uma linguagem que mostra uma cultura geral ligada à tradição clássica, partilhada por privilegiados, diferente da cultura erudita.

Artus Thomas cita indiretamente autores antigos, lidos, segundo constata Dubois, em Plutarco e em Amyot. Algumas passagens sobre a vida de imperadores, como aquela que relaciona Adriano e Antinous, vêm da História Augusta, editada em 1603 por Isaac Casaubon. Ele faz referência, com intenções satíricas, a autores que descreveram a decadência dos costumes do Império romano. Seleciona autores antigos para denunciar atitudes contemporâneas: Marco Antônio, Nero, Oton, Vitélio, Heliogabalo, personagens históricas tão desprezadas pelos antigos que foi necessário uma argumentação de autores modernos para reabilitá-las, ou para melhor compreender sua política ou sua personalidade. Há, na Ilha dos Hermafroditas, passagens de Títo Lívio, Suetônio, Tácito e Ovídio que, mesmo não sendo explicitamente citadas, e algumas vezes apresentarem equívocos, são reconhecíveis. A mitologia clássica é usada de maneira irônica, para escandalizar as consciências cristãs, e passa não somente por Ovídio mas também por todos os autores que o imitaram, como Aretino. Ou seja, o autor possui uma cultura renascentista que, por um lado, se liga às tendências de um cristianismo mesclado de pluralismo cultural e, por outro, opõe leituras profanas a textos sagrados.

### ***As citações em línguas antigas***

O texto traz pouquíssimas citações em línguas antigas, o que é em si um fato notável, por ser nesta época um procedimento comum. Montaigne, em seus Essais, usou abundantemente citações deste tipo. O primeiro vocábulo não vernáculo que aparece no texto é um neologismo feito a partir da aglutinação de duas palavras: *planiandrión*,

---

<sup>58</sup> Ver DUBOIS, Claude-Gilbert. “Les références culturelles antiques dans l’Isle des hermaphrodites (circa 1605)”, in *Euphrosyne* n° 26. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 1998.

“humanóide errante”, e está escrito em letras latinas. O fato de estar em itálico no original evidencia seu aspecto estrangeiro.

Na descrição da galeria, onde ficam quadros representando cenas da Antigüidade, históricas ou mitológicas, usa-se o latim: filactérios colocados na boca dos personagens contém frases explicativas, mas uma só vez o texto é transcrito na língua original, em uma representação de Sileno ou de Baco, chamado de *Liber* no texto, segundo uma tradição latina, e sugerindo uma referência à liberdade de comportamentos:

*Ao final desta galeria, havia um pórtico de marcenaria muito delicadamente trabalhado, e sustentado por dois Sátiros. Acima da arquitrave estava o bom pai Liber, sua cabeça rodeada de pâmpanos de vinha, e muitas uvas que pendiam de todos os lados. Destas duas mãos saíam dois rolos que se estendiam de parte e de outra e, da boca dos Sátiros, saíam também dois escritos que diziam respeito a este grande repugnante; um lhe perguntava nestas palavras: Quis liber? e ele respondia em seu rolo: Cui licet ut voluit ducere vitam<sup>59</sup>. O outro Sátiro fazia-lhe também uma outra pergunta nestes termos: Quae tibi summa boni est? e ele lhe respondeu como ao outro: Uncta vixisse patellae nunc semper et assiduo curata cuticula Sole<sup>60</sup>. Na frisa estavam escritas estas palavras: Contemptus perages si vivere cum Jove tendis<sup>61</sup>.*

As traduções não são nem traduzidas nem comentadas, e supõe-se que fossem marcas de uma cultura pós-clássica, acessíveis aos possíveis leitores.

O latim aparece ainda no *incipit* de um capítulo, após o título, escrito em francês, “Extrato das leis, estatutos, costumes e ordenanças dos *Hermafroditas*”, indicando possivelmente o autor das leis da ilha dos hermafroditas: *Imperator Varius, Heliogabalus, Hermaphroditicus, Gomorricus, Eunuchus, semper impudicissimus*<sup>62</sup>. Trata-se de uma paródia de um texto administrativo oficial, que sugere um duplo sentido para a palavra *Varius*, epíteto do imperador Heliogabalo e adjetivo que diz respeito à inconstância e à desconfiança que inspiram os hermafroditas.

---

<sup>59</sup> – *Quem é livre?* Resposta: – *Aquele que pode conduzir sua vida segundo seus desejos.*

<sup>60</sup> – *O que é para ti o cúmulo do bem?* Resposta: – *Ter vivido com a pele untada com perfumes e cuidada noite e dia para sua preservação.*

<sup>61</sup> *No desdém tu perseverás/ Se quiseres viver com Deus verdadeiramente.* “Au bout de ceste gallerie, il y avoit un porche de menüiserie fort mignonement ouvrage, et soustenu par deux Satyres. Au dessus de l’architrave estoit le bom pere Liber, sa teste entourée de pampres de vigne, et force raisins qui pendoient de tous costez. De ces deux mains sortoient deux rouleaux qui s’estendoient de part et d’autre et, de la bouche des Satyres, sortoient aussi deux escritaux qui regardoient ce gros degousté; l’un luy demandoit en ces mots; *Quis liber?* et il respondoit en son rouleau: *Cui licet ut voluit ducere vitam.* L’autre Satyre lui faisoit aussi une autre question en ces termes: *Quae tibi summa boni est?* et il luy respondit comme à l’autre: *Uncta vixisse patellae nunc semper et assiduo curata cuticula Sole.* Dans la frise estoient escrits ces mots: *Contemptus perages si vivere cum Jove tendis.*” (P. 76 na edição Droz).

<sup>62</sup> P. 81 na edição Droz.



Por fim, há ainda três legendas em latim que identificam estátuas: *Hermaphroditus genius hujus insulae/ Sardanapalus auctor Hermaphrodi/ Heliogabalus P. P. restaur. ac inst. volup.*<sup>63</sup>. A última frase respeita as abreviações escriturárias tradicionais, e sugere que o autor possui conhecimentos específicos nesta área. Tal informação confirmaria a atribuição do texto a Artus Thomas, especialista em tradução de inscrições antigas.

A citação inicial, inspirada de um fragmento sobre a loucura do mundo, atribuído a Petrônio, ou foi transcrita em versos traduzidos por Artus Thomas, ou foi tomada de um tradutor:

*O mundo é um bufão, o homem uma comédia,  
Um leva um bastão com guizos, e o outro é a loucura*<sup>64</sup>.

Segundo Prosper Marchand (*Dictionnaire historique*, La Haye, 1758-1759), trata-se de uma referência a um fragmento de Petrônio: *Totus fere Mundus Mimium videtur implere. Constat inter nos quod fere totus Mundus exerceat Histrionem* (*Fragmenta*, 673). O tema da morocosmia, ou loucura do mundo, é um lugar comum da propaganda religiosa da Reforma e da Contra-Reforma. Joseph Du Chesne deu o título de *Morocosmie* a uma de suas obras, publicada em 1583 em Lyon.

Apesar da quantidade reduzida de citações em línguas antigas, percebe-se que o autor é um conhecedor da língua das inscrições e da apresentação de emblemas. Ele pesa judiciosamente a quantidade de referências com relação a seu público, presumivelmente pessoas de cultura mediana e conhecedoras da realidade de seu tempo. Ele busca ser eficaz, escrevendo principalmente em francês, optando por um registro de língua facilmente compreensível para seus leitores franceses, e usando línguas antigas somente para fazer trocadilhos ou para chamar a atenção dos especialistas, que saberão ler nas entrelinhas as referências eruditas.

### ***Personagens e escritores citados na Ilha dos Hermafroditas***

Na primeira parte da *Ilha dos Hermafroditas* há basicamente referências a personagens e escritores da Antigüidade, enquanto que na segunda parte, aparecem principalmente personagens bíblicos. Artus Thomas usou as citações para associar a decadência dos costumes e a regeneração moral na Antigüidade à decadência de sua época e a uma desejada regeneração moral que se esperava Henrique IV trouxesse. Os autores

---

<sup>63</sup> P. 78 na edição Droz.

<sup>64</sup> “Le monde est un bouffon, l’homme une comédie/ L’un porte la marotte, et l’autre est la folie.” (p. 53 na edição Droz).

citados na primeira parte são tardios ou marginais e adequam-se ao tema, ou seja, à descrição de costumes decadentes, pervertidos pela sofisticação estética do desejo e pelo narcisismo, que faz da relação social uma luta permanente contra o desprezo e a hipocrisia. Segundo Dubois, a Ilha dos Hermafroditas é a antítese do que, um século depois, Montesquieu escreverá nas suas Considérations sur les causes de la grandeur des Romains et de leur décadence.

### **As Metamorfoses de Ovídio**

A palavra “hermafrodita” remete à literatura e à civilização antigas. O hermafrodita na cultura da Antigüidade foi um tema estudado principalmente por Marie Delcourt e por Luc Brisson<sup>65</sup>.

Ovídio nem sempre é citado explicitamente, e referências claras a ele aparecem somente no final do texto de Artus Thomas. Primeiramente, é mencionado junto a Catulo, Tibério e Propércio, escritores “de má companhia”, assim como os gregos Aristófanes e Anacreonte, todos eles leituras favoritas dos libertinos.

*Os livros que se lerão mais comumente, e dos quais tomar-se-á assunto de exortação, serão Ovídio, Catulo, Tibério, Propércio, traduzidos em várias e diversas línguas, segundo o uso das nações. Poderemos aí entremear algumas vezes Aristófanes, Anacreonte, Galo e outros, tratando de assuntos semelhantes<sup>66</sup>.*

As Metamorfoses são citadas uma vez como exemplo de obra licenciosa, que serve para sugerir motivos que decoram as alcovas e os dosséis dos leitos:

*E os mistérios de Vênus estando elevados dois graus acima, nós entendemos que cada um tenha duplo dossel em seu leito, e que aquele que estará dentro não seja menos rico do que aquele de fora; queremos que a história seja tirada das Metamorfoses de Ovídio, fantasias dos Deuses e outras coisas parecidas para encorajar os mais arrefecidos<sup>67</sup>.*

As histórias contadas nas Metamorfoses nem sempre são rigorosamente citadas. O mito do Hermafrodita, cuja fonte escrita mais antiga está nesta obra, não é comentado.

---

<sup>65</sup> DELCOURT, op. cit.; BRISSON, Luc. Le sexe incertain: androgynie et hermaphrodisme dans l'Antiquité gréco-romaine. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

<sup>66</sup> “Les livres qui se liront le plus communement, et desquels on prendra le subject de l'exhortation, seront Ovide, Catulle, Tibulle, Properce, traduits en plusieurs et diverses langues, selon l'usage des nations. On pourra entremesler quelquefois Aristophane, Anacreon, Gallus et autres, traictans de pareil subject.” (P. 87 na edição Droz).

<sup>67</sup> “Et les mysteres de Venus estans eslevez deux degrez au dessus, nous entendons que chacun ait double ciel en son lict, et que celuy qui sera au dedans ne soit pas moins riche que celuy du dehors; voulons que l'histoire

Artus Thomas latiniza o nome dos pais do Hermafrodita para Mercúrio e Vênus, tomados aí como símbolos da engenhosidade crapulosa e da lubricidade. Ele faz alusão à história de Cenéa, filha de Lapihte Elatos, que pediu a Poseidon, após ter estado com ele, que a transformasse em homem invulnerável, mudando então seu nome para Ceneu. Apesar de resistente a ferimentos, ela morreu ao ser enterrada viva pelos Centauros. Algum tempo depois ressuscitou sob forma feminina, associada à imagem de um pássaro, fenicopterídeo ou flamingo.

*Este leito era realmente um dos mais ricamente ornados que soubemos ver, pois o dossel era feito de quadrados, cujo fundo era de tela de prata, realçados com ouro e seda, onde estava representada a história do antigo Ceneu, que víamos muito inocentemente transformar-se em mulher, e logo depois voltar a ser homem<sup>68</sup>.*

É no mínimo curioso que Ovídio esteja presente de maneira tão imprecisa em um texto em que se refere a várias metamorfoses de um sexo em outro. As Metamorfoses foram um dos textos mais lidos e mais imitados do Renascimento francês, sendo, no final do século XVI, atacado por aqueles que pregavam maior rigor moral nos costumes. Segundo Dubois, ou o autor “fingiria” não ter lido tal obra, mesmo mostrando conhecê-la, com o objetivo de posicionar-se do lado dos restauradores da moral; ou talvez a referência a Ovídio teria por base as distorções feitas no século XVI, sem basear-se no texto original.

É possível que a atualidade do debate médico e do uso simbólico do termo hermafrodita prevaleça sobre as referências culturais, o que explicaria as referências vagas ou errôneas às Metamorfoses. Seu uso situa-se na atualidade, já que o termo é empregado na área médica e também como símbolo de certa atitude ligada à economia e à política, como veremos algumas páginas adiante.

Artus Thomas chega a confundir a história de Acteão, relatada por Ovídio, referindo-se ao Acteão que foi reduzido a pedaços por suas amantes, e não àquele que foi transformado em Cervo<sup>69</sup>. Não se conhece nenhuma lenda que fale desta morte inesperada: o autor confunde o fim de Acteão com a morte de Orfeu, que possui duas versões, sendo a primeira a que ele transfere para Acteão. A segunda, a mais conhecida, diz que ele teria sido morto por causa do rancor de mulheres trácias. O mito da morte de Acteão dá lugar, na

---

en soit prise des Metamorphoses d'Ovide, desguisements des Dieux et autres choses pareilles pour encourager les plus refroidiz.” (P. 107 na edição Droz).

<sup>68</sup> “Ce lict estoit bien l'un des plus richement parez qu'on eust sçeu voir, car le ciel estoit fait par carrez, dont le fond estoit de toille d'argent, rehaussez d'or et de soye, où estoit representée l'histoire de l'ancien Cenée, qu'on voit fort naïvement se transformer tantost en femme, et incontinent apres retourner en homme.” (P. 70 na edição Droz). Ver Ovídio, Metamorfoses, XII.

poesia lírica do século XVI, a diversas interpretações simbólicas, a mais conhecida é a que faz dos cães uma alegoria do desejo mortífero. Esta impropriedade reforça a hipótese de que as referências ovidianas foram tomadas indiretamente.

### ***O Satiricon de Petrônio***

Petrônio e Apicius são citados no momento em que são descritos os prazeres dos hermafroditas: comidas, bebidas, amores e outros divertimentos. O banquete de Trimalcião, tirado do Satiricon, de Petrônio, é mais uma alusão literária imprecisa da Ilha dos Hermafroditas. A alusão a Trimalcião é vaga: “começaram a tocar e a cantar uma ária, o tema da letra me parecia ter ouvido dizer outrora estar em Petrônio, nos amores de Trimalcion”<sup>70</sup>. No Satiricon, no entanto, não há nenhuma melodia de cunho erótico cantada por Trimalcion. O que há é um improviso filosófico de inspiração epicurista sobre a morte:

Eheu, nos miseros, quam totus homuncio nil est!  
Sic erimus cuncti, postquam nos auferet Orcus:  
Ergo vivamus, dum licet esse bene.<sup>71</sup>

Esta citação é apresentada após uma série de expressões que marcam incertezas - “*me semblait*”, “*avoir ouy dire*”, “*autrefois*” – e parecem exercer a mesma função que as imprecisas citações a Ovídio, ou seja, mostrar que o narrador não conhece bem este livro, caro aos hermafroditas. Talvez haja neste comportamento uma referência à época em que o Satiricon foi publicado na França, justamente o auge do período dos *mignons*. O livro foi muito bem recebido, como mostram as inúmeras edições que teve no século XVI. Uma, do médico húngaro Zambuck (Sambucus) foi publicada em Viena em 1564, e serviu de fonte para a edição de Jean de Tournes, publicada em Lyon em 1575, e para a edição de Pierre Pithou, publicada em Paris em 1577 (editor Patisson). O texto de Petrônio foi copiado à mão por Joseph Scaliger (1531-1584) e está conservado no manuscrito *Scaligeranus 61* da Biblioteca Universitária de Leyde. A fonte desta cópia foi provavelmente um documento de propriedade de Cujas (1522-1590), além de outros, desaparecidos.

---

<sup>69</sup> “... l’infortune de l’adolescent Acteon, non de celui qui fut transmué en Cerf, mais de celui qui fut mis en pieces par ses amans.” (P. 75 na edição Droz).

<sup>70</sup> “commencerent à jouer et chanter un air, le sujet des paroles duquel me sembloit avoir ouy dire autrefois estre dans Petronius, aux amours de Trimalcion.” (P. 69 na edição Droz).

### ***Dionísio e seu cortejo***

Na Ilha dos Hermafroditas, os prazeres báquicos são emblematizados pela figura de Dionísio e de seu cortejo, do qual, nas representações da Antigüidade, faz parte o Hermafrodita. Vênus, acompanhada de Cupido, está associada à inspiração erótica. Esta deusa é com freqüência colocada em companhia de Baco, conforme o adágio *sine Baccho friget Venus*: “sem vinho o amor esfria”. Para Dubois, estendendo o significado para além de sua literalidade, compreende-se esta fórmula “em referência a uma vertigem dionisíaca do amor, abundantemente evocada sob as formas esteticamente sofisticadas da variação do prazer sexual.”<sup>72</sup>

### ***Suetônio e Tácito***

Suetônio e Tácito, que serviram de fonte para Artus Thomas, não são explicitamente citados, embora haja referências suficientes no texto para que se possa reconhecê-los. Deles, o autor tirou as figuras de dois quartetos de estátuas de alabastro: Nero, Oton e Vitélio, associados a Marco Antônio, ao lado de mestres dos prazeres do corpo: Galiano, encarregado dos cuidados corporais, Sporus, *mignon* de Nero, Demétrio, ator encarregado dos divertimentos, e Apício, cozinheiro.

*[...] vi num dos lados do cômodo doze Estátuas de alabastro representadas ao natural, e quase como revivificadas por uma transmigração, todas sentadas em assentos feitos em forma de cadeira curul. É verdade que os quatro do meio tinham seus assentos mais elevados, que representavam alguma forma de trono, pois os dois estavam ainda mais elevados, e mais próximos que os dois outros, de sorte que isto fazia aproximadamente a figura de uma quadrado em perspectiva. Todas essas Estátuas estavam muito ricamente decoradas, e parecia, pelo grande cuidado com que eram tratadas, que elas eram muito estimadas e tidas em grande respeito. Seus trajes estavam misturados, de um e de outro sexo, sem que se pudesse bem distinguir qual lhes assentava melhor. Seus nomes estavam escritos sobre seus diademas; os quatro do lado direito se chamavam Anthonius, Nero, Othon e Vitelius. À mão esquerda estavam estas quatro outras, Galenus, Spotus, Demetrius, Apicius; os dois que estavam menos elevados não tinham diademas, mas um tinha uma Águia perto de si, e ainda não tinha barba, o que me fez julgar que era Ganimedes; também vi depois seu nome escrito aos pés de seu assento; o outro tinha como duas faces em uma, da qual um dos lados era de homem e o outro de mulher. Aos seus pés estava o Hermafroditus genius hujus insulae; os dois outros de cima se chamavam, um que estava à mão esquerda, Sardanapalus auctor Hermaphrodi, e sobre o outro estava escrito Heliogabalus PP.*

---

<sup>71</sup> Satiricom, XXXIV, 10: “Nada mais é que um leve sopro a existência! Presa de Orco, este será de todos nós o aspecto/ Vivamos, pois, enquanto gozar podemos!” em PETRÔNIO. Satiricom. Tradução de Miguel Ruas. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d, p. 44.

<sup>72</sup> “[...] par référence à un vertige dionysiaque de l’amour, abondamment évoqué sous les formes esthétiquement sophistiquées de la variation du plaisir sexuel.” DUBOIS, “Les références culturelles antiques...”, p. 144.

*restaur. ac inst. volupt<sup>73</sup>. Eu sorri comigo mesmo da escolha que este povo fizera de suas deidades, e julgava que suas vidas não eram de engendrar muita melancolia, nem de ir pregar penitência.<sup>74</sup>*

### **A História Augusta**

Artus Thomas parece ser um conhecedor não muito rigoroso da história antiga, já que a referência aos textos deste período é muitas vezes imprecisa e alusiva. Ele parece conhecer bastante a obra publicada por Casaubon, pois dela tira várias anedotas escritas sobre a vida de Heliogabalo. Isaac Casaubon é o iniciador da obra que traz o título de História Augusta, dado a esta compilação de biografias de imperadores romanos de Adriano em diante, redigidas por autores diversos, nem todos conhecidos. Este título aparece em um dos textos, sobre a vida do imperador Tácito, mas é aplicado ao conjunto da obra do historiador Tácito: Cornelium Tacitum, scriptorem historiae Augustae [...], considerado pelo biógrafo um parente distante do imperador. O título pode ser traduzido por História do império romano. No século XVI, o editor frankfurtiano F. Syllburg usou este termo para uma compilação em que ele associava aos autores da História Augusta, Suetônio e Ammien Marcellin, chamados por ele de *scriptores historiae augustae*. Casaubon considera somente os autores de biografias aceitos hoje sob o nome de História Augusta.

Os fragmentos do texto de Casaubon foram usados de maneira bastante fiel. Um exemplo que corrobora esta hipótese é o nome de Semiamira, mãe de Heliogabalo, que aparece somente na História augusta. Artus Thomas erra, todavia, quando atribui este nome à mulher do imperador (que casou três vezes). Este nome lembra aquele de Semiramis, rainha da Babilônia, que foi dado a Catarina de Medicis, mãe de Henrique III, por seus inimigos, fato que comprova o uso de textos contemporâneos mais do que o de textos antigos. Heliogabalo herdou de seu pai o codinome *Varius*, que na Ilha dos Hermafroditas serve de trocadilho para designar o comportamento volúvel dos

---

<sup>73</sup> *Hermafrodita, gênio tutelar da ilha; Sardanápalo, pai de Hermafrodita; Heliogabalo. instaurador e restaurador da volúpia.*

<sup>74</sup> “[...] je vy à un des costez de la chambre douze Statuës d’albastre représentées au naturel, et quase comme revifiées par une transmigration, toutes assises en des sieges faits en forme de chaise currule. Il est vray que les quatre du milieu avoient leurs sieges plus elevez, qui representoient quelque forme de throsne, car les deux estoient encore plus elevez, et plus proches que les deux autres, de sorte que cela faisoit à peu près la figure d’un carré en perspective. Toutes ces Statuës estoient fort richement décorées, et paroissoit bien à la grande curiosité qu’on y avoit apportée qu’elles estoient fort cheries et en grand respect. Leurs accoustrements estoient entremeslez, de l’un et de l’autre sexe, sans qu’on peust bien distinguer lequel leur estoit le mieux seant. Leurs noms estoient escrits sur leur diadesmes; les quatre du costé droit s’appelloient Anthonius, Neron, Othon et Vitelius. A main gauche estoient ces quatre autres, Galenus, Spotus, Demetrius, Apicius; les deux qui estoient moins elevez n’avoient point de diadesmes, mais l’un avoit un Aigle aupres de luy, et estoit encore sans barbe, qui me fit juger que c’estoit Ganimedee; aussi vy-je apres son nom escrit au pied de son siege; l’autre avoit comme deux visages en un, dont l’un des costez estoit d’homme et l’autre de femme. A ses pieds estoit *Hermaphroditus genius hujus insulae*; les deux autres d’au dessus s’appelloint, l’un qui estoit à main gauche, *Sardanapalus auctor Hermaphrodi*, et sur l’autre estoit escrit *Heliogabalus PP. restaur. ac inst. volupt*. Je sousris

hermafroditas. *Varia*, “a que muda” ou ainda “a pantera”, assim Catarina de Medicis era designada por seus inimigos. As anedotas sobre o comportamento duvidoso do imperador Heliogabalo também são extraídas da História augusta. Portanto, constata-se que a atualidade tem um papel essencial na composição desta obra fortemente situada em seu tempo. A publicação da História augusta, em 1603, dois anos antes da data da aparição da Ilha dos Hermafroditas e do De Satyrica Graecorum poesi et Romanorum satyra libri II confirmam a voga do tema da Antigüidade e de personagens ilustres desta época.

### ***Sardanapalo e Heliogábalo***

Sardanapalo<sup>75</sup> e Heliogábalo<sup>76</sup> são tipos de príncipes devassos e perversos de origem oriental. O primeiro é uma referência comum. Já a vida de Heliogábalo e as extravagâncias de seu reino inspiraram várias obras, como a dos historiadores antigos Dion Cassius e Herodien, que apresentam a personalidade controversa deste imperador. Todavia, o texto que parece inspirar Artus Thomas é a biografia de Heliogábalo escrita por Aelius Lampridius, parte da História augusta, publicada por Casaubon em 1603.

A referência a “amigos ixiônicos” diz respeito a um jogo cruel ou a outras farsas inventados por Heliogábalo, como a distribuição de iguarias não comestíveis. A ordem de

---

en moy-mesme du choix que ce peuple avoit fait de leurs déitez, et jugeay bien que leur vie n'estoit pas pour engendrer beaucoup de melancholie, ny pour aller prescher la penitence.” (P. 77-78 na edição Droz).

<sup>75</sup> Historicamente, Sardanapalo é a forma grega do nome do rei assírio Assurbanipal, que viveu no século VII a.C. e morreu por volta de 626 a.C. Foi designado para o trono assírio pouco antes da morte de seu pai, Assaradão, enquanto seu irmão gêmeo, Samas-sum-iuquin, recebia a designação para o trono babilônio. Depois de coroado, em 668 a.C., Assurbanipal terminou a campanha egípcia e assegurou a posse do país, debelou as revoltas, expandiu suas conquistas e destruiu o exército elamita. Fez face à rebelião de babilônios e egípcios levando o terror às tribos da região. O esforço, porém, causou a exaustão da Assíria, que se tornou impotente mesmo para conter as devastações causadas pelos citas e sumérios. Quando Assurbanipal morreu, seu império estava em franca decadência. Ele é lembrado como protetor das Artes e da Literatura: empreendeu grandes construções em Nínive e outras cidades do reino e reuniu em seu palácio importante coleção de escritos da Assíria e da Babilônia, constituída de milhares de tijolos, cobertos de escrita cuneiforme. Alguns autores o identificam, ao que parece erroneamente, com o Sardanapalo dos gregos; a lenda de Sardanapalo, relatada por Ctésias, lembra mais a vida de seu irmão gêmeo Samas-sum-iuquin.

<sup>76</sup> Heliogábalo, filho de Sexto Vário Marcelo e Júlia Soemias, imperador romano, nasceu em Emesa (atual Homs), em 204, e morreu em Roma em 222. Por ocasião do assassinio do Imperador Caracala, Macrino, seu sucessor, banuiu de Roma Soemias, a irmã desta e sua mãe, Júlia Mesa, que era tia de Caracala. Elas foram para Emesa, de onde era originária a família, levando consigo Heliogábalo e seu primo, Alexandre Severo. Nessa cidade, o futuro imperador, embora ainda criança, foi feito grão-sacerdote do deus Sol. Tornou-se logo muito popular entre os soldados romanos estacionados em Emesa, onde fizera circular rumores de que era filho natural de Caracala. Descontentes com Macrino, as legiões do Oriente se sublevaram e aclamaram Heliogábalo imperador, que adotou o nome de seu pretense pai: *Marco Aurélio Antonino*. Macrino foi morto e Heliogábalo reconhecido imediatamente como imperador pelo Senado. O novo imperador chegou a Roma em setembro de 219, levando consigo as suas crenças e os seus ritos, e fez construir um templo suntuoso, no monte Palatino, onde colocou a pedra sagrada. Entregou os cargos públicos a favoritos e passou a levar uma vida devassa, entremeando as grandes orgias com as cerimônias do novo culto. Mas o imperador continuava a ser, acima de tudo, o grão sacerdote de Emesa. Tendo perdido grande parte da popularidade e percebendo que as simpatias do exército se voltavam para Alexandre Severo, resolveu nomeá-lo César em 221. Arrependeu-se, embora tarde, pois todos já estavam contra ele. Tentou matar o primo por duas vezes. A

palavras francesas corresponde à ordem das palavras em latim (Vit. Elag., XXV, 9): *ceream, ligneam, eburneam, marmoream, lapideam*.

*Em uma outra viam-se homens amarrados em várias rodas que giravam com água, e na água, e em volta estava escrito na mesma língua amigos Ixiônicos. No cômodo que estava bem próximo eu vi este mesmo tipo de homens sentados à mesa a quem se apresentava toda sorte de iguarias, mas elas eram tão somente de cera, de madeira pintada, de marfim, de mármore e de pedra, e a cada iguaria lhes faziam lavar as mãos como se elas estivessem sujas.<sup>77</sup>*

### **Vidas, de Plutarco**

O texto de Artus Thomas se inspira também em Plutarco, cujo Vidas havia sido traduzido por Amyot em 1559, reeditado em 1565, 1567 e mais tarde. Este livro foi amplamente lido pelos letrados do final do século XVI. Montaigne se inspirou nele para escrever alguns de seus ensaios. Em uma passagem Ilha dos Hermafroditas há alusões a Sólon e a Licurgo, provavelmente inspiradas por Plutarco, que fala das possibilidades de substituição de um marido fracassado por outro:

*Se algum ancião desposar uma jovem, nós queremos que ela possa ajudar-se com a lei de Lycurgus Lacedemonien, e aquela de quem o marido será covarde ou poltrão demais poderá servir-se daquela de Sólon<sup>78</sup>.*

A “lei de Licurgo”, legislador legendário de Esparta, permitia que, em um casal, um terceiro fizesse as vezes de um marido idoso. Parece haver uma confusão entre “A vida de Licurgo” (15, 11-18) e uma passagem de “A vida de Sólon”, de Plutarco (10, 2). Segundo Plutarco, em “*Vie de Solon*”, na tradução para o francês de J. Amyot, 1577, p. 194, A “lei de Sólon” previa a substituição do marido, em caso de fraqueza sexual, por um parente próximo.

Grande homens da Antigüidade são citados em função de sua exemplaridade ou de suas fraquezas: Aristides, Catão, Pirro, Marco Antônio. Estes exemplos, emprestados da Antigüidade, também passam pelo crivo da atualidade. A presença de Plutarco, traduzido

---

segunda tentativa, em março de 222, motivou uma revolta dos pretorianos, na qual Heliogábalo e sua mãe foram mortos. Seus cadáveres foram arrastados pelas ruas e o imperador atirado no Tibre.

<sup>77</sup> “En une autre on voyoit des hommes liez sur plusieurs roües qui tournaient en l’eau, et à l’eau, et à l’entour estoit escrit en la mesme langue *amis Ixioniques*. A la piece qui estoit tout aupres je veis ce mesme genre d’hommes assis à table ausquels on presentoit toutes sortes de mets, mais ils n’estoient que de cire, de bois peint, d’ivoire, de marbre et de pierre, et à chaque mets on leur faisoit laver les mains comme si elles eussent esté salles.” (P. 73-74 na edição Droz).

<sup>78</sup> “Si quelque vieillard espouse quelque jeune fille, nous voulons qu’elle puisse s’ayder de la loy de Lycurgus Lacedemonien, et celle de qui le mary sera trop lasche ou poltron pourra se servir de celle de Solon.” (P. 92 na edição Droz).



por Amyot, mostra o sucesso do empréstimo de modelos antigos usados na ação moral e política.

### ***Personagens e escritores citados na segunda parte da Ilha dos Hermafroditas***

Na segunda parte da Ilha dos Hermafroditas passa-se da sátira ao projeto apologético, que propõe princípios de pensamento e de conduta em uma sociedade cristã renovada. Aqui as referências à Antigüidade são escassas e as referências bíblicas, praticamente ausentes na primeira parte, aumentam consideravelmente. Dion e Brutus, exemplos da Antigüidade, estão ao lado de Abraão, Tobias e dos Profetas:

*[...] eu diria somente que Dion e Brutus pelo paganismo, todos os dois sábios, muito santos, muito prudentes e muito engenhosos, Abraão, Tobias e todos os Profetas pelo Judaísmo, o Evangelista São João, o adúltero Coríntio e todos os apóstolos no Cristianismo nos deixaram exemplos muito admiráveis [...]*<sup>79</sup>

É citado um Hércules pré-cristão tirado de Xenofonte, protótipo do asceta lúcido que escolhe o caminho da virtude. Neste exemplo pode-se perceber o reflexo da atualidade que tende a fazer de Hércules uma prefiguração do Cristo. Em seus Hymnes, Ronsard fala de um “*Hercule chrestien*”. Mais tarde, Henrique IV será apelidado de “Hércules gaulês”.

O paganismo é usado para reforçar o ataque aos hermafroditas. Em *Contra os hermafroditas* o grande mal está associado à Esfinge, a má fé púnica ao “cruel Gerião” e ao “grande ídolo Dis”. Estas indicações pejorativas aparecem ao lado de referências bíblicas como o “maná celeste”, o “Eternal”, o “Levante”, que servem para indicar o caminho do bem. Segundo Dubois, não se trata de uma recusa do paganismo antigo, as referências aparecem divididas em duas vertentes clássicas da representação do paganismo. De um lado estão comportamentos pagãos considerados precursores do cristianismo; de outro, exemplos de anarquia moral, de comportamentos desviantes, decadentes, antecedentes de uma cultura ateuista e libertina, pragmática e epicurista, julgada como uma forma de degeneração.

Esta sábia dosagem entre o contemporâneo e a tradição cultural ajuda a explicar o sucesso da obra, cujo preço aumentou rapidamente e que despertou até mesmo no rei a vontade de lê-la.

---

<sup>79</sup> “[...] je diray seulement que Dion et Brutus pour le paganisme, tous deux sages, forts sains, fort prudens, et fort sçavans, Abraham, Thobie, et tous les Prophetes pour le Judaïsme, l’Evangeliste saint-Jehan, l’adultere Corinthien et tous les Apostres au Christianisme nous en ont laissé des exemples fort remarquables [...]” (“Du souverain bien de l’homme”, p. 174 na edição Droz).

### ***A sociedade de corte francesa***

Para situar A Ilha dos Hermafroditas no momento histórico do qual participa é importante tratar das circunstâncias históricas em que se encontra: o da corte francesa do século XVI (na qual a obra foi possivelmente escrita). Basearemos-nos aqui no estudo de Norbert Elias sobre essa sociedade de corte<sup>80</sup>.

Há uma linha evolutiva que vai do século XIII ao XVIII, ou seja, da corte dos Capetos, principalmente da corte de São Luís, passando pela de Francisco I, Luís XIV e seus sucessores. Para a nobreza, esta evolução comportou a transformação de uma aristocracia feudal, com seus elementos sociais precípuos, a uma aristocracia de corte – cujas bases eram substancialmente diversas. A aristocracia se viu constituída sobre novas bases, que substituíam definitivamente o feudalismo. O reinado de Francisco I representou o momento fundamental em que esta mudança tornou-se evidente, pela criação de uma nova hierarquia dentro da nobreza, que ia do simples nobre aos pares da França. O rei atribuía títulos de nobreza ligados à propriedade de terras e ao recolhimento de rendas fundiárias. O status de um nobre não dependia mais somente da tradição, mas de um favor concedido pelo rei, que, não se considerando mais de todo vinculado à tradição feudal, infringia-a freqüentemente.

Em regra geral, o rei recompensava os méritos militares com títulos de nobreza, terras e rendas fundiárias, e os soldados tornaram-se assim *homines novi*, provando uma oportunidade de rápida ascensão social. Ao lado da nobreza ligada à tradição formou-se, então, uma nova ordem hierárquica. Com efeito, na metade do século XVI aparecem muitos nomes novos no rol da aristocracia. Além disso, já no início do século XVI, os reis afastaram a nobreza de quase todos os seus cargos, notadamente no campo da jurisdição e da administração, substituindo-a por plebeus. A nobreza, a partir deste período, compreenderá, portanto, grupos novos e antigos. Ao lado da velha nobreza hereditária, e sem se misturar com ela, estão os novos nobres, togados, e alguns burgueses adventícios. Neste período existem contemporaneamente duas formas de distinção: uma, baseada na função hereditária ligada ao estamento social, ao feudo ou a funções profissionais, e outra, baseada na dependência ou vizinhança da corte. Deste modo, em um primeiro momento, encontram-se dois grupos de nobres: um, ligado à corte por tradição, outro, sem ligação anterior com esta. Mais tarde surge mais um grupo, a burguesia, que se repartirá em burguesia de corte, ou vinculada à corte, e burguesia não ligada à corte. Esta distribuição será de importância fundamental na estrutura social do antigo regime.

Um fator decisivo no quadro das mudanças sociais foi, por um lado, o aumento da importância da moeda, e, por outro, movimentos sociais cada vez mais tensos. Os impostos e outras taxas assumiram importância cada vez maior e o rei, antes proprietário e donatário de terras, tornou-se também proprietário e donatário de dinheiro. Os príncipes engajavam mercenários ou “soldados” (que lutavam em troca de “soldo”) para combater em seus exércitos, garantindo a defesa de seus interesses. A expansão monetária provocou sua desvalorização, o poder de compra diminuiu drasticamente e os preços aumentaram. Ao final das guerras de religião, a maior parte da nobreza francesa estava endividada. Neste período a maior parte das terras mudou de proprietário, pois, para pagar suas dívidas, os devedores entregaram suas terras, e boa parte desta nobreza sem terra veio à corte em busca de melhores condições de vida.

As guerras de religião, pano de fundo do século XVI na França, não são de fácil compreensão. Além da questão religiosa, agregam-se outros motivos: lutas entre grupos e grandes famílias pela coroa; lutas no interior da nobreza empobrecida e enfraquecida pelo estabelecimento de uma outra base econômica, que a favorecesse; luta da nobreza cidadina, especificamente, para recuperar direitos e privilégios. Para Elias, não se deve esquecer - quando se afirma que a vitória de Henrique IV foi decisiva como vitória da monarquia absoluta sobre todos os outros extratos sociais, incluindo a nobreza - que esta afirmação corresponde ao resultado das lutas, mas as intenções dos implicados não podem ser definidas de maneira unívoca. Não é possível atribuir a um grupo a planificação, a idealização ou a realização de algo que depende de um jogo complexo, onde há toda uma variedade de intenções que forma um rico tecido social formado de homens e de suas vontades, suas possibilidades e sua situação no campo social.

Com o final das guerras de religião, a luta entre a monarquia e a nobreza encontrou seu termo abrindo espaço para o absolutismo. Nas guerras, tinham combatido ao lado de Henrique IV católicos moderados e protestantes de todas as tendências, nobres realistas e parte do clero, contra outros nobres aliados de cidades católicas, com o clero, com o rei da Espanha e com o Papa. A situação social decorrente levava o rei a ter uma posição central e uma influência definitiva sobre os representantes de todas as funções sociais. Os contemporâneos viram a situação de maneira simplificada: Henrique IV combatendo à frente dos nobres contra as famílias aristocráticas rivais, as corporações urbanas e parte do clero. Elias mostra que a situação não era tão simples, e que havia também cidades protestantes que combateram ao lado de Henrique IV, aliadas à nobreza

---

<sup>80</sup> ELIAS, Norbert. “Formação e evolução da sociedade de corte em França” em A sociedade de corte.

católica e realista, uma nobreza católica moderada contrária aos grupos católicos radicais que combatiam do outro lado, e de onde havia saído o assassino de Henrique III.

Nas lutas dos séculos XVI e XVII encontram-se dois pólos em tensão: de um lado, as corporações burguesas, que se tornaram ricas, numerosas e poderosas a ponto de opor-se às pretensões de soberania e poder por parte da nobreza; de outro lado, a nobreza, ainda suficientemente forte para afirmar-se contra a burguesia emergente, apesar de estar enfraquecida economicamente. Junte-se outro dado relevante neste equilíbrio de forças: a nobreza já havia perdido as funções de administração e justiça, em cuja base estavam se formando ricas e poderosas corporações burguesas. Portanto, a nobreza precisava do apoio do rei para preservar-se da pressão da burguesia cada vez mais rica e poderosa, que, por sua vez, também dependia do rei para proteger-se das ameaças e privilégios exclusivos de uma nobreza que ainda conservava traços cavaleirescos. Havia ainda o jogo de forças entre os parlamentos, toda a nobreza de toga e o rei. Todos queriam dividir o poder com o rei, enfraquecê-lo, mas suas próprias funções dependiam do poder real. Neste equilíbrio de tensões, onde nenhum dos grupos conseguia se sobrepor por muito tempo ao outro, o monarca apresentava-se como pacificador. Foi o caso de Henrique IV, e esta uma das causas de sua vitória.

Alguns senhores, que haviam concedido suas terras aos camponeses em troca de dinheiro, continuavam a receber a mesma quantia. Porém, no tempo de Henrique III, o dinheiro desvalorizou-se e os nobres empobreceram. Para continuar a viver como nobres, eles encaminharam-se para a corte, aceitando uma condição de direta dependência do rei. A corte transformou-se, lentamente, em uma estrutura social que se diferenciou de todas as outras por seus usos e costumes, por seu modo específico de falar e vestir, pelos movimentos e gestos durante as conversas. Aqueles que não haviam crescido nesta atmosfera, ou nela vivido por muito tempo, dificilmente adquiriam os traços diferenciais pelos quais os nobres da corte se reconheciam e se distinguiam dos outros nobres.

A corte francesa tornou-se uma assembléia de elite bastante fechada, com uma existência social cada vez mais separada e singular. Algumas formas preliminares desta cultura, relativas aos gestos, à linguagem, aos códigos de relacionamento amoroso, já existiam na Idade Média<sup>81</sup>.

---

Estampa, Lisboa, 1995, p. 121-181.

<sup>81</sup> É interessante notar que no início do século XVII uma moda nascida na Inglaterra de Elizabeth I e de Jaime I dá nova vida ao “dandismo”, e todo o aparato visual amaneirado, retomando a moda da corte de Henrique III. Frédéric Lachèvre ressalta a popularidade do ateísmo e a indiferença dos jovens em relação aos princípios da igreja e da realeza. Há um provocante comportamento libertino no ar que se traduz nos costumes, no vestuário, na postura, opondo-se ao conformismo reinante. Segundo Dubois, a moda dos Mignons precedeu a moda dos Hermafroditas, assim como houve os Incroyables, os Dandies ou os Zazous,

Na França, a criação da instituição corte teve a função de mantenedora da nobreza. Para uma parte da nobreza, não somente as bases materiais foram reduzidas, mas também o campo de atividades e as perspectivas de vida. Não restou outra possibilidade além da permanência na própria propriedade rural, sem perspectivas de participação em campanhas militares, nem de afirmar-se pelo prestígio, reservado agora somente aos nobres da corte. A nobreza cavalheiresca e de espada mudou-se em aristocracia de corte, relativamente pacífica, tornando-se objeto de desprezo aos olhos do povo.

### ***Henrique III***

Segundo Cambi, o palácio dos hermafroditas poderia ser o de Blois, onde morou Henrique III e onde ele convocou os Estados Gerais, de 1576 em diante. A vida cultural na corte deste rei era intensa, já que frequentavam-na escritores, filósofos e artistas. Durante seu reinado desenvolve-se uma civilização plena de esplendor e refinamentos<sup>82</sup>. Duby escreve:

No final do século, a *Academia de Henrique III*, também conhecida como *Academia do palácio* (1574-1585), reuniu em presença do soberano, grandes senhores, damas da corte, escritores (Ronsard, Baïf, Desportes) e eruditos (Henri Estienne, Scaliger, etc). A independência de inspiração e de estilo que nos encanta em Ruteboeuf, Deschamps e Villon desaparece no século XVI. O poeta humanista é freqüentemente um poeta cortesão. Marot, Ronsard, Desportes e logo Malherbe não escapam à regra. São os soberanos e seu séquito que lançam as modas e o gosto artísticos. Carlos VIII traz da Itália artesãos e artistas. Francisco I, em 1515, convida Leonardo a fixar-se na França. Dezesesseis anos mais tarde, ele chama Rosso e Primatice. Eles decoram Fontainebleau e criam um tipo de escola que influencia profundamente a pintura francesa do tempo. E é ainda um rei, Henrique II, que lança o estilo clássico confiando a P. Lescot a reconstrução do Louvre. Quanto à favorita do rei, Diane de Poitiers, ela faz trabalharem Anet Philibert de l'Orme, Jean Goujon e Cellini<sup>83</sup>.

---

todos manifestações de uma juventude com certa significação intelectual e moral, atrás de uma aparência extravagante. DUBOIS, Introduction..., p. 22.

<sup>82</sup> ERLANGER, Philippe. *Henri III*. Paris: Gallimard, 1948, p. 282.

<sup>83</sup> “A la fin du siècle, l’*Académie d’Henri III*, dite aussi *Académie du palais* (1574-1585), réunit en présence du souverain, des grands seigneurs, des dames de la Cour, des écrivains (Ronsard, Baïf, Desportes) et des érudits (Henri Estienne, Scaliger, etc.). L’indépendance d’inspiration et de style qui nous charme chez Ruteboeuf, Deschamps et Villon disparaît au XVI<sup>e</sup> siècle. Le poète humaniste est le plus souvent un poète courtisan. Marot, Ronsard, Desportes et bientôt Malherbe n’échappent pas à la règle. Ce sont pareillement les souverains et leur entourage qui lancent les modes et le goût artistiques. Charles VIII ramène d’Italie ouvriers et artistes. François I<sup>er</sup>, em 1515, invite Léonard à se fixer en France. Seize ans plus tard, il appelle le Rosso et le Primatice. Ceux-ci décorent Fontainebleau et créent une sorte d’école qui influence profondément la peinture française du temps. Et c’est encore un roi, Henri II, qui lance le style classique en confiant à P. Lescot la reconstruction du Louvre. Quant à la favorite royale, Diane de Poitiers, elle fait travailler à Anet Philibert de l’Orme, Jean Goujon et Cellini. DUBY, op. cit., p. 257.

No texto de Artus Thomas percebe-se a influência italiana nas maneiras da corte hermafrodita. Na realidade da corte francesa, a influência italiana foi em grande parte responsável pelo desenvolvimento de uma cultura aristocrática. O Decamerão, impresso pela primeira vez na França em 1483, foi reeditado oito vezes de 1485 a 1541. Marguerite de Navarra encomendou uma nova tradução a Antoine Le Maçon em 1545. Graças a Petrarca o soneto atingiu um momento de grande fortuna. Orlando furioso de Ariosto, publicado em 1516, foi um dos maiores sucessos de livraria de todos os tempos: 180 edições somente no século XVI. O Cortesão, de Castiglione, cuja primeira tradução francesa (1537) foi encorajada por Francisco I, tornou-se obra de consulta permanente e o código de boas maneiras das pessoas bem nascidas (Carlos V tinha-o em sua cabeceira, na tradução de Boscán). A presença de Leonardo da Vinci e de Catarina de Medicis na França contribuiu decisivamente para que a voga italiana atingisse seu auge em 1570, em vários campos: na pintura, na dança, na indumentária, nos adereços, no modo de falar. Na pintura, a escola de Fontainebleau foi a responsável pela difusão da estética maneirista, “que punha formas refinadas, cores ácidas e enquadramentos estranhos ao serviço de uma sensualidade inquieta e às vezes uma tendência perversa ao sadismo”<sup>84</sup>

Henrique III sucedeu ao seu irmão Carlos IX, cujo reinado durou de 1560 a 1574. Os dez primeiros anos ficaram sob a responsabilidade de Catarina de Medicis, já que seu filho tinha apenas dez anos quando foi coroado rei. Henrique III reinou de 1574 a 1589. Sobre seu reinado, Georges Duby escreve:

Um soberano tão crítico quanto Henrique III, e que foi vítima tanto das desordens de seu tempo quanto do desregramento de seu espírito, tinha a mais alta idéia de sua autoridade. [...] Mais trabalhador do que freqüentemente se crê, ele foi apelidado de “le roi de la basoche<sup>85</sup>” por causa das reformas administrativas publicadas durante seu reinado. A grande ordenança de Blois de maio de 1579 retoma e clarifica toda a legislação anterior sobre questões tão diversas quanto a organização da Igreja, da justiça e do ensino, a redução do “número desenfreado” dos ofícios, os privilégios da nobreza, do governo das províncias, a fiscalidade, o comércio, etc. Dois outros editos célebres de 1577 e 1581 constituíram um “estatuto dos artesãos franceses”. Com um intento, é certo, essencialmente fiscal, eles estendiam a todas as profissões o sistema da *maîtrise jurée*. Por fim, em 1587 apareceu o que foi chamado de Código Henrique III, ou seja, uma compilação “das ordenanças francesas reduzidas em sumários, segundo a forma e modelo do direito romano”. Que

---

<sup>84</sup> “[...] qui mettaient des formes affinées, des couleurs acides et des cadrages étranges au service d’une sensualité inquiète et parfois d’un penchant pervers pour le sadisme.” DUBY, op. cit., p. 257.

<sup>85</sup> *Basoche*: 1. antigo tribunal em Paris; 2. o conjunto dos advogados, procuradores, escrivães, notários e amanuenses. (Larousse).

esta legislação tenha sido aplicada na época somente em parte não deve espantar. Mas Henrique IV, Richelieu e Colbert consultaram reiteradamente este arsenal de textos.<sup>86</sup>

É possível que as ordenanças hermafroditas façam referência às inúmeras ordenanças e editos<sup>87</sup> que Henrique III publicou durante seu reino. L'Estoile os registrou em seu diário. No trecho abaixo ele relata a publicação de uma série de editos não aceitos pela corte por serem especialmente prejudiciais ao povo, pois aumentavam desmesuradamente os impostos, e que alimentaram pasquins, libelos e sonetos difamatórios contra Sua Majestade:

Le lundi 7 mars, le roi alla au Palais accompagné de ses deux mignons et peu d'autres seigneurs et gentilshommes, afin de se faire en sa présence publier au parlement de Paris plusieurs édits étant dépiéca en la cour, et qu'elle avait refusé de publier, pour ce que c'étaient édits boursaux tendant manifestement à la charge et oppression du pauvre peuple. Remontra le roi par sa harangue, qui fut belle et bien faite, la grande charge d'affaires que les rois ses prédécesseurs lui avaient laissée sur les bras, pour auxquelles subvenir il était contraint de faire beaucoup d'édits, à la vérité durs et fâcheux, et à son très grand regret; mais qu'il ne trouvait encore et n'avait trouvé aucun autre plus aisé et prompt moyen pour y satisfaire ni de plus doux et moins onéreux à son peuple: partant pria sa cour vouloir consentir la vérification desdits édits, suivant ce que plus amplement leur en remontrerait messire René de Birague son chancelier là présent, lequel aussi se levant entra bien avant en discours, aussi long et inepte que celui du roi avait été court et à propos. Remontra la nécessité des affaires de Sa Majesté, sans toutefois en spécifier aucune, fors la crainte et apparence d'une guerre défensive de près imminente. Messire Achille de Harlay premier président remontra brièvement, mais vertueusement, la charge qu'apportait au peuple français le grand nombre d'édits que le roi faisait de jour à l'autre, et conclut à ce qu'il plût à Sa Majesté de ne prendre l'avis de sa dite cour sur des édits qui ne lui avaient été communiqués. Messire Augustin de Thou, au contraire, avocat du roi, magnifia la présence de Sa Majesté, et l'honneur qu'il faisait à la cour de la venir voir

---

<sup>86</sup> “Un souverain aussi décrié que Henri III, et qui fut victime à la fois des désordres de son temps et du dérèglement de son esprit, avait la plus haute idée de son autorité. [...] Plus travailleur qu'on ne le croit souvent, il fut surnommé “le Roi de la basoche”, en raison des réformes administratives publiées sous son règne. La grande ordonnance de Blois de mai 1679 reprit et clarifia toute la législation antérieure sur des questions aussi diverses que l'organisation de l'Église, de la justice et de l'enseignement, la réduction du “nombre effréné” des offices, les privilèges de la noblesse, le gouvernement des provinces, la fiscalité, le commerce, etc. Deux autres édits célèbres de 1577 et 1581 constituèrent un “statut des artisans français”. Dans un dessein, il est vrai, essentiellement fiscal, ils étendaient à tous les métiers le système de la maîtrise jurée. Enfin, en 1587 parut ce qu'on a appelé le Code Henri III, c'est-à-dire un recueil “des ordonnances françoises réduictes en sommaires à la forme et modèle du droit romain”. Que cette législation n'ait été à l'époque qu'inégalement appliquée ne doit pas étonner. Mais Henri IV, Richelieu et Colbert puisèrent largement dans cet arsenal de textes.” DUBY, op. cit., p. 249.

<sup>87</sup> “*Ordonnance*” e “*édit*” são termos do Antigo Regime. O primeiro designa um texto vindo o rei. O segundo designa um ato legislativo concernindo a uma só matéria, ou a uma categoria específica de pessoas ou ainda a uma só parte do reino. (Larousse).

et seoir en son lit de justice, concluant à la lecture, publication, et registration des édits, lesquels furent publiés au nombre d'onze de l'express commandement du roi (lui présent) ouï et consentant son procureur général, combien que tous revinsent à la manifeste oppression du peuple, et que les derniers revenant de la ferme d'iceux (prise par les Italiens) tournassent au profit des mignons, et encore plus de ceux de Guise qui les poursuivaient eux-mêmes, et toutefois sous main animaient le peuple et le faisaient crier et tumultuer contre le roi et ses mignons: la Ligue commençant dès lors à ourdir à bon escient le mystère d'iniquité.<sup>88</sup>



*Henrique III*

<sup>88</sup> L'ESTOILE, Pierre de. *Journal d'Henri III*. Paris: Le Livre Club du Livraire, 1963, p. 174-175.



Joseph Calmette faz um retrato caricato de Henrique III:

Carlos IX exalou o último suspiro no dia de Pentecostes, em 31 de maio de 1574. Seu irmão Henrique III, o duque de Anjou tornado entrementes rei da Polônia, volta rapidamente de Cracóvia cedendo a outras mãos o cetro dos Jagelões. Príncipe frívolo, pervertido e extravagante, Henrique III, flagrante degenerado e moldado por vícios, circunda-se de *mignons* de maneiras duvidosas. É um temeroso e um dissimulado. Sua amoralidade estraga sua inteligência que é real. Falta a ele espírito de continuidade. Uma corte de mil e uma aventuras, que a crônica escandalosa explorou amplamente e que encontraremos em nosso caminho, envolve o último Valois.<sup>89</sup>

O poema abaixo trata da aparição do rei Henrique III em seu baile descrito por d'Aubigné, ardente calvinista e companheiro de armas de Henrique IV, em sua epopéia mística, Les tragiques. É impossível não associar o retrato deste rei, verdadeiro testemunho crítico, com o Hermafrodita que vemos no ato de vestir-se nas páginas iniciais da Ilha dos Hermafroditas (ver a parte *Natureza e artifício no personagem hermafrodita* deste estudo). Nesta moda vestimentária revela-se um período da corte francesa, ao qual provavelmente se refere a Ilha dos Hermafroditas.

*Pensez quel beau spectacle, et comm'il fit bon voir  
Ce prince avec un busc, un corps de satin noir  
Couppé à l'espagnolle, où, des déhincquetures  
Sortaient des passements et des blanches tireures;  
Et affin que l'habit s'entresuivist de rang,  
Il montrait des manchons gauffrez de satin blanc,  
D'autres manches encor qui s'étendaient fendus,  
Et puis jusques aux pieds d'autres manches perdues;  
Ainsi bien emmanché il porta tout ce jour  
Cet habit monstrueux, pareil à son amour:  
Si qu'au premier abord chacun estoit en peine  
S'il voyoit un Roy femme ou bien un homme Reyne.<sup>90</sup>*

Catarina de Medicis e seus filhos, imitando os espanhóis e os italianos, deram nova elaboração ao cerimonial e à etiqueta na corte. Henrique III introduz na corte uma etiqueta muito minuciosa, resultado, entre outros fatores, de uma vontade de diferenciar-se enquanto grupo social. As recepções de interior são freqüentes e consistem em bailes,

---

<sup>89</sup> “Charles IX a rendu le dernier soupir le jour de la Pentecôte, 31 mai 1574. Son frère Henri III, le duc d'Anjou devenu entre temps roi de Pologne, revient en hâte de Cracovie, cédant à d'autres mains le sceptre des Jagellons. Prince frivole, malsain et fantasque, Henri III, dégénéré flagrant et pétri de vices, s'entoure de “mignons” aux moeurs douteuses. C'est un craintif et un dissimulé. Son amoralité gâte son intelligence qui est réelle. Il manque d'esprit de suite. Une cours aux mille et une aventures, que la chronique scandaleuse a largement exploitées et que nous retrouverons sur notre chemin, enveloppe le dernier des Valois.” CALMETTE, Joseph. L'ère classique. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1949, p. 110.

representações e festins em que as refeições evoluem em direção da experimentação gastronômica e decorativa e o uso de maneiras codificadas. As pesquisas gastronômicas estão em relação dinâmica com a importação de especiarias e de outros alimentos exóticos. Uma parte do código de boas maneiras, importado da Itália, preconiza não cuspir, não assoar o nariz nem comer com os dedos, recomendações que levam ao uso de novidades como guardanapos, lenços e garfos. Propaga-se o uso do beijar as mãos, parte do corpo cada vez mais objeto de cuidados<sup>91</sup>. Henrique III inaugura o hábito de não mais usar as mãos para pegar os alimentos. Estas ‘boas maneiras’, que, como ressalta Dubois, constituem uma forma particular de *maniera*,

[...] vão fazer da refeição uma cerimônia cada vez mais complicada, durante a qual cada um espia seu vizinho para poder se situar sobre ele pelo seu conhecimento das ‘convenções’ de mesa que chamamos de conveniências, e será cada vez mais usada para estabelecer uma diferença entre a elite aristocrática, que conhece as maneiras, e o popular ou o burguês que não as conhece.<sup>92</sup>

Henrique III também introduziu mudanças no vestuário da corte, do mais humilde serviçal aos magistrados:

Au commencement de cet an 1585, le roi fit un nouveau règlement dans sa maison, même pour les habits de ceux qui étaient journellement près de sa personne pour son service ordinaire; lesquels il vêtit de velours noir, leur fit quitter les chapeaux qu’ils voulaient porter, et les astreignit à porter barrettes ou bonnets de velours noir, et une chaîne d’or au col, pendant qu’ils sont en quartier; et à ceux du conseil d’État et privé, entrant audit conseil, fit prendre de grandes robes de velours violet, qu’il fit faire exprès à cet fin; et étant entré en quelque défiance d’entreprise faite sur sa personne et son État par ceux de la maison de Guise et de Lorraine, qui jà auparavant mal contents s’étaient absentés de la cour, renforça ses gardes et tint certain nombre de gentilshommes appointés, armés, à l’entour de sa personne jour et nuit.<sup>93</sup>

Os bailes em geral acontecem à noite, iluminados com velas postas em lustres de importação veneziana, tochas, e são o cenário para a exibição de luxuosas toaletes e jóias

---

<sup>90</sup> D’AUBIGNÉ, Agrippa. *Les Tragiques* (1616), II, 785-796.

<sup>91</sup> “De la min à la manière, se tisse un réseau ambigu de signes: bonnes manières où la main va jouer un rôle déterminant [...]” DUBOIS, Claude-Gilbert. *Le maniérisme*. Paris: PUF, 1979, p. 18.

<sup>92</sup> “[...] vont faire du repas une cérémonie de plus en plus compliquée, au cours de laquelle chacun épie son voisin pour pouvoir se situer au-dessus de lui par sa connaissance des ‘conventions’ de table que l’on appelle convenances, et sera de plus en plus utilisée pour établir une différence entre l’élite aristocratique, qui connaît les manières, et le populaire ou le bourgeois qui ne les connaît pas.” Idem, *ibidem*, p. 206.

<sup>93</sup> L’ESTOILE, *op. cit.*, p. 211.

vistas, usadas até mesmo pelos homens na época de Henrique III. É desta época também o aumento significativo dos enchimentos, babados, anáguas bufantes e outros elementos que tornam as roupas provocadoras dos mais variados efeitos na forma humana. A dança se caracteriza por uma acurada regulamentação, e tende a complicar-se com novos passos e figuras codificadas e mensuradas. Para Dubois, a arte maneirista teria tomado de empréstimo elementos destas manifestações sociais como “o gosto pelas cenas de interior, pelas iluminações artificiais, pela exibição das jóias, das toilettes e do corpo de belas damas.”<sup>94</sup>

Dubois, tratando da figura da “curva” no maneirismo, liga o excesso na indumentária e nas maneiras do tempo de Henrique III à imagem distorcida de efeminação e à devassidão, concluindo que a linguagem atribui significados morais ao jogo das curvas.

Por intermédio da ternura, da dor, da carícia, a curva pode ser a expressão de uma certa imagem da feminilidade: o excesso, transcrito aqui pela repetição e a multiplicação do modelado vestimentário, leva a uma depreciação desta imagem, expressa pelas palavras de devassidão e efeminação. O que pode ser dito sobre a roupa vale também para os gestos de cortesia: saudações que se complicam em ‘rond de jambes’, maneiras de mesa que seguem a mesma evolução, jogos de mãos que acompanham o discurso, figuras de dança.<sup>95</sup>

Dubois coloca o problema de saber porque as tendências femininas da expressão se sobrepõem às tendências masculinas em certa época ou em um indivíduo em particular. Ele não responde com uma explicação geral, já que faltam elementos para operar tal síntese, mas coloca em relação as personalidades de Henrique III e de seu sucessor, opondo o estilo *maniéré*, que floresce sob Henrique III, e o estilo de corte, com predominância do elemento feminino, ao retorno da virilidade à época de Henrique IV, de maneiras mais “quadradas”, e o estilo de campo.<sup>96</sup>

Erlanger, em sua biografia de Henrique III, descreve um dia deste rei. É surpreendente a semelhança com a descrição do cotidiano do rei hermafrodita, feita por Artus Thomas nas páginas iniciais de seu texto. Percebe-se que o autor da Ilha dos

---

<sup>94</sup> “[...] goût des scènes d’intérieur, des éclairages artificiels, exhibition des bijoux, de toilettes, de corps de belles dames.” DUBOIS, Le maniérisme, p. 207.

<sup>95</sup> “Par l’intermédiaire de la tendresse, de la douceur, de la caresse, la courbe peut être l’expression d’une certaine image de la féminité: l’excès, transcrit ici par la répétition et la multiplication du modelé vestimentaire, entraîne une dépréciation de cette image, exprimée par les mots de débauche et d’efféminement. Ce qui peut être dit sur l’habit vaut aussi pour les gestes de courtoisie: saluts qui se compliquent en ‘ronds de jambes’, manières de table qui suivent la même évolution, jeux de mains qui accompagnent le discours, figures de danse.” Idem, *ibidem*, p. 89.

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*, p. 90.

Hermafroditas conhecia bem a vida na corte em todos os seus detalhes, da etiqueta à decoração dos salões e aos aposentos reais, cujo acesso só não era livre durante a noite.

### Um dia do rei Henrique III

Sa Majesté s'étant couchée fort avant la nuit, l'ombre et le silence défendront tard son repos. Vers neuf heures, les princes du sang, les hauts dignitaires, les gentilshommes de service pénètrent dans la salle d'audience contiguë à la chambre royale avec les bouffons et les musiciens, tandis que les ministres, mêlés à quelques courtisans, occupent la 'chambre d'Etat'. Les officiers, maîtres d'hôtel, écuyers, bas gentilshommes encombrant l'antichambre.

Le Roi, éveillé, frappe dans ses mains. Aussitôt, les privilégiés de la salle d'audience entrent chez lui, cédant la place aux hôtes de la chambre d'État. Derrière le gentilhomme portant sur une assiette d'or une serviette damassée, le premier maître d'hôtel s'avance à la tête de plusieurs serviteurs armés de plats couverts. Cette procession envahit solennellement le sanctuaire dont le premier valet de chambre tire les rideaux. Le soleil s'élançait à travers la pièce magnifique, embrasse les cabarets en cristal de roche, les émaux florentins, les carreaux de brocart, les tapisseries représentant les métamorphoses de Cénéé. Au milieu de ces trésors, le lit s'élève, semblable à un autel avec ses montants d'or massif, sa courtepointe en velours vert broché, son double ciel de toile d'argent et d'or sur laquelle une soie multicolore retrace les aventures de Céladon. Un encensoir en mosaïque répand une vapeur suave.

Henri repose parmi un océan de coussins. Majestueusement, il s'essuie les mains et le visage, boit une tasse de bouillon, avale quelques 'pâtes confites'. Un grand seigneur présente la chemise. La longue et délicate toilette commence: barbiers, parfumeurs, chaussetiers, couturiers, masseurs, valets de tous grades s'escriment sur l'auguste personne confiée à leurs talents.

[...]

Les soins intimes ont pris fin. Henri revêt un costume très ajusté, généralement noir ou marron, attache sur ses cheveux un bonnet à aigrette de pierreries. Dans son coffret présenté par un gentilhomme, il choisit trois bagues, passe autour de son cou une chaîne d'orfèvrerie dont le médaillon est empli de musc. D'autres dignitaires lui offrent le mouchoir, le manteau, l'épée, le drageoir deux paires de gants, la première mince et collante comme une gaine, la seconde à grands godets, fermée par des cordons de soie.

[...]

Le Conseil achevé, les dépêches lues, Sa Majesté se rend à la messe. Il lui arrive ensuite, si ses occupations ne la pressent pas trop, de convoquer les tailleurs en renom et d'étudier avec eux des modèles de costumes.

[...]

Certains jours, une fièvre mystique dévore le prince. Croyant jusqu'à la superstition, il souffre de ne pas vivre en véritable chrétien, se révolte contre ses propres faiblesses. Une nostalgie de pureté, un désir d'humiliation le jettent dans les bras du Seigneur et le peuple surpris voit défiler les Mignons sous robe de bure des flagellants.

[...]

Maintenant, un épais tapis de roses, de violettes, d'oeillets et de lys recouvre le plancher, l'encens fume dans les cassolettes. Un savant barbier couvre le visage royal de crème à la rose, y pose un masque de toile destiné à préserver ce maquillage. Les mains précieuses sont lavées de pâtes d'amandes avant de disparaître en d'énormes gants imperméables. Une veilleuse odoriférante détrône les flambeaux, le premier valet de chambre s'étend en travers de la porte Sur sa couche d'idole bassinée de coriandre, de benjoin et de canelle, Henri III, mélancolique, espère le sommeil, en rêvant à la bienheureuse époque où les peuples glorifiaient leurs princes d'être les amants de la Beauté. Souvent, avant de s'endormir, il se fait lire un chapitre du *Prince* de Maquiavel.<sup>97</sup>

### ***Os mignons***

Henrique III possuía um séquito de homens de confiança, favoritos agraciados com honras e com riquezas, em geral de extração modesta, que dependiam do rei e que em troca deviam fidelidade e devoção. Este fato, comum na história das relações entre soberanos e seus próximos, foi inaugurado por Felipe III, mas os prediletos de Henrique III foram os que mais permaneceram na memória coletiva. Somente Luís XIV, Luís XV e Luís XVI não tiveram favoritos.

O termo “*mignon*” apareceu no século XV em farsas e *sotties*<sup>98</sup> como sinônimo de “servidor dos Grandes” e designava um homem da corte que recebia favores de seu mestre. O termo é usado por Commynes e pode ser encontrado em documentos da época. Para Desportes, poeta preferido de Henrique III, “*mignon*” não tinha outro sentido além de “*compagnon*”, “companheiro”. Este rei chamava seus mignons de “*ma troupe*”, ou “*les quatre*”, se referindo a d'O, Caylus, Saint-Luc e Saint-Sulpice. Segundo registros históricos, eles eram bravos guerreiros. No cerco de La Rochelle, em 1573, os quatro foram “mosqueteiros *avant la lettre*”<sup>99</sup>. Um velho soldado representante da geração militar anterior, Brantôme, deixou um testemunho em que tanto critica a geração de nobres soldados que nunca deixavam a corte – “*mignons de Cour*” - como, ao mesmo tempo, reconhece méritos guerreiros a certos valorosos soldados que provaram sua bravura nos campos de batalha, dentre eles, alguns mignons de Henrique III.

---

<sup>97</sup> ERLANGER, op. cit., p. 282-286.

<sup>98</sup> Gênero dramático medieval desenvolvido nos séculos XIV e XV em que é encenada uma sátira social ou política.



*Véritable portrait de Henri III Le Monstrueux*

Pierre de L'Estoile escreve sobre esta imagem satírica: “Les Ligueurs voulans rendre le Roy odieux à tous ses peuples, firent de luy ce portrait infamant, par lequel ils ont prétendu représenter sa vie honteuse, et ses inclinations criminelles. Ils luy ont fait la teste d’un lion furieux couverte d’une grande perruque relevée par derrière, pour montrer qu’il joint au luxe, et à l’amour propre, l’audace et l’arrogance du lion et qu’estant d’un naturel féroce, ainsi que cet animal cruel, il ne respire que sang et que carnage. La chaisne d’or qui lui entoure le col signifie son cordon de l’ordre. Les mamelles de femme qui sont au-dessous marquent que ce prince efféminé a confondu la nature mesme estant pour ainsi dire hermaphrodite dans ses excès.” (L’ESTOILE, op. cit.).

<sup>99</sup> CHEVALLIER, Pierre. *Henri III: roi shakespearien*. Paris: Fayard, 1985, p. 419.

Uma outra acepção da palavra pode ser observada a partir do século XVI na expressão “*mignon de couchette*” que designa o amante, seja de outro homem, seja de uma mulher. Uma amante podia ser qualificada de “*mignone*”, termo usado por, notadamente, Ronsard e L’Estoile.

A primeira geração de *mignons* foi substituída por uma segunda, em 1577-1578, limitada praticamente a dois favoritos, os duques d’Épernon e de Joyeuse, “*archimignons*”, que tiveram um importante papel político nas relações com as Casas de Bourbon e de Lorraine.

Os *mignons* de Henrique III, a cujas funções na corte facilmente se associam atividades sexualmente ambíguas, foram acusados pelos seus excessos, como denuncia D’Aubigné em sua Histoire naturelle. Eles eram odiados pelo povo por receberem favores do rei e por seu comportamento afetado e pedante, segundo conta L’Estoile em 1576:

O nome de *mignons* começou neste tempo a cair na boca do povo, para quem eles eram muito odiosos, tanto por suas maneiras de agir, que eram folgazãs et altaneiras, que por suas pinturas e fantasias efeminadas e impudicas, mas sobretudo pelos dons imensos e liberalidades que lhes fazia o rei.

Estes belos *mignons* tinham os cabelos bezuntados, frizados e refrizados com arte, realçados por seus pequenos bonés de veludo como fazem as putas, e suas golas de rufos de camisa, de tecido ornamentado, engomadas et longas de meio pé de modo que, vendo suas cabeças sobre a gola de rufos parecia que fossem a cabeça de são João Batista sobre um prato. O resto de seus trajes feitos de maneira semelhante; seus exercícios eram brincar, blasfemar, saltar, dançar, dar voltas, querelar e debochar, e seguir o Rei por todo lado e em todas as companhias, tudo fazer e dizer para agradá-lo; preocupando-se realmente pouco com Deus e com a virtude, contentando-se em permanecer nas boas graças de seu mestre, que eles temiam e honravam mais do que Deus.<sup>100</sup>

Após a derrota de Blois, em 1576-1577, Henrique III tentou exercer uma política de equilíbrio de forças e foi alvo freqüente de ataques, assim como os jovens bravos e alguns deles de beleza memorável, como Caylus e Joyeuse, que freqüentavam os fastos da

---

<sup>100</sup> “Le nom de *mignons* commença en ce temps à trotter par la bouche du peuple, auxquels ils étoient fort odieux, tant pour leurs façons de faire qui estoient badines et hautaines, que pour leurs fards et accouplements efféminés et impudiques, mais surtout pour les dons immenses et libéralités que leur faisoit le roi.// Ces beaux *mignons* portoient leurs cheveux onguets, frisés et refrisés par artices, remontans par dessus leurs petits bonnets de velours comme font les putains, et leurs fraises de chemises de toile d’atour empezées et longues de demi-pieds de façon qu’à voir leur teste par dessus leur fraize il sembloit que ce fust le chef saint Jean dans un plat. Le reste de leurs habillements faits de mesme; leurs exercices estoient de jouer, blasphémer, sauter, danser, volter, quereller et paillarder, et suivre le Roy partout et en toutes compagnies, ne faire ne dire rien que pour lui plaire; peu soucieux en effect de Dieu et de la vertu, se contentans d’estre en la

corte. Os autores de sátiras e de panfletos da época buscaram inspiração em autores latinos – Saluste, Tácito e Suetônio – e assimilaram a figura do rei à de um tirano, forçando os traços mais escandalosos de seu comportamento.

L'Estoile conta que os *mignons* teciam intrigas e tinham temperamento belicoso, provocando freqüentemente querelas que terminavam em sangue. Em 1578, o próprio Henrique III entrevistou pessoalmente em uma disputa entre Bussi d'Amboise, *mignon* do irmão do rei - Monsieur -, que ele não apreciava, e Gramont, seu *mignon*, obrigando-os a se reconciliarem. Após esta disputa, ele reuniu à sua volta príncipes e gentis-homens de sua corte para admoestá-los a propósito das recorrentes brigas, cujos motivos eram muitas vezes uma bagatela, publicando ordenanças contra eles, para que fossem devidamente punidos:

Ce même jour, le roi étant en sa chambre, et autour de lui grand nombre de princes, seigneurs et gentishommes, leur fit de sa bouche une belle et grave remontrance touchant les querelles qui, journellement, se prenaient entre eux, même en son château et près de sa personne (chose capitale par les lois du royaume), et encore pour des occasions légères et de néant, ce qui lui déplaisait grandement: et pour y obvier par l'avis des princes et seigneurs de son conseil, il avait arrêté certaines ordonnances contre tels querelleurs, et pour la punition et justice exemplaire d'iceux, qu'il entendait faire publier et étroitement garder. Et de fait, elles furent peu de jours après publiées, et imprimées, et néanmoins très mal gardées, comme sont ordinairement en France toutes les bonnes ordonnances.<sup>101</sup>

Estas rixas serviram de inspiração para versos satíricos que se espalharam rapidamente, como estes, feitos por Caylus e por seus companheiros para debochar de Bussi, que provocava os *mignons*:

Caylus n'entend pas la manière  
De prendre les gens par devant;  
S'il eût pris Bussi par derrière,  
Il lui eût fourré bien avant.

L'Estoile contribuiu para criar a imagem de um rei desprezado pelo povo devido às suas marcas de afeição declaradas por seus prediletos. No episódio abaixo, o funcionário cortesão conta como Caylus, o *mignon* preferido de Henrique III, morreu numa rixa sem

---

bonne grace de leur maistre, qu'ils craignoient et honnoroient plus que Dieu.” DUBOIS, Introdução..., p. 20.

<sup>101</sup> L'ESTOILE, op. cit., p. 90.



motivos importantes. A reação de Henrique III teria suscitado o desprezo do povo e favorecido a Liga:

Le dimanche 27 avril, pour démêler une querelle née pour fort légère occasion, le jour précédent, en la cour du Louvre, entre le seigneur de Caylus, l'un des grands mignons du roi, et le jeune Entragues, qu'on appelait Entraguet, favori de la maison de Guise, ledit Caylus avec Maugiron et Livarot, et Entraguet avec Ribérac et le jeune Schomberg, se trouvèrent, dès cinq heures du matin, au Marché-aux-chevaux (anciennement lesd Tournelles, près la Bastille Saint-Antoine), et là combattirent si furieusement que le beau Maugiron et le jeune Schomberg demeurèrent morts sur la place; Ribérac, des coups qu'il reçut, mourut le lendemain à midi; Livarot, d'un grand coup qu'il eut sur la tête, fut six semaines malade et enfin réchappa; Entraguet s'en alla sain et sauf avec un petit coup qui n'était qu'une égratignure au bras; Caylus, auteur et agresseur de la noise, de dix-neuf coups qu'il reçut, languit trente-trois jours et mourut le jeudi vingt-neuvième mai, en l'hôtel de Boisy, où il fut porté du champ du combat comme lieu plus ami et plus voisin. Et ne lui profita la grande faveur du roi, qui allait tous les jours voir, et ne bougeait du chevet de son lit, et qui avait promis aux chirurgiens qui le pansaient, cent mille francs au cas qu'il revînt en convalescence, et à ce beau mignon, cent mille écus pour lui faire avoir bom courage de guérir. Nonobstant lesquelles promesses, il passa de ce monde en l'autre, ayant toujours en la bouche ces mots, même entre ses derniers soupirs qu'il jetait avec grande force et grand regret: "Ah! mon roi, mon roi!" sans parler autrement de Dieu ni de sa mère. A la vérité le roi portait à Maugiron et à lui une merveilleuse amitié, car il les baisa tous deux morts, fit tondre leurs têtes et emporter et serrer leurs blonds cheveux, ôta à Caylus les pendants de ses oreilles, que lui même auparavant lui avait données et attachés de sa propre main.

Telles et semblables façons de faire, indignes à la vérité d'un grand roi et magnanime comme il était, causèrent peu à peu le mépris de ce prince, et le mal qu'on voulait à ses mignons qui le possédaient donna un grand avantage à ceux de Lorraine, pour corrompre le peuple, et dans le Tiers-État créer et former peu à peu entièrement leur parti, qui était la Ligue, de laquelle ils avaient jeté les fondements dès l'an précédent 1577.<sup>102</sup>

---

<sup>102</sup> Idem, *ibidem*, p. 96-97.



*Caylus, o mignon preferido de Henrique III*

### **A Ilha dos Hermafroditas e Henrique IV**

Através da representação de uma sociedade cujos costumes são decadentes, Artus Thomas, ao mesmo tempo em que denuncia uma sociedade em estado de deterioração, como confirma a referência a Sardanápalo e a Heliogábalo, faz o elogio de um novo monarca e de uma nova época. A Ilha dos Hermafroditas pode ser lida como arma política: faz parte da campanha contra os Valois, a favor dos Bourbon. Trata-se de uma estratégia política para que Henrique IV, preocupado em restaurar a unidade nacional, se colocasse em uma posição de afastamento de seu precursor e, portanto, gozasse de maior credibilidade. Assim, as duas partes principais deste texto, que, segundo Dubois, seguem a ordem degeneração/regeneração, corresponderiam respectivamente aos reinados de Henrique III e de Henrique IV. A primeira parte, satírica, descreve uma sociedade degenerada, a anti-utopia na qual se vê uma sociedade fundada sobre o prazer e sobre a aparência social, “regulamentada por uma etiqueta tão complexa quanto gratuita, e cálculos dissimulados, todos relacionados com o interesse pessoal”<sup>103</sup>, como vimos anteriormente. Esta sociedade, assim como a Antigüidade no período da decadência, não é mais governada pela ética. Nela existe uma classe privilegiada caracterizada pelo luxo e pelo refinamento, em detrimento de uma maioria desamparada.

Henrique IV se tornará a figura mais importante do “classicismo” político da França – chamado de Estado barroco na Europa -, ligado a uma forma de sociedade que exprime a restauração da Reforma e da Contra-Reforma, como se lê nos escritos finais da Ilha dos Hermafroditas. Esta forma de sociedade parece revestir, aos olhos do narrador, a forma da completude, suprema ilusão do desejo androgínico.

O desejo de união androgínica se traduz também nos atos de tolerância e na vontade de integrar os protestantes no reino de Henrique IV. Dubois chama de “andrógina” a vontade de restauração unitária durante o reino de Henrique IV e opõe esta posição àquela de Luís XIV que, com suas *dragonnades*, com a Revocação do Editto de Nantes (1685) e com outros atos coercitivos, tentou realizar a unificação religiosa à força, por meios violentos, realizando assim, metaforicamente, uma união “hermafródica”.

Os escritores, junto a Malherbe, Du Perron ou de Bertaut, componentes fundamentais do estilo barroco da época de Henrique IV, louvarão o poder deste monarca, a reconquista religiosa, e desprezarão os poetas que os precederam, como Ronsard ou os pequenos mestres da corte de Henrique III, dos quais Desportes é o representante.

### *As metáforas da instabilidade*

O protagonista da Ilha dos Hermafroditas e seus companheiros de viagem descobriram, após salvarem-se do naufrágio chegando a uma ilha, que esta terra não era firme, mas se movia no oceano.

[...] vimos que a terra sobre a qual caminhávamos era toda flutuante, e que errava vagabunda sobre este grande Oceano sem qualquer estabilidade. Então, invadidos por um novo receio, não sabíamos que resolução tomar, julgando o fato tão estranho que dificilmente podíamos pôr fé em nossa vista.<sup>104</sup>

A “ilha flutuante” é um *topos* literário presente em inúmeros relatos fabulosos, como por exemplo na viagem de São Brandão, na descrição da ilha-baleia. A viagem deste santo, Navigatio Sancti Brendani Abbatis, relato medieval de 565, teve grande impacto no imaginário europeu das viagens marítimas e certamente foi uma referência para as grandes navegações de descoberta de novas terras no século XV e XVI. Com efeito, a Ilha de São Brandão figurou durante séculos em muitos *mappaemundi* medievais e renascentistas<sup>105</sup> que indicam lugares visitados pelos monges e acontecimentos extraordinários, como o encontro com monstros que cuspiam fogo, a vista de uma coluna de cristal flutuante e a descoberta de uma criatura marinha tão grande quanto uma ilha, freqüentemente desenhada como uma baleia. Diz a lenda que São Brandão, tomado por uma distração, confundira o dorso de uma baleia com a terra firme, celebrando uma missa sobre o cetáceo.

São Brandão<sup>106</sup>, monge irlandês, teria viajado pelo Atlântico em companhia de outros monges à procura da *Terra Repromissionis Sanctorum*, a Terra Prometida. Ele teria alcançado e colonizado uma das almejadas ilhas do Atlântico, e a teria batizado de “Tír

---

<sup>103</sup> “[...] réglementée par une étiquette aussi complexe que gratuite, et des calculs sournois tous rapportés à l’intérêt personnel.” DUBOIS, “Les références culturelles antiques...”, p. 138.

<sup>104</sup> “[...] nous veismes que la terre sur laquelle nous marchions estoit toute flotante, et qu’elle erroit vagabonde sur ce grand Ocean sans aucune stabilité. Lors, saisi de nouvelle frayeur, nous ne sçavions quelle resolution prendre, trouvant le fait tant estrange, qu’à peine pouvions nous adjoûter foy à nostre veüë.” (P. 56 na edição Droz).

<sup>105</sup> Desde 1351 até pelo menos 1721 o nome “Hy Brasil” e variantes podia ser visto em mapas e globos europeus, sempre indicando uma ilha localizada no oceano Atlântico. Até 1624, expedições ainda eram enviadas à sua procura.

<sup>106</sup> São Brandão, o Navegador, um dos mais importantes santos da Ordem Irlandesa, nasceu no último quarto do século V, próximo ou em Tralee, em Kerry na Irlanda. Ele foi batizado e educado pelo bispo Erc de Kerry, tornou-se um famoso abade, morreu na década de 70 do século VI em Annaghdown (Eunachdunne), e foi enterrado em Clonfert, no Condado de Galway. O santo recebeu duas biografias: uma, mais fatural, relato histórico e hagiográfico apresentado em Vita, e outra, versão mais enfeitada e popular do narrador da Navigatio. Vita, baseada numa tradição monástica e escrita num mosteiro irlandês, faz parte da famosa coleção das Vidas dos Santos Irlandeses e da *Acta Sanctorum*, enquanto a Navigatio, baseada praticamente na tradição oral e no folclore, tornou-se uma das mais conhecidas narrativas da Idade Média. As duas versões influenciaram-se mutuamente. Pode-se encontrar a Vita em forma abreviada como uma introdução ou como epílogo dos textos da Navigatio, assim como a Navigatio inserida, na totalidade ou em partes, nos

Breasail” ou “Hy Brazil”, palavras gaélicas que significavam “Terra abençoada” ou “afortunada”, equivalente irlandês das “Ilhas Afortunadas” da mitologia greco-romana. No mapa de Fra Mauro, de 1459, está desenhada uma ilha de nome Brazil com a inscrição: “Queste isole de Hibernia son dite fortunata”, ou seja, ele a classifica como uma das “ilhas afortunadas”<sup>107</sup>.

Para Lenglet-Dufresnoy, a flutuação da ilha é emblemática, pois figura as perturbações de ordem político-religiosas que convulsionaram a França durante as guerras civis. Dubois ressalta o valor simbólico de tal flutuação aliando-a ao caráter volúvel dos hermafroditas, que não se atêm a valores sólidos, e à expressão de uma fratura particular, o desarraigamento. Em *Contra os Hermafroditas*, condena-se o vício e a confusão por ele provocada, cuja conseqüência é fazer com que a razão se degrade em injustiça e erre ora de um lado, ora de outro:

*E depois [o Vício] se dilatando e crescendo em malícia,  
Exalta-se em espírito, e deteriora o intelecto,  
Tão bem que a razão se abisma na injustiça,  
Ou voga sem piloto ao vento de qualquer objeto.*<sup>108</sup>

A instabilidade geográfica estende-se ao palácio, cujo chão, de tão liso, torna impossível andar de maneira equilibrada sobre ele:

*Assim separamo-nos, o Piloto em direção aos lugares habitados da Ilha, e nós dois em direção a este rico palácio onde chegamos em pouco tempo, e encontramos à primeira vista um longo Peristilo ou fileira de colunas Cariátides, as quais tinham por capitel a cabeça de uma mulher; de lá entramos num grande pátio cujo pavimento era tão lizante e tão escorregadio que com dificuldade podíamos ali mantermo-nos de pé.*<sup>109</sup>

---

manuscritos da *Vita*. Selmer, Carl (editor). *Introduction in Navigatio Sancti Brendan Abbatis: From early latin manuscripts*. Worcester: Four Courts Press. 1989, p.vii-ix.

<sup>107</sup> Confundida com as Ilhas Afortunadas, a ilha de São Brandão foi localizada na entrada do Estreito de Gibraltar, mas sua localização mais comum foi próxima das ilhas da Irlanda ou da Grã-Bretanha. São numerosas as formas que a palavra assume nas diversas fontes cartográficas: Brasil, Bersil, Brazir, O'Brazil, O'Brassil, Breasil. Filólogos, asseguravam que “brazil” em gaélico, derivava de “brés” ou “afortunado”, - que deu origem ao verbo inglês to bless (abençoar) - mas que também pode ser traduzido como “encantador”. Seja qualquer que seja seu significado, esta terra, era descrita como um “Paraíso”. Varnhagem e Luis Weckmann asseveram que este nome já aparecia numa Carta Anônima em 1324 e que desde aquela data até 1500, ela está assinalada em mais de 28 vezes nos mapas, portulanos e outros registros cartográficos conhecidos.

<sup>108</sup> “Et puis se dilatant et croissant en malice,/ Il s'exalte en l'esprit, à charmer nos labeurs,/ Mais cet horrible Sphinx, ceste peau de Panthere,/ Cache dessous ces mots de cruelles fureurs.” (P. 155 na edição Droz).

<sup>109</sup> “Ainsi nous nous separames, le Pilote vers les lieux habités de l'Isle, et nous deux vers ce riche palais où nous arrivâmes en peu de temps, et trouvâmes de premier abord un long Peristile ou rang de colonnes Caryatides, lesquelles avoient pour chapiteau la teste d'une femme; de là nous entrâmes dans une grande cour de laquelle le pavement estoit si luisant et si glissant qu'à peine s'y pouvoit on tenir” (P. 58 na edição Droz).

Den schwanck regete so runder der qual von dem masten als gese?  
 vor dem schiff das er den kiel off hieb als ob er



ne die luft wolte tragen und viel daz in der heimder  
 als ob er in abgrund wolte waltzen dem selben fiſch was  
 daz off dem schwanck gemachtten holz und etwas do runder so alle

*A navegação de São Brandão*  
 Manuscrito ilustrado de 1400.

Estas marcas da instabilidade também têm um correspondente humano na postura dos hermafroditas:

*Aqueles que quiserem manter-se de pé, nós os proibimos muito expressamente de permanecer num lugar e numa mesma postura. Pois a decência dos súditos deste Estado, é de estar sempre em ação, e de ter em si este movimento perpétuo, seja da cabeça, do corpo e das pernas, e sobretudo nós estimamos os modos saltitante e balanceado como os mais agradáveis e mais decorosos.<sup>110</sup>*

*[...] então [o Hermafrodita] começou a mexer-se por si mesmo, pois até então ele movimentara somente com a ajuda de outros; mas ele sacudia tanto o corpo, a cabeça e as pernas que eu acreditava a todo instante que ele cairia. Eu tinha a opinião que isto lhe sucedia, por causa da instabilidade da ilha, mas soube então que é porque eles consideram esta maneira mais bela que qualquer outra.<sup>111</sup>*

*[...] tomou um pela mão, e tão logo, apoiando-se displicentemente sobre seu ombro, saíram do quarto, [...]tão logo o quarto lhes foi aberto, no qual eles entraram na mesma postura com que saíram do outro quarto. Este homem se apoiando, e se sustentando, todo agitado, sobre o ombro do outro, e o terceiro entrando todo saltitante, teríeis dito que era alguma mascarada, e na verdade eles já estavam bastante fantasiados; mas não fizeram outras figuras além de ir com o mesmo gesto à ruela do leito.<sup>112</sup>*

Até mesmo invenções dos hermafroditas, como as cadeiras dobráveis, que mudam de tamanho e de formato segundo a vontade de quem as usa, são reveladoras de sua instabilidade basilar:

*Havia lá dentro várias cadeiras articuláveis que se alongavam, se alargavam, se abaixavam, e se elevavam por meio de molas o quanto se quisesse. Era uma invenção Hermafrodítica recentemente encontrada neste país, pois pelo que eu*

---

<sup>110</sup> “Ceux qui se voudront tenir debout, nous leur deffendons tres-expressément de se tenir en une place, ny d’une mesme posture. Car la bienséance des subjects de cest Estat, c’est d’estre toujours en action, et d’avoir en eux ce mouvement perpetuel, soit de la teste, du corps et des jambes, et sur tout nous tenons les façons sautelante et branslante pour les plus agreables et mieux seantes.” (“Ordenanças sobre o fato da religião”, p. 84 na edição Droz).

<sup>111</sup> “[...] lors commença à se remuer de luy-mesme, car jusques alors il n’avoit eu mouvement que par l’ayde d’autrui; mais il bransloit tellement le corps, la teste et les jambes que je croyois à tous propos qu’il deust tomber de son long. J’avois opinion que cela leur arrivoit, à cause de l’instabilité de l’isle, mais j’y appris depuis que c’est à cause qu’ils trouvent ceste façon là plus belle que pas une autre.” (P. 68 na edição Droz).

<sup>112</sup> “[...] il en print un par la main, et aussi tost s’appuyant nonchalamment sur son espaulé, sortirent de la chambre,[...] aussi tost la chambre leur fut ouverte, en laquelle ils entrèrent na la mesme posture qu’ils estoient sortis de l’autre chambre. Cest homme s’appuyant, et se soustenant, tout branslant, sur l’espaulé de l’autre, et le troisieme entrant tout sautelant, vous eussiez dit que c’estoit quelque mascarade, et à la verité ils estoient dés-jà assez desguisez; mais ils ne firent point d’autres figures, que de s’en aller du mesme geste à la ruelle du lict.” (P. 69 e 70 na edição Droz).



*aprendi eles se aplicam às vezes às Matemáticas, mais para aprender os movimentos terrestres que os celestes, que lhes são desconhecidos, se não for para deles zombar.*<sup>113</sup>

*Os três primeiros [sentaram-se] em cadeiras de veludo feitas de um modo que eles chamam quebradas, e muito afastadas umas das outras. O resto da trupe tinha cadeiras que se abriam e se fechavam como uma fôrma para favos tomada ao contrário.*<sup>114</sup>

### ***Natureza e artifício na ilha dos hermafroditas***

A vida dos habitantes da ilha dos hermafroditas caracteriza-se por uma preocupação excessiva com a aparência pessoal e com o aparato social, do qual fazem parte a ocultação por meio de máscaras e por outros artifícios, a dissimulação e o ritual. A aparência individual é máscara que dissimula algo que não existe. O aparato social é o instrumento pelo qual o poder se faz sentir, é a aparência de poder, é um “superlativo de poder”, enfim, é barroco<sup>115</sup>.

*Nós reputamos que haja em todas as coisas bom comportamento e aparência, muito mais que a ação, porque ela esconde muitos feitos com menos pena.*<sup>116</sup>

*Se eles se reconciliarem uns com os outros, nós queremos que seja somente para bom comportamento, e em aparência e que todos os seus abraços sejam tanto ligações que estreitam mais indissoluvelmente sua inimizade [...]*<sup>117</sup>

A ilha dos hermafroditas, longe de ser um paraíso selvagem, é um lugar altamente civilizado. Artus Thomas descreve uma sociedade em que tudo – das leis à aparência física individual – é baseado em artifícios, nada sendo deixado em seu estado natural: a arte dissimula a natureza. Empregam-se as mais variadas técnicas para alterar a aparência física e incrementar tudo o que é percebido pelos sentidos: “trata-se de explorar os efeitos de uma *ars naturans*, que não é tomada no seu sentido renascentista de emulação da arte e da

---

<sup>113</sup> “Il y avoit là dedans plusieurs chaires brisées qui s’allongeoient, s’eslargissoient, se baissoient, et se haussoient par ressorts, ainsi qu’on vouloit. C’estoit une invention *Hermaphrodique* nouvellement trouvée en ce pays-là, car à ce que j’ay appris ils s’estudient quelquefois aux Mathematiques, mais c’est plustost pour apprendre les mouvements terrestres que les celestes, qui leur sont incognus, si ce n’est pour leur en gausser.” (P. 77 na edição Droz).

<sup>114</sup> “Les trois premiers dans des chaires de velours faictes d’une façon qu’ils appellent brisées, et fort esloignées les unes des autres. Le reste de la troupe avoit des sieges qui s’ouvroient et se fermoient comme un gauffrier pris Pa rebours.” (P. 143 na edição Droz).

<sup>115</sup> DUBOIS. “Une allégorie énigmatique...”, p. 18.

<sup>116</sup> “Nous refutons la bonne mine et l’apparence en toutes choses que ce soit, beaucoup plus que l’action, d’autant qu’elle cache beaucoup d’effets avec moins de peine.” (“Ordenanças sobre o fato da religião”, p. 83 na edição Droz).



natureza, mas em seu sentido maneirista, de arte mais forte que a natureza, que acaba por recusá-la e substituir-se a ela”<sup>118</sup>. Tal sensualidade não se refere àquela epicurista, ou ao racionalismo aplicado ao conhecimento da natureza, mas a um estado de cultura avançado cujo recurso ao artifício é indispensável. A natureza tem aqui pouco espaço, pois ela é manipulada e transformada por excêntricos estetas em operações que são assemelhadas às realizadas em laboratórios.

A aparência dessa natureza, paradoxalmente cuidada, rebuscada, retocada, remodelada, não-natural, pode ser vista nos menores detalhes da vida no palácio. Complicados artifícios dissimulam até mesmo o aspecto das comidas servidas nos festins:

*Do outro lado desta mesa, havia uma grande cesta e nesta vários tipos de pão: um feito, como dizem, de massa fermentada, o outro de massa triturada, um outro com levedura; um era fofo, estufado e salgado, o outro todo liso e sem sal; um era redondo, o outro longo; um feito de chifres, um menor, o outro um pouco mais gordinho. Por fim havia de todas as idades e de todas as espécies. Eles eram somente semelhantes em uma coisa, é que nenhum tinha sua aparência natural, pois lhes haviam raspado tanto que não restava mais do que uma pequena casca muito delicada.<sup>119</sup>*

*A toalha era de um tecido muito graciosamente adamascado; mas porque neste país as coisas que estão em seu natural, qualquer grau de perfeição que elas possam adquirir, não lhes são agradáveis se elas não são fantasiadas, ela estivera dobrada de um certo modo que isto parecia muito com um riacho ondulante que um pequeno vento faz docemente sobrelevar. Pois dentre várias pequenas dobras, via-se muitos tufos. Sob esta toalha havia mais uma, toda simples, que era mais curta que esta acima. Esta mesa estava guarnecida de pratos dos dois lados, excetuado a extremidade alta onde parecia haver um grande vazio, que no entanto não havia, assim como pude ver depois, mas era uma pequena toalha dobrada de um outro modo ainda mais delicadamente que a precedente, que fazia que à primeira vista se julgasse que não havia nada embaixo.<sup>120</sup>*

---

<sup>117</sup> “S’ils se reconcilient les uns avec les autres, nous voulons que ce soit qu’en bonne mine et en apparence et que toutes leurs ambrassades soyent autant de liens qui estraignent plus indissolublement leur inimitié [...]” (“No que concerne as relações sociais”, p. 123-124 na edição Droz).

<sup>118</sup> “[...] il s’agit d’exploiter les effets d’un *ars naturans*, qui n’est pas pris dans son sens renaissant d’émulation de l’art et de la nature, mais dans son sens maniériste, d’art plus fort que la nature, qui finit par la récuser et se substituer à elle.” DUBOIS, Introduction..., p. 24.

<sup>119</sup> “De l’autre costé de cette table, il y avoit une grande corbeille, et dans icelle plusieurs sortes de pain: l’un fait, comme ils disoyent, de paste levee, l’autre de paste broyée, un autre avec de la levure; l’un estoit mollet, boursoufflé et salé, l’autre tout plat, et sans sel; l’un estoit rond, l’autre long; un autre fait à cornes, l’un plus petit, l’autre un peu plus grosset. En fin il y en avoit de tous aages, et de toutes especes. Ils estoient seulement semblables en une chose, c’est que pas un n’avoit sa robe naturelle, car on les avoit tellement chappellez qu’il n’y restoit plus qu’une petite crouste fort desliée.” (P. 140 na edição Droz).

<sup>120</sup> “La nappe estoit d’un linge fort mignonement damassé; mais d’autant qu’en ce pays là les choses qui sont en leur naturel, quelque degré de perfection qu’elles puissent avoir acquis, ne leur sont point d’une certaine façon que cela ressembloit fort à quelque riviere ondoyante qu’un petit vent fait doucement souslever. Car parmy plusieurs petits plis, on y voyoit force bouillons. // Dessous ceste nappe-cy il y en avoit encore une, toute unie, qui estoit plus courte que celle de dessus. Ceste table estoit bordée d’assiettes des deux costez, excepté vers le haut bout où il y avoit un grand vuide, ce sembloit, ce qui n’estoit pas toutesfois, ainsi que je

*Os outros guardanapos que estavam em volta da mesa estavam fantasiados em vários tipos de frutas e pássaros. E como eu me divertia considerando esta indústria (não sem admiração da perda de tempo que se fazia no exercício de uma coisa tão vã) [...]*<sup>121</sup>

*Tão logo esta primeira toalha foi tirada, um gentil-homem servo veio colocar os pratos, todos cobertos, sobre esta mesa, de modo que ele estava toda carregada de carnes, sem que se soubesse o que nela havia.*<sup>122</sup>

*As carnes deste primeiro serviço estavam tão moídas, cortadas e fantasiadas que eram irreconhecíveis. Isto foi a causa de ter me limitado antes na consideração das ações do que a particularizar a natureza das carnes. Também traziam tanta elegância para comer, quanto em todo o resto. Pois primeiramente eles não tocavam nunca a carne com as mãos, mas com os garfos, eles a levavam até suas bocas alongando o pescoço e o corpo sobre seus pratos, que eram trocados com freqüência. Mesmo seus pães eram todos fatiados, sem que eles tivessem o trabalho de cortá-los e acredito que eles teriam muito desejado que fosse encontrada uma invenção com a qual não se tivesse futuramente a pena de mastigar. Pois pelo que eu pude ver, isto os ocupava muito, pois muito dentre eles tinham dentes artificiais, que eles retiraram antes de se porem à mesa.*<sup>123</sup>

*Depois disto trouxeram a fruta, mas era o que havia de menos em seu natural, pois era quase toda fantasiada em untagens, geleias líquidas e outras invenções: pois eles dizem que é muito prejudicial à saúde quando se a come assim como vem da árvore.*<sup>124</sup>

A espada, símbolo aristocrático, torna-se objeto decorativo com funções sensuais:

*[...] quanto às espadas, eram somente para a aparência, que delas não se serviam, a não ser quando queriam fazer-se de valentes, contra aqueles que não ousavam ou que não sabiam se defender. O que eu acreditei facilmente, visto suas*

---

peux voir par apres, mais c'estoit une petite napppe ployée d'une autre façon encore plus mignonement que la precedente, qui faisoit que de premier abord on jugeoit qu'il n'y avoit rien dessous." (P. 140-141 na edição Droz).

<sup>121</sup> "Les autres serviettes qui estoient à l'entour de la table estoient desguisées en plusieurs sortes de fruicts et d'oyseaux. Et comme je m'amusois à considerer ceste industrie (non sans admiration de la perte du temps que l'on faisoit à l'exercice d'une chose si vaine) [...]" (P. 141 na edição Droz).

<sup>122</sup> "Aussi tost que ceste premiere napppe fut ostee, un gentil-homme servant vint poser les plats, tous couverts, sur ceste table, de sorte qu'elle estoit toute chergée de viandes, sans qu'on sçeut ce qu'il y avoit." (P. 141 na edição Droz).

<sup>123</sup> "Les viandes de ce premier service estoient si fort hachées, descoupées et desguisées, qu'elles en estoient incogneuës. Cela fut cause que je m'arrestay plustot en la consideration des actions qu'à particulariser la nature des viandes. Aussi apportoient-ils bien autant de façon pour manger, comme en tout le reste. Car premierement ils ne touchoient jamais la viande avec les mains, mais avec des fourchettes, ils la portoient jusques dans leur bouche en allongeant le col, et le corps sur leur assiette, laquelle on leur changeoit fort souvent. Leur pain mesme estoit tout destranché, sans qu'ils eussent la peine de le couper, et croy qu'ils eussent fort désiré qu'on eust trouvé une invention qu'on n'eust point doresnavant la peine de mascher. Car à ce que j'en pouvois voir, cela les travailloit fort, aussi que beaucoup d'entre eux avoient des dents artificielles, qu'ils avoient ostées devant que de se mettre à table" (P. 144-145 na edição Droz).

<sup>124</sup> "Après cecy on porta le fruit, mais c'estoit de ce qu'il y avoit de moins en son naturel, car il estoit presque tout desguisé en tartinages, confitures liquides, et autres inventions: car ils disent qu'il est fort prejudiciable à la santé quand on le mange ainsi qu'il vient de dessus l'arbre." (P. 147 na edição Droz).

*maneiras de agir, e também que tendo considerado as bainhas, bem vi que elas não estavam ali para suportar grandes golpes: eram todas muito lindamente feitas, umas douradas, outra adamascadas; quanto à lâmina, não era nem mais larga nem mais pesada do que um chicote; e tão perfumadas que ainda que tivessem bainhas de couro coberto com veludo, o cheiro não deixaria de penetrá-las, e de propagar-se; dizia-se que isto era o motivo por que os golpes eram favoráveis, pois eles não eram tão violentamente dados que deles se morresse; que se isso acontecesse, pelo menos a morte seria muito feliz, pois teria sido dada por uma tão bela espada.<sup>125</sup>*

*Na outra extremidade deste local havia muitas armas penduradas que guardavam muito religiosamente sua virgindade. Elas eram muito douradas, muito leves e delicadamente elaboradas: com efeito, estavam lá somente para exibição e não para o uso. Pois não há espada que tenha ousado penetrar uma coisa tão rica e tão curiosamente fabricada, de modo que os Senhores destas endossavam-nas somente pela extremidade; mais como marca de sua grandeza, e para fazer aparecer a generosidade de sua coragem, que por algum feito de armas que eles esperassem ter êxito por meio destas.<sup>126</sup>*

### **Natureza e artifício no personagem hermafrodita**

Em seu passeio pelo palácio, o viajante visitou vários cômodos em que estavam hermafroditas que passavam seu tempo em ocupações cujas diferentes etapas seguiam códigos precisos sobre como vestir-se, adornar-se, comunicar-se e adorar suas divindades. Em um destes cômodos, verdadeiro salão de beleza, os hermafroditas embelezavam suas cabeças com a ajuda de aparelhos complicados, vapores e substâncias as mais diversas. Há um contraste marcante entre a sofisticação das operações estéticas realizadas, que sugerem um enigma, e seu caráter frívolo:

*[...] mal entrara no quarto quando vi três homens presos pelos cabelos por pequenas tenazes que eram puxadas por alguns pequenos braseiros, de sorte que víamos seus cabelos todos fumegantes. No início isso me assustou, e tive toda a pena do mundo para me impedir de gritar, pensando que lhes fizessem algum ultraje; mas quando eu os considerei mais de perto, reconbeci que não lhes faziam mal algum. Pois um lia um livro, outro gracejava com um criado, e outro*

---

<sup>125</sup> “[...] pour les espées que ce n’estoit que pour la mine, qu’ils ne s’en servoient point, si ce n’estoit quand ils vouloient faire les vaillans, contre ceux qui n’osoient ou qui ne se sçavoient pas deffendre. Ce que je creu facilement, veu leurs façons de faire, et aussi qu’ayant considéré les gardes, je vy bien qu’elles n’estoient pas pour soustenir de grands coups: elles estoient toutes fort mignonement faictes, les unes dorées, les autres damasquinées; quant à la lame, elle n’estoit guere plus large ny plus lourde qu’un foüet; et si parfumées qu’encore qu’elles eussent des fourreaux de cuir couvert de velours, l’odeur ne laissoit point de les penetrer, et de se respandre en dehors; on disoit que cela estoit cause que les coups en estoient favorables, car il n’estoient pas si roidement tirez qu’on en mourust; que si cela arrivoit, au moins la mort estoit fort heureuse, qui estoit donnée par une si belle espée.” (P. 69 na edição Droz).

<sup>126</sup> “A l’autre bout de ce lieu, il y avoit force d’armes pendues qui gardoient fort religieusement leur virginité. Elles estoient fort dorées, fort legeres, et mignonement elaborées: aussi n’estoient elles là que pour parade et non pour l’usage. Car il n’y a point d’espée qui eust osé penetrer une chose si riche et si curieusement fabriquée, de sorte que les Maistres d’icelles ne les endossoient jamais qu’à l’extremité; encore estoit-ce plus pour marque de leur grandeur, et pour faire paroistre la generosité de leur courage, que pour aucun faict d’armes qu’ils esperassent de faire reüssir par le moyen d’icelles.” (P. 152-153 na edição Droz).

entretinha um que se dizia filósofo; vós diríeis que queriam fazer de seus cabelos como desses rolos de estamemba, de tanto que estavam enroscados entre as tenazes; e quando toda esta cerimônia estava acabada, suas cabeças pareciam um céu coberto de pequenas nuvens encarneiradas. Deste quarto entrava-se em outros, nos quais, por estarem abertos, via-se tudo o que neles se fazia; a alguns, eram retiradas as cordinhas com as quais seus cabelos estavam enroscados, a outros, sacudiam-lhes tanto a cabeça que se poderia pensar que tratava-se de alguma árvore da qual se devesse fazer caírem frutas. Também outros havia a quem vós diríeis que se fizeram uma pequena operação de cauterização. Cada um deles tinha vários homens em volta da cadeira onde estavam sentados, um desfazendo o que o outro fizera, outro segurando entre as mãos um grande espelho (um outro tinha em suas mãos uma caixa cheia de pó semelhante àquele de Chipre, com um grande pompom de seda que ele mergulhava nesta caixa, e empoava a cabeça do paciente). Quando isso terminava, vinha um outro tendo na mão um pequeno pincel de ferro do qual se servia para tirar a abundância de pelos das Sobrancelhas, e deixar aí somente um traço muito fino para fazer a arcada. Alguns se serviam de certas gomas feitas em pequenos rolos muito finos, parecidos com a cera de Espanha da qual as Damas se servem para lacrar suas cartas, que faziam fundir em uma chama que ficava para este efeito sobre a mesa, e a aplicavam depois sobre a sobrancelha segundo o que se queria retirar; em seguida, tão logo arrancava-se esta goma com o pelo, não todavia tão destramente que não se causasse muita dor ao pobre paciente. Enquanto toda esta cerimônia se fazia, eu via um no canto do quarto que, com um certo instrumento que eles chamavam sublimatórios, fazia exalar o mercúrio num certo vapor, o qual condensado e compactado ele vinha aplicar sobre as bochechas, Fronte, e Colo do Hermafrodita. Eu via outros que usavam certas águas com as quais o lavavam que tinham tamanho poder que elas podiam tornar delicada uma tez muito grosseira. É verdade que eu soube depois que elas tinham uma outra propriedade, a de que, após ter por um tempo clarificado a tez, elas faziam do rosto uma mina de rubis, por esse meio tornando um homem rico num instante. Eu pensava que a fricção de lábios seria a última cerimônia, mas vi naquele momento um outro pôr-se de joelhos diante dele e pegando-o pela barba, lhe fazia abaixar o maxilar inferior, depois, tendo molhado o dedo em não sei que água que se encontrava perto dele em uma pequena escudela de vidro, tomou um pouco de certo pó branco, com o qual esfregou-lhe as gengivas e os dentes, depois, abrindo uma pequena caixinha, tirou não sei que ossos, que fez-lhe entrar na gengiva atando-os com um ferro bem fino, dos dois lados por onde ele podia pegá-los. Aquele que lhe colorira as bochechas veio depois com uma pequena concha e um pincel na mão, do qual ele se serviu para mudar-lhe a cor da barba que estava quase da cor do fogo. Trouxeram uma outra certa toalha bastante clara, feita em forma de luvas, com a qual ele esfregou suas bochechas, que enchava a fim de fazer desbastar o pelo que lhe crescia em demasiada abundância. Havia alguns que se ajudavam com uma escarlate, mas isso não lhes servia muito. Depois que isso estava feito, aquele que lhe enrolara o cabelo vinha com uma pequena ferramenta, que ele colocava no braseiro do qual falava acima, que lhe realçava tão bem os pelos sobre a boca, que vós teríeis dito uma goteira; e na verdade a invenção não era má no inverno, principalmente para aqueles que querem observar as regras de asseio. Eu via outros também a quem se ensaboava a barba com certas bolinhas, que lavavam depois com certas águas de cheiro.<sup>127</sup>

<sup>127</sup> “[...] à peine fus-je entré dans la chambre, que je vy trois hommes que l’on tenoit aux cheveux avec de petites tenailles que l’on tiroit de certaines petites chaufferettes, de sorte que l’on voyoit leurs cheveux tous fumeux. Cela m’effroya du commencement, et eu toutes les peines du monde à m’empescher de crier, pensant qu’on leur feist quelque outrage; mais quand je les euz considerez de plus prés, je recongneu qu’on ne leur faisoit point de mal. Car l’un lisoit dans un livre, l’autre gaussoit avec un valet, et l’autre entretenoit un

Em outro cômodo, um ambiente fechado, enfumaçado e perfumado, com paredes revestidas de tecidos, as janelas e o leito estavam protegidos por cortinas, transgredindo assim a alternância natural do dia e da noite, segundo a vontade do hermafrodita. Criados iam e vinham para servir o senhor do lugar, retiravam peças de roupas, levantavam tecidos que cobriam partes de seu corpo sem, no entanto, jamais descobri-lo por inteiro. Em um primeiro momento, o protagonista ouviu a reclamação daquele que havia sido acordado, somente uma voz, sem corpo. Em seguida, viu uma “coisa” que os serviçais cobriram com um manto forrado e bordado com brilhos. Somente depois de certo tempo o viajante descobriu que “aquilo” que ele vira era um hermafrodita, dotado de mãos e de rosto, coberto com máscara e luvas, enfeitado com um penteado em forma de corneta. O viajante assistiu a um verdadeiro cerimonial matinal do despertar de

---

qui se disoit philosophe; vous eussiez dit que l'on vouloit faire de leurs cheveux comme ces rouleaux d'estamine, tant ils estoient bien entortillés entre des tenailles; et quand toute ceste ceremonie estoit achevée, leur teste ressembloit à un temps pommelé. De ceste chambre on entroit dans d'autres, lesquelles pour estre ouvertes on y voyoit tout ce qui s'y faisoit; aux uns on ostoit de petites cordes avec lesquelles leurs cheveux estoient entortillés, aux autres on secouoit tellement la teste qu'on eust pensé que c'estoit quelque arbre de qui on devoit faire choir du fruit. Il y en avoit d'autres aussi à qui vous eussiez dit qu'on avoit baillé un ceton. Chacun d'eux avoit plusieurs hommes à l'entour de la chaise où ils estoient assis, l'un defaisant ce que l'autre avoit fait, l'autre tenant en ses mains un grand miroir (un autre avoit en ses mains une boiste pleine de poudre semblable à celle de Chipre, avec une grosse houpe de soye laquelle il plongeoit dans ceste boiste, et en saupoudroit la teste du patient). Quand cela estoit parachevé, il en venoit un autre ayant en la main un petit pinceau de fer duquel il se servoit de tirer l'abondance des poils des Sourcils, et n'y laisser qu'un traict fort delié pour faire l'arcade. Quelques uns se servoient de certaines gomme faictes par petits rouleaux fort deliés, à peu pres comme de la cire d'Espagne dont les Dames se servent pour cacheter leurs lettres, lesquels ils faisoient fondre à un flambeau qui estoit pour cet effect sur la table, et l'appliquerent apres sur le sourcil autant qu'on en vouloit oster; puis aussi tost on arrachoit ceste gomme avec le poil, non toutesfois si dextrement que cela ne feist beaucoup de douleur au pauvre patient. Durant que toute cette ceremonie se faisoit, j'en voyois un au coing de la chambre qui par un certain instrument qu'ils appelloient des sublimateires faisoit exhaler le mercure ene une certaine vapeur, laquelle ramassée et espoissie il venoit appliquer sur les joues, sur le Front, et sur le Col de l'Hermaphrodite. J'en voyois d'autres qui usoiient de certaines eaux dont on les lavoit qui avoient telle puissance qu'elles pouvoient d'un teint fort grossier en faire un delicat. Il est vray que j'ay appris depuis qu'elles avoient une autre propriété, c'est qu'apres avoir pour un temps clarifié le teint, elles faisoient du visage comme une mine de rubis, rendant par ce moyen un homme riche en un instant. Je pensois que ce frottement de levres seroit la derniere ceremonie, mais je vis à l'instant un autre se mettre à genoux devant luy et le prenant à la barbe, luy faisoit baisser la machoire d'en bas, puis ayant mouillé le doigt dans je ne sçay quelle eau qu'il avoit là aupres de luy dans une petite escuelle de verre, il prit d'une certaine poudre blanche, de laquelle il luy frota les gencives et les dents, puis ouvrant une petite boistelette, il tira je ne sçay quels ossements, lesquels il luy feit entrer dans la gencive les attachant avec un fer bien delié, des deux costez où il pouvait avoir quelque prise. Celuy qui luy avoit coloré les joues vint apres avec une petite coquille, et un pinceau en la main, duquel il se servit pour luy changer la couleur de sa barbe qui estoit à peu près de la couleur du feu. On apporta une autre certaine toille assez claire, faite en forme de gands, de laquelle il se frottoit les joues, qu'il enflait et boursouffloit à fin de faire manger le poil qui luy croissoit en trop grande abondance. Il y en avoit aussi qui s'aidoient d'une escarlatte, mais cela ne leur servait pas de beaucoup. Apres que cela estoit fait, celuy qui luy avoit tortillé les cheveux venoit avec un petit ferrement, qu'il mettoit dans la chaufferette que je disois cy-dessus, qui luy relevoit si bien le poil de dessus la bouche, que vous eussiez dit d'une goustiere; et à la vérité l'invention n'en estoit pas mauvaise en l'hyver, à ceux principalement qui veulent observer les reigles en la propreté. J'en voyois d'autres aussi à qui on savonnoit la barbe avec de certaines boulettes, qu'on lavoit apres avec de certaines eaus de senteurs.” (P. 61-63 na edição Droz).

um hermafrodita composto de objetos que, ou serviam para encobrir, ou estavam encobertos.

A aparição do personagem hermafrodita se faz por ocultação: o que dele se vê são somente véus, enfeites e coberturas que parecem encobrir um objeto frágil e importante, e suscitam uma interrogação sobre sua identidade. Assiste-se ao culto de um ser invisível em que os apetrechos usados pelos criados do Hermafrodita não dizem respeito ao seu corpo, mas à cerimônia da toaleta, fim em si mesma.<sup>128</sup> O hermafrodita está em constante representação. Com efeito, a descrição de seus atos assemelha-se à descrição de um espetáculo. Percebe-se a importância do verbo “ver” e de outros, semelhantes. O corpo existe enquanto suporte para que um conjunto de criados o vista, o enfeite, o cubra de camadas de máscaras e de cobertas, finalmente a verdadeira substância do seu ser desprovido de identidade e de personalidade.

*Assim continuando meu caminho, subi cerca de oito degraus da escadaria, ao final dos quais encontrei à mão esquerda uma porta aberta, pela qual entravam alguns homens, um dos quais portava um tecido e uma travessa dourada, um outro tinha um prato coberto, e como eram aproximadamente onze horas da manhã, eu pensei que fosse o almoço do senhor do lugar, que julgava muito mecânico, visto a sublime magnificência da residência e a multidão daqueles que estavam a seu serviço. Eu me misturei então bastante ousadamente dentre estes, que não me recusaram a entrada no quarto; pois, pelo que soube depois, ela era completamente livre quando era dia, que aí nunca começava a despontar não fosse ao menos dez horas. Desde que pus os pés no quarto, senti o mais suave perfume que fosse possível imaginar, e tão logo vi um pequeno vaso em forma de incensório em Mosaico, do qual saía o vapor que enchia todo o lugar. Este quarto era muito magnificamente atapetado, e os móveis eram muito ricos e preciosos; mas como eu queria ver o paradeiro da minha companhia, não me deleitava tão particularmente a considerá-los por hora. Eu vi então que eles iam direto para um leito bastante largo e espaçoso, que com o espaço que deixava entre ele e a parede ocupava uma boa parte do quarto. Tão logo estes, tendo todos a cabeça descoberta, se deitaram em direção dos pés da cama, esperando que um deles puxasse o cortinado; mas aquele que estava no leito começou a se queixar que o acordaram em sobressalto, e que era demasiado cedo; os seus se escusaram o melhor que puderam, e entrebriando um pouco as janelas fizeram-me ver que o Sol estava alto. Ele então, ainda sonolento, sentou-se, e tão logo lhe colocaram sobre os ombros um pequeno manto de cetim branco recamado com brilhos, e forrado com um tecido semelhante à fazenda de seda. Eu ainda não vira o que era que estava no leito, pois ainda não se viam as mãos nem o rosto; mas aquele que lhe colocara o manto logo veio retirar um tecido que lhe pendia muito baixo sobre o rosto, e remover uma máscara que não era de tecido nem da forma daquelas que usam de ordinário as Damas, pois ela era como de uma tela luzidia e muito justa, onde parecia que tivessem colocado alguma cera, contudo não cobria todo o rosto, pois era decotada em ondas na parte de baixo de receio que isso ofendesse a barba que começava a algozoar de todos os lados; depois lhe descalçaram as luvas que ele tinha nas mãos, e que usara toda a noite, ao que pude julgar, em seguida um*

*dos seus que parecia fazer-se de entendido mais que os outros lhe trouxe uma toalha com a ponta molhada, com a qual tendo esfregado muito delicadamente a ponta dos dedos, apresentaram-lhe o caldo que haviam trazido, que na aparência tinha a forma de algum concentrado ou restaurador, que ele tomou até a última gota; depois do que apresentaram-lhe num outro prato alguns doces cristalizados, feitos em forma de rolo, onde parecia haver carne misturada, dos quais depois de ter comido três ou quatro fez retirar o resto de diante de si, e então lhe trouxeram uma outra toalha molhada com a qual tendo ainda se lavado e se enxugado deram-lhe suas luvas, que ele calçou em suas mãos; depois o criado de quarto tendo-lhe recolocado sua máscara e abaixado sua corneta, tirou-lhe o manto; fiquei espantado que meu homem tenha se precipitado novamente no leito, e após tê-lo coberto fecharam novamente o cortinado, dizendo que ele ia tentar repousar ainda uma horinha. Eu acreditava, no início, que ele estava doente, mas vendo sua alegria, sua boa feição, e como comera com bom apetite, logo mudei de opinião.<sup>129</sup> (Grifos meus).*

Após sofrer este processo de embelezamento da cabeça, são descritas de maneira detalhada todas as etapas pelas quais passa um destes hermafroditas quando se veste, ajudado por criados e segundo uma ordem precisa de peças de roupa e de ornamentos.

---

<sup>128</sup> DUBOIS, Claude-Gilbert. “Horrible Sphinx et peau de panthère”, em Prose et prosateurs de la Renaissance (Mélanges offerts à Robert Aulotte). Paris: S.E.D.E.S., 1988, p. 311.

<sup>129</sup> “Ainsi continuant mon chemin, je monté environ huit degrés de l’escalier, au bout desquels je trouvè à main gauche une porte ouverte, dans laquelle entrent quelques hommes, l’un desquels portoit un linge et une assiette doree, un autre avoit un plat couvert, et d’utant que c’estoit environ sur les onze heures du matin, je croyois que c’estoit le disner du seigneur du lieu, que je trouvois fort mécanique, veu la superbe magnificence du logis et la multitude de ceux qui estoient à son service. Je me meslay donc assez hardiment parmy ceux cy, qui ne me refuserent point l’entree de la chambre; car à ce que j’ay depuis, elle estoit toute libre quand il y estoit jour, qui n’y commençoit jamais à poindre qu’il ne fust pour le moins dix heures. Dès que j’ai eus mis le pied dans la chambre, je senty la plus suave odeur qu’il estoit possible d’imaginer, et aussitost, je vy un petit vase faict en forme d’encensoir à la Mosaïque, duquel sortoit la vapeur qui remplissoit tout le lieu. Ceste chambre estoit fort superbement tapissée, et les meubles y estoient fort riches et precieux; mais d’autant que je voulois voir que deviendroit ma compagnie, je ne m’amusay pas si particulierement à les considerer pour l’heure. Je vy donc qu’ils s’en alloient droict à un lict assez large et spatieux, lequel avec l’espace qu’il laissoit entre luy et la muraille tenoit une bonne partie de la chambre. Aussi tost ceux cy ayans tous dans la teste nuë s’arrestèrent ver les pieds, en attendant que l’un d’entr’eux eust tiré le rideau; mais celuy qui estoit dans le lict commença à se plaindre qu’on l’avoit reveillé en sursault, et qu’il estoit trop matin; les siens s’excuserent du mieux qu’ils peurent, et entrebaillant un peu les contrefenestres luy firent voir que le Soleil estoit levé. Luy donc encore endormy se met en son seant, et aussi tost on luy mit sur ses espauls un petit manteau de satin blanc chamarré de clinquant, et doublé d’une estoffe ressemblant à la pane de soye. Je n’avois encore veu ce que c’estoit qui estoit dans ce lict, car on ne voyoit point encore les mains ny le visage; mais celuy qui luy avoit mis le manteau vint aussi tost luy lever un linge qui luy pendoit fort bas sur le visage, et à luy oster un masque qui n’estoit pas des etoffes ny de la forme de celuy que portent ordinairement les Dames, car il estoit comme une toille luisante et fort serrée, où il sembloit qu’on eust mis quelque gresse dessus, et si il ne se couvroit pas tout le visage, car il estoit eschancré en ondes devers le bas de peur que cela n’offençast la barbe qui commençoit à cotonner de tous costez; apres on luy osta les gands qu’il avoit aux mains, et qu’il y avoit eu toute la nuict, à ce que je peus juger, puis un des siens qui sembloit plus faire l’entendu que les autres luy apporte une serviette muillée par le bout, de laquelle s’estant frotté le bout des doigts fort delicatement, on luy presenta le bouillon qu’on luy avoit apporté, lequel à le voir avoit forme de quelque pressis ou restaurant, qu’il prit jusques à la dernière goutte; apres lequel on luy presenta dans un autre plat quelques pasttes confites, faictes en forme de rouleaux, où il y avoit quelque apparence qu’il y eust de la viande meslée parmy, desquels apres avoir mangé trois ou quatre il se fit oster le reste de devant luy, et lors on luy rapporta une autre serviette mouillée de laquelle s’estant encore lavé et essuyé on luy rebaila ses gands qu’il meit en ses mains; puis le valet de chambre luy ayant remis son masque et baissé as cornette, luy osta le manteau; je fus estonné que mon homme se ravala dans le lict, et apres l’avoir couvert on retira le rideau, disant qu’il s’en alloit tascher à repouser encore une petite heure. Je croyois au commencement qu’il fust malade, mais voyant sa gayeté, son

Também nesta passagem nota-se uma preocupação em mudar a natureza através de procedimentos complicados que têm somente um objetivo estético. No trecho abaixo, assiste-se à transformação do “pé gordo” do hermafrodita em um pequeno pé, semelhante a uma delicada pata de grifo.

*[...] um outro veio logo depois trazer um pequeno par de calçados muito estreitos e de corte gracioso; eu ria comigo mesmo de ver tão pequenos calçados e não podia compreender na verdade como um pé grande e gordo podia entrar num tão pequeno sapato, já que a regra natural quer que o continente seja maior do que o conteúdo, e todavia aqui era o contrário: vós o teríeis visto dar grandes pancadas contra o chão e com seu movimento fazer tremer tudo o que estava sob ele; depois deram-lhe grandes pancadas contra a ponta do pé. Isso me fazia lembrar aqueles que querem representar alguma coisa em uma comédia. Pois eu via um homem com um joelho no chão e o outro no ar sobre o qual ele pusera uma perna, e bater com a mão, ora a ponta do pé, ora o calcanhar, depois, com uma certa pele, fazer entrar de modo justo o calçado, até o lugar onde ele devia ir. Certos grandes laços serviam depois para fazê-lo segurar mais firmemente, os quais eram feitos de modo que pareciam uma rosa ou alguma outra flor parecida. Coisa maravilhosa este pé, que me parecera tão grande antes de ser calçado; eu o julgava depois tão pequeno que dificilmente podia reconhecê-lo, e o teria quase tomado pelo pé de algum grifo. Eles diziam que tudo isso se fazia para a multiplicação dos corpos, que não é uma pequena ciência na natureza.<sup>130</sup>*

No cerimonial que resume a vida dos hermafroditas tudo é artifício. A aparência, os gestos e o comportamento dessas personagens são estetizados, são manifestações formais que fazem parte de um ritual repetido diariamente de maneira minuciosa. O hermafrodita existe através da formalização estética. Aliás, os hermafroditas do palácio se parecem todos entre si, não têm profundidade psicológica nem singularidades individuais, são personagens vazios.

---

bon visage, et comme il avoit mangé de bon appetit, je changeay aussi tost d'opinion.” (P. 59-61 na edição Droz).

<sup>130</sup> “[...] un autre vint incontinent apres apporter une petite paire de souliers fort estroicts et mignonement descoupez; je me mocquois en moy mesme de voir si petite chausseuse et ne pouvois comprendre à la verité comme un grand et gros pied pouvoit entrer dans un si petit soullier, puis que la reigle naturelle veut que le contenant soit plus grand que le contenu, et toutesfois c'estoit icy le contraire: vous luy eussiez veu frapper de grands coups contre terre et faire par son mouvement trembler tout ce qui estoit sous luy; puis on luy baille de grands coups contre le bout du pied. Cela me faisoit ressouvenir de ceux qui veulent représenter quelque chose en une comedie. Car je voyois un homme le genouil en terre et l'autre en l'air sur lequel il avoit mis une jambe, et frapper de la main, tantost le bout du pied, tantost le talon, puis avec une certaine peau faire entrer justement la chaussure, jusques au lieu où elle devoit aller. De certains grands liens servoient apres à la faire tenir plus ferme, lesquelz on façonnoit en sorte qu'ils sembloient une rose ou quelque autre fleur semblable. Chose merueilleuse que ce pied, qui m'avoit semblé si grand devant que d'estre chaussé; je le trouvoy apres si petit qu'à peine le pouvois-je reconnoistre, et l'eussiez quase pris pour le pied de quelque griffon. Ils disoient que tout cela se faisoit pour la multiplication des corps, qui n'est pas une petite science en la nature.” (P. 63-64 na edição Droz).



## ***A linguagem hermafrodita***

Os hermafroditas parecem conhecer o grego, o latim, alguns deles o italiano, além de outras línguas. O viajante e seus interlocutores se comunicam em italiano e em latim, mas suas conversas são transcritas em francês, língua vernácula. A língua italiana, em moda na corte francesa, que desde Francisco I recebia artistas italianos, tornou-se ainda mais presente por influência de Catarina de Medicis e, depois, de Maria de Medicis:

*Nesta ruela iam as três pessoas que eu dizia acima, e começaram a invocar este ídolo por nomes que não se podem bem representar em nossa língua, pois toda a linguagem, e todos os termos dos Hermafroditas, são os mesmos que os Gramáticos chamam de gênero comum, e referem-se tanto ao macho quanto à fêmea; todavia desejando saber quais discursos eles faziam lá, um de seu séquito, de quem eu me aproximara, e que entendia bem o Italiano, me disse que eles davam mil louvores às suas perfeições, e entre outras, que eles louvavam muito a beleza e a brancura de suas mãos [...]*<sup>131</sup>

*[...] em volta das quais havia uma palavra latina que quer dizer em nossa língua companheiro de armas.*<sup>132</sup>

*Eu queria acabar de ver todo o resto desta história, mas vendo um dos domésticos de lá que me pareceu de um modo bastante cortês aproximar-se de mim, eu pensei que seria melhor saber o que significava tudo isso; e julgando que ele entendia a língua Latina, como eu ouvira dizer aos outros algumas palavras aqui e acolá, eu lhe roguei que me explicasse com a mesma linguagem estas figuras que estavam aqui representadas, o que ele se ofereceu para fazer livremente [...]*<sup>133</sup>

*[...] abrindo uma porta onde havia uma pequena cabina, na qual estavam alguns armários sobre alguns dos quais havia livros e sobre os outros vários papéis; nalguns haviam Pasquins, Sátiras, e outros tipos de poesias, e sobre os outros estavam as cópias das quais eu falei acima, das quais ele me deu uma em Latim que eu depois traduzi em nossa língua, como vós podereis ver neste papel, se fazer a leitura for de vosso grado. E então, fazendo trazer um pequeno cofre, ele tirou um papel, onde nós encontramos o que se segue.*<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup> “En ceste ruelle allerent les trois personnes que je disoy ci-dessus, et commencerent à invoquer ceste idole par des noms qui ne se peuvent pas bien représenter en nostre langue, d’autant que tout le langage, et tous les termes des *Hermaphrodites*, sont de mesmes ceux que les Grammairiens appellent du genre commun, et tiennent autant du masle que de la femelle; toutesfois desirant savoir quels discours ils tenoient là, un de leur suite, de qui je m’estois accosté, et qui entendoit bien l’Italien, me dict qu’ils donnoient mille louanges à ses perfections, et entre autres qu’ils loüoient fort la beauté et la blancheur de ses mains [...]” (P. 71-72 na edição Droz).

<sup>132</sup> “[...] à l’entour desquelles il y avoit un mot latin qui veut dire en nostre langue compaignon d’armes.” (P. 73 na edição Droz).

<sup>133</sup> “Je voulois achever de voir tout le reste de ceste histoire, mais voyant un des domestiques de là dedans qui me sembla d’une façon assez accostable s’approcher de moi, je pensay qu’il valoit mieux apprendre que signifiroit tout cela; et jugeant qu’il entendoit la langue Latine, d’autant que j’en avois ouy dire aux autres quelques mots par cy par là, je le priay au mesme langage de m’expliquer ces figures qui estoient là représentées, ce qu’il s’offrit de faire librement [...]” (P. 74-75 na edição Droz).

<sup>134</sup> “[...] ouvrant une porte où il y avoit un petit cabinet, dans lequel estoient quelques armoiries, sur quelques unes desquelles il y avoit des livres et sur les autres plusieurs papiers; dans quelques uns il y avoit des Pasquins, Satyres, et autres sortes de poësies, et sur les autres estoient les coppies dont j’ay parlé cy-dessus,

*Os livros que se lerão mais comumente, e dos quais tomar-se-á assunto de exortação, serão Ovídio, Catulo, Tibério, Propércio, traduzidos em várias e diversas línguas, segundo o uso das nações.*<sup>135</sup>

*Os banquetes e festins se farão, de preferência à noite que de dia, com toda a superfluidade, prodigalidade, curiosidade e delicadeza possíveis, e segundo a invenção e opulência dos ricos presentes ou por vir poderá permitir, queremos que se use todo tipo de cristas e de línguas, entre outras dos Galos, dos Pavões e dos Rouxinóis [...]*<sup>136</sup>

*Porque os nossos têm entre eles vários conluios, conspirações, intentos e empresas secretas, seja por amor, seja pelo Estado, nós lhes permitimos e temos permitido ter desde agora e para sempre alguma língua ou jargão composto segundo sua fantasia que eles nomearão com algum nome estranho, como Mesopotâmica, Pantagruélica e outros. Usarão também sinais ao invés de palavras, a fim de serem entendidos em seus pensamentos mais secretos, por seus consabedores, e sem serem descobertos.*<sup>137</sup>

Os hermafroditas obedecem a regras que dizem respeito à linguagem, esparsas nos diversos itens de sua legislação, nem sempre explícitas. Sua língua, assim como o epônimo habitante da ilha, tem gênero duplo, entrando em um “sistema geral de simbolização que determina o modo de expressão verbal como modalidade particular de um modo de vida”<sup>138</sup>.

*[...] começaram a invocar este ídolo por nomes que não se podem bem representar em nossa língua, pois toda a linguagem, e todos os termos dos Hermafroditas, são os mesmos que os Gramáticos chamam de gênero comum, e referem-se tanto ao macho quanto à fêmea [...]*<sup>139</sup>

---

dont il m'en bailla une en Latin que j'ay depuis traduite en nostre langue, comme vous pourrez voir dans ce papier, s'il vous plaist d'en faire la lecture. Et la dessus faisant apporter une cassette il en tira un papier, où nous trouvasmes ce qui s'ensuit.” (P. 79 na edição Droz).

<sup>135</sup> “Les livres qui se liront le plus communement, et desquels on prendra le subject de l'exhortation, seront Ovide, Catulle, Tibulle, Properce, traduits en plusieurs et diverses langues, selon l'usage des nations.” (P. 87 na edição Droz).

<sup>136</sup> “Les banquetes et festins se feront plustost de nuit, que de jour, avec toute la superfluité, prodigalité, curiosité et delicatesses que faire se pourra, et selon que l'invention et l'opulence des riches presens ou advenir la pourra permettre, voulons qu'on use de toutes sortes de crestes et de langues, entre autres des Cocs, de Paons et des Rossignolz [...].” (“Pour ce qui concerne la police”, p. 107 na edição Droz).

<sup>137</sup> “D'autant que les nostres ont entre eux plusieurs menées, conspirations, desseins, et entreprises secrettes, soit pour l'amour, soit pour l'Etat, nous leur avons permis et permettons d'avoir dès maintenant et à tousjours quelque langue ou jargon composé à leur fantaisie qu'ils nommeront de quelque nom estrange, comme Mesopotamique, Pantagruelique, et autres. Useront aussi de signes au lieu de paroles, à fin d'estre entendus en leurs pensées plus secrettes, par leurs consaçhans, et sans estre decouverttes.” (“Pour ce qui concerne l'entregent”, p. 115 na edição Droz).

<sup>138</sup> “[...] système général de symbolisation qui détermine le mode d'expression verbale comme modalité particulière d'un mode de vie.” DUBOIS, “Horrible sphinx...”, p. 311.

<sup>139</sup> “[...] commencerent à invoquer ceste idole par des noms qui ne se peuvent pas bien représenter en nostre langue, d'autant que tout le langage, et tous les termes des *Hermaphrodites*, sont de mesmes ceux que les Grammairiens appellent du genre commun, et tiennent autant du masle que de la femelle [...].” (P. 71 na edição Droz).

Na linguagem hermafrodita há uma constante dissociação entre o manifesto e o escondido, que gera comportamentos e discursos dissimulados sob um código secreto. Assim, a divisa “Todos os acordos” (“A tous accords”), escrita na página inicial desta utopia, acompanhada do desenho de um hermafrodita, simboliza um acordo superficial que não vai além da palavra, e dissimula a duplicidade no plano pessoal e político.

*Seus discursos serão o mais freqüentemente coisas inventadas, sem verdade nem sem alguma aparência de razão e o ornamento de sua linguagem será renegar e blasfemar pausadamente, e com gravidade fazer várias imprecções e maldições e outras flores de nossa Retórica para sustentar ou para persuadir à mentira, e quando eles quiserem persuadir a uma coisa falsa, eles começarão por estas palavras: “A verdade é...”<sup>140</sup>*

*Porque os nossos têm entre eles vários conluios, conspirações, intentos e empresas secretas, seja por amor, seja pelo Estado, nós lhes permitimos e temos permitido ter desde agora e para sempre alguma língua ou jargão composto segundo sua fantasia que eles nomearão com algum nome estranho, como Mesopotâmica, Pantagruélica e outros. Usarão também sinais ao invés de palavras, a fim de serem entendidos em seus pensamentos mais secretos, por seus consabedores, e sem serem descobertos.<sup>141</sup>*

A escolha das palavras obedece ao critério da sofisticação e tem como princípio a formação de uma elite de iniciados que se diferenciam dos profanos, que não conhecem a linguagem codificada hermafrodita. É grande a preocupação em manter secreta a linguagem da elite. Em caso de banalização do vocabulário, os hermafroditas procedem à criação de novos termos para que haja sempre uma distância entre a língua do vulgo e aquela dos seletos hermafroditas. Ou seja, “o hermafroditismo aplica à linguagem uma política de privilégios, como aquela que existe no vestuário e no modo de vida no cotidiano dos aristocratas.”<sup>142</sup>

---

<sup>140</sup> “Leurs discours seront le plus souvent de choses controuvées, sans verité, ny sans aucune apparence de raison, et l’ornement de leur langage sera de renier et de blasphemer posément, et avec gravité faire plusieurs imprecations et maledictions, et autres fleurs de nostre Rethorique pour soustenir ou pour persuader une choses faulse, ils commenceront par ces mots: ‘La verité est...’”(“Pour ce qui concerne l’entregent”, p. 113 na edição Droz).

<sup>141</sup> “D’autant que les nostres ont entre eux plusieurs menées, conspirations, desseins, et entreprises secrettes, soit pour l’amour, soit pour l’Estat, nous leur avons permis et permettons d’avoir dès maintenant et à toujours quelque langue ou jargon composé à leur fantaisie qu’ils nommeront de quelque nom estrange, comme Mesopotamique, Pantagruelique, et autres. Useront aussi de signes au lieu de paroles, à fin d’estre entendus en leurs pensées plus secrettes, par leurs consaçhans, et sans estre descoberts.” (“Pour ce qui concerne l’entregent”, p. 115 na edição Droz).

<sup>142</sup> “[...] l’hermaphrodisme applique au langage une politique de privilèges, comme il en existe dans l’habillement et dans le mode de vie au quotidien des aristocrates.” DUBOIS, “Horrible Sphinx...”, p. 312.

*Por graça e privilégio especial nós queremos também que seja permitido a nossos súditos inventar os termos e as palavras necessárias para a civil conversação, os quais terão ordinariamente duplo sentido: um representando ao pé da letra o que eles tiverem vontade de dizer, outro, um sentido místico de volúpia que somente será entendido por seus semelhantes ou que terão sido seus legionários, com esta observação, que, pronunciando-o, o som seja doce, de medo de ofender a delicadeza de suas orelhas, com proibições de usar outros, qualquer substância, propriedade ou significação que eles possam ter do que quisermos dizer. E a fim de que a continuação não lhes possa trazer algum aborrecimento, nós estimamos ser muito a propósito mudá-los todos os anos, a fim de que, se com o tempo o vulgar os quiser usar, eles possam quanto a eles ter sempre alguma coisa de particular.<sup>143</sup>*

O código lingüístico tem as mesmas características do código que rege a indumentária e, na frase abaixo, ao invés de “vestir-se”, poderíamos se ler “expressar-se em palavras”<sup>144</sup>.

*Cada um poderá vestir-se segundo sua fantasia, por mais bizarra que possa ser a invenção, desde que o inventor tenha nele a virtude que nossos contrários chamam petulância [...]*<sup>145</sup>

Dubois lembra que a palavra “invenção” é tirada do vocabulário da retórica e aplicada ao vestuário. A *inventio* resulta de uma *dispositio* elaborada dos argumentos. Se invertermos o procedimento aplicando os termos do vestuário à linguagem, continuando a ler “expressar-se em palavras” no lugar de “vestir-se”, podemos ler, ao invés de “tecido”, “frase”, e ao invés de “trajes”, “propósitos”:

*Cada um poderá vestir-se segundo sua fantasia, desde que seja bravamente, sublimemente e sem nenhuma distinção nem consideração sobre sua qualidade ou faculdade. Que se, no feitiço, um tecido, por precioso que seja, não for enriquecido com supérfluos bordados em ouro, prata, pedrarias e pérolas, e mais freqüentemente sem decência, nós estimamos tais trajes vis, mesquinhos e indignos de serem vestidos em boas companhias, reputando toda modéstia nisto*

---

<sup>143</sup> “Par grace et privilege special nous voulons aussi qu’il soit permis à nos subjects d’inventer les termes et les mots nécessaires pour la civile conversation, lesquels seront ordinairement à deux ententes: l’une représentant à la lettre ce qu’ils auront envie de dire, l’autre un sens mystique de voluptez, qui ne sera entendu que de leurs semblables, ou qui auront esté leurs legionnaires, avec ceste observation, que le son en soit doux en le prononçant, de peur d’offencer la delicatesse de leurs oreilles, avec deffences d’en user d’autres, quelque substance, propriété ou signification qu’ils puissent avoir de ce qu’on voudra dire. Et à fin que la continuation ne leur puisse apporter quelque ennuy, nous estimons qu’il est fort à propos de les changer tous les ans, à fin que si à la longue le vulgaire en vouloit user, ils puissent quant à eux avoir tousjours quelque chose de particulier.” (“Pour ce qui concerne l’entregent”, p. 114-115 na edição Droz).

<sup>144</sup> DUBOIS, “Horrible Sphinx...”, p. 314.

<sup>145</sup> “Chacun se pourra habiller à as fantaisie, quelque bizarre que puisse estre l’invention, pourveu que l’inventeur ait en luy la vertu que nos contraires appellent effronterie [...]” (“Pour ce qui concerne la police”, p. 108 na edição Droz).

por baixezça de coração e falta de espírito. [...] pois nesta Ilha o hábito faz o monge, e não o contrário.<sup>146</sup> (Grifos meus).

Vimos anteriormente que os exagerados cuidados dedicados à toalete, à indumentária e aos tratamentos de pele indicam o valor da superfície do corpo e a importância dada à sua ocultação. Na linguagem dos hermafroditas, observa-se um procedimento similar que privilegia os adjetivos em detrimento dos substantivos: “estas pessoas de qualidade privilegiam a qualificação.”<sup>147</sup> Neste procedimento, vemos a antecipação do desenvolvimento futuro da *préciosité*, linguagem preciosa que usa abundantemente qualificativos e advérbios, que definem qualidades e maneiras. O substantivo permanece oculto por uma longa lista de atributos. A *bonne mine*, aparência, opõe-se à *bonne chère*, o suporte da aparência. Mais tarde, como lembra Dubois, Chrysale oporá a ética burguesa da *bonne soupe* à estética preciosa do *beau langage*<sup>148</sup>. O cuidado excessivo com a superfície revela a preocupação com uma permanente e ambígua demonstração: é ocultando e tratando com artifícios que se mostra. O *beau langage* é tratado segundo a mesma lógica: desaparece a ligação entre forma e conteúdo, resta somente o malabarismo verbal, o virtuosismo formal, o uso amaneirado da linguagem.<sup>149</sup>

### ***As ordenanças***

Um terço da Ilha dos Hermafroditas é composto de um enunciado de regras que parodiam um código jurídico. Os menores detalhes dos atos da vida dos hermafroditas estão codificados segundo disposições precisas, representativas de uma etiqueta, organizadas em cinco partes: 1) ordenanças sobre a religião, acompanhada dos artigos de fé dos hermafroditas, de extremo materialismo, 2) ordenanças sobre a justiça e os oficiais do estado, 3) sobre a polícia, 4) sobre as relações sociais e 5) sobre as leis militares.

---

<sup>146</sup> “Chacun pourra s’abiller à sa fantaisie, pourveu que ce soit bravement, superbement, et sans aucune distinction ny consideration de sa qualité ou faculté. Que si une étoffe mise en oeuvre, quelque précieuse qu’elle soit, n’est enrichie avec superfluité de broderie d’or, d’argent, de pierreries, et de perles, et le plus souvent sans bien-seance, nous tenons tels accoustrements pour vils, mesquins, et indignes d’estre portez aux bonnes compagnies, reputans toute modestie en cela pour bassesse de coeur et faute d’esprit. [...] car en ceste Isle l’habit fait le moine, et non pas le contraire.” (“Pour ce qui concerne la police”, p. 105 na edição Droz).

<sup>147</sup> “Ces gens de qualité privilégient la qualification.” DUBOIS, “Horrible sphinx...”, p. 313.

<sup>148</sup> DUBOIS, “Horrible sphinx...”, p. 311. Chrysale é um personagem da peça de teatro de Molière Les femmes savantes, de 1672. Ele é casado com Philaminte, uma “précieuse ridicule”, que despediu sua criada alegando que ela cometia erros de gramática imperdoáveis. Chrysale se opõe a ela dizendo: “Qu’importe qu’elle manque aux lois de Vaugelas,/ Pourvu qu’à la cuisine elle ne manque pas?/ J’aime mieux, pour moi, qu’en épiluchant ses herbes, /Elle accomode mal les noms avec les verbes,/ Et redise cent fois un bas ou méchant mot,/ Que de brûler ma viande, ou saler trop mon pot./ Je vis de bonne soupe, et non de beau langage./ Vaugelas n’apprend point à bien faire un potage;/ Et Malherbe et Balzac, si savants en beaux mots,/ En cuisine peut-être auraient été des sots” (Ato II, cena 7. Grifo meu). MOLIÈRE. Les femmes savantes. Paris: Classiques Hachette, 1991.

O texto é composto de permissões, de interdições e de negações de interditos. A força da forma está em apoiar-se em um código, em um conjunto de proibições e de prescrições, que fazem do livro das leis um objeto sagrado. As enunciações negativas, numerosas, talvez se refiram ao Deus em nome do qual tanto sangue foi derramado na Europa, revelando uma posição de “desencantado agnosticismo” que “evidencia a superação de qualquer tipo de teologia e credo religioso.”<sup>150</sup>

[...] *nós lhe permitimos no entanto trazer a chave do que suas mulheres tiverem a fechadura [...]*<sup>151</sup>

*Nós queremos e entendemos que [...]*<sup>152</sup>

[...] *proibimos também muito expressamente [...]*<sup>153</sup>

*Nós ignoramos a criação [...]*<sup>154</sup>

[...] *nós não temos por crime o homicídio quando o inimigo for pego à sua desvantagem [...]*<sup>155</sup>

[...] *nós não impedimos de acomodar-se com as outras religiões [...]*<sup>156</sup>

Para Dubois, esses capítulos têm a forma de uma “lista ou de um catálogo, organizado segundo as formas de um código (religioso, civil, militar), e o princípio gerador é a ironia, que procede por paradoxos e inversão da norma jurídica”<sup>157</sup>. De fato, A Ilha dos Hermafroditas pode ser vista como uma sátira que apresenta exatamente o contrário do que poderiam desejar “as instâncias religiosas, políticas e as correntes estéticas, convergindo no que poderíamos chamar de ‘ordem barroca’: estes jovens aparecem desta maneira como relíquias de uma ordem mais antiga, em estado de decadência por suas hipertrofias quanto às maneiras, os resíduos de um maneirismo de corte no terreno de reconstrução do Estado e da Igreja”<sup>158</sup>.

---

<sup>149</sup> DUBOIS, “Horrible Sphinx...”, p. 312-313.

<sup>150</sup> “Questa posizione di disincantato agnosticismo evidenzia il superamento di ogni tipo di teologia e di ogni credo religioso.” CAMBI, “Storia e utopia...”, p. 118.

<sup>151</sup> “[...] nous leur permettons neantmoins de porter la clef de ce dont leurs femmes auront la serrure [...]” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 92 na edição Droz).

<sup>152</sup> “Nous voulons et entendons que [...]” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 93 na edição Droz).

<sup>153</sup> “[...] nous leur deffendons tres-expressément [...]” (“Ordonnances sur le fait de la religion”, p. 84 na edição Droz).

<sup>154</sup> “Nous ignorons la creation [...]” (“Articles de foy des hermaphrodites”, p. 89 na edição Droz).

<sup>155</sup> “[...] nous ne tenons point pour crime l’homicide, quand bien l’ennemy y auroit esté pris à son desavantage [...]” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 90 na edição Droz).

<sup>156</sup> “[...] nous n’empeschons pas de s’accomoder avec les autres religions [...]” (“Ordonnances sur le fait de la religion”, p. 82 na edição Droz).

<sup>157</sup> “[...] la liste ou le catalogue, organisé suivant les formes d’un code (religieux, civil, militaire) et le principe générateur en est l’ironie, qui procède par paradoxes et renversement de la norme juridique.” DUBOIS, Introduction..., p. 27.

<sup>158</sup> “[...] les instances religieuses, politiques et les courants esthétiques convergeant dans ce qu’on peut appeler ‘ordre baroque’: ces jeunes gens apparaissent ainsi comme les reliques d’un ordre plus ancien, en état de

A base destas leis é tripla: o prazer, a liberdade e o lucro. A principal regra consiste em usar a liberdade para tirar o máximo proveito da realização do próprio prazer, ou seja, a regra subentendida a toda a legislação traduz-se em um liberalismo sem limites que equivale a promover ganhos reservados à classe privilegiada, àqueles que têm dinheiro e poder. O dinheiro é o princípio que rege a legislação e leva ao paroxismo formulações hedonistas e liberais como estas:

*Nós permitimos também aos pais e às mães traficar suas crianças para servirem de sacrifício ao amor, desde que seja a algum grande que lhes dê boa recompensa e sobre o qual eles possam fundar uma bela esperança.<sup>159</sup>*

*Eis porque nós permitimos a todos os nossos juízes e oficiais que serão do número de nossos mais fiéis e afeiçoados súditos, de tomar sem escrúpulos, julgar a partir da etiqueta, fingir algum déficit ou calar alguma coisa importante, supor falsos títulos, lembrar-se somente das razões daqueles a quem eles quiserem fazer justiça, ou seja, favorecer, ajustar e reformar as sentenças ou decretos que tiverem sido dados, declarar os segredos e opiniões da assembleia, omitir às enquetes e interrogatórios muitas coisas de assunto ousado, dar lição aos falsos testemunhos, prolongar o julgamento ou abreviá-los segundo a utilidade de seus amigos e outras invenções necessárias ao devido e exercício de seus encargos, sem que por isto eles devam apreender serem jamais condenados, ou temer nenhuma Mercuriale, pois em todas estas coisas estimamos que devemos usar da proporção Geométrica. Também retiramos as balanças de nossa justiça e lhes demos olhos e mãos corretos.<sup>160</sup>*

*Aqueles que tiverem a administração de nossas finanças serão constrangidos e obrigados a escutar sobre todas as coisas estas duas regras, de subtração e de multiplicação, para ajudar-se de uma em suas receitas, e de outra na despesa. Também queremos que eles saibam aumentar os registros (Enquadrar as linhas, Determinar as somas totais, Supor viagens e outros itens) a fim de que em suas contas eles possam preparar um capítulo dos dinheiros contados, e não pagos, no qual eles incluirão também as faturas das quais tiverem somente pago, no máximo, o quarto, ou o terço, como dons, recompensas, cauções, quitação de dívidas, pagamento de rendas, mandamentos e outros tipos de rendimentos, os quais todavia eles redigirão detalhadamente às custas deles, suporão não-valores, tirarão em segredo ordenanças não ordenadas, darão os deniers reais com juros, câmbio e recâmbio, os quais serão em seu proveito e não àquele do Príncipe, a serviço de quem eles estarão.<sup>161</sup>*

---

décadence par ses hypertrophies sur les manières, les résidus d'un maniérisme de Cour sur le chantier de reconstruction de l'Etat et de l'Eglise." DUBOIS, Introduction..., p. 25.

<sup>159</sup> "Nous permettons aussi aux peres et aux meres de traffiquer leurs enfants pour servir de sacrifice à l'amour, pourveu que ce soit à quelque grand qui leur donne bonne recompense, et sur lequel ils puissent fonder une belle esperance." ("Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat", p. 93 na edição Droz).

<sup>160</sup> "C'est pourquoy ("Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat", p. 95 na edição Droz).

<sup>161</sup> "Ceux qui auront le maniement de nos finances seront tenus et obligez d'entendre sur toutes les choses ces deux reigles, de subtraction et de multiplication, pour s'ayder de l'une en leurs recepte, et de l'autre en la despence. Aussi voulons nous qu'ils sçachent enfler les rooles (Quadrer les lignes, Monter les sommes totales, Supposer voyages, et autres parties) à fin qu'en leurs comptes ils puissent dresser un chapitre de deniers compez, et non payez, ausquels ils comprendront aussi les parties dont ils n'auront payé que le quart, ou le tiers, pour le plus, comme dons, recompences, gages, acquits de debtes, payement de rentes, mandemens, et

O resultado da lei é o seu desvio ou a sua acomodação à lei do lucro. O desvio, ou qualquer outra irregularidade, é um componente da regra. O que no campo da ética leva a uma perversão, no campo da estética leva à anamorfose, distorção da forma que gera o paradoxo, semelhante às criações maneiristas que esvaziam a norma de seu conteúdo por hipérbole de seu funcionamento até o absurdo, o desregramento, a anormalidade. O princípio desta legislação é a oposição entre o ser e o parecer, entre o funcionamento da regra e seu desregramento sistemático.

A regulamentação paradoxal é enriquecida com efeitos irônicos produzidos pela linguagem preciosa e pelo teor sórdido dos enunciados.

*Que se houver algum marido que tenha ciúmes de sua mulher, ainda que ele mereça alguma punição por um tão grande crime, nós lhe permitimos no entanto trazer a chave do que suas mulheres tiverem a fechadura, de mantê-las confinadas o mais que poderão, desde que haja alguma pequena abertura por onde possa entrar a chuva de Danaé. Entendemos que aqueles ou aquelas que eles lhes darão como guardas ou espões lhes sirvam de meios para corrompê-las. Queremos semelhantemente que as mulheres não se detenham em tudo o que lhes poderão dizer seus ditos maridos, mas dêem-se sempre bom tempo o mais que puderem; aconselhamos todavia de se comportar o mais secretamente possível, de medo que não lhes sobrevenha apoplexia accidental ou algum mal supernatural.<sup>162</sup>*

O uso do princípio da contradição é tático e orientado pela lei da vantagem pecuniária. Com efeito, muitas leis contêm em si concessões à sua aplicação:

*E ainda que nós tenhamos o casamento por coisa ridícula e inteiramente contrária a nossos desejos e vontades, dissipando as afeições mais freqüentemente do que lhes conservando, todavia, como ele traz comodidades ao amor de um segundo, nós permitimos seu uso; além do que, sob esta cobertura, as coisas, que de outro modo seriam divulgadas a todo mundo, se metem mais facilmente encobertas.<sup>163</sup>*

---

autres natures de deniers, lesquelles toutefois ils coucheront tout au long en leur despence, supposeront de non valeurs tireront sous main des ordonnances non ordonnées, bailleront les deniers royaux à interest, change, et rechange, lesquels tourneront à leur profit, et non pas à celui du Prince, au service duquel ils seront.” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 97 na edição Droz).

<sup>162</sup> “Que si il y a quelque mary qui soit jaloux de sa femme, encore qu’il merite quelque punition pour un si grand crime, nous leur permettons neantmoins de porter la clef de ce dont leurs femmes auront la serrure, de les tenir renfermées le plus qu’ils pourront, pourveu qu’il y ait quelque petite ouverture par où puisse entrer la pluye de Danaé. Entendons que ceux ou celles qu’ils leur bailleront pour gardes ou pour espies, leur servent de moyens pour les corrompre. Voulons semblablement que les femmes ne s’arrestent point à tout ce que leur pourroient dire leursdits maris, mais se donnent tousjours du bon temps le plus qu’elles pourront; conseillons toutesfois de s’y comporter le plus secrettement que faire se pourra, de crainte qu’il ne leur survienne apoplexie accidentelle, ou quelque mal de coeur supernatural.” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 91-92 na edição Droz).

<sup>163</sup> “Et encore que nous tenions le mariage pour une chose ridicule et du tout contraire à nos désirs et volonte, dissipant les affections le plus souvent plustost qu’il ne les entretient, toutesfois d’autant qu’il apporte des commoditez à l’amour d’un second, nous en avons permis l’usage, joint que sous ceste



No código civil dos hermafroditas é apresentada, ao contrário do que se poderia esperar de um conjunto de leis, uma série de permissões em que o instinto tem grande parte. A palavra “liberdade” aparece inúmeras vezes no texto. Tal liberdade vigora em diferentes setores da vida, e particularmente no setor econômico, em que há uma liberdade total e sem obstáculos de ordem ética para qualquer empreendimento. Há uma ironia marcada no texto: a lei natural e a regra de liberdade enunciadas provocam a negação de um equilíbrio social e uma injusta repartição dos bens:

*Nos anos em que o trigo e o vinho forem mais raros que de costume, principalmente nos países onde não existam em grande quantidade, nós permitimos aos nossos armazená-los e vendê-los somente em situação extrema, a fim de tirar mais facilmente todo o mau sangue do público que vem a eles durante os anos de abundância [...]*<sup>164</sup>

As leis hermafroditas são uma paródia das leis - não enunciadas - do liberalismo desmesurado, que favorece a concentração de riquezas e de poderes em poucas mãos. A paródia destas leis denuncia os resultados socialmente nefastos. A legislação deste estado, fundada sobre os ganhos indevidos, em certo sentido seguindo princípios de Maquiavel, e seguindo uma lógica de inversão de sentidos, mostra que, na Ilha dos Hermafroditas, liberdade e privilégio estão vinculados, assim como um ato de avareza pode fazer-se passar por liberalidade:

*Ainda que nós tenhamos a caridade por pura tolice, como uma invenção que serve somente para esvaçar as bolsas, que nós queiramos que as nossas estejam sempre plenas, todavia, porque ela tem reputação junto à gente e que faz-se caso daqueles que a abraçam, nós aconselhamos aos mais avisados dentre os nossos de assistir e tomar o partido de um pobre contra um rico, o qual, no entanto, não será tão apoiado e favorecido quanto eles, a fim de que ajudando a um eles possam despojar o outro e que sua avareza lhes traga o renome de liberalidade.*<sup>165</sup>

---

couverture les choses se mettent plus facilement à couvert, qui autrement seroient divulguées à tout le monde.” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 94 na edição Droz).

<sup>164</sup> “Les années que le bled et le vin sera plus rare que de coutume, aux pays principalement où il n’est pas en trop grande quantité, nous permettons aux nostres d’en faire magasin et de ne le débiter qu’à l’extrémité, à fin d’en tirer plus aisément tout le mauvais sang du public qui leur vient durant les années de l’abondance [...]” (“Pour ce qui concerne la police”, p. 102 na edição Droz).

<sup>165</sup> “Encore que nous tenions la charité pour une pure nyaiserie comme une invention qui ne sert qu’à vuidier les bourses que nous voulons que les nostres ayent toujours pleines, toutefois toutesfois d’autant qu’elle est en reputation parmy le monde et que l’on fait cas de ceux qui l’embrassent, nous conseillons aux plus sages et mieux advisez d’ntre les nostres d’assister et prendre party d’un pauvre contre un riche lequel néanmoins ne sera pas tant appuyé et favorisé qu’eux afin qu’en aydant à l’un ils puissent dépouiller l’autre, et que de leur avarece leur revienne un renom de libéralité.” (“Pour ce qui concerne la police”, p. 108 na edição Droz).

Segundo Dubois, o liberalismo desmedido acompanhado de manobras maquiavélicas caracterizará a política de Sully e de Colbert: “ordem, centralização, protecionismo, expansionismo mercantil. É a política econômica do que é convencionalmente chamado, desde J. A. Maravall, ‘o Estado barroco’”<sup>166</sup>. A Ilha dos Hermafroditas é mais do que a referência a um tempo passado, da corte de Henrique III, e a presença da figura do hermafrodita é mais do que uma moda passageira. A obra possui também um valor mais geral, de panfleto contra o que resta de um naturalismo corrompido, de forma decadente, que ataca um materialismo tido como deformado e um maneirismo que se traduz em “efeitos de obliquidade e de perversão de valores”, semelhante aos procedimentos da anamorfose, porém, aplicada à moral<sup>167</sup>.

As duas bases da ética hermafrodita (o desejo e a liberdade) remetem a um epicurismo que cultiva uma sensualidade hipertrofiada, própria a espíritos fortes muito intelectualizados (mas não religiosos) e a um liberalismo econômico com fins egoístas. A denúncia se refere à incoerência do projeto: a apologia da natureza leva a uma legislação meticulosa e paródica, e à instauração de obstáculos dos quais nós mostramos o caráter neurótico (‘sádico’). Fundado na natureza, o desejo se satisfaz somente mediante um ritual que se apresenta como fim em detrimento do objeto ‘natural’ do desejo. Trata-se de demonstrar, pela ironia e pela irrisão que se projetam sobre estas práticas, que o tempo da ‘natureza’ e da ‘liberdade’ (que recobrem apenas infâmias) acabou, que chegou o tempo da Ordem e da tripla Unidade do Rei, da Lei e da Fé. O hermafroditismo é a versão caricatural de um maneirismo que se demora no campo de construção de um estado barroco, com sua pompa, sua glória, suas vestes púrpuras e suas espadas, que não são feitas para decorar o forro de veludo perfumado dos hermafroditas, mas para abater e cortar<sup>168</sup>.

### ***Natureza e lei na Ilha dos hermafroditas***

A Ilha dos Hermafroditas é constituída por uma contradição central entre o recurso à natureza e a recusa da lei. O recurso à natureza, que justifica o desejo,

---

<sup>166</sup> “[...] ordre, centralisation, protectionnisme, expansionisme mercantile. C’est la politique économique de ce qu’il est convenu d’appeler, depuis J. A. Maravall, ‘l’Etat baroque’”. DUBOIS, Introduction..., p. 39.

<sup>167</sup> “[...] effets d’obliquité et de perversion de valeurs [...]” Idem, ibidem.

<sup>168</sup> “Les deux bases de l’éthique hermaphrodite (le désir et la liberté) renvoient à un épicurisme qui cultive une sensualité hypertrophiée, propre à des esprits forts très intellectualisés (mais pas religieux) et à un libéralisme économique à visées égoïstes. La dénonciation porte sur l’incohérence du projet: l’apologie de la nature aboutit à une législation méticuleuse et parodique, et à l’instauration de contraintes dont nous avons relevé le caractère névrotique (‘sadien’). Fondé en nature, le désir n’arrive à se satisfaire que par l’intermédiaire d’un rituel qui s’érige en fin au détriment de l’objet ‘naturel’ du désir. Il s’agit de démontrer, par l’ironie et la dérision qui se projettent sur ces pratiques, qu’il est bien fini le temps de la ‘nature’ et de la ‘liberté’ (lesquelles ne recouvrent que des infâmies), qu’il est venu enfin le temps de l’Ordre et de la triple Unité du Roi, de la Loi et de la Foi. L’hermaphroditisme est la version caricaturale d’un maniérisme qui s’attarde sur le chantier de construction de l’Etat baroque, avec sa pompe, sa gloire, ses robes pourpres et ses épées, qui ne sont pas

acompanha-se da recusa dos princípios e leis que regem comportamentos amplamente aceitos, de inspiração cristã. Porém, tal recusa dá origem a uma regulamentação precisa e extravagante, e engendra uma nova lei, carnavalesca e incoerente, que se aplicada a todas as ações dos hermafroditas, até mesmo às mais banais. Para realizar o desejo, deve-se passar por uma lei que o mascara e permite sua realização, desde que seja por meio de artifícios complicados e elaborados e por meio de uma legislação invertida. Ou seja, a natureza é usada para justificar o desejo, mas este desejo só pode se realizar de maneira organizada, controlada, mediante uma “lei transgressora”.

O uso da palavra “natureza” não se funda no naturalismo anterior que busca a harmonia dos contrários. Os hermafroditas não traduzem os ideais universais do retorno à natureza e à liberdade. Estes ideais, na utopia de Artus Thomas, mascaram atitudes hipócritas. Nela a natureza está longe de passar por uma elaboração racional, ao contrário, representa o abandono sem entraves à força do desejo:

*[...] nós que queremos viver tanto quanto se possa as naturais inclinações às quais nós somos naturalmente dados, sem forçá-las nem constringer de sorte e maneira que seja [...]*<sup>169</sup>

Apesar da restrição enunciada pelo “tanto quanto se possa”, percebe-se que o ideal hermafrodita é a satisfação total e ilimitada das vontades. Porém, tal satisfação só pode realizar-se mediante a submissão a um conjunto de regras onde as práticas de prazer estão catalogadas e regulamentadas. Há nisso uma contradição central: a liberdade absoluta dá ensejo a uma regulamentação estrita em que abandonar-se ao desejo não significa transgredir, e sim uma obrigação. Como sugere Dubois, o resultado pode comparar-se a uma jurisdição que faz recordar Sade:

*No que concerne aos incestos do pai com a filha, do irmão com a irmã, do genro com a sogra, e outros, que os loucos e desavisados estimam tamanbo crime, nós queremos e entendemos que se possa usar de toda franqueza e liberdade, contanto que isto concirna e aumente em proporção as famílias, se alguma consangüinidade puder ser distinguida entre eles.*<sup>170</sup>

---

faites pour décorer le fourreau de velours parfumé des hermaphrodites, mais pour abattre et pour trancher.”  
Idem, *ibidem*, p. 39-40.

<sup>169</sup> “[...] nous voulons vivre autant que faire se peut les naturelles inclinations auxquelles nous sommes naturellement addonnés sans les forcer ni contraindre en quelque manière que ce soit [...]” (“Pour ce qui concerne l’entregent”, p. 121 na edição Droz).

<sup>170</sup> “Pour le regard des incestes du père qvec la fille, du frère avec la soeur du genro avec la belle-mère, et d’autres que les folz et mal advisez tiennent à si grand crime, nous voulons et entendons qu’on en puisse user avec toute franchise et liberté, attendu que cela concerne et augmente d’autant plus les familles, si aucune

*Nós permitimos também aos pais e às mães traficar suas crianças para servirem de sacrifício ao amor, desde que seja a algum grande que lhes dê boa recompensa e sobre o qual eles possam fundar uma bela esperança.*<sup>171</sup>

Nas citações acima estão invertidos, em nome de uma regulamentação contrária à natureza, os princípios dos dez mandamentos, os interditos sociais tradicionais e os usos que a tradição tornou naturais. Percebe-se que, por trás das recomendações escandalosas, há um objetivo definido: aumentar as famílias, obter recompensas ou “uma bela esperança”. Dubois coloca em paralelo o “culto desenfreado” da satisfação e o “culto frenético” do desejo em Sade: “este culto desenfreado constitui, após o naturalismo renascentista fundado sobre a harmonia dos opostos, a mesma inflexão perversa do culto frenético sádico do desejo - este também justificado na natureza, segundo um imaginário que hipertrofia e inverte o naturalismo do Iluminismo”<sup>172</sup>. Além disso, tanto em Sade como em Artus Thomas, o desejo segue certa codificação, “é o nó do complexo: um cadinho de contradições onde a liberdade absoluta leva a uma estrita regulamentação, onde o abandono ao desejo se metamorfoseia em obrigação, onde a via da satisfação passa por aquela de uma jurisdição”<sup>173</sup>.

Uma questão vem à tona: “por que recusar as restrições que a tradição tornou naturais, substituindo-as por leis de uma contra-natureza regulamentada?”<sup>174</sup> A satisfação dos desejos é regida pelo interesse, já que tudo é permitido desde que haja lucro. Assim, conclui-se que natureza e liberdade servem de máscaras para encobrir uma finalidade econômica e social maior, ou seja, o lucro. A natureza e a liberdade dissimulam os fins reais escondidos por detrás da satisfação desenfreada dos desejos: ganhar a qualquer custo. Passa-se da “economia epicurista do desejo proveitoso à regra geral do lucro, e daí a uma série de regras de aplicação ditadas pelos aproveitadores”<sup>175</sup>. Natureza e liberdade, regidas pela lei do interesse individual, servem de fachada para o capitalismo encoberto, que se apoia sobre um naturalismo e um liberalismo sem limites. Desse modo, tal lei “selvagem”

---

consanguinité peut être distinguée parmi eux.” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 92-93 na edição Droz).

<sup>171</sup> “Nous permettons aux pères et mères de trafiquer leurs enfants pour servir de sacrifice à l’amour, pourvu que ce soit à quelque grand qui leur donne bonne récompense et sur lequel ils puissent fonder une belle espérance.” (“Pour ce qui concerne la justice, et officiers de cet estat”, p. 93 na edição Droz).

<sup>172</sup> “Ce culte ‘effrenée’ constitue, après le naturalisme renaissant fondé sur l’harmonie des opposés, la même inflexion perverse que le culte frénétique sadien du désir, lui aussi justifié en ‘nature’, suivant un imaginaire qui hypertrophie et inverse le naturalisme des Lumières.” DUBOIS, Introduction..., p. 34-35.

<sup>173</sup> “C’est le noeud du complexe: un creuset de contradictions où la liberté absolue engendre une stricte réglementation, où l’abandon au désir se métamorphose en obligation, où la voie de la satisfaction passe par celle d’une juridiction.” DUBOIS, Introduction..., p. 35.

<sup>174</sup> “[...] pourquoi refuser les contraintes que la tradition a rendu naturelles pour leur substituer les lois d’une contre-nature réglementée?” DUBOIS, “L’Hermaphrodite: une allégorie énigmatique...”, p. 20.

cria uma imagem de natureza muito diversa daquela edênica e idílica, que norteia as utopias fundamentadas em uma imagem maternal de natureza.

Nas leis desta ilha singular há uma tensão entre natureza e liberdade postas em posição ambivalente. Dubois vê nessa contradição uma denúncia da atitude intelectual e moral do hermafroditismo como “pecado de lógica” presente na estética e na política do século XVII. A atitude intelectual do hermafroditismo caracterizar-se-ia pela “superposição de concepções contraditórias concernindo às noções de natureza e de liberdade” que se encontram em dois campos estreitamente ligados: a estética e a política<sup>176</sup>.

Nas proposições finais da Ilha dos Hermafroditas (que Dubois considera a utopia propriamente dita) é estabelecido “um programa intelectual e moral de inspiração cristã não afirmada, mas facilmente reconhecível, simétrica ao naturalismo culturalizado e decadente que impera na ilha dos hermafroditas”<sup>177</sup>. Por “naturalismo culturalizado” Dubois entende a contradição na qual vive esta sociedade, que se inclina, ao mesmo tempo, à natureza e à recusa da lei natural. A contradição entre o recurso à natureza como justificativa para a satisfação total dos desejos, que, no entanto, só podem se realizar mediante artifícios, e o desprezo pelas regras comuns de relação, substituídas por outras, extravagantes e incoerentes, caracteriza o hermafroditismo como uma forma de dandismo, onde a ação e as relações entre indivíduo e coletividade estão submetidas a regras estéticas:

Esse sentimento estético da vida, muito particular porque é dominado pelo ritual, pelo cerimonial, pelo culto da aparência, pela preocupação obsessiva com o detalhe e com a etiqueta, determina uma atitude narcisista, no plano individual, e egoísta, no plano social, onde se encontra a mesma ambivalência que nas funções atribuídas aos termos de natureza e de liberdade<sup>178</sup>.

Ou seja, a vida individual e sua relação com a vida coletiva são estabelecidas em função de uma preocupação estética, onde natureza e liberdade estão posicionadas de modo paradoxal.

---

<sup>175</sup> “[...] l'économie épicurienne du désir profitable, à la règle généralisée du profit, et de là à une série de règles d'application dictées par les profiteurs.” Idem, *ibidem*, p. 20.

<sup>176</sup> “[...] superposition de conceptions contradictoires concernant les notions de nature et de liberté [...]” Idem, *ibidem*, p. 29.

<sup>177</sup> “[...] un programme intellectuel et moral d'inspiration chrétienne non affirmée, mais facilement reconnaissable, symétrique du naturalisme culturalisé et décadent qui sévit dans l'île des Hermaphrodites.” DUBOIS, *Introduction...*, p. 28.

<sup>178</sup> “Ce sentiment esthétique de la vie, très particulier parce qu'il est dominé par le rituel, le cérémonial, le culte de l'apparence, le souci obsessionnel du détail et de l'étiquette, détermine une attitude narcissique, sur le plan social, où se retrouve la même ambivalence que dans les fonctions imparties aux termes de nature et de liberté.” Idem, *ibidem*, p. 29.

### ***O termo “hermafrodita” à época da Ilha dos Hermafroditas***

O substantivo “hermafrodita” tem os dois gêneros, masculino e feminino, tanto no francês quanto no português. Seu uso vem dos mitos do andrógino e do hermafrodita, que alimentaram construções simbólicas diferentes no decorrer dos séculos. O primeiro, expressão mística da integração bem-sucedida de contrários, inspirou criações em que foi empregado sobretudo com uma conotação positiva. Já o mito do hermafrodita, manifestação do conflito entre partes que, apesar de reunidas, permanecem em desacordo, exprime uma idéia depreciativa de homem dividido, dissimulado e moralmente ambíguo. O hermafrodita deve ser compreendido em relação ao andrógino, já que estas duas figuras são ao mesmo tempo aparentadas e diversas. Estudaremos a seguir seus mitos, assim como os empregos neutros e simbólicos figurados atribuídos ao termo “hermafrodita” na época de Artus Thomas.

Os casos de hermafroditismo encontrados na natureza repertoriados em épocas remotas inspiraram Ovídio e Plínio, o Velho e deram origem a inúmeras lendas e digressões. Em fins do século XV e início do século XVII encontram-se duas acepções para a palavra “hermaphrodit” ou “hermaphrodite”: técnica e figurada. O termo é neutro, quando faz parte do vocabulário técnico da medicina, e simbólico, em tratados de política. No sentido técnico, o termo era usado por médicos, designando um tipo de anomalia anatômica. Na acepção figurada, tratava-se de um termo pejorativo usado para simbolizar uma forma de oportunismo moral, econômico, filosófico e político encoberto por uma conduta e um discurso ambíguos. Para estudar as diversas implicações do termo “hermafrodita” na utopia de Artus Thomas, é necessário ter em mente o mito do andrógino e o mito do hermafrodita, contados por Platão e por Ovídio, respectivamente (consultar Anexo de textos).

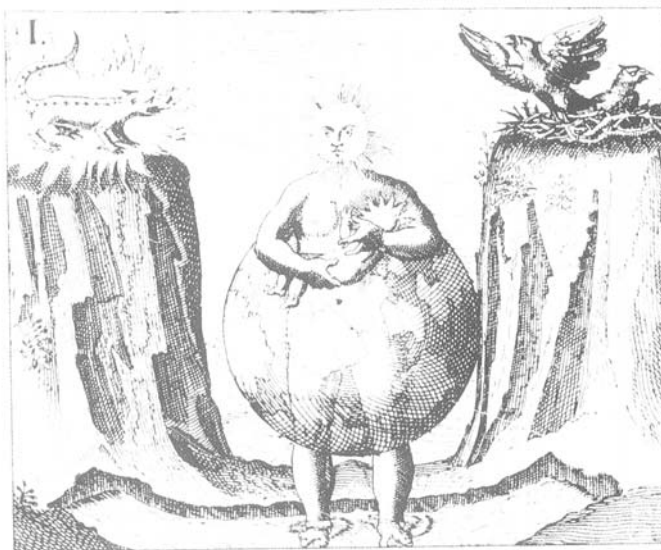
### ***O mito do andrógino***

A primeira referência escrita ao andrógino encontra-se no Banquete, de Platão, na réplica de Aristófanes em que narra a gênese da diferenciação sexual, e discorre sobre a natureza do amor como o desejo de retorno a um estado de completude perdido, representado pelo andrógino.

O andrógino, em Platão, uma das três criaturas que habitavam a terra e que foram fendidas devido à fúria de Zeus, possuía os dois sexos, representando assim a dicotomia do homem primordial. Sua forma era esférica, configuração geométrica que traduz a idéia de perfeição e de totalidade. Em cada ser humano criado a partir dele existe, portanto, a busca

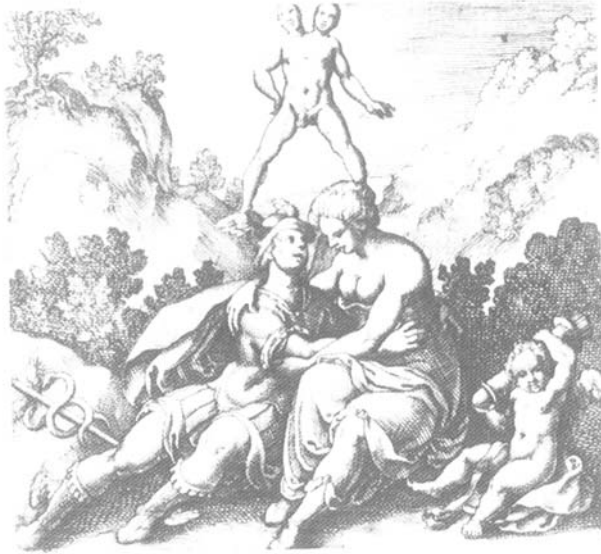
de sua metade complementar capaz de fazê-lo reencontrar seu estado andrógino perdido. Cosmicamente, a perfeição espiritual consiste neste processo de totalização, em que se busca a expressão do ser universal, do “Uno”. Os humanistas franceses do século XVII adotaram esta idéia com entusiasmo, e podemos até mesmo encontrar a representação do rei Francisco I como hermafrodita, metade homem, metade mulher, em um retrato alegórico. O mito do andrógino é usado por Platão e em seguida “por outros teóricos do amor como ilustração das origens longínquas de um sentimento dividido.”

Na literatura alquímica, o andrógino é simbolizado pelo símbolo “rebis”, do latim, *res bina*, “feita de dois”, e se refere à harmonização de contrários elementares, como por exemplo, o enxofre e o mercúrio. Metaforicamente, ele significa a *conjunctio oppositorum*, ou harmonização dos contrários e reintegração dos opostos em uma unidade substancial. A origem platônica do mito do andrógino e as relações que ele mantém com o conceito de *harmonia* estiveram presentes em períodos como o Renascimento, em que se buscou uma síntese entre a harmonia espacial e o desenvolvimento histórico.



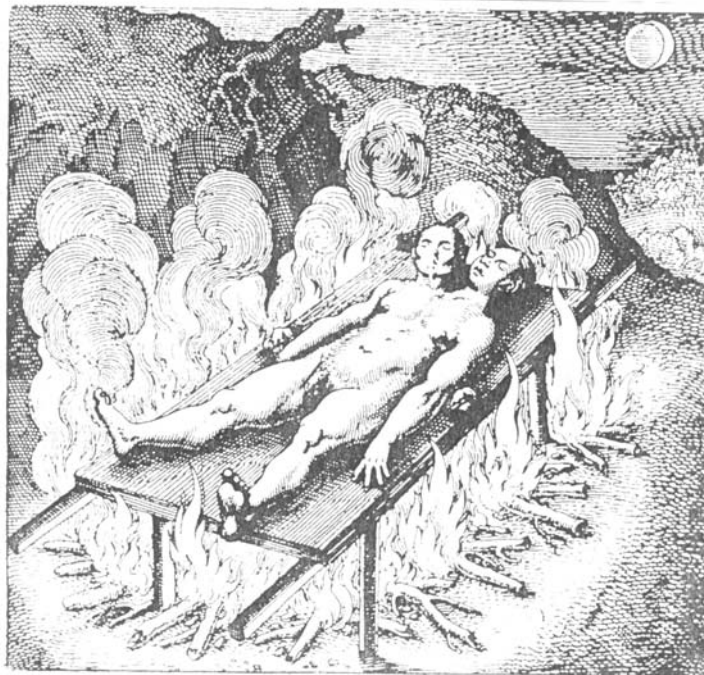
*Andrógino alquímico*

J. D. Mylius, *Philosophia reformata*, Frankfurt, 1622.



*Hermes e Afrodite*

Michel Maier, Atalanta fugiens, Frankfurt, 1617.



*Andrógino na fogueira*

Michel Maier, Atalanta fugiens, Frankfurt, 1617.





*Francisco I vestido de hermafrodita*

Gravura feita a partir de uma pintura de Niccolo dell'Abate, França, século XVI

Maurizio Cambi, em sua leitura da utopia de Artus Thomas, interpreta o hermafrodita na acepção do andrógino, e vê nele a representação do ser total e completo em si mesmo. Ele privilegia o fato dos habitantes da ilha dos hermafroditas serem criaturas tolerantes, capazes de viverem numa comunidade onde coexistem religiões diversas, de falarem latim e serem capazes de entender várias línguas, de bem receberem os estrangeiros, sendo receptivos ao ponto de adotar seus costumes, se os considerarem interessantes. Tais criaturas possuiriam os desejos e até mesmo as qualidades dos dois sexos, aproximando-se deste modo, portanto, de uma divindade: para Cambi, o hermafrodita soma diferentes qualidades e potencialidades em uma só criatura.

O hermafroditismo, símbolo de ambigüidade sexual quando o autor o usa instrumentalmente para atacar o rei, pode ser também aplicado, com uma conotação positiva, à comunidade. Para os habitantes da ilha esta anomalia, longe de constituir um defeito, representa, antes, a complementaridade dos sexos, a riqueza da totalidade. Estes hermafroditas não possuem somente os sinais sexuais do macho e da fêmea (como na célebre metamorfose ovidiana); têm também os desejos do macho e da fêmea e até mesmo as capacidades. Artus, então, apresenta o hermafroditismo como a síntese real de duas pessoas, de duas competências diversas e de duas potencialidades complementares. O hermafrodita, portanto, é um ser universal, no qual se reunificaram as duas metades separadas do Simposio platônico. O andrógino de que fala Artus é o verdadeiro ser excelso que ‘se eleva sobre os nomes e as formas’ e que, só poderia colocar-se no ‘ponto em que mesmo as divisões sexuais sejam superadas’, representando o símbolo da identidade suprema. A prova disto é a sua capacidade de entender e falar muitas línguas: exprimem-se usualmente em latim mas não deixam de entender o francês e o italiano. São dotados de um bom senso, por assim dizer, ‘dobrado’, por isso em sua ilha não se conhecem conflitos, já que eles teriam excluído qualquer motivo de disputa. Naturalmente sociáveis, os hermafroditas – elemento não muito corrente nas utopias – acolhem com grande favor os estrangeiros para que possam mostrar novidades de todo tipo, que serão avaliadas e, se julgadas positivas, serão adotadas na comunidade. Deste modo, os hermafroditas, por sua natureza ‘completa’, constituirão um modelo político enriquecido de componentes que o tornarão universal. Graças à sua condição anômala, estes hermafroditas obviamente também superaram toda diferença religiosa<sup>179</sup>.

---

<sup>179</sup> ‘L’ermafroditismo, simbolo di ambiguità sessuale quando l’autore le utilizza strumentalmente per attaccare per il re, può essere anche applicato, con una connotazione positiva, alla comunità. Per gli abitanti dell’isola quest’anomalia, lungi dal costituire un difetto, rappresenta piuttosto la complementarità dei sessi, la ricchezza della totalità. Questi ermafroditi non posseggono soltanto i *segni sessuali* del maschio e della femmina (come deriva dalla celebre metamorfosi ovidiana); ma hanno anche i *desideri* del maschio e della femmina e perfino le capacità. Artus dunque presenta l’ermafroditismo come la sintesi reale di due persone, di due diverse competenze e di due complementari potenzialità. L’ermafrodito, dunque, è un essere universale, nel quale si sono riunificate le due metà separate del *Simposio* platonico. L’andrógino di cui Artus è il vero essere excelso che ‘s’innalza al di sopra dei nomi e delle forme’ e che quindi non può che collocarsi nel ‘punto in cui anche le divisioni sessuali vengono superate’, rappresentando il simbolo dell’identità suprema. Prova di ciò è la loro

Esta interpretação é interessante, pois contrapõe à realidade de recentes conflitos religiosos e guerras a figura androgínica, que exprime um desejo de tolerância e de unidade. No entanto, no texto de Artus Thomas, a aceção de hermafrodita parece apontar para outra interpretação, de conotação pejorativa e irônica, indicando um novo tipo de homem que aparece no início do século XVII, como veremos.

O sentido místico do andrógino se encontra na cabala, em que há a figura de Adam Kadmon, e no cristianismo, na figura do Cristo de dupla natureza.

### ***O mito do hermafrodita***

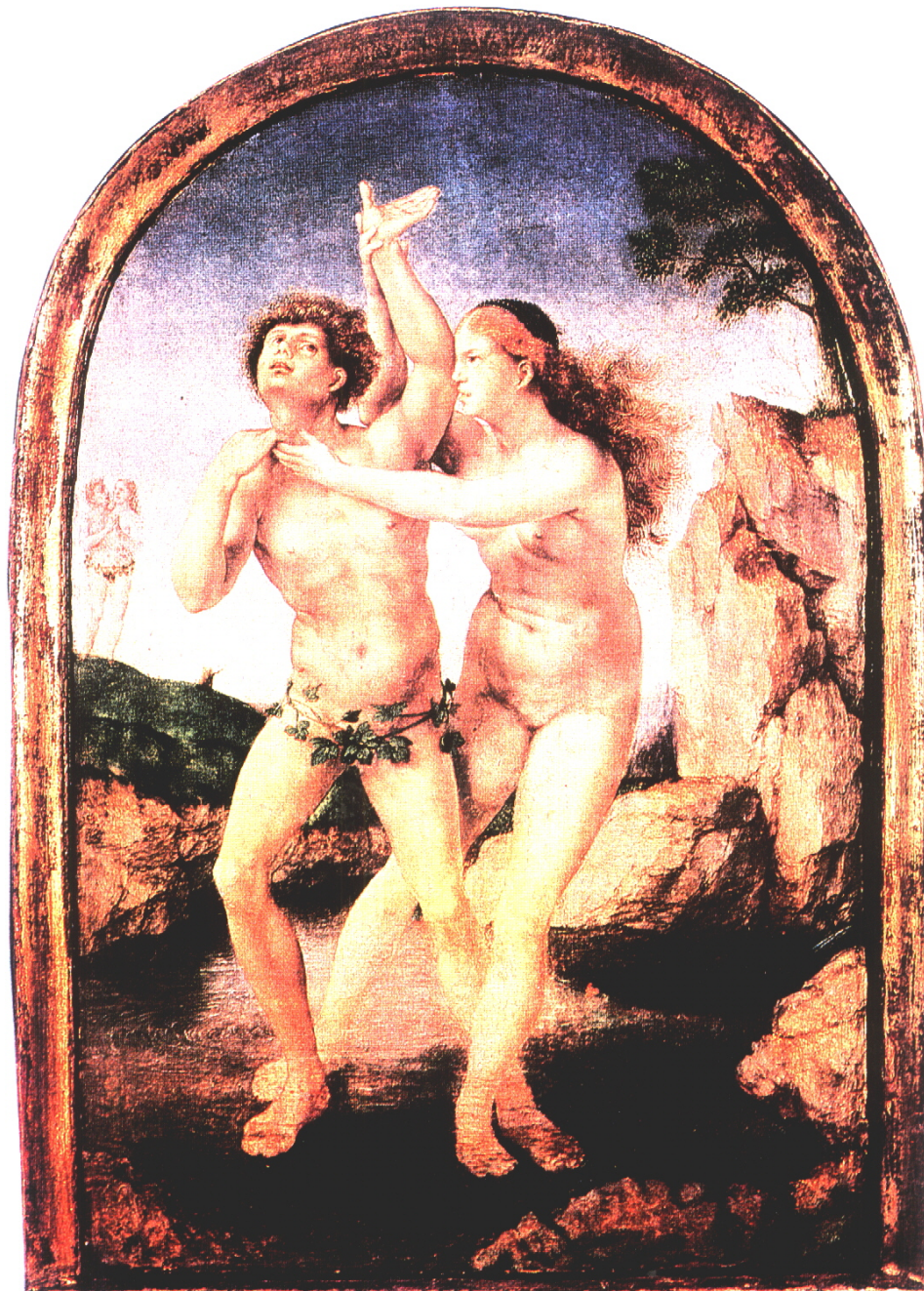
O mito do hermafrodita é apresentado nas Metamorfoses de Ovídio, sua representação literária mais bem sucedida. A ninfa Salmacis se apaixona pelo jovem Hermafrodita, filho de Hermes e de Afrodite, quando ele vem banhar-se nas águas de seu lago. Não obtendo reciprocidade, ela pede aos deuses que juntem seu corpo ao dele, numa operação de hibridização sexual (consultar Anexo de textos).

A origem histórica do hermafrodita está na Grécia antiga: trata-se de uma invenção dos artistas helenísticos de que se apropriaram em seguida os poetas alexandrinos. Na Antigüidade, este processo complexo, figurado pela representação do hermafrodita, aparece após o auge da civilização grega, na Grécia Alexandrina, e dos *epyllia* ovidianos. Segundo Dubois, a história do hermafrodita e de seu uso é uma invenção dos períodos de decadência. As primeiras representações esculturais do Hermafrodita datam do período alexandrino, por volta do século II a.C. Ele participa do longo percurso da escultura grega: desde o século VII a.C. os escultores clássicos buscaram representar no corpo humano o masculino e o feminino, embora com a presença mais marcada deste último. A partir do século IV a.C., houve uma tendência para a feminização da anatomia, sendo comum encontrar cabeças de homem em corpos delicados. No século XVI, ele aparece após a voga do termo andrógino, após outro momento de auge, o Renascimento, naquele período que Curtius, Panofsky e Marcel Raymond chamaram de maneirismo, ou Renascimento tardio. O hermafrodita se refere a uma época passada e anuncia questões que serão desenvolvidas

---

capacità di capire e parlare più lingue: si esprimono usualmente in latino ma non mancano di comprendere il francese e l'italiano. Sono dotati di un buon senso, come dire, 'raddoppiato', per cui sulla loro isola non si conoscono contrasti di sorta, avendo loro provveduto previamente a rimuovere ogni motivo di contesa. Naturalmente socievoli, gli ermafroditi – elemento questo non troppo diffuso nelle utopie – accolgono con grande favore gli stranieri perché questi possano far conoscere loro novità di ogni tipo, che essi vaglieranno e, se giudicate positive, adotteranno nella loro comunità. In questo modo gli ermafroditi, assecondando progressivamente la loro natura 'completa', costituiranno un modello politico tanto ricco di componenti da risultare universale. Proprio grazie alla loro anomala condizione, questi ermafroditi ovviamente hanno anche superato ogni contrasto religioso." CAMBI, "Storia e utopia...", p. 116-117.

posteriormente. Segundo Dubois, o hermafroditismo é um prolongamento maneirista nos anos em que o barroco se estabelece. Seu mito inspirou produções em que predomina uma atitude de estetismo.



*Metamorfose de Hermafrodite e Salmacis*  
Óleo de Mabuse, Flandres, início do século XVI.

Marie Delcourt mostra que não se pode separar o hermafrodita da representação estetizada:

Pronunciar o nome “Hermafrodita” é evocar, em um museu de Florença ou de Roma, uma figura deitada sobre o flanco, com a cabeça pousada sobre uma almofada, que os visitantes abordam de costas. Eles devem contorná-la para que ela lhes revele seu segredo. Aqueles que vêem este ser gracioso, oprimido por um nome pesado demais, seriam incapazes de lembrar-se de uma só lenda na qual ele esteja implicado. Podem acreditar que, reunindo em si os atributos dos dois sexos, o escultor obedeceu a uma simples fantasia, ao desejo de instigar a curiosidade e de brincar com um tema protegido pelas mais severas proibições<sup>180</sup>.

Percebe-se na representação esculpida do Hermafrodita uma vontade de materializar sua característica mais importante, o enigma. A normalidade aparente esconde uma anomalia dissimulada. O objetivo da representação deste ser híbrido é a exposição sutil da diferença: a partir dos cânones da harmonia clássica cria-se uma representação que brinca com as regras e desperta a curiosidade.



*O hermafrodita adormecido*

---

<sup>180</sup> “Prononcer le nom d’Hermaphrodite, c’est évoquer, dans un musée de Florence ou de Rome, une figure allongée sur le flanc, le front posé sur un coussin, que les visiteurs abordent de dos. Ils doivent la contourner pour qu’elle leur livre son secret. Cet être gracile, écrasé par un nom trop lourd, ceux qui le regardent seraient incapables de se rappeler une seule légende à laquelle il soit mêlé. Ils peuvent croire qu’en réunissant en lui les attributs des deux sexes le sculpteur a obéi à une simple fantaisie, au désir de piquer la curiosité et de jouer avec le sujet que protègent les interdictions les plus sévères.” DELCOURT, Marie. Hermaphrodite, mythes et rites de la bisexualité dans l’antiquité classique. Paris: P.U.F., 1958, p.1.





*O hermafrodita adormecido*

“Obra romana da época imperial, século II d.C., encontrada em Roma, perto das termas de Diocleciano. O hermafrodita foi executado em mármore grego. Em 1619, o cardinal Scipion Borghese confiou a Bernini a execução do colchão em mármore de Carrara sobre o qual está deitado o mármore antigo. No mesmo ano, David Larique trabalhou no restauro do Hermafrodita.

A obra foi concebida para ser apreciada em dois tempos: primeiramente, uma graciosa fisionomia e um corpo de mulher salientam a feminilidade do personagem; em seguida, contornando a escultura, a morfologia andrógina surpreende. Este efeito de contraste e de ambigüidade, de predileção pela estranheza, são apreciados ao final do período helenístico. O espírito da época romana reproduz provavelmente uma origem grega do século II a.C. Plínio o Velho cita um hermafroditus nobilis de Polyclès em sua História natural (XXXIV, 8). No entanto, como ele não o descreve, não se pode estabelecer com certeza uma ligação com o Hermafrodita adormecido” (Louvre).

### ***Diferenças entre os mitos do andrógino e do hermafrodita***

Os mitos do andrógino e do hermafrodita, quando comparados, apresentam, em um primeiro momento, movimentos contrários de separação e de junção. Enquanto no primeiro há separação de um todo composto de dois elementos contrários, masculino e feminino, há, no segundo, uma junção forçada dos mesmos elementos. No mito do andrógino, as partes separadas buscam unir-se novamente em um movimento de reintegração harmônica, enquanto que no mito do hermafrodita as partes reunidas estão em conflito permanente, representando uma união estéril, indicada pelo efeito desvirilizante das águas onde se deu a hibridização.

No androginismo, o desejo amoroso é a força dinâmica que move a harmonização de contrários. No hermafroditismo não há tal força, mas um estado de hibridização provocado por uma junção forçada, onde a clivagem original não desaparece. Mesmo unidos em um só corpo, Salmacis e o Hermafrodita mantém o estado de conflito simbolizado pela esterilidade. Portanto, “o mito do hermafrodita significa o fracasso de uma união e ilustra os estados mal definidos de hibridização: ambivalência, ambigüidade, anfibologia, separação de um sujeito cujas contradições se neutralizam, ao invés de se confortarem”<sup>181</sup>.

O mito do hermafrodita está estreitamente ligado às produções estéticas e a uma atitude de estetismo, diferentemente do mito do andrógino, que inspirou construções simbólicas com conteúdo intelectual importante. A origem helenística do hermafrodita indicou o caminho de sua interpretação nas obras artísticas e literárias posteriores: o hermafrodita está estreitamente ligado a uma produção estetizada, em que uma figura aparentemente canônica, apresentada segundo uma ordem clássica e harmônica, apresenta discretamente uma anormalidade, mostrando que o objetivo da obra consiste em salientar a diferença, expor a desarmonia dissimulada.

### ***Uso técnico da palavra “hermafrodita”***

No início do século XVII, na área da teratologia médica, a palavra “hermafrodita” era empregada em sentido técnico, e designava os casos de deformação anatômica em que era oferecida a ilusão de um sexo duplo. Também se registra o uso do termo para significar simplesmente a união sexual. Vários médicos se interessaram pelos diferentes casos de anomalias que puderam observar ou supor, chegando à controvérsia na defesa de suas

---

<sup>181</sup> “Le mythe de l’hermaphrodite signifie l’échec de l’union, et illustre les états mal définis de l’hybridation: ambivalence, ambiguïté, amphibologie, clivage d’un sujet dont les contradictions se neutralisent au lieu de se conforter.” DUBOIS, Introdução..., p. 11.

teorias sobre o “hermafrodismo” - termo usado na época; “hermafroditismo” é uma expressão mais recente –, conforme testemunham suas publicações. Pouco depois se desenvolverá o debate de especialistas sobre questões específicas e discussões sobre a legitimidade do hermafrodismo como categoria biológica específica.



Fig. 19. — Portrait d'un hermafrodite homme et femme.

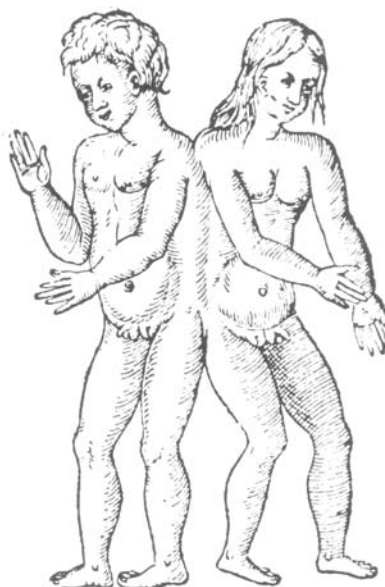


Fig. 20. — Figure de deux enfans gêmeaux hermafrodites, estans joints dos à dos, l'un avec l'autre

PARÉ, Ambroise. De monstres et prodiges (1573). Genève: Droz, 1971, p. 25.

Já em 1573, Ambroise Paré, longo médico cirurgião de Henrique II, Francisco II, Carlos IX e de Henrique III, em sua obra pioneira Des Monstres et prodiges, escreve um capítulo chamado “Des hermaphrodites ou androgynes” no qual, no entanto, usa somente a palavra “hermafrodita” para designar tais singularidades naturais. Os médicos Schenk<sup>182</sup> e Bauhin, citado por Furetière<sup>183</sup>, se interessaram por casos de deformação anatômica. Em 1612, um médico de Evreux, Jacques Duval, é o primeiro a elaborar uma

<sup>182</sup> Observationum medicarum et monstruosarum [...], Francfort, Hoffmann, 1609.

<sup>183</sup> Gaspari Bahuini de hermaphroditorum monstrorumque partuum natura [...] libri duo hactenus non editi [...], Oppenheimi, typ. H. Galleri, 1614. Em seu artigo sobre os hermafroditas Furetière se refere a Rioland (sic) e a Bauhinus, “médico em Basle”.



teoria sobre os hermafroditas<sup>184</sup>, que será contestada em uma publicação de Jean Riolan – Discours sur les Hermaphrodites, où il est démontré, contre l’opinion commune, qu’il n’y a pas de vrais hermaphrodites<sup>185</sup> - e em seguida reafirmada por Duval em outra obra, a Response au discours fait par le sieur Riolan contre l’histoire de l’hermaphrodite de Rouen<sup>186</sup>. Em La grande chirurgie, Laurent Joubert define a “hermafrodisia” como “dupla natureza do sexo”. A palavra “hermafrodico” (hermaphrodique) aparece em Les matinées, de Cholières, e representa a cópula de um homem com uma mulher. Em Furetière os vocábulos “hermafrodita” e “andrógino” se encontram assimilados. É importante estabelecer a diferença entre esses dois termos e desconsiderar os raros casos em que são empregados de maneira indistinta. Ambos têm fundamento mítico, porém, com significados diferentes: o “hermafrodita” é um caso biológico de deformação de gênero, e o “andrógino” é uma criação mítica cuja primeira referência se encontra em Platão.

### ***Uso simbólico da palavra “hermafrodita”***

O hermafrodisio como deformação monstruosa estende seus significados para outros campos e adquire sentidos simbólicos. Na época de Artus Thomas, o termo “hermafrodita” aplicava-se à libertinagem, tanto sexual quanto intelectual, e fazia parte de um sistema que regia ações e discursos, tendo, portanto, implicações políticas e religiosas.

Diz Pierre Bayle: “além do que debatemos, se os hermafroditas são monstros, este nome é dado aos mais infames devassos”<sup>187</sup>. Designa-se assim, de maneira insultuosa, qualquer derivação sexual, como, por exemplo, o homossexualismo, enfatizando-se o ser hermafrodita “objeto de horror, repugnância e mau presságio”<sup>188</sup>, à diferença do deus Hermafrodita. No texto de Thomas, há alusões metafóricas às práticas sexuais que dão a entender a ambigüidade dos habitantes da ilha. No trecho abaixo, o hermafrodita efeminado e seu súdito conversam, servindo-se uma linguagem cheia de subentendidos - “palavras de caridade e fraternidade” -, que “horrorizaram” os ouvidos do protagonista e que o “desonrariam”, caso ele ficasse para ver o que se passaria em seguida, visivelmente uma cena de sedução:

---

<sup>184</sup> DUVAL, Jacques, seigneur d’Ectomare. Des hermaphrodites, accouchements des femmes et traitement qui est requis pour les relever en santé et bien elever leurs enfants, par Me Jacques Duval, seigneur d’Ectomare et du Haroel. Rouen: 1612. Existe uma edição de Alcide Bonneau feita em Paris em 1614.

<sup>185</sup> Paris, 1614.

<sup>186</sup> Rouen, s/d.

<sup>187</sup> Art. Salmacis, citado por Pierre Ronzeaud, op. cit. p. 22. “outre que l’on dispute, si les hermaphrodites sont des monstres, on donne ce nom aux plus infâmes débauchés”.

<sup>188</sup> BRANDÃO, Junito. Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega. Editora Vozes, Petrópolis, 1991/1992, p. 554-548. O autor observa que “... a polaridade do sagrado em setor algum se revela com mais nitidez do que no domínio da bissexualidade”.

[...] eles davam mil louvores às suas perfeições, e entre outras, que eles louvavam muito a beleza e a brancura de suas mãos, mas todos os seus discursos não o comoviam, pois ela<sup>189</sup> permanecia calada e imóvel, até que aquele que eu vira vestir dos pés à cabeça veio lhe passar a mão sobre o rosto, como para lisonjeá-lo; mas tão logo aquilo que eu considerara mudo e sem vida começou a falar e com uma fala toda efeminada, e todavia com desdém e desprezo, lhe disse: “Ah, como sois inoportuno, me aborreceis”; o outro, sem demora, com toda a humildade e a submissão possíveis, suplicou-lhe que o perdoasse com muitas persuasões que não pude terminar de ouvir, pois eles mesclavam palavras de caridade e de fraternidade, que horrorizaram minhas orelhas; assim, não querendo interromper seus mistérios, e não ser desonrado com a vista de tais sacrifícios, me retirei [...]<sup>190</sup>

Para Dubois, a alusão às práticas homossexuais seria um problema pontual na Ilha dos Hermafroditas, já que o que parece preocupar o autor é o conjunto da vida social e política. Nesses campos o uso da palavra “hermafrodita” revela-se particularmente rico.

A libertinagem intelectual no século XVI e XVII não tem contornos precisos. Segundo René Pintard, os termos “libertino” e “libertinagem” correspondem a realidades variadas e indicam “opiniões, tendências ou comportamentos que se afastam das crenças ensinadas pelo magistério eclesiástico, e aceitas pelos fiéis comuns: é ‘libertino’ tudo o que marca um excesso de ‘liberdade’ em matéria de moral e de religião, em relação ao que os dogmas, tradições, conveniências e poder político definem ou preconizam.”<sup>191</sup> Dubois define a libertinagem intelectual como a fusão do sensualismo epicurista com o racionalismo, aplicado às investigações sobre a natureza, resultando em descrença religiosa e em materialismo.

Dubois entende o hermafroditismo como um estado psicológico equivalente ao “complexo”, onde há uma neutralização obtida por duas forças contraditórias, sem resolução. Chamava-se de “hermafrodita” toda atitude dúbia, dissimulada, regida por oportunismo e maquiavelismo, consistindo em esconder, sob discursos que se conformam

---

<sup>189</sup> Notar a alternância do uso do feminino e do masculino e a concordância com “ídolo”, feminino em fr. (N. da T.).

<sup>190</sup> “[...] ils donnoient mille loüanges à ses perfections, et entre autres qu’ils loüoient fort la beauté et la blancheur de ses mains, mais tous leurs discours ne l’esmouvoient pas, car elle demouroit muëtte et immobile, jusques à ce que celuy que j’avois veu habiller de pied en cap luy vint passer la main sur le visage, comme pour le flatter; mais aussi tost ce que j’avois tenu pour müet et sans vie commença à parler et d’une parole toute effeminée, et toutesfois avec desdain et mespris, luy dire: ‘Há, que vous estes importun, vous me gastez ma fraize’; l’autre incontinent avec toute humilité et la submission qui se pouvoit, le supplia de luy pardonner avec beaucoup de persuasions que je ne peus achever d’entendre, d’autant qu’ils mesloient plusieurs mots de charité, et de fraternité, que mes oreilles eurent en horreur; aussi ne voulant point interrompre leurs mysteres, et n’estre point polu de la veüë de tels sacrifices, je me retiray [...] (P. 72 na edição Droz).

<sup>191</sup> “[...] opinions, tendances ou comportements qui s’écarterent des croyances enseignées par le magistère ecclésiastique et acceptées par le commun des fidèles: est ‘libertin’ tout ce qui marque excès de ‘liberté’ en matière de morale et de religion, par rapport à ce que dogmes, traditions, convenances et pouvoir politique

aos princípios morais e religiosos em favor, uma conduta ditada pelo prazer ou pelo interesse. Este significado figurado, pejorativo, estende-se aos campos da moral, da filosofia, da economia e da política, designando uma conduta oportunista, dissimulada sob discursos ambíguos.

Do ponto de vista moral, o autor, sob a denominação hermafroditismo, denuncia o estetismo maneirizante, saído do naturalismo renascentista, cujos vícios da natureza e a subordinação de todos os princípios à lei estética do interesse e do prazer ele se esforça para descobrir, denunciando sob a cobertura estetizante as dissonâncias e as feiúras. Do ponto de vista filosófico, ele acusa a libertinagem intelectual cuja ordenação racional encobre um ateísmo e um materialismo de fato. Do ponto de vista econômico, ele denuncia a cobertura liberal dada a uma lei que nada tem a ver com a liberdade, a concentração das riquezas entre as mãos dos aproveitadores que exploram sua situação para fazer novos benefícios [...]. Do ponto de vista político, ele denuncia a conduta dissimulada de pessoas que cobrem suas intenções para revelá-las somente no último momento, segundo a oportunidade. Este sentido é confirmado pela existência de um texto político contemporâneo do final do reino de Henrique IV, e intitulado Hermaphrodite de ce temps<sup>192</sup>. (Grifos meus).

Na utopia de Artus Thomas, a figura do hermafrodita ilustra, portanto, um novo comportamento humano face à moral, à economia e à política:

No campo ideológico e político, ele [o hermafroditismo] designa um caso ao qual logo será conferido o estatuto de tipo. É ao mesmo tempo esse caso – com suas possibilidades de identificação históricas e circunstanciadas – e esse tipo – com suas possibilidades de extensão e de generalização – dos quais nós podemos ver a ilustração na Ilha dos Hermafroditas<sup>193</sup>.

---

définissent ou préconisent.” PINTARD, René. Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII<sup>e</sup> siècle. Genève-Paris: Slaktine, 1983, p. XIV.

<sup>192</sup> “Du point de vue moral, l’auteur, sous l’appellation d’hermaphrodite, dénonce l’esthétisme maniériste, issu du naturalisme renaissant, dont il s’efforce de découvrir les vices de nature et la subordination de tous principes à la loi esthétique de l’intérêt et du plaisir, en dénonçant sous la couverture esthétisante les dissonances et les laideurs. Du point de vue philosophique, il accuse le ‘libertinage’ intellectuel dont la mise en ordre raisonné recouvre un athéisme et un matérialisme de fait. Du point de vue économique, il dénonce la couverture libérale donnée à une loi qui n’a rien à avoir avec la liberté, la concentration des richesses entre les mains de profiteurs qui exploitent leur situation pour en tirer de nouveaux profits. [...] Du point de vue politique, il dénonce la conduite attentiste de gens qui couvrent leurs intentions pour ne les révéler qu’au dernier moment, suivant l’opportunité. Ce sens est confirmé par l’existence d’un texte politique contemporain de la fin du règne d’Henri IV, et intitulé l’*Hermaphrodite de ce temps*.” DUBOIS, “Un aspect de la littérature utopique...”, p. 263-264.

<sup>193</sup> “Dans le domaine idéologique et politique, il désigne un cas auquel est bientôt conféré le statut de type. C’est à la fois ce cas – avec ses possibilités d’identification historiques et circonstanciées – et ce type – avec ses possibilités d’extension et de généralisation – dont nous pouvons voir l’illustration dans *L’isle des Hermaphrodites*.” DUBOIS, “Introduction...”, p. 12.

### ***O hermafrodita como metáfora dos infieis***

À época da Ilha dos Hermafroditas o termo “hermafrodita” era também usado no campo religioso, para insultar aqueles que não queriam definir-se nem pelo lado católico, nem do lado dos protestantes, e que escolheram ideais mais universais, como a natureza e a liberdade. Eram chamados ateus ou libertinos. Dubois informa que o padre Garasse, em sua Doctrine curieuse..., uma das mais importantes obras de ataque à libertinagem, denominava os protestantes “hermafroditas”<sup>194</sup>.

Os controversistas da Reforma, como Duplessis-Mornay, ou da Contra-Reforma, como Du Perron, atacavam os ateístas, os libertinos e os resquícios do naturalismo neo-pagão da Renascença. Havia um acalorado debate entre chefes de igreja, quase fanáticos, que tentavam arrebatá-los e convertê-los à religião que professavam. Do lado católico, Du Perron desenvolvia uma ação missionária ofensiva. Do lado reformado, d’Aubigné criticava aqueles que passavam de uma religião a outra, sem verdadeira convicção, e em função das circunstâncias. René Pintard usa o termo “*bomo duplex*” aplicado aos que eram obrigados a manter a aparência de conformistas para preservar sua liberdade de pensamento e de investigação intelectual<sup>195</sup>.

### ***O hermafrodita como metáfora política***

No início do século XVII, o uso metafórico do termo “hermafrodita” se confirma pela sua aparição em dois outros tratados de moral política: o Anti-hermaphrodite, de 1606<sup>196</sup>, e o Hermaphrodite de ce temps, de 1611. O primeiro foi escrito por Jonathas Petit de Bertigny, calvinista, e denunciava a frouxidão moral, política e jurídica de seu tempo. Nesta obra, o hermafrodita é comparável à figura do ateu e do libertino - alvos dos missionários da Reforma e da Contra-Reforma - e que formarão toda uma nova geração de aristocratas exaustos de guerras, e dispostos a construir para si “um modo de existência fora dos padrões tradicionais, exaltando o espírito do livre exame e os bens sensíveis da vida”<sup>197</sup>. O Hermaphrodite de ce temps<sup>198</sup> critica personalidades conhecidas por “servirem a dois mestres”, e acusa a hipocrisia dos que professam paradoxalmente um naturalismo e um liberalismo, encobrendo intenções escusas. O autor deste opúsculo, em uma série de

---

<sup>194</sup> GARASSE, Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps..., Paris: Sébastien Chapelet, 1624.

<sup>195</sup> PINTARD, René. Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII<sup>e</sup> siècle. Paris: Boivin, 1943.

<sup>196</sup> Registrado no Bulletin de Saintonge, 1880-1882, p. 418.

<sup>197</sup> “[...] un mode d’existence en dehors des voies traditionnelles, en exaltant l’esprit de libre examen et les biens sensibles de la vie.” DUBOIS, “Introduction...”, p. 18.

<sup>198</sup> Existe um exemplar desta obra na Bibliothèque de l’Arsenal, repertoriado sob o código 8H6656, peça 13, publicado em uma coletânea de textos que dizem respeito à morte de Henrique IV.

advertências a figuras eminentes, exorta-as a respeitarem um “código de conduta que pode ser resumido em duas palavras: não se pode servir a dois mestres”<sup>199</sup>. Segundo Dubois, A Ilha dos Hermafroditas, juntamente com o Anti-hermaphrodite (1606) e o Hermaphrodite de ce temps (1611) podem ser lidos como obras que lançam uma acusação de hermafroditismo político e fazem um apelo à restauração da moral política.

Se o texto fala diretamente e de maneira clara da violência implícita ao capitalismo, não é tão explícito quando este capitalismo está na esfera da ação do Estado. A figura do hermafrodita, criatura ambígua, afirma em termos claros a ideologia naturalista hipócrita e seu liberalismo de efeitos perversos. Nada está dito sobre os empreendimentos econômicos do Estado francês, nem sobre a natureza dessa legislação que, oculta por um discurso moralizador, tem por objetivo fazer funcionar as engrenagens da economia mercantil. Capitalismo selvagem e maneirismo de um lado, e de outro, capitalismo de Estado e barroco: segundo Dubois, duas hipocrisias, uma que se refere ao indivíduo ou ao grupo, e outra, mais elaborada, que se refere à Igreja e à razão do Estado<sup>200</sup>.

Uma questão vem à tona: por quê, em nome do quê se faz esta crítica ao liberalismo desmesurado, acompanhado de manobras maquiavélicas? A chave desta pergunta está no último discurso: o texto denuncia a forte perspectiva dirigista que caracteriza a política econômica de Sully e, posteriormente, de Colbert. Denuncia-se, no texto, a ordem, a centralização, o protecionismo, a expansão mercantil, características de uma política econômica que está se estabelecendo e que se chamará colbertismo, ou mercantilismo, a política econômica do Estado barroco<sup>201</sup>.

### ***O andrógino e o velho mundo***

O andrógino é uma das figuras importantes do imaginário europeu do Renascimento. A narrativa deste mito possui três episódios aos quais correspondem três noções simbólicas significativas. Primeiramente, a idéia de completude original, representada pela união de contrários. Em geral, trata-se do masculino com o feminino, mas a união pode referir-se também à junção do singular com o plural, que exprime um estado de harmonia entre o indivíduo e a coletividade, ou à união do primitivo, ou original, com o estado evoluído, formalizado, civilizado. Em seguida, a idéia de ruptura, ou de dilaceramento, pelo qual as partes do andrógino se encontram separadas. Esta idéia pode aplicar-se especialmente à fratura social ou a uma cisão política. Por fim, o nascimento de

---

<sup>199</sup> “[...] un code de conduite qui peut se résumer en ces mots: on ne peut pas servir deux maîtres.” DUBOIS, Introduction..., p. 37.

<sup>200</sup> Idem, ibidem, p. 22.

<sup>201</sup> DUBOIS, “L’Hermaphrodite: une allégorie énigmatique...”, p. 22.

um desejo de reintegração em que cada parte antes amputada procura seu duplo, para reconstituir sua unidade perdida<sup>202</sup>.

No Renascimento, o mito do andrógino refere-se, sobretudo, à primeira noção. Ele expressou, no século XVI francês, uma imagem ideal do homem reintegrado em sua plena natureza, inspirando a lírica amorosa, a mística alquímica e diversas reflexões sobre organização social. Nesta época, o andrógino sintetiza a idéia do acordo entre masculino e feminino, entre singular e plural, entre original e terminal e, mais amplamente, representa a integração do homem na Natureza, em harmonia com as divinas proporções. Montaigne diz que ele “traz em si a forma inteira da condição humana”<sup>203</sup>.

A noção de completude original androgínica caracteriza também o “antigo mundo”, apresentado na utopia de Thomas Artus como o tempo anterior às guerras. A principal característica deste mundo íntegro era o repouso, o ócio, *quies*, e o *otium*, oposto ao *motus* e ao *negotium*, características da época posterior. A mobilidade e o gosto pelo negócio caracterizam os navegadores que partiram para conquistar novas terras, efetuando uma ruptura: “o antigo mundo está definitivamente perdido em um passado remoto, *motus* e *negotium* substituíram *quies*.”<sup>204</sup>

*O novo mundo produziu-nos neste novo século tantas coisas novas, que a maior parte do velho mundo, desprezando sua antiguidade, preferiu procurar, ao risco de mil vidas, alguma nova fortuna, que se contentar com a antiga e viver em repouso e tranqüilidade*<sup>205</sup>.

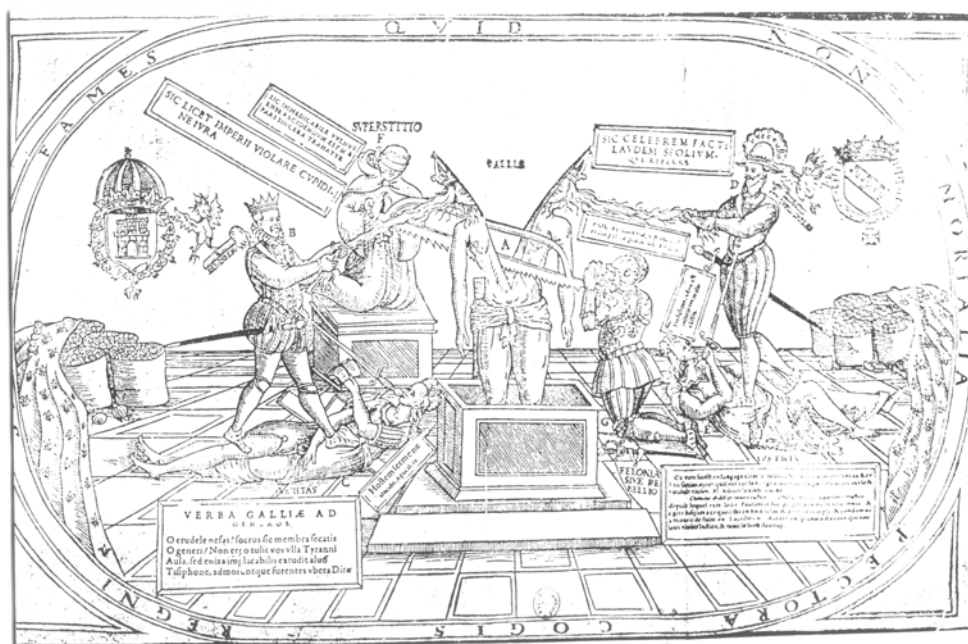
---

<sup>202</sup> As utopias “clássicas”, diz Dubois, apresentam um desejo de reintegração do indivíduo em um todo unificado. DUBOIS, Claude-Gilbert. “Le sauvage et l’hermaphrodite”, em La rencontre des imaginaires entre Europe et Amériques. Paris: L’Harmattan, 1993, p. 91-92.

<sup>203</sup> “[...] porte en [lui] la forme entière de l’humaine condition”. Citado em DUBOIS, Claude-Gilbert. “Le sauvage...”, p. 92.

<sup>204</sup> “[...] l’ancien monde est définitivement perdu dans un passé révolu, *motus* et *negotium* y ont remplacé *quies*.” Idem, *ibidem*, p. 94-95.

<sup>205</sup> “Le nouveau monde nous a produit en ce nouveau siecle tant de choses nouvelles, que la pluspart du monde ancien, mesprisant son antiquité, a mieux aymé chercher, au peril de mille vies, quelque nouvelle fortune, que se contenter de l’ancienne et vivre en repos et tranqüillité.” (P. 53-54 na edição Droz).



*Gravura alegórica representando a França cindida em dois pelas guerras de religião,*

contra os pártidos políticos que a provocaram. “L’ambition maudite du pouvoir qui fait oublier les vies humaines.” A França está representada partida em dois pelas guerras de religião, pela superstição e pela rebelião, com o duque de Guise à esquerda e Gaspard de Coligny à direita (L’ESTOILE, op. cit.).

### ***Viagens rumo ao Novo Mundo***

O ano de publicação da *Ilha dos Hermafroditas* se inscreve em um período de viagens rumo ao Novo Mundo: Samuel de Champlain descobre a ilha de Saint-Pierre (1603), sobe o rio São Lourenço, funda o Quebec (1608); Henrique IV ordena expedições às Guianas, que os franceses ocupam em 1604, seguidas pelas expedições às Antilhas, Flórida e Louisiana. A posse destas novas terras interferirá no olhar dos franceses sobre sua história recente, e sobre as décadas que se seguirão.

Como as principais terras do Novo Mundo já haviam sido conquistadas, os franceses, que haviam chegado mais tarde do que outros povos na América, dirigiram-se para o norte da América, que Jacques Cartier explorou nos anos 1534-1536. A França cuidou de não estremecer as relações com os vizinhos do sul, mas os piratas franceses agiam por conta própria, e interceptavam a passagem dos galeões espanhóis refugiando-se em lugares como o Haiti, onde estabeleceram uma colônia. Além disso, havia os huguenotes que partiram à conquista de novos territórios, indiferentes à igreja católica nas possessões portuguesas e espanholas, ao Papa e aos Jesuítas.

Em 1562, Jean Ribaud funda o Fort-Caroline na Flórida, estimulado pelo almirante Coligny, desejoso de estabelecer uma colônia que servisse de refúgio para os

huguenotes perseguidos. Seu sucessor é Laudonnière, que negocia com os chefes indígenas Saturiona e Utina. D'Aubigné, em sua Histoire Universelle<sup>206</sup>, conta que os franceses foram recebidos como deuses. Em seguida os espanhóis chegaram e os massacraram. O huguenote Dominique de Gourges tentou vingar seus compatriotas em 1568, aliando-se aos indígenas, cansados dos abusos de poder espanhóis. Com a ajuda do chefe Olotocara ele retomou o poder. Gourgues voltou à França e foi bem recebido em La Rochelle, mas repudiado em Paris, pois Carlos IX temia o descontentamento do cardeal de Lorraine, aliado ao rei da Espanha, que queria a morte do huguenote.

Em 1503, Paulmier de Gonneville fracassou na sua tentativa de chegar às terras brasileiras, atribuídas a Portugal segundo o tratado de Tordesilhas. Em seguida, Villegagnon pediu ao almirante Coligny, um dos chefes da religião reformada, a permissão para “faire peuplade en l’Amérique, se couvrant du zèle d’y planter la religion réformée, de retirer des persécutions de France qui lors s’allumoyent plusieurs familles désolées”.<sup>207</sup> Em 1555, Villegagnon aportou na baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, construiu um forte e ocupou-se do envio de pau-brasil, usado na tinturaria. Algum tempo depois, pediu que viessem calvinistas da Normandia acompanhados de chefes religiosos vindos de Genebra. Mas Villegagnon converteu-se ao catolicismo e, em consequência, houve disputas e perseguições. Uma parte dos imigrantes fugiu e passou um tempo com os selvagens, como foi o caso de Jean de Léry e de André Thevet, que deixaram testemunhos importantes<sup>208</sup>.

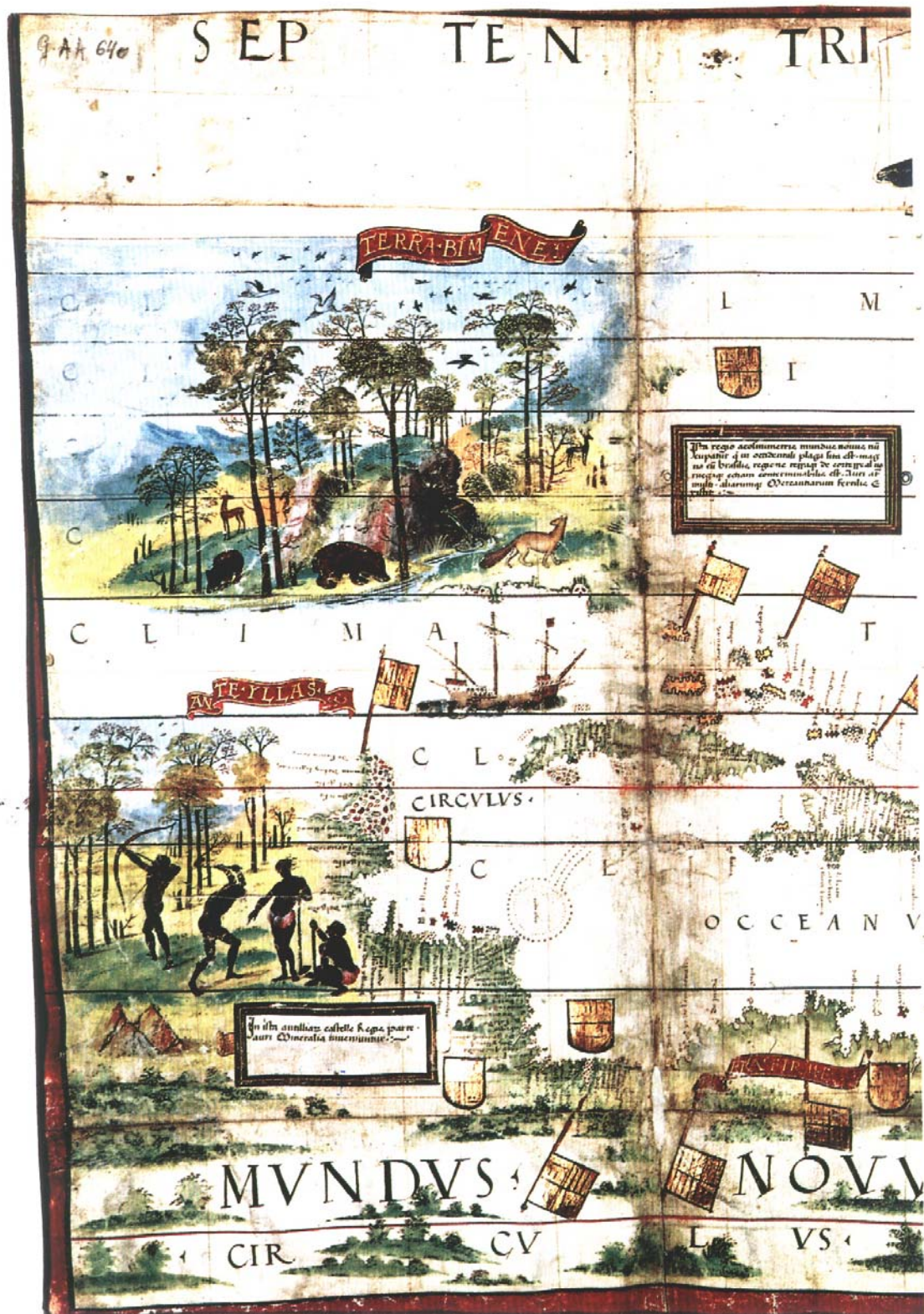
---

<sup>206</sup> D'AUBIGNÉ, Agrippa. Histoire universelle. Livro II, cap. XXX, vol. 1. Genève: Droz, 1981, p. 359.

<sup>207</sup> Idem, *ibidem*. Livro I, cap. XVI, vol. 1, p. 114.

<sup>208</sup> LÉRY, Jean de. Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil (1578). Paris: Le livre de poche, 1994 e THEVET, André. Singularités de la France Antarctique (1558). Paris: La Découverte/Maspéro, 1983.





Mapa ilustrando novas terras descobertas

### ***Metáforas androgínicas***

O texto de Artus Thomas, ao surgir, repõe a antiga temática da decadência dos costumes: a ilha dos hermafroditas sugere uma estrutura social em vias de esgotamento, um velho mundo que tenta renovar-se sem ter os meios externos para fazê-lo. O resultado é uma superestimação dos sinais simbólicos da civilização. Este mundo híbrido, em deriva entre o velho mundo fraturado e o Novo Mundo desorganizado, entregue à sua natureza selvagem, primordial, evoca a alegoria do “antigo mundo” que o viajante francês deixou e que reencontra com o olhar mudado por suas experiências de viagem.

A crise do Renascimento corresponde, na França, à época em que o mito do andrógino se degradara em mito hermafrodítico - o conturbado período das guerras de religião, da integração forçada dos huguenotes num reino católico, que encontrou seu termo com Henrique IV, restaurador do corpo político e social do reino. Segundo Dubois, o duplo movimento de dilaceramento, seguido de reintegração, que caracteriza os anos anteriores e posteriores à publicação da Ilha dos Hermafroditas (1605), pode ser traduzido em termos de metáfora androgínica:

As guerras civis e religiosas correspondiam a um período de rupturas, de cisões, de conflitos, que os poetas e escritores expressaram por meio de imagens de traumatismo, de ferimento do corpo materno da França, ou de rixas fratricidas. O período inaugurado por Henrique IV é o da cura, da restauração da unidade, da reintegração de uma personalidade política e social.<sup>209</sup>

### ***Montaigne***

A civilização do velho mundo, posta diante dos habitantes das terras recém descobertas, mostrou-se feroz, capaz, conforme Las Casas, de massacrar e destruir em nome da riqueza e do poder. O encontro entre indígenas e europeus propiciou a oportunidade para que alguns humanistas refletissem sobre as noções de barbárie e de civilização, como se lê em Montaigne em seus Essais, no capítulo intitulado “Des cannibales” (I, 31), completado pelo “Des coches” (III, 6). O autor dedica estes dois ensaios aos ecos da conquista do Novo Mundo, fato crucial do século XVI. Costumes tidos como naturais pelos europeus puderam ser observados sob uma nova luz, que eliminou desequilíbrios existentes e revelou as tensões da ordem política e social francesa.

---

<sup>209</sup> “Les guerres civiles et religieuses correspondaient à une période de ruptures, de scissions, de conflits, que les poètes et écrivains politiques ont exprimés par des images de meurtrissure, de blessure du corps maternel de la France, ou de rixes fratricides. La période inaugurée par le règne d’Henri IV est celle de la guérison, de la restauration de l’unité, de la réintégration d’une personnalité politique et sociale” DUBOIS, “Le sauvage...”, p. 93.

Mostrando as virtudes dos Tupinambás, habilmente hipostasiadas, Montaigne ressaltou a cupidez e a falsidade dos colonizadores.

Espalhado pelos quatro continentes no pó de estilhaços de um espelho quebrado, o Selvagem brasileiro torna-se capaz de refletir, e por isso mesmo iluminar, as mais desconcertantes e esparsas realidades.<sup>210</sup>

Em “Des cannibales”, publicado em 1580, Montaigne reflete sobre a noção de barbárie. Ele opõe homem civilizado e homem natural, relativizando, pelo uso da razão, os costumes de um e de outro, concluindo que se julga bárbaro o que é diferente de si. Observando os canibais do Brasil, o filósofo constata estarem eles próximos de um estado de inocência original, e que a antropofagia não é expressão de crueldade individual, como quiseram certos observadores europeus, mas uma instituição social com valor simbólico.

Ces nations me semblent donc ainsi barbares, pour avoir reçu fort peu de leçon de l'esprit humain, et être encore fort voisines de leurs naïveté originelle. Les lois naturelles leur commandent encore, fort peu abâtardies par les nôtres [...]<sup>211</sup>

Algumas páginas adiante ele conclui aferindo que “nous les pouvons donc bien appeler barbares, eu égard aux règles de la raison, mais non pas eu égard à nous, qui les surpassons en toute sorte de barbarie.”<sup>212</sup> O espanto dos selvagens face às disparidades sociais da civilização européia, relatado por Montaigne, foi a oportunidade para uma mudança no foco com o que o ensaísta olhava para sua própria sociedade, especialmente para as guerras religiosas, para a prática da tortura e para a desigualdade social:

[...] ils avoyent aperçu qu'il y avait parmi nous des hommes pleins et gorgés de toutes sortes de commodités, et que leur moitiés estaient mendiants à leurs portes, décharné de faim et de pauvreté, et trouvaient étrange comme ces moitiés ici nécessiteuses pouvaient souffrir une telle injustice qu'ils ne prissent les autres à la gorge [...]<sup>213</sup>

Montaigne elabora um quadro em que a concepção de natureza remete ao mesmo tempo a um passado mítico e a um estado futuro da ordem social. O modo de vida que

---

<sup>210</sup> LESTRINGANT, Frank. “Mitológicas: a invenção do Brasil” em Revista USP, nº12. Tradução e apresentação de Luiz Dantas e Alcir Pécora. São Paulo: USP (on-line), p. 207.

<sup>211</sup> MONTAIGNE. *Essais*. I, XXXI. Paris: Le livre de poche, 1972, p. 308.

<sup>212</sup> Idem, *ibidem*, p. 313.

<sup>213</sup> Idem, *ibidem*, 318-319.

melhor conviria aos homens – pondera - seria aquele que mais se aproxima da natureza, em que não há a mentira nem o gosto imoderado pelo ouro. A sociedade descrita por Montaigne em “Des cannibales” refere-se ao mito androgínico, pois é íntegra: nela não há classes sociais, propriedade privada ou leis, as relações não são mediadas pelo dinheiro, não há escravidão nem mendigos, todos possuem certa independência e compartilham uma moral aprovada pelo membro mais velho da tribo. Na sociedade indígena, o estado de completude toma a forma da solidariedade social: “ils ont une façon de leur langage telle qu’ils nomment les hommes moitié les uns des autres”<sup>214</sup>. Um indício lingüístico expressa um estado ideal que não é o hermafrodismo, mas o novo andrógino, em harmonia com as leis naturais e suprimindo as lacunas sociais pela solidariedade<sup>215</sup>.

### ***O andrógino degenerado***

O termo “homem natural” tem uma dupla acepção. Se, por um lado, este habitante das terras recentemente descobertas, que desconhece o Deus, as instituições e os costumes dos europeus, representa o retorno à bestialidade, à selvajaria, à barbárie, por outro, significa também a nostalgia edênica, o “bom selvagem”, o estado adâmico. Já o termo “civilizado” representa um ser etnocêntrico, dotado de manifesto sentimento de superioridade e de vontade de dominação do selvagem. Dubois vê nele um homem cuja natureza degenerou-se por um processo de hiperbolização da cultura, correspondendo à imagem do decadente, e, por extensão, do hermafrodita. Neste sentido, “o hermafrodita é uma degenerescência da figura androgínica, associada a uma decadência do natural e a uma hipertrofia do cultural”<sup>216</sup>. O mito do andrógino se degradou em mito hermafrodítico, uma paródia da androginia, como na Ilha dos Hermafroditas, em que, mais do que o andrógino simbólico da velha civilização, estão presentes os “*Syresdonnes*”, hermafroditas decadentes.

---

<sup>214</sup> Idem, *ibidem*, p. 318.

<sup>215</sup> Gabriel de Foigny associará a androginia com o estado selvagem em sua utopia La terre australe connue, de 1676. Foigny imagina que “tous les Australiens ont les deux sexes, et s’il arrive qu’un enfant naisse avec un seul, ils l’étouffent comme un monstre”. Além do *topos* do mundo invertido, há nesta obra a projeção do mito platônico do andrógino em uma nova ficção que traz temas edênicos como a inocência da natureza e a nudez original: “la nudité de tout le corps leur est si naturelle qu’ils ne peuvent souffrir qu’on parle de les couvrir, sans se déclarer ennemi de la nature et contraire à la raison”. Conforme mostra Dubois, trata-se sem dúvida de um paradoxo pelo qual o calvinista Foigny, fazendo apologia da nudez, toma posição contra todos aqueles que se escandalizam com o estado natural selvagem. Confrontado ao “australiano” (ou “austral”, habitante da Terra Austral) e efetuando-se uma nova inversão, o europeu aparece portanto como um homem incompleto. Sadeur, o narrador fictício, confessa sua própria imperfeição em termos de vergonha: “J’étois honteux d’être obligé d’avouer en moi même que nous étions icy si éloignez de leurs perfections” – “Hé! disois-je, seroit-il vray que nous ne fussions pas tout à fait hommes?”

<sup>216</sup> “L’hermaphrodite est une dégénérescence de la figure androgynique, associée à une décadence du naturel et à une hypertrophie du culturel.” DUBOIS, “Le sauvage...”, p. 92.

O hermafrodita representa o homem do velho mundo em vias de decomposição. O selvagem é sua antítese.

### **A ilha dos Hermafroditas e as correntes estéticas**

A Ilha dos Hermafroditas se situa no momento em que a França está caminhando para o Absolutismo e para o Barroco, renunciando uma nova ordem. Sinalizam para este novo estado de coisas obras de estilo maneirista, que representam a transição entre Renascimento e Barroco, e têm seu correspondente na literatura. O libelo de Artus Thomas é um exemplo. É importante, portanto, entender o maneirismo em relação às suas fontes renascentistas e barrocas.

Entre o Renascimento, o Maneirismo e o Barroco há um jogo de continuidade e oposições. No que concerne aos temas, a pintura maneirista retoma alguns dos mestres do Renascimento, ao mesmo tempo em que os trata sob uma forma particular, uma *maniera* notável, que chama a atenção, uma forma que às vezes é mais atraente que o conteúdo. Mais tarde, a literatura e a arte barrocas retomarão temas do maneirismo, porém com procedimentos estéticos diferentes.

### ***Renascimento***

Do século XIII ao século XVIII há um encadeamento de movimentos, que partem problemáticamente do Renascimento originado na Itália do *trecento*, caracterizado pela filiação e oposição ao formalismo conceptual, cujo apogeu está na escolástica. O Maneirismo é herdeiro talvez tardio deste Renascimento que o alimenta, e em relação ao qual opera desvios.

No Renascimento são três os pontos de convergência em que se opera uma síntese. Primeiramente, considera-se o Renascimento como um retorno à Antigüidade. Houve, no entanto, muitos retornos e renascimentos durante a Idade Média. Deve-se esclarecer o sentido de “Antigüidade”, que aqui não é um período histórico determinado ou uma idade do ouro mítica, e sim um objeto simbólico, atemporal, um tecido de influências e formas imaginárias que serão agregadas à cultura cristã, ela mesma um amálgama de judaísmo e de paganismo. Para Dubois, “a Antigüidade representa tudo o que o espírito humano pode fazer por suas próprias forças ou por indução inconsciente, quando a revelação não lhe foi manifestada.”<sup>217</sup> De Petrarca a Montaigne, percebe-se um

---

<sup>217</sup> “L’Antiquité représente tout ce que peut faire l’esprit humain par ses propres forces ou par induction inconsciente, lorsque la révélation ne lui est pas manifestée.” DUBOIS, Claude-Gilbert. Le Baroque en Pologne et en Europe. Paris: Inalco, 1990, p.13.

esforço típico do Renascimento em pensar conjuntamente cultura cristã e cultura pagã. Tal amálgama se fez pensando o paganismo como o antecedente da consciência iluminada pela revelação. O oriente europeu teve um importante papel nesse trabalho de harmonização cultural. Dentre os intelectuais de Constantinopla que vão à Itália estão Gemisthos Plethon, que leva manuscritos de Platão, retomados por Marsílio Ficino, e transmitidos a Jean Daurat e à Plêiade francesa. A cultura grega antiga e bizantina é reincorporada, a partir deste momento, na dinâmica da cultura ocidental. Dubois vê neste fenômeno uma vontade fusional que só foi possível graças à reflexão teórica sobre a lógica dos contrários, inicialmente sugerida por Nicolau de Cusa e desenvolvida por Charles de Bovelles e por Paracelso. Nestes autores, os termos da antítese não são pensados como exclusivos, mas como extremos de uma cadeia, cujos elos intermediários devem ser restituídos por meio de uma dialética, que deverá resultar em síntese cultural.

Outra característica do Renascimento é o desenvolvimento de um naturalismo místico ou realismo espiritual, em que a Natureza é uma das hipóstases da Divindade, “como uma quarta pessoa efetiva, embora não reconhecida, da Trindade: Deus-Mãe ou Deus-filha”<sup>218</sup>. Há a procura de conhecimentos sobre os fenômenos naturais e suas bases, uma valorização da matéria e da Natureza, que não sofreu as conseqüências da queda do homem. Dois símbolos tornam-se recorrentes: a Virgem-Mãe como metonímia da natureza e do cosmos, e o Menino-Deus, como metonímia da união renovada da carne com o espírito. A representação da Virgem com o Menino, plena de implicações filosóficas entre Natureza e Homem, Matéria e Espírito, constitui um conjunto fusional de grande riqueza simbólica.

No Renascimento, há uma síntese notável entre as relações da percepção sensorial e do intelecto. Acredita-se que é possível pensar o objeto sensível e traduzi-lo em linguagem abstrata, ou seja, em linguagem matemática. Definir um objeto consiste em estabelecer relações de proporção de cada parte, e entre as diversas partes. A proporcionalidade tem leis próprias fundadas sobre números de ouro e relações harmônicas, chaves do universo sensível, que o espírito calcula e proporciona. A beleza, análoga à Idéia de Platão, é a presença material da divina proporção. A geometria, a poesia, a música, a moral e as outras artes fundam-se na teoria da harmonia universal, em que as proporções divinas são matematicamente calculadas. Assim, todo o conhecimento está subordinado a uma teoria estética: física e metafísica estão subordinadas à Beleza, “virtude atrativa universal”.

---

<sup>218</sup> “[...] comme une sorte de quatrième personne effective, quoique non reconnue, de la Trinité: Dieu-la-Mère ou Dieu-la-Fille.” Idem, *ibidem*, p. 14.

Os exemplos de arte do Renascimento mostram uma preocupação em criar uma unidade harmônica, em que haja harmonia de linhas e figuras estabelecidas em relação com o espaço humano e com o espaço cósmico. Esta época corresponde à história italiana do século XIII ao século XV, e pode-se dizer que, a partir de 1520, um outro sistema de valores começou a vigorar: o Maneirismo. O Renascimento se espalha pela Europa a partir do século XV e durante o século XVI, em concomitância com o Maneirismo, a ele sobrepondo-se ou contrapondo-se. O século XVI europeu, na sua complexidade, apresenta variações segundo as regiões e a época. A Reforma e a Contra-Reforma provocam ainda rupturas e o surgimento das primeiras manifestações do barroco.

### ***Maneirismo***

O maneirismo é um herdeiro direto do Renascimento. Seus artistas representativos imitam as obras renascentistas, indo, porém, além da mera imitação, investigando os princípios das obras mestras e derivando deles e criando uma nova ordem de valores. Dubois discute três problemas importantes suscitados pelo maneirismo: a relação entre discípulo e mestre e entre a obra e seu modelo, a relação com a natureza e a relação com as obras renascentistas<sup>219</sup>.

O artista maneirista apresenta-se como um discípulo diminuído, incapaz de atingir o nível do mestre, do qual ele desenvolve com mérito somente certos aspectos. Alguns exemplos: Solario e Da Vinci, Vasari e Michelangelo, d'Aubigné e Ronsard. Assim, entre o artista maneirista e seu modelo estabelece-se uma relação hierárquica, em que não há mais a busca da divina proporção nem de uma relação harmoniosa com o modelo. Há, sim, uma relação de subordinação e de desvio.

O maneirista toma outra obra por modelo, e rompe a relação direta que os artistas do Renascimento mantinham com a natureza. A maneira de representar é mais importante do que a matéria a ser representada. O maneirismo é uma estética do artificialismo, na qual os artistas do Decadentismo do século XIX e alguns movimentos artísticos do início do século XX se reconhecerão.

A relação de subordinação não inferioriza o imitador, que, sob o pretexto da imitação, dá espaço para mostrar sua diferença criando algo novo, uma obra derivada. Se ele retoma o tema da obra que lhe serve de modelo, muda, no entanto, a maneira de abordá-lo, como El Greco em relação a Michelangelo, e Tintoretto em relação a Tiziano, colocando em evidência a forma e a técnica.

---

<sup>219</sup> Idem, *ibidem*, p. 16-20.



Na obra maneirista não há relação harmônica entre as partes, nem das partes em relação ao todo. O artifício usado na maneira de representar torna-se visível, o desvio em relação ao modelo individualiza a obra, criando uma impressão de estranhamento e de anormalidade.

A natureza para os maneiristas recebe um duplo tratamento de parcialização e de distorção. A arte abandona problemas gerais para dedicar-se a particularidades. Cada artista desenvolve uma especialidade e torna-se mestre de um procedimento explorado até as últimas conseqüências, como Arcinboldo e seus retratos, ou como os pintores especializados em flores, em insetos, em paisagens ou em cenas noturnas. A cosmologia se distancia da cosmogonia teológica. Neste ângulo, Dubois vê o sistema copernicano e a mitologia solar desenvolvida pelos neo-platônicos como criações maneiristas, em que há a descentralização geocêntrica do cosmos e a relativização desta hipótese. Além disso, Copérnico não pretende estabelecer relações entre sua teoria e uma teoria geral. Galileu ampliará ainda esta idéia quando opondo a verdade de suas descobertas parciais ao tribunal inquisitorial e sua teoria totalizante, unificadora, com implicações dogmáticas e teológicas.

A distorção transforma as relações de proporcionalidade. O procedimento de distorção maneirista mais exemplar é a anamorfose, que privilegia uma dimensão espacial na representação gráfica, mas que também possui seu correspondente literário, traduzido em elementos que acentuam um aspecto do texto, como a horizontalidade ou a verticalidade, por meio de alongamentos e de acumulações. Tal procedimento se liga ao *conchetto*, pois privilegia certos fragmentos de espaço em detrimento de outros, deformando-os, criando um efeito de surpresa.

Em conseqüência, o mundo não se apresenta mais como um conjunto de correspondências e analogias, belo porque equilibrado, mas um labirinto, um enigma a ser decifrado. Dentre os temas mais apreciados pelos maneiristas estão objetos destruídos ou inacabados: ruínas romanas, a Torre de Babel e textos abertos ou inacabados. Mesmo não havendo um pensamento maneirista organizado, o que seria contrário à sua própria essência, pode-se perceber uma sensibilidade onde se misturam pessimismo, relativismo, tendência a uma moral individualista e uma arte concebida não como a renascentista, motor do conhecimento, mas como técnica, que permite ao artista manifestar seu engenho.

A Virgem e o Menino, um dos principais temas representados no Renascimento, pode ser interpretado como metonímia das múltiplas relações entre o homem e a natureza. No maneirismo, notadamente em pinturas de Luini, Solario e Vasari, esse tema aparece distorcido nas representações da Virgem com um enviado de Deus, ou de Salomé em



diálogo mudo com a cabeça de São João Batista. Passa-se “do significativo ao enigmático, da norma natural ao insólito, do centro à marginalidade, do desembaraço feliz à inquietação.”<sup>220</sup>

A Antigüidade é uma fonte de inspiração que atraiu os maneiristas por seus aspectos insólitos e decadentes, e alguns de seus temas são especialmente caros a eles. É o caso do mito de Amor e Psiquê, alegoria platônica retomada por Apuleio. Ele será objeto de uma transformação em que o sentido original se esvanece, e prevalece a estilização erótica e o misticismo esotérico, presentes no tratamento da lâmpada a óleo de Psiquê e no corpo ambíguo de Amor, jovem muito assemelhado ao hermafrodita helenístico. Também aqui os detalhes tornam-se especialmente significativos e enigmáticos, criando um efeito de labirinto ou de *puzzle*.

Como lembra Dubois, há maneirismos e Maneirismo. Há maneirismos medievais, estudados por Curtius<sup>221</sup>, maneirismos barrocos, como o rococó e o preciosismo, e há maneirismos na arte no século XX. Mas há também o Maneirismo, considerado algumas vezes como período “decadente” do Renascimento, sendo, no entanto, dotado de traços distintivos suficientemente identificáveis para constituir-se como movimento.

### ***Barroco***

Certos elementos maneiristas prenunciam a chegada do Barroco, que não é somente uma estética, mas também um sistema coerente de idéias, no qual estão contidas formas estéticas, sociais, políticas e ideológicas. Existe uma ideologia do Barroco, da qual fazem parte a atividade humana e suas produções, assim como há uma ideologia do Renascimento. Existiria uma ideologia do Maneirismo? Não, pois nele inexistiu um sistema de pensamento organizado ou totalizante. O Barroco reconstituiu a unidade comprometida pelo Maneirismo segundo novas regras, já que a harmonia renascentista fora irremediavelmente minada. A *harmonia mundi* que o Barroco reconstituiu funda-se na vontade de poder<sup>222</sup>.

Na França, Richelieu e Mazarino asseguraram a coesão do Estado, e põem fim ao grande poder das famílias feudais. Os ministros e o rei também alcançam o difícil objetivo de conseguir o apoio da burguesia, uma força de importância crescente, e equilibrá-la no jogo de forças com a nobreza e com o clero, a fim de consolidar o Estado unitário e centralizado. Nasce, nesse momento, o Classicismo francês, estética ligada a um modo de

---

<sup>220</sup> “[...] du significatif à l’énigmatique, de la norme naturelle à l’insolite, du centre à la marginalité, de l’aisance heureuse au malaise.” Idem, *ibidem*, p. 19.

<sup>221</sup> CURTIUS, Ernest Robert. *La littérature européenne et le Moyen Age Latin*. Paris: PUF, 1956, vol. 1.

existência uniforme, enquanto que no resto da Europa desenvolve-se o Barroco. Dubois lança o problema: não seria este Classicismo a forma francesa, saída do Barroco europeu e transformada em modelo nacional, mais tarde exportado?

O Barroco possui, segundo Dubois, três características importantes: a ilusão, a ostentação e a unidade. Ele retoma os temas do Maneirismo - a dúvida e a melancolia, ligadas a um sentimento de ruptura entre a subjetividade e o mundo, a mudança perpétua, a metamorfose e a ilusão dos sentidos e do pensamento – mas os assimila em um complexo ideológico que busca mostrar que, por um lado, o homem pertence a um mundo que é ilusório, mas, por outro, pertence também a outro mundo, verdadeiro. Se a vida é sonho, sonhemos, pois – foi a época em que surgiu o tema da vida como sonho. Descartes participa deste movimento quando estabelece a existência a partir da dúvida, indo “da inconsistência maneirista à consistência clássica por um esforço de concentração intelectual e de vontade.”<sup>223</sup>

No Barroco está instalado um sentimento de ruptura, de separação entre carne e espírito, corpo e pensamento, paixão e razão, miséria e grandeza. Admite-se a existência de uma fundamental dualidade do homem, que só pode ser ultrapassada através de uma racionalidade conceitual, o cartesianismo, que se estenderá no Iluminismo, e se disseminará sob a forma de misticismos variados, como o jansenismo de Pascal ou a doutrina quietista de Madame Guyon.

Os artistas maneiristas prezavam a curiosidade como atitude de investigação e como tema: as curiosidades da natureza, o gosto do bizarro, do maravilhoso, do prodigioso, sintomas do enigma universal. No Barroco a curiosidade serve para atrair a atenção e *far stupir*, provocar a estupefação, desestabilizar por meio da ostentação. No Maneirismo cria-se o efeito de estupefação com vistas a provocar o prazer. No Barroco, a estupefação serve para instruir e manipular, persuadir e convencer os homens de verdades que se apresentam como incontestáveis, sendo um poderoso instrumento de propaganda.

O Barroco procura a unidade perdida na condição humana. A sociedade é percebida como um todo formado de partes cujo funcionamento ideal funda-se na reciprocidade entre Igreja e Estado, entre profano e sagrado. A saúde do corpo individual funda-se no equilíbrio de humores; a do corpo social, no equilíbrio de poderes. O Absolutismo tem a unidade como premissa de sua teoria: a monarquia absoluta e de direito divino, governo de um só que se justifica por si mesmo e fundado em princípios

---

<sup>222</sup> DUBOIS, *Le Baroque...*, p. 21.

<sup>223</sup> “[...] de l’inconscience maniériste à la consistance classique par un effort de concentration intellectuelle et de volonté.” Idem, *ibidem*, p. 22.

intangíveis. Hobbes desenvolve esta idéia, e mesmo não se referindo ao direito divino, afirma a importância do arbitrário para que se mantenha a ordem, e diz que o arbitrário é preferível à anarquia. É um tipo de pensamento tipicamente barroco que, quando afirma a unidade, afirma também, paradoxalmente, a dualidade – se não há ordem, há anarquia. À unidade harmônica do Renascimento se opõe a afirmação da unidade como valor supremo que justifica as monarquias autoritárias, os despotismos e as todas as organizações centralizadas. A unidade renascentista é feita da harmonia de proporções, de pluralismo ideológico, enquanto a unidade barroca concentra-se em um bloco intolerante de poderes reunidos em favor de um só.

### ***O hermafroditismo como elemento maneirista***

O hermafroditismo na obra de Artus Thomas é um elemento maneirista que se aplica a vários aspectos da vida dos hermafroditas: da política de privilégios ao vestuário, passando pelo modo de vida aristocrático e pela linguagem.

Segundo Dubois, no final do século XVI encontraremos numerosos casos de retórica hermafrodita, “que cultivava simetrias contrastantes e alianças contraditórias”<sup>224</sup>, desenvolvida no início do século XVII. O libelo de Artus Thomas é um desses casos; nele o hermafroditismo está “caracterizado por uma estrutura dual e por uma ética anfibológica, contra as aspirações à coerência unitária que caracteriza o estilo ‘barroco’ que os franceses se recusam geralmente a reconhecer sob este vocábulo, a ele preferindo o nome de ‘pré-clássico.’”<sup>225</sup> Segundo este autor, o hermafroditismo é um “prolongamento maneirista” que se estende durante o período de desenvolvimento do barroco<sup>226</sup>.

Na descrição dos *mignons* feita por Pierre de L’Estoile, a toalete e a indumentária são partes importantes de um retrato satírico em que as aparências, a “*bonne mine*”, são cultivadas para que se exiba uma fachada notável. O rosto é coberto de pó, fachada feita para que se crie a ilusão de que por trás da máscara se esconde uma face. No entanto, a máscara é o rosto, os cortesãos hermafroditas são o que aparentam ser. Ser e parecer se confundem: o hermafroditismo é uma forma de maneirismo no comportamento.

Procedimento usado nas obras maneiristas, os numerosos elementos ornamentais usados pelos hermafroditas não fazem mais do que embelezar um vazio e mascarar uma ausência. Este procedimento se opõe às obras barrocas, em que a superabundância

---

<sup>224</sup> “[...] qui cultive les symétries contrastées et les alliances contradictoires.” DUBOIS, Introduction, p. 12.

<sup>225</sup> “[...] caractérisé par une structure duelle et une éthique amphibologique, contre les aspirations à la cohérence unitaire qui caractérise le style ‘baroque’ que les Français refusent généralement de reconnaître sous ce vocable, lui préférant le nom de ‘préclassique’”. DUBOIS, “Un aspect de la littérature utopique...”, p. 206.

decorativa encerra em si uma profusão de significados. O hermafroditismo “é um formalismo, em seus fundamentos filosóficos como em seu culto exclusivo da formalidade.”<sup>227</sup>

Ele [o hermafrodita] constrói para si uma personalidade de alta costura com trapos, e o que nele ocupa o lugar de alma é uma sinfonia de perfumes cujo emprego, neste Des Esseintes à antiga, é objeto de um cuidado particular. [...] Quando não se tem acesso à essência, é a forma que preenche o vazio: o hermafroditismo é um formalismo que deixa ver e organiza um não-ser, um não-sentido, em paradas e rituais gratuitos.<sup>228</sup>

Segundo Dubois, o uso das noções de natureza e de liberdade na Ilha dos Hermafroditas corresponde a um recurso usado pelos maneiristas quando, pela separação de partes decompostas, sobressaem as contradições e aparecem as rupturas. O objetivo passa longe da harmonização de contrários e do equilíbrio de conflitos: “a desordem e a anarquia aparentes de uma ‘natureza’ deste modo colocada em liberdade [...] é apenas aparente; ela favorece a instituição de uma ordem social e política particular”<sup>229</sup>.

Há neste libelo uma crítica ao estetismo maneirista derivado do naturalismo renascentista em que o autor procura descobrir os vícios da natureza e, ao mesmo tempo, denuncia as dissonâncias causadas pela subordinação dos princípios éticos à lei estética do interesse e do prazer.

Este panfleto é uma arma de guerra e de propaganda endereçada contra os últimos vestígios do naturalismo renascentista, apresentado sob sua forma decadente, contra um materialismo julgado monstruoso e contra um maneirismo que cultiva todos os efeitos de obliquidade e de perversão dos valores (procedimento anamorfótico aplicado à moral).<sup>230</sup>

\*\*\*

---

<sup>226</sup> DUBOIS, “L’Hermaphrodite: une allégorie énigmatique...”, p. 17.

<sup>227</sup> “[...] est un formalisme, dans ses fondements philosophiques comme dans son culte exclusif de la formalité.” DUBOIS, “Horrible Sphinx...”, p. 313.

<sup>228</sup> “Il se construit une personnalité de haute couture avec des chiffons, et ce qui lui tient lieu d’âme est une symphonie de parfums dont l’emploi, chez ce Des Esseintes à l’ancienne, fait l’objet d’un soin particulier. [...] Quand on n’a pas accès à l’essence, c’est la forme qui comble le vide: l’hermaphrodisme est un formalisme qui donne à voir et à organiser un non-être, un non-sens, en des parades et des rituels gratuits.” DUBOIS, “L’Hermaphrodite: une allégorie énigmatique...”, p. 18.

<sup>229</sup> “Le désordre et l’anarchie apparente d’une ‘nature’ ainsi mise en liberté [...] n’est qu’apparente; elle favorise l’institution d’un ordre social et politique particulier.” DUBOIS, Introduction, p. 36-37.

<sup>230</sup> “Ce pamphlet est une arme de guerre et de propagande dressé contre les derniers vestiges du naturalisme renaissant, présenté sous sa forme decadente, contre un matérialisme jugé monstrueux et contre un maniérisme qui cultive tous les effets d’obliquité et de perversion des valeurs (procédé anamorphotique appliqué à la morale).” DUBOIS, “L’Hermaphrodite: une allégorie énigmatique...”, p. 23.

## II: *Tradução*

### Abreviações:

**DLL:** DUBOIS, LAGANE e LEROND. Dictionnaire du français classique. Paris: Larousse, 2001.

**L:** Bibliorom Larousse et Le Petit Larousse Illustré. Microsoft Corporation et Liris Interactive, 1996.

**H:** Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

**G:** Dicionário de Francês-Português, Português-Francês. São Paulo: Globo, 1999.

**R:** Le nouveau Petit Robert. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1993.

**D:** DUBOIS, Claude-Gilbert. Notas à Ilha dos Hermafroditas. Genève: Droz, 1996.

**DL:** \_\_\_\_\_. Léxico da Ilha dos Hermafroditas. Genève: Droz, 1996.



## Os Hermafroditas

*Não sou nem macho nem fêmea  
E no entanto muito me embaraça<sup>231</sup>  
Qual dos dois devo escolher  
Mas que importa com quem se parece  
Vale mais tê-los juntos  
Recebe-se nisso duplo prazer*

<sup>231</sup> Este segundo verso, *Et si je suis bien en cervelle*, apresenta duas locuções: uma caída em desuso no século XVII, *Et si*, que deve ser lida como “no entanto”. Outra, *en cervelle*, cujo sentido é “no embaraço, na inquietude, perplexo, aceso, atento” (DLL, verbetes “*si*” e “*cervelle*”. Todas as traduções das diferentes acepções dos dicionários em francês são minhas).

# A Ilha dos Hermafroditas

RECENTEMENTE DESCOBERTA

com

os modos, leis, costumes

e ordenanças dos habitantes desta

O mundo é um bufão, o homem uma comédia,  
Um porta um bastão com guizos, e o outro é a loucura<sup>232</sup>.

São versos<sup>233</sup>, Amigo, que os antigos nos repetiram com freqüência em seus escritos, e que nós mesmos tomamos por verdadeiros quando consideramos de perto as ações humanas; mas, sem fazer-se de filósofo, digamos que, excetuada a lei de Deus, tudo é digno de troça. Que, se algum pobre Sibarita<sup>234</sup> julgar estes termos um pouco rudes demais para suas delicadas orelhas, e que ele queira trazer aqui alguma paráfrase Epicurista, que leia este discurso e porventura antes que chegue à metade, perceberá que ele mesmo não é outra coisa senão um charlatão.

O novo mundo produziu-nos neste novo século tantas coisas novas, que a maior parte do velho mundo, desprezando sua antigüidade, preferiu procurar, ao risco de mil vidas, alguma nova fortuna, que se contentar com a antiga e viver em repouso e tranqüilidade<sup>235</sup>. E assim desejando altas aventuras, encontram mais ordinariamente aquelas que limitam todos os seus desejos, sem ter gozado do contentamento que procuravam; mas, além de sua natural inclinação, os tumultos contínuos advindos na Europa há tantos anos ainda persuadiram muitos a deixar por um tempo seus antigos lares, de medo de servirem de personagens ou de espectadores das sangrentas tragédias que se encenam

---

<sup>232</sup> Notar a inversão mundo/comédia, homem/bufão (N. da T.).

<sup>233</sup> Segundo Dubois, no exemplar Lb<sup>34</sup> 806A da Biblioteca Nacional, a primeira linha traz, ao invés de “Amy”, “Ami S”, “Amigo”, “Amigo S”, o que poderia ser entendido como uma referência a Savignac. François de Lescours, barão de Savignac e d’Oradour nasceu em 1557 e participou das tropas do rei de Navarra. Ao final de sua vida escreveu um relato de uma viagem imaginária nas Índias Orientais, em prosa e em verso, com narração de aventuras e reflexões, texto considerado uma sátira da corte de Henrique III, assim como A ilha dos Hermafroditas (D, p. 53, nota 1).

<sup>234</sup> Em francês, *cybarite* ou *sybarite*: tomado no sentido figurado de “bon-vivant” (*jouisseur*). Os habitantes de Síbaris, antiga cidade da Magna Grécia, célebre pelo luxo e pela morosidade de seus habitantes, reputados por levarem uma vida inclinada aos prazeres luxuriosos e devassos (DL).

<sup>235</sup> Segundo Dubois, se tomarmos “novo século” em sentido literal, ou seja, a partir de 1600, podemos pensar nas expedições efetuadas por Samuel de Champlain às Antilhas, de 1599 a 1601, à baía de Saint-Laurent, em 1603 e à Acádia, em 1604. Em sentido figurado, a alusão parece mais geral, referindo-se às diversas viagens feitas por europeus às terras descobertas há mais de um século (D, p.54, nota 2).

neste grande teatro<sup>236</sup>. Ora, dentre estes, um dos nossos Franceses<sup>237</sup> que não tinha menos valor que prudência, mas a quem uma bondade natural suprimira a força e a vontade de molhar suas mãos no sangue dos seus, elegeu antes correr outros perigos que de forçar nisso sua natureza, de sorte que, banindo-se a si mesmo e vivendo errante pelo mundo, ele viu ao longo de vários anos tudo o que um olho curioso saberia desejar. Mas enfim o renome da paz (que a França conquistou pelo valor e pela boa conduta do invencível e augustíssimo Monarca que a comanda) tendo se propagado por todo o mundo até o lugar onde ele então estava<sup>238</sup>, teve uma nova vontade de ver mais uma vez sua querida pátria e render honra e obediência àquele que conquistara e negociara um tão grande bem. À sua chegada, cada um de seus amigos e familiares o foi visitar, como penso, [tanto] para saber as novidades como para alegrar-se com ele por seu feliz retorno, e encontrando-me então com alguns destes que acabo de dizer, no momento em que tomaram a resolução de vê-lo, fui facilmente persuadido a esta viagem, não tendo menos curiosidade que os outros; e pondo minha deliberação em execução, fomos encontrá-lo em uma casa sua, de pouco afastada do lugar onde estávamos, onde, após as boas-vindas e a boa acolhida costumeira, e que demos alguma trégua às palavras de cortesia tão amigas da superfluidade como são mais freqüentemente inimigas da verdade, cada um o inquiriu sobre o sucedido em suas viagens e sobre as raridades, leis e modos de viver que ele vira e notara dentre uma tão grande diversidade de nações; ao que ele satisfez cada um. Em suas poucas palavras, fizeram-se necessários vários dias para discorrer longamente como ele pôde fazer – além do que era somente nos confirmar o que já havíamos aprendido pelos livros. “Mas, disse ele, deixando todas estas nações cujas notícias parecem já triviais<sup>239</sup>, eu vos quero fazer um discurso sobre um povo do qual pode ser que vós ainda não tenhais jamais ouvido falar”; cada um o agradeceu por sua boa vontade com orações muito afeiçoadas para que o efetuasse, e então começou assim:

“A extensão da minha peregrinação já começava a me enfadar, e a ardente curiosidade do meu espírito a arrefecer depois de ter visitado e investigado tudo o que há de raro e de valor nas novas terras descobertas, e deliberava interromper minhas andanças,

---

<sup>236</sup> Lenglet-Dufresnoy, em nota da sua edição de 1744, vê aí uma alusão às viagens dos reformados aos novos territórios das Américas (Brasil, Luisiana, Flórida, Canadá) para escaparem das guerras civis e perseguições que terminaram com o Edito de Nantes, em 1598 (D, p. 54, nota 3).

<sup>237</sup> Observa Dubois que a escolha de um personagem que não participou das guerras civis é muito acertada, pois dá a ele a qualidade de inocência em um século onde são ainda visíveis as cicatrizes dos confrontos (D, p. 54, nota 4).

<sup>238</sup> Pode ser que trate-se aí da paz advinda com o final das guerras civis ou com o termo do conflito com a Espanha em 1598. Henrique IV torna-se rei da França em 1594 (D, p. 54, nota 5).

<sup>239</sup> Conhecido de todos, banal. *Trivium*: carrefour (DL, verbete “trivial”).



e habituar-me em alguma cidade daquele país quando a notícia da paz entre os Reis de França e de Espanha tendo chegado até nós, um meu amigo com quem eu fizera a maior parte das minhas viagens e que tinha uma vontade extremada de receber-se mais uma vez com os seus, me persuadiu muito facilmente ao retorno, de modo que tendo encontrado um navio mercante que estava pronto a fazer velas, e que partia em direção de Lisboa, resolvemos sem demora aproveitar esta ocasião e nele embarcarmo-nos; mas tínhamos vogado apenas uma meia jornada com um vento bastante favorável, [quando] a tempestade e a tormenta levantando-se agitaram nossa embarcação com tamanha fúria e impetuosidade, que depois de haver estado cá e lá dois dias e duas noites quase amortalhados nas Ondas, tanto o mar estava inflado e irritado, que, por fim, nosso mastro rompido, os costados do navio abertos, a sentina cheia de água, e o piloto sob o domínio dos ventos, nossa embarcação foi enfim chocar-se contra o porto de uma Ilha que avistamos de longe, com uma tal violência que, num instante, ela foi destruída em mais de mil pedaços, e aqueles que estavam dentro abandonados à mercê das ondas, pelas quais uns foram tragados, outros salvaram-se a nado; mas o piloto com quem meu companheiro e eu tínhamos uma familiar freqüência<sup>240</sup>, tendo previsto há tempos este perigo, fizera salvar-nos com ele no esquife, de sorte que finalmente chegamos à terra tão extenuados e tão fracos do trabalho que tivemos, que quase não podíamos caminhar, e tão perturbados que não soubemos considerar à primeira vista a natureza da terra onde tínhamos aportado. Mas depois que retomamos um pouco nossos espíritos, e que, com os joelhos flexionados na terra e os olhos voltados para o céu, nossa alma cantou novos Cânticos e ações de graças ao conservador de todas as criaturas, vimos que a terra sobre a qual caminhávamos era toda flutuante, e que ela errava vagabunda sobre este grande Oceano sem qualquer estabilidade<sup>241</sup>. Então, invadidos por um novo receio, não sabíamos que resolução tomar, julgando o fato tão estranho que dificilmente podíamos pôr fé em nossa vista. Todavia, não podendo nos acontecer nada pior que o estado em que nos encontrávamos, deliberamos tentar o acaso e visitar esta nova nau terrestre que vimos por toda parte tão fértil e florida que acreditamos ser pura verdade a fábula dos campos Elíseos, e que por não sei que movimento celeste eles haviam sido transportados a estas terras tão longamente desconhecidas. Nosso Piloto, que morria de fome, e que, mais acostumado que nós à coleta, sabia como se devia tomar sem pedir, partiu em busca de víveres, e enquanto nós

---

<sup>240</sup> *Familière accointance*. *Accointance*: freqüentação familiar (DLL).

<sup>241</sup> Várias narrativas fabulosas seguem o modelo deste episódio, por exemplo a descrição da ilha-baleia em *Le voyage de saint Brendan* (v. 441-478). Lenglet-Dufresnoy entende a flutuação da ilha como “símbolo das tempestades políticas que agitaram a França durante as guerras civis”. Dubois ressalta o valor simbólico de tal flutuação aliando-a ao caráter dos hermafroditas (D, p. 56, nota 7).

nos pusemos a contemplar um edifício bastante próximo de nós, cuja beleza encantou de tal forma nossos espíritos, que tínhamos a opinião que era mais uma ilusão que uma coisa verdadeira. O mármore, o Jaspe, o Pórfiro, o ouro, e a diversidade dos vernizes era o que havia de menor; pois a arquitetura, a escultura, e a ordem que se via calculada em todas as suas partes, atraía tanto o espírito em admiração, que o olho, que pode ver tantas coisas num instante, não era suficiente para compreender todo o conteúdo deste belo palácio<sup>242</sup>. E como a beleza é coisa que atrai ordinariamente para si o que, ao que parece, dela está mais afastado, esquecendo nossa lassidão e as fadigas que tão longamente sofremos, fomos tentados ou, antes, forçados pela curiosidade, a ver mais particularmente esta rara obra-prima da natureza. Entretanto esperamos o Piloto, que não demorou muito para retornar carregado de víveres, com os quais saciamos nossa fome, que verdadeiramente nos afligia, tendo estado tão longo tempo sem comer; mas depois de ter fortificado nossos corpos e que o ânimo nos retornara um pouco, dissemos nossa intenção ao nosso provedor, sob condição que se por acaso nos separássemos uns dos outros, faríamos ao menos o possível para reencontrarmo-nos todos no dia seguinte no mesmo lugar. O Piloto que já observara algumas singularidades na ilha, e mesmo descobrira que ela se chamava ilha dos *Hermafroditas*, disse que estava contente, e que enquanto nós fôssemos por um lado ele iria por outro, e que no retorno cada um relataria a seu companheiro o que tivesse aprendido. Assim separamo-nos, o Piloto em direção aos lugares habitados da Ilha, e nós dois em direção a este rico palácio onde chegamos em pouco tempo, e encontramos à primeira vista um longo Peristilo ou fileira de colunas Cariátides, as quais tinham por capitel a cabeça de uma mulher; de lá entramos num grande pátio cujo pavimento era tão luzente e tão escorregadio que com dificuldade podíamos ali mantermo-nos de pé. Todavia a vontade de passar mais adiante fez-nos ir todos cambaleantes à grande escadaria, diante da qual ficava um patamar rodeado de doze colunas, acompanhado de um portal tão magnificamente enriquecido que era impossível considerá-lo sem se deslumbrar: sobre sua arquitrave via-se uma estátua de alabastro, o corpo saindo pela metade de um mar, que estava bastante bem representado por diversos tipos de mármore e de pórfiros<sup>243</sup>. Esta estátua era tão bem proporcionada quanto se podia, e segurava em uma de suas mãos um rolo onde estava

---

<sup>242</sup> Segundo Lenglet-Dufresnoy esta construção corresponderia a uma descrição codificada do Palácio do Louvre, em reformas e em ampliação no tempo de Catarina de Medici. É também possível imaginar que trata-se de um modelo estereotipado de arquitetura (D, p. 57, nota 8).

<sup>243</sup> Para Dubois esta estátua pode ser a representação ou da Vênus Anadiomena (saindo das águas), já que ela é a deusa tutelar da ilha, ou do Hermafrodita imerso pela metade nas águas do lago Salmacis (D, p. 58, nota 9).

escrita esta palavra: *Planiandrion*<sup>244</sup>. Com dificuldade ousávamos sair deste lugar, tanto estávamos plenos de maravilha em ver aí uma tão grande solidão, que não havíamos ainda encontrado ninguém desde que tínhamos entrado. Todavia a curiosidade tendo nos dado a ousadia de passar adiante, vimos então uma maravilhosamente grande multidão de pessoas que iam e vinham de todos os lados: pensamos então em separarmo-nos à condição porém de reencontrarmo-nos na saída, ou pelo menos no local que já havíamos combinado.

Assim continuando meu caminho, subi cerca de oito degraus da escadaria, ao final dos quais encontrei à mão esquerda uma porta aberta, pela qual entram<sup>245</sup> alguns homens, um dos quais portava um tecido e uma travessa dourada, um outro tinha um prato coberto, e como eram aproximadamente onze horas da manhã, eu pensava que fosse o almoço do senhor do lugar, que julgava muito mecânico<sup>246</sup>, visto a sublime magnificência da residência e a multidão daqueles que estavam a seu serviço. Eu me misturei então bastante ousadamente dentre estes, que não me recusaram a entrada no quarto; pois, pelo que soube depois, era completamente livre quando era dia, que aí nunca começava a despontar não fosse ao menos dez horas. Assim que pus os pés no quarto, senti o mais suave perfume que seja possível imaginar, e tão logo vi um pequeno vaso em forma de incensório em Mosaico<sup>247</sup>, do qual saía o vapor que enchia todo o lugar. Este quarto era muito magnificamente atapetado, e os móveis eram muito ricos e preciosos; mas como eu queria ver o paradeiro da minha companhia, não me deleitava tão particularmente a considerá-los por hora. Eu vi então que eles iam direto para um leito bastante largo e espaçoso, que com o espaço que deixava entre ele e a parede ocupava uma boa parte do quarto<sup>248</sup>. Tão logo estes, tendo todos a cabeça descoberta, se detiveram em direção dos pés da cama, esperando que um deles puxasse o cortinado; mas aquele que estava no leito começou a se queixar que o acordaram em sobressalto, e que era demasiado cedo; os seus se escusaram o melhor que puderam, e entreabrindo um pouco as janelas lhe fizeram ver que o Sol estava alto. Ele então, ainda sonolento, sentou-se, e tão logo lhe colocaram sobre os ombros um

---

<sup>244</sup> Segundo Lenglet-Dufresnoy, termo hermafrodita querendo dizer “diadema de mulher usado por um homem”. Segundo Dubois, “humanóide errante”. Ele observa que o gênero neutro usado na língua grega dá conta do estatuto indefinido do hermafrodita (D, p. 58, nota 10).

<sup>245</sup> No original, o verbo está no presente. Em nossa tradução, optamos por deixar os verbos no tempo em que apareciam no texto de origem, guardando assim o efeito de estranhamento que o texto original provoca no leitor e que é uma imagem da língua francesa neste período. Ao longo do texto aparecerão outros verbos cujo tempo original foi conservado na tradução (N. da T.).

<sup>246</sup> Traduzimos *mécanique* literalmente: esse adjetivo era usado em sentido pejorativo: “vil, sem nobreza, mesquinho” (DLL).

<sup>247</sup> Segundo Lenglet-Dufresnoy, “uma caçoula, um dos instrumentos da volúpia das mulheres” (DL, verbete “*mosaïque*”).

<sup>248</sup> Segundo Lenglet-Dufresnoy há aqui uma alusão às camas de muitos lugares reservadas aos *mignons de couchette* (“jovem belo e elegante”, segundo DLL, verbete “*couchette*”). Pode-se ver aí uma alusão ao luxo da moda italiana (D, p.59, nota 11).

pequeno manto de cetim branco recamado com brilhos<sup>249</sup>, e forrado com um tecido semelhante à fazenda<sup>250</sup> de seda. Eu ainda não vira o que era que<sup>251</sup> estava no leito, pois ainda não se viam as mãos nem o rosto; mas aquele que lhe colocara o manto logo veio retirar um tecido que lhe pendia muito baixo sobre o rosto, e remover uma máscara que não era de tecido nem da forma daquelas que usam de ordinário as Damas, pois ela era como de uma tela luzidia e muito justa, onde parecia que colocaram alguma cera, contudo não cobria todo o rosto, pois era decotada em ondas na parte de baixo de receio que isso ofendesse a barba que começava a algodoar de todos os lados; depois lhe descalçaram as luvas que tinha nas mãos, e que usara toda a noite, ao que pude julgar, em seguida um dos seus que parecia fazer-se de entendido mais que os outros lhe trouxe uma toalha com a ponta molhada, com a qual tendo esfregado muito delicadamente a ponta dos dedos, apresentaram-lhe o caldo que haviam trazido, que na aparência tinha a forma de algum concentrado<sup>252</sup> ou restaurador<sup>253</sup>, que ele tomou até a última gota; depois do que apresentaram-lhe num outro prato alguns doces cristalizados, feitos em forma de rolo<sup>254</sup>, onde parecia haver carne misturada, dos quais depois de ter comido três ou quatro fez retirar o resto de diante de si, e então lhe trouxeram uma outra toalha molhada com a qual tendo ainda se lavado e se enxugado deram-lhe suas luvas, que ele calçou em suas mãos; depois o criado de quarto tendo-lhe recolocado sua máscara e abaixado sua corneta<sup>255</sup>, tirou-lhe o manto; fiquei espantado que meu homem tenha se precipitado novamente no leito, e após tê-lo coberto fecharam novamente o cortinado, dizendo que ele ia tentar repousar ainda uma horinha. Eu acreditava, no início, que ele estava doente, mas vendo sua alegria, sua boa feição, e como comera com bom apetite, logo mudei de opinião. Quanto àqueles que o serviram, cada um se retirou para fazer, talvez, como o senhor, de modo que tive que sair com<sup>256</sup> eles; mas não permaneci sem encontrar abrigo, pois ouvindo falar bem perto daqui, aproximei-me do lugar para ver se podia ali ter entrada, que não me foi de modo algum recusada; mas mal entrara no quarto quando vi três homens presos pelos cabelos por pequenas tenazes que eram puxadas por alguns pequenos braseiros, de sorte

---

<sup>249</sup> *Clinquant*, no original, “pequenas lamelas cintilantes de ouro ou de prata utilizadas para a ornamentação dos tecidos (avô do strass)” (D, Léxico).

<sup>250</sup> *Pane*, no original, “fazendo fabricada à maneira do veludo, mas com dobras mais longas e alisadas” (D, Léxico).

<sup>251</sup> Notar o uso de “o que era que” ao invés de “quem”, como se o aspecto humano fosse relegado a um segundo plano (N. da T.).

<sup>252</sup> *Pressis*, no original, “extrato de suco de carne, de legumes ou de frutas espremidas” (D, Léxico).

<sup>253</sup> *Restaurant*, no original, “designa todo alimento destinado a reparar as forças” (D, Léxico), um fortificante.

<sup>254</sup> *Rouleaux*, no original, “todo objeto de forma cilíndrica; pode tratar-se de massas enroladas à maneira dos canelloni, das cofeitarias ou de massas de frutas (D, Léxico).

<sup>255</sup> *Cornette*, no original, “penteado de ficar em casa (usado somente para as mulheres)” (D, Léxico).

<sup>256</sup> *Quant et*, no original; locução prepositiva equivalente a “com” (DLL).

que víamos seus cabelos todos fumegantes. No início isso me assustou, e tive toda a pena do mundo para me impedir de gritar, pensando que lhes fizessem algum ultraje; mas quando os considerei mais de perto, reconheci que não lhes faziam mal algum. Pois um lia um livro, outro gracejava com um criado, e outro entretinha um que se dizia filósofo; diríeis que queriam fazer de seus cabelos como desses rolos de estamena<sup>257</sup>, de tanto que estavam enroscados entre as tenazes; e quando toda esta cerimônia estava acabada, suas cabeças pareciam um céu coberto de pequenas nuvens encarneiradas. Deste quarto entrava-se em outros, nos quais, por estarem abertos, via-se tudo o que neles se fazia; a alguns, eram retiradas as cordinhas com as quais seus cabelos estavam enroscados, a outros, sacudiam-lhes tanto a cabeça que se poderia pensar que tratava-se de alguma árvore da qual se devesse fazer cair frutas. Também outros havia a quem diríeis que fizeram uma pequena operação de cauterização<sup>258</sup>. Cada um deles tinha vários homens em volta da cadeira onde estavam sentados, um desfazendo o que o outro fizera, outro segurando entre as mãos um grande espelho (um outro tinha em suas mãos uma caixa cheia de pó semelhante àquele de Chipre<sup>259</sup>, com um grande pompom de seda que ele mergulhava nesta caixa, e empoava a cabeça do paciente). Quando isso terminava, vinha um outro tendo na mão um pequeno pincel de ferro do qual se servia para tirar a abundância de pelos das Sobrancelhas, e deixar aí somente um traço muito fino para fazer a arcada<sup>260</sup>. Alguns se serviam de certas gomas feitas em pequenos rolos muito finos, parecidos com a cera de Espanha da qual as Damas se servem para lacrar suas cartas, que faziam fundir em uma chama que ficava para este efeito sobre a mesa, e a aplicavam depois sobre a sobrancelha segundo o que se queria retirar; em seguida, tão logo arrancava-se esta goma com o pelo, não todavia tão destramente que não se causasse muita dor ao pobre paciente. Enquanto toda esta cerimônia se fazia, eu via um no canto do quarto que, com um certo instrumento que eles chamavam sublimatórios, fazia exalar o mercúrio num certo vapor, o qual condensado e compactado ele vinha aplicar sobre as bochechas, Fronte, e Colo do Hermafrodita<sup>261</sup>. Eu via outros que usavam certas águas com as quais o lavavam que

---

<sup>257</sup> *Estamine*: tecido ou feltro de lã ou crina com fios entremeados que servia para a confecção de filtros. Os cabelos frisados (*crispelus*) e os diversos instrumentos e técnicas de penteado estavam na moda no final do século XVI (D, Léxico).

<sup>258</sup> A expressão *baillé un ceton*, que traduzimos por “feito uma pequena operação de cauterização”, é de difícil compreensão. Dubois informa que *ceton*, ou *seton*, era uma “pequena operação de cauterização, feita com a ajuda de uma mecha e de um dreno, geralmente praticada no pescoço” (DL, verbete “*ceton*”).

<sup>259</sup> *Poudre de Chipre*: pó, talco ou amido destinado aos cuidados da pele e ao empoamento dos cabelos e das perucas (DL, verbete “*Chipre*”).

<sup>260</sup> A forma arqueada das sobrancelhas, chamadas *sourvis voultifs* é característica de uma moda do final do século XVI (DL, verbete “*arcadé*”).

<sup>261</sup> Explica Dubois: “meio de obtenção, descrito em termos de alquimia, de sulfureto de mercúrio, chamado cinabre ou vermelhão, que servia de maquiagem” (D, p. 62, nota 12).

tinham tamanho poder que elas podiam tornar delicada uma tez muito grosseira. É verdade que soube depois que elas tinham uma outra propriedade, a de que, após ter por um tempo clarificado a tez, elas faziam do rosto uma mina de rubis, por esse meio tornando um homem rico num instante<sup>262</sup>. Eu pensava que a fricção de lábios seria a última cerimônia, mas vi naquele momento um outro pôr-se de joelhos diante dele e pegando-o pela barba, lhe fazia abaixar o maxilar inferior, depois, tendo molhado o dedo em não sei que água que se encontrava perto dele em uma pequena escudela de vidro, tomou um pouco de certo pó branco, com o qual esfregou-lhe as gengivas e os dentes, depois, abrindo uma pequena caixinha, tirou não sei que ossos, que fez-lhe entrar na gengiva atando-os com um ferro<sup>263</sup> bem fino, dos dois lados por onde podia pegá-los<sup>264</sup>. Aquele que lhe colorira as bochechas veio depois com uma pequena concha e um pincel na mão, do qual serviu-se para mudar-lhe a cor da barba que estava quase da cor do fogo. Trouxeram uma outra certa toalha bastante clara, feita em forma de luvas<sup>265</sup>, com a qual ele esfregou suas bochechas, que enchia e inchava a fim de fazer desbastar o pelo que lhe crescia em demasiada abundância. Havia alguns que se ajudavam com uma escarlate<sup>266</sup>, mas isso não lhes servia muito. Depois que isso estava feito, aquele que lhe enrolara o cabelo vinha com uma pequena ferramenta, que ele colocava no braseiro do qual falava acima, que lhe realçava tão bem os pelos sobre a boca, que teríeis dito uma goteira; e na verdade a invenção não era má no inverno, principalmente para aqueles que querem observar as regras de asseio. Eu via outros também a quem se ensaboava a barba com certas bolinhas, que lavavam depois com certas águas de cheiro.

Esta bela e preciosa cabeça tão bem enfeitada, eu queria me retirar, e pensava ter visto tudo de uma só vez, tudo o que havia de mais raro neste lugar; mas logo vi um dos

---

<sup>262</sup> Note-se aqui a alusão aos efeitos colaterais de vaso-dilatação atribuídos ao uso do cinabre, como vermelhidões e vasodilatação. Lenglet-Dufresnoy assinala outros efeitos colaterais como a queda de dentes e a anemia (D, p. 62, nota 13). “Os produtos de maquiagem que continham arsênico, mercúrio e chumbo branco arruinavam a pele, provocavam a queda dos cabelos, infecções e até mesmo a morte”. (GRANT, Neil. O cotidiano europeu no século XVIII. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Melhoramentos, 1994, p. 26).

<sup>263</sup> “*Le XVI<sup>e</sup> siècle a vu se produire en France beaucoup d’innovations qui ont progressivement modifié la vie quotidienne. Le coffre se transforme en armoire. Les vitres se substituent soit aux toiles et papiers translucides appliqués sur les fenêtres, soit aux vitreaux lourds et coûteux. Les lunettes se multiplient. Chez les riches, on mange désormais avec des fourchettes, on possède des horloges, voire des montres, on utilise des carrosses parfois dotées d’un avant train mobile et d’une suspension. Tous ces progrès sont solidaires d’une civilisation qui fait un emploi croissant du métal et notamment du fer. Celui-ci est désormais nécessaire pour l’armement – concurremment avec le bronze – pour les parties métalliques des machines, mais aussi pour ces multiples objets domestiques – épingles, clous, rasoirs d’acier, ciseaux, fourchettes – dont la consommation augmente*” (DUBY, Georges, Histoire de la France. Paris: Larousse, 1970, p. 252).

<sup>264</sup> Trata-se do predecessor dos produtos para a higiene e o tratamento dentário, como o dentifrício e as próteses (D, p. 62, nota 14).

<sup>265</sup> Segundo Dubois o uso de luvas higiênicas (*gants de toilette*) era recente e muito apreciado (DL, verbete “*gants*”).

<sup>266</sup> No original, *escarlatte*: estofa ou tecido cortado em forma de toalha (D, Léxico).

seus que lhe trazia calças engomadas e estufadas com uma longa meia de seda presa. Ele as tinha sobre os braços de medo de sujá-las, enquanto que lhe calçavam outras calças de tecido muito fino, depois nele colocaram aquelas de seda, um outro veio logo depois trazer um pequeno par de calçados muito estreitos e de corte gracioso; eu ria comigo mesmo de ver tão pequenos calçados e não podia compreender na verdade como um pé grande e gordo podia entrar num tão pequeno sapato, já que a regra natural quer que o continente seja maior do que o conteúdo, e todavia aqui era o contrário: vós o teríeis visto dar grandes pancadas contra o chão e com seu movimento fazer tremer tudo o que estava sob ele; depois deram-lhe grandes pancadas contra a ponta do pé. Isso me fazia lembrar aqueles que querem representar alguma coisa em uma comédia. Pois eu via um homem com um joelho no chão e o outro no ar sobre o qual pusera uma perna, e bater com a mão, ora a ponta do pé, ora o calcanhar, depois, com uma certa pele<sup>267</sup>, fazer entrar de modo justo o calçado, até o lugar onde ele devia ir. Certos grandes laços serviam depois para fazê-lo segurar mais firmemente, os quais eram feitos de modo que pareciam uma rosa ou alguma outra flor parecida. Coisa maravilhosa este pé, que me parecera tão grande antes de ser calçado; eu o julgava depois tão pequeno que dificilmente podia reconhecê-lo, e o teria quase tomado pelo pé de algum grifom. Eles diziam que tudo isso se fazia para a multiplicação dos corpos, que não é uma pequena ciência na natureza. Isso acabado, vi um outro criado de quarto vir, tendo em suas mãos uma camisa, onde eu via em todo o corpo e nas mangas abundante trabalho de renda ajour; mas com medo que ela ferisse a delicadeza da carne daquele que a devia vestir, pois a obra estava engomada, forraram-na com um tecido muito delicado. Aquele que a carregava aproximou-a do fogo, que fizeram um pouco claro, onde após tê-la mantido por algum espaço de tempo, vi levantar o Hermafrodita a quem retiraram uma longa veste de seda que ele tinha, e algumas blusas curtas de cor, depois a camisa que era muito branca. Mas pelo que soube eles não se cansam de trocar-se assim dia e noite neste país; há ainda alguns (raros todavia) que nunca se servem duas vezes da mesma camisa, nem de outra roupa que tenham, podendo somente suportar se aquilo que os toca tiver sido lavado. Mas aqueles que não são de todo tão cerimoniais enviam lavar algumas em regiões longínquas, onde eles sabem que há esta indústria do bem lavar<sup>268</sup>, os outros, por necessidade, acomodam-se aos lugares onde estão; mas é todavia após terem feito inquirir os mais perfeitos nesta arte. Esta camisa entregue da

---

<sup>267</sup> Trata-se de um predecessor da calçadeira, usado até o início do século XX (D, p. 64, nota 15).

<sup>268</sup> Segundo Lenglet-Dufresnoy haveria ainda em sua época (século XVIII) entendidos nesta arte “finos e delicados” que enviavam as roupas para serem lavadas em cidades afastadas. Ele cita a cidade de Courtrai, em Flandres, que tem essa reputação (D, p. 64, nota 16).

qual logo realçaram a gola<sup>269</sup> de sorte que teríeis dito que a cabeça estava numa emboscada, trouxeram-lhe um gibão no qual havia como uma forma de pequena couraça<sup>270</sup> para tornar iguais os ombros, pois havia um mais alto que o outro, e tão logo aquele que lhe dera seu gibão veio acomodar esta grande gola de renda ajour que eu dizia acima e que quase acreditara ser de algum pergaminho muito branco, de tanto barulho que fazia quando o manuseavam; devia-se acomodá-lo de uma maneira tão exata, que antes que ele estivesse em seu lugar levantavam e abaixavam este pobre Hermafrodita, que teríeis dito que o importunavam; quando isso estava colocado na forma que desejavam, se chamava o dom da rotunda<sup>271</sup>. Este gibão era um pouco decotado na frente, e a camisa também, a fim de mostrar um pouco a brancura e a delicadeza da garganta; mas, além deste decote, não se deixava de ver ainda algumas outras de renda ajour, através das quais a carne aparecia, a fim de que esta diversidade tornasse ainda a coisa mais desejável. Também deixaram alguns botões liberados de propósito, quando começaram a abotoar, o que não foi sem pena, tanto o traje era justo ao corpo; diziam que aqueles que os usavam assim o faziam para observar as regras da sobriedade e da civil conversação quando estivessem nos festins, mas outros, que preferiam uma boa refeição<sup>272</sup> à boa aparência, vestiam-se um pouco mais à vontade. Então começaram a atá-lo, mas antes sacudiram-lhe as pernas e as coxas bastante rudemente, e parecia quererem ensinar-lhe a fazer alguns gestos de Pantalón<sup>273</sup>: era para estender a meia sobre a perna e sobre a coxa a fim de que a forma parecesse mais bela; mas isso não era nada se comparado à dificuldade que tiveram para esticar esta meia<sup>274</sup> até o alto, pois sendo todas as duas muito curtas, era necessário que a agulheta<sup>275</sup> servisse aqui como uma bandagem de balestra a pelouro<sup>276</sup>. Havia outros que se faziam enfaixar as pernas uma após a outra, onde não havia pouca observação para esticar a faixa de maneira igual, a fim de que uma das extremidades não passasse a outra. Depois que ele foi atado, vieram apor-lhe grandes punhos trabalhados que cobriam aproximadamente a quarta parte do braço, enquanto um outro acomodava muito curiosamente a renda da gola, pois era

---

<sup>269</sup> *Collet monté*: gola engomada sustentada por papelão e fio de metal, em moda na época de Catarina de Medicis (DLL, verbete “*collet*”).

<sup>270</sup> *Cuirassine*: predecessor da ombreira, pequena chapa ou couraça (N. da T.).

<sup>271</sup> *Rotonde*: gola engomada de forma evasê, sustentada por um papel espesso, que havia substituído a *fraise tuyantée* (DLL).

<sup>272</sup> *Bonne chère*: gastrônomo (G), *faire bonne chère*: fazer uma boa refeição (R); *bonne mine*: aparência saudável.

<sup>273</sup> Pantalón é um personagem da *commedia dell'arte* conhecido pela sua abundante gesticulação: *pantalonnade*. No tempo de Catarina de Medicis os comediantes italianos começavam a se apresentar em Paris (D, p. 65, nota 17).

<sup>274</sup> *Bas*: trocadilho com o duplo sentido “meia” e “alto” (N. da T.).

<sup>275</sup> *Esguilette*: laço ou cordão com uma agulheta na extremidade usado para prender roupas. Ao final do século XVII esta peça havia perdido seu caráter utilitário e era usada somente como ornamento (DLL).

<sup>276</sup> A *arbalestre à jalet*, ou *jalet*, (balestra a pelouro), poderia ser uma funda ou um lança-pedras como os usados antes da invenção da artilharia (DL, verbete “*jalet*”).



necessário que ela fosse um pouco realçada a fim de melhor fazer a roda. Também me esquecera de dizer-vos que na gola do gibão havia ainda uma outra aplicada com uma outra cor que não era a do gibão, muito pontuada e forrada, que se dobrava e revirava, de sorte que quando a gola da camisa estava por cima, ela ficava muito afastada do corpo do gibão. Quando tudo isso se fazia, saíram de um vestuário próximo alguns pequenos Pigmeus<sup>277</sup>: um carregava uma vasilha de prata sobre a qual havia não sei que composição, um trazia uma bacia, o outro um jarro, e o outro um tecido dobrado muito delicado; isso parecia a pompa de algum sacrifício à antiga, e restava somente a vítima para imolar, a qual eu ainda não vira. Mas tão logo eu vi toda essa gente demorar-se diante desta meia-mulher, e cada um fazer-lhe uma profunda reverência. Eu o julgava sem mãos, pois ainda não as vira; mas então ele as tirou como fora de um estojo, e começou a esfregá-las com a composição que estava na vasilha, e depois de ter longamente esfregado e lavado, um de quem se dizia ser gentil-homem servo, apresentou-lhe a toalha. Depois disso trouxeram-lhe um pequeno cofre que chamavam de pelota, no qual havia muitos anéis; ele ordenou que pegassem alguns, que lhe colocaram nos dedos. Ele fez trazer um pequeno estojo no qual havia algumas argolas<sup>278</sup>, de onde pegaram dois brincos que lhe penderam nas orelhas e uma pequena corrente de pérolas entremeadas de alguns monogramas que colocaram-lhe no braço; um outro lhe trouxe uma grande corrente feita de duas ou três voltas de grãos de almíscar, entremeados de pérolas e de pequenos grãos de ouro, e ornada em certos lugares com algumas olivas talhadas, em torno das quais aplicara-se grande quantidade de pequenos diamantes. No meio da corrente havia um engaste que brilhava de todas as partes pela quantidade de pedras preciosas com as quais estava coberto; depois disso trouxeram-lhe um espelho feito em forma de um pequeno livro que lhe colocaram no bolso direito de suas calças; depois puseram-lhe um chapéu que cobria somente o alto de sua cabeça, de receio que, afundando-o mais, desarranjasse esta bela cabeleira, cuja fita bastante larga e toda bordada<sup>279</sup> de pérolas e entrelaçada de pedrarias, parecia bastante com um diadema<sup>280</sup> que nossas mulheres tinham o hábito usar há algum tempo. Ao lado do chapéu havia um grande penacho não de plumas como nós usamos ordinariamente, mas com quantidade de pedrarias dispostas em forma de topete; tão logo aquele que lhe colocara o chapéu sobre a cabeça retornou com dois grandes sachês de perfume, que trazia com as mãos estendidas, e com uma profunda reverência os veio apresentar ao *Hermafrodita*, o qual fazendo levantar

---

<sup>277</sup> Na corte de Espanha era comum ter-se “Pigmeus”, ou anões, moda que chegou até a corte da França (DL, verbete “*Pigmés*”).

<sup>278</sup> *Bagues d'oreilles*: brincos nos quais se colocavam pingentes (DLL, verbete “*bague*”).

<sup>279</sup> No original, *recamé*, do italiano *recamare*, que vem do baixo latim, bordar (D, Léxico).

<sup>280</sup> No original, *cer de teste*, ou diadema (D, Léxico).

aquele de cima, pegou um tecido muito elegantemente dobrado, que estava sobre o outro, o qual ele colocou em um de seus bolsos. Tudo isto concluído, veio um, que tinha maneiras de mordomo, que fazia trazer atrás de si duas caixas, uma das quais pegou, e depois de tê-la aberta, apresentou-a a seu Senhor e Dama, que aí pegou certos doces cristalizados<sup>281</sup>; fê-las envolver num papel para si, e na outra caixa havia certos torrões de açúcar de uma composição, ao que se dizia, muito excelente para dar algum vigor àqueles que deviam, ou que faziam, carregar fardo, dos quais com uma colher de prata, ele fez colocar uma alguma quantidade em uma pequena caixinha de prata dourada muito delicadamente elaborada, que lhe trouxeram, e na qual havia uma pequena colher, de mesmo material, para poder pegá-los mais facilmente, e fez colocar, tanto a dita caixa quanto o papel, no bolso onde colocara seu lenço; depois trouxeram-lhe um pequeno par de luvas muito finas, que levou muito tempo estendendo sobre suas mãos, de sorte que após tê-lo feito, elas pareciam estar coladas, e depois trouxeram-lhe outras muito perfumadas, e cortadas a grandes talhos nas beiradas, as quais estavam forradas de cetim encarnado<sup>282</sup> e enlaçadas com pequenas fitas de seda, de mesma cor. Devia ser aqui, me parece, a última cerimônia, mas eu vi que lhe colocavam na mão direita um instrumento que se estendia e se dobrava, dando-lhe somente um toque de dedos, que chamamos aqui um leque<sup>283</sup>; era de um velino tão delicadamente recortado quanto fosse possível, com rendados em volta de tal tecido; devia ser bastante grande pois devia servir como um pára-sol, para conservar-se do mormaço, e para dar algum fresco esta tez delicada, pois estávamos já muito avançados na estação, e os calores muito violentos neste país. Todos aqueles que pude ver nos outros quartos também tinham um de mesmo material, ou de tafetás com rendas de ouro e prata em volta; então começou a mexer-se por si mesmo, pois até então ele se movimentara somente com a ajuda de outros; mas sacudia tanto o corpo, a cabeça e as pernas que eu acreditava a todo instante que ele cairia. Eu tinha a opinião que isto lhe sucedia, por causa da instabilidade da ilha, mas soube então que é porque eles consideram esta maneira mais bela que qualquer outra. Esses dois de quem eu falava acima, vieram-no abordar com o mesmo gesto, e após algumas conversas comuns, que duraram algum pouco tempo eu os vi muito embaraçados com suas pessoas, e como gente que não sabia o que fazer, nem com o que passar o tempo; mas o Hermafrodita, que eu estivera mais curioso de ver vestir do que um dos outros, lhes

---

<sup>281</sup> Trata-se sem dúvida de confeitarias. Nessa época estava na moda ter uma caixinha (“*drageoir*”) com alguns confeitos no bolso. Na edição da *Ilha dos Hermafroditas* de 1744 Lenglet-Dufresnoy cita: “De Guise en demanda lorsqu’il se trouva dans la chambre du Roy, pour avoir oublié son drageoir” (D, p. 67, nota 18).

<sup>282</sup> Cor de carne, uma variante da cor rosa. O “*incarnat*” (“encarnado”), também usado, é um tom mais escuro (DL, verbete “*incarnadin*”).

<sup>283</sup> O uso do leque desenvolveu-se a partir do século XVI, por influência dos países mediterrâneos, mas a palavra “*éventail*” já havia sido introduzida nesta acepção no século anterior (D, p. 68, nota 19).

propôs ir ver aquele, no quarto de quem eu entrara primeiramente. O que os outros tendo achado bom, ele tomou um pela mão, e tão logo, apoiando-se displicentemente sobre seu ombro, saíram do quarto, ordenando aos pagens que os seguissem, uns trazendo mantos dobrados sobre seus ombros, outros espadas. Eu lhes perguntava se era a maneira dos pagens deste país, de estar assim vestidos; eles me disseram que aqueles não eram seus trajes, e que eram de seus mestres, os quais às vezes vestiam seus mantos, mas quanto às espadas, eram somente para a aparência, que delas não se serviam, a não ser quando queriam fazer-se de valentes, contra aqueles que não ousavam ou que não sabiam se defender. O que eu acreditei facilmente, visto suas maneiras de agir, e também que tendo considerado as bainhas, bem vi que elas não estavam ali para suportar grandes golpes: eram todas muito lindamente feitas, umas douradas, outras adamascadas<sup>284</sup>; quanto à lâmina, não era nem mais larga nem mais pesada do que um chicote; e tão perfumadas que ainda que tivessem bainhas de couro coberto com veludo, o cheiro não deixaria de penetrá-las, e de propagar-se; dizia-se que isto era o motivo por que os golpes eram favoráveis, pois eles não eram tão violentamente dados que deles se morresse; que se isso acontecesse, pelo menos a morte seria muito feliz, pois teria sido dada por uma tão bela espada. Durante tudo isto, veio um grande número de seguidores, dentre os quais eu me misturava, a fim de entrar com toda segurança e liberdade, no lugar para onde iam (ainda que não fosse o quarto proibido); mas antes de entrar eles mandaram buscar alguns, os que cantavam melhor, e alguns tocadores de Alaúde, os quais começaram a tocar e a cantar uma ária, o tema da letra me parecia ter ouvido dizer outrora estar em Petrônio, nos amores de Trimalcion<sup>285</sup>, o qual tendo acabado, tão logo o quarto lhes foi aberto, no qual eles entraram na mesma postura com que saíram do outro quarto. Este homem apoiando-se, e sustentando-se, todo agitado, sobre o ombro do outro, e o terceiro entrando todo saltitante, teríeis dito que era alguma mascarada, e na verdade eles já estavam bastante fantasiados; mas não fizeram outras figuras além de ir com o mesmo gesto para o lado do leito. Nós outros seguíamos atrás, e encontramos este quarto todo juncado de rosas, goivos e outras flores; mas era com muita espessura, pois dizia-se que isso aliviava muito os pés daquele que era senhor do lugar, os quais de outro modo seriam ofendidos pelos lambris do quarto; quando ele aí andasse, todas as janelas do lado do poente estavam então abertas, e as cortinas do leito estiradas, de sorte que podia-se ver uma parte do que aí se fazia. Este leito era realmente um dos mais

---

<sup>284</sup> Técnica ornamental cuja origem é localizada em Damasco (na Síria), que consiste em incrustar ouro ou prata no metal. Não confundir com o *damassage*, técnica de dar têmpera ao aço que torna o metal mais eficaz (DL, verbete “*damasquinées*”).

ricamente ornados que soubemos ver, pois o dossel era feito de quadrados, cujo fundo era de tela de prata, realçados com ouro e seda, onde estava representada a história do antigo Ceneu<sup>286</sup>, que víamos muito inocentemente transformar-se em mulher, e logo depois voltar a ser homem. Os montantes eram de ouro matizado<sup>287</sup> em relevo, e o duplo dossel, pois neste país não podiam dormir sob um simples cobertor de quadrados de renda ajour. Sobre o leito estava uma grande capa com traços de veludo verde, ornada com pedrinhas brilhantes, com traços interrompidos<sup>288</sup>, que era um segredo hieroglífico<sup>289</sup> do país; ela pendia a um pé do chão, e debaixo via-se o forro<sup>290</sup> de mesmo material; no meio do leito via-se uma estátua de um homem pela metade fora do leito, que tinha um gorro mais ou menos feito da forma daqueles das criancinhas novas vestidas; havia somente esta diferença que no lugar dos relevos<sup>291</sup> que temos por costume por nos recortes, eram cabelos frisados, ajeitados e empoados; havia camisas curtas<sup>292</sup> de cetim encarnado todo bordado com nuances<sup>293</sup>, onde estavam pintados os amores de Adriano e de Antinous<sup>294</sup>, e ao longo de toda a tapeçaria do quarto estava representada a mesma história em personagens maiores; com efeito, seu nome era o altar de Antinous, como pude saber depois. O rosto era tão branco, tão luzidio, e de um vermelho tão brilhante, que via-se bem que havia nele mais artifício que natureza; o que me fazia facilmente acreditar que fosse somente pintura. Havia uma gola de rufos engomada, e franzida<sup>295</sup> com grandes pregas, em cuja ponta havia uma renda bela e grande: os punhos estavam igualmente franzidos; quanto às camisas curtas eram muito amplas e estendiam-se muito largamente sobre o leito; ele tinha as mãos nuas, e em seus dedos alguns anéis de mavioso brilho; sob seus braços, havia dois travesseiros de cetim carmesim, de bordado, a fim de sustentá-lo sem pena; sob o leito via-se um grande

---

<sup>285</sup> O *Satiricon* de Petronio, publicado por Jean de Tournes em Lion no ano de 1575, é uma obra considerada libertina. Há nela um episódio em que Trimalcion, típico novo rico de gostos duvidosos, se gaba de, entre outras coisas, ser poeta (D, p. 69, nota 20).

<sup>286</sup> Lembra Lenglet-Dufresnoy que, segundo as *Metamorfoses*, XII, de Ovídio, Ceneu, mulher de Tessália, transformada em homem, nunca foi ferida nas batalhas de que participou (D, p. 70, nota 21).

<sup>287</sup> *Nuez*, no original, do verbo *nuer*, colorir. Trata-se de decorações coloridas em relevo (D, Léxico).

<sup>288</sup> *À bastons rompus*: locução; “*Parler à bâtons rompus*”, falar de maneira pouco cuidada, passando de um assunto a outro de maneira desordenada (Robert, verbete “*bâton*”). Por extensão, um motivo *à bâtons rompus* deve ser assimétrico.

<sup>289</sup> Os motivos hieroglíficos estiveram em voga logo após a publicação dos *Hieroglyphica* de Horapollon. O manuscrito grego foi descoberto no século XV e editado em língua francesa em 1553 (D, p. 70, nota 22).

<sup>290</sup> *Souç-bassement*: faixa de tecido colocada sob a coberta, nos pés do leito. Hoje em dia a palavra “*soubassement*” tem seu uso restrito ao campo da construção, já freqüente no século XVII (DLL).

<sup>291</sup> *Bouillons*, no original, designa as dobras ou nós com função ornamental, nos trajes ou nos tecidos usados no mobiliário (D, Léxico).

<sup>292</sup> *Brassières*, no original, roupa de baixo que recobre o busto, usado por crianças e mulheres (D, Léxico).

<sup>293</sup> *Broderie de nuances* é um tipo de bordado feito com fios de cores diferentes (DL, verbete “*nuances, broderie de*”).

<sup>294</sup> No texto original está escrito *Antonius*, que Dubois corrige para Antinous, favorito do imperador Adriano (D, p. 71, nota 23).

banquinho, e ao lado do leito muitos assentos de mesmo feitio que o leito, e estofados para a mesma consideração. Nesta ruela iam as três pessoas que eu dizia acima<sup>296</sup>, e começaram a invocar este ídolo por nomes que não se podem bem representar em nossa língua, pois toda a linguagem, e todos os termos dos *Hermafroditas*, são os mesmos que os Gramáticos chamam de gênero comum, e referem-se tanto ao macho quanto à fêmea; todavia desejando saber quais discursos eles faziam lá, um de seu séquito, de quem me aproximara, e que entendia bem o Italiano<sup>297</sup>, me disse que eles davam mil louvores às suas perfeições, e entre outras, que louvavam muito a beleza e a brancura de suas mãos, mas todos os seus discursos não o comoviam, pois ela<sup>298</sup> permanecia calada e imóvel, até que aquele que eu vira vestir dos pés à cabeça veio passar-lhe a mão sobre o rosto, como para lisonjeá-lo; mas tão logo aquilo que<sup>299</sup> eu considerara mudo e sem vida começou a falar e com uma fala toda efeminada, e todavia com desdém e desprezo, lhe disse: “Ah, como sois inoportuno, me aborreceis”; o outro, sem demora, com toda a humildade e a submissão possíveis, suplicou-lhe que o perdoasse com muitas persuasões que não pude terminar de ouvir, pois mesclavam palavras de caridade e de fraternidade<sup>300</sup>, que horrorizaram minhas orelhas; assim, não querendo interromper seus mistérios, e não ser desonrado<sup>301</sup> com a vista de tais sacrifícios, me retirei deste quarto para entrar num outro que era vizinho, que encontrei muito mais ricamente mobiliado. Pois via-se por todos os lados o ouro, as pérolas e as pedrarias; dizia-se que ele parecia ter sido feito à imitação da sala do Rei da China, que está em seu Palácio da cidade de Sution<sup>302</sup>, ou cidade celeste, que nós outros nomeamos Quinsay, na qual ele dá audiência aos Embaixadores dos grandes Príncipes. Tão logo eu entrei, vi um *Hermafrodita*, quase tão enfeitado quanto o outro, que estava no leito do outro quarto, e quatro ou cinco à sua volta, parecidos com aqueles que eu acabava de deixar; ele acabava de sair do leito, e colocavam-lhe uma grande robe de chambre, de um tecido muito

---

<sup>295</sup> *Godronnées*, no original. *Godrons*, *goderon* ou *gauderon*: pregas arredondadas usadas nas golas de rufos, jabôs ou punhos (D, Léxico).

<sup>296</sup> Lenglet-Dufresnoy, que interpreta a obra como uma sátira da corte de Henrique III, vê aqui uma clara alusão aos três favoritos do rei: Caylus, Saint-Mégrin e Maugiron (D, p. 71, nota 24).

<sup>297</sup> Pode-se ver aqui uma alusão ao sucesso da moda de tudo quanto tivesse relação com a Itália e à intrusão de italianos na Corte, por influência de Catarina de Medicis e, depois, de Maria de Medicis, rainha desde 1600 (D, p. 71, nota 25).

<sup>298</sup> Notar a alternância do uso do feminino e do masculino e a concordância com “ídolo”, feminino em fr. (N. da T.).

<sup>299</sup> Em francês, *ce que*: notar o traço estilístico que consiste em usar o “gênero comum” ou neutro para designar o Hermafrodita (D, p. 72, nota 26).

<sup>300</sup> Para Lenglet-Dufresnoy a reação de aversão do narrador viria da alusão a que os termos “caridade” e “fraternidade” faziam, entendidos como partes de um código em moda na época, usado para falar de certas práticas homossexuais (D, p. 72, nota 27).

<sup>301</sup> *Pollu*, no original: do latim *pollutus*, poluído, conspurcado (D, Léxico).

<sup>302</sup> Lenglet-Dufresnoy emite a hipótese de que essa cidade seja Chun Tien, confundida com Pekim (D, p. 72, nota 28).

rico, e que não é muito comum neste país, que tinha em toda a sua volta bordados de pérolas largos de meio pé. Eu o vira também trazer babuchas de veludo, bordadas e adornadas com pérolas, e em alguns lugares havia algumas pedrarias. Tão logo colocaram-lhe seu robe, dois de seus mais favoritos pegaram-no por baixo do braço, e conduziram-no por cerca de vinte passos, e tão logo vi alçar a tapeçaria por um dos outros que os seguiam, e abrir uma porta, pela qual entraram um após outro; eu queria seguir, pois me parecia que tudo era permitido, e que a entrada não me devia ser proibida em nenhum lugar, visto a facilidade que encontrara até aqui; mas disseram-me que eles tinham aqui seus conselhos mais secretos, e tratavam de seus afazeres privados. De sorte que ninguém aí podia ter acesso, somente os mais familiares. Eles chamavam isso por um nome parecido com aquele que nós dizemos aqui o vestuário, de sorte que deixando-os lá, me divertia considerando a riqueza e a excelência da tapeçaria, que me parecia ser toda enigmas. Pois na primeira peça, sobre a qual lancei minha vista, vi um homem vestido à Romana, com uma veste triunfal, e em volta da cabeça um Diadema coberto de pedrarias, que estava montado sobre um pequeno cercado, feito aproximadamente como uma tribuna para arengas; em volta dele havia uma grande multidão de mulheres que parecia arengar, e em volta das quais havia uma palavra latina que quer dizer em nossa língua companheiro de armas. Em outra peça, eu via este mesmo homem estendido completamente nu sobre uma mesa, e vários em volta dele que tinham diversos tipos de ferramentas, e faziam todo o possível para fazê-lo tornar-se mulher; mas pelo que pude julgar em seguida da história ele permanecia do gênero neutro<sup>303</sup>. Em uma outra viam-se homens amarrados em várias rodas que giravam com água, e na água, e em volta estava escrito na mesma língua *amigos Ixiônicos*<sup>304</sup>. No cômodo que estava bem próximo vi este mesmo tipo de homens sentados à mesa a quem se apresentava toda sorte de iguarias, mas elas eram tão somente de cera, de madeira pintada, de marfim, de mármore e de pedra, e a cada iguaria faziam-lhes lavar as mãos como se elas estivessem sujas. Traziam-lhes de beber com muita freqüência, ainda que não tivessem se alimentado; eu achava tudo isso muito agradável, mas a outra peça que estava depois desta tinha um tema mais triste, pois eram vários homens sentados sobre leitos à maneira dos outros, aos quais se oferecia uma boa refeição até deixá-los embriagados, depois apagavam-

---

<sup>303</sup> Segundo Dubois, trata-se de Heliogabalo, imperador de controversa reputação, cuja história está na *História Augusta*, editada por Isaac Casaubon, bibliotecário de Henrique IV, em 1603. Uma edição alemã foi publicada em 1588-1590 (D, p. 73, nota 29).

<sup>304</sup> Em francês, *amis ixioniques*, talvez um termo codificado para designar a homossexualidade, assim como *compagnon d'armes*, traduzido acima. Ou ainda, talvez trate-se de uma alusão à morte de Heliogabalo, que teve seu corpo preso a uma roda, ou ao timão de um carro, junto àquele de sua mãe que havia encoberto seus atos devassos. O nome Ixion, na poesia amorosa e na iconografia do século XVI é freqüentemente associado àquele de Acteon, citado na página seguinte. Thomas introduz uma variação na história e faz dos cães os amantes do caçador infeliz. Ele distingue, no entanto, dois heróis diferentes (D, p. 74, nota 30).

se as luzes, pois era noite, e tão logo faziam entrar Ursos, Leões, e Leopardos, aos quais haviam subtraído as garras e os dentes, de sorte que a maioria destas pobres pessoas morria de pavor, não sabendo o segredo desse mistério<sup>305</sup>. Eu queria acabar de ver todo o resto desta história, mas vendo um dos domésticos de lá que me pareceu de um modo bastante cortês aproximar-se de mim, pensei que seria melhor saber o que significava tudo isso; e julgando que ele entendia a língua Latina, como ouvira dizer aos outros algumas palavras aqui e acolá, roguei-lhe que me explicasse com a mesma linguagem estas figuras que estavam aqui representadas, o que ele se ofereceu para fazer livremente, dizendo-me em uma palavra que este quarto se chamava o altar de Heliogabalo, e que era sua vida o que eu via aí pintado. Acreditei nele prontamente, lembrando-me do que eu outrora lera a respeito, além do que, dirigindo minha vista um pouco mais além, vi algumas das ações mais dissolutas que este Monstro cometia. Ele queria ir adiante e me fazer a descrição delas, mas disse-lhe que outrora ouvira falar, e que preferia aprender alguma coisa que não tivesse ainda ouvido, do que o que já sabia. Então constatando que eu era estrangeiro recentemente chegado nesta terra e desejoso de aprender coisas novas, disse que estava contente de satisfazer em alguma coisa minha curiosidade, e dizendo-me que o seguisse, levou-me a um lugar ao lado do leito onde, levantando a tapeçaria, abriu uma porta pela qual me fez entrar; mas por aí passando eu lhe perguntava que história estava representada no dossel do leito, que era ainda mais rico que o precedente; ele me disse que eram os esponsais do Imperador Nero com seu *mignon* Pitágoras<sup>306</sup>.

Assim passando adiante entramos em uma galeria bastante larga, e de comprimento médio, na qual havia muitos quadros de parte e de outra, dentre os quais percebi o rapto das Sabinas<sup>307</sup>, as paternas afeições de Ataxerxes por sua filha Atosa. O bando dos Comoribundos<sup>308</sup> com Marco Antônio e sua Cleópatra, o infortúnio do pobre adolescente Acteão, não daquele que foi transmudado em Cervo, mas daquele que foi feito em pedaços por seus amantes. As lascivas ocupações de Sardanápalo<sup>309</sup>, as meditações do Aretino<sup>310</sup>

---

<sup>305</sup> As duas anedotas – sobre o festim onde são servidas iguarias de barro para caçar dos convivas e sobre o fato de soltar animais selvagens saciados e inofensivos no meio da sala – eram algumas das farsas que se faziam para divertir Hierócles, amigo e cúmplice de Heliogabalo. Elas são contadas pelo autor da vida deste imperador em sua *História Augusta* (D, p. 74, nota 31).

<sup>306</sup> Este *mignon* é chamado de Doryphorus por Suetônio. Tácito o cita em seus *Anais*, XV, 37 (D, p. 75, nota 32).

<sup>307</sup> Alusão ao célebre episódio dos inícios da história romana. Lenglet-Dufresnoy vê aí uma alusão aos raptos de jovens, mulheres e até mesmo religiosas, cometidos por cortesãos depravados, cuja veracidade histórica é, no entanto, contestada pelo autor (D, p. 75, nota 33).

<sup>308</sup> *Commourans*: amantes que são mortos juntos, o que não é exatamente o caso de Antônio e Cleópatra, cujos destinos ficaram, no entanto ligados (D, p. 75, nota 34).

<sup>309</sup> No texto original, *Sardinapale*. Trata-se provavelmente de um erro gráfico. O termo exato seria *Sardanapale*, nome grego do rei assírio Assurbanipal. A transformação do rei guerreiro e legislador da Assíria em potentado oriental depravado e preguiçoso, típico monarca decadente, é o resultado da malevolência dos

relatadas nas Metamorfoses dos Deuses, e outras tais infinitas representações muito vivamente e naturalmente representadas. Ao final desta galeria, havia um pórtico de marcenaria muito delicadamente trabalhado, e sustentado por dois Sátiros. Acima da arquitrave estava o bom pai Liber<sup>311</sup>, sua cabeça rodeada de pâmpanos de vinha, e muitas uvas que pendiam de todos os lados. Destas duas mãos saíam dois rolos que se estendiam de parte e de outra e, da boca dos Sátiros, saíam também dois escritos que diziam respeito a este grande repugnante; um lhe perguntava nestas palavras; *Quis liber?* e ele respondia em seu rolo: *Cui licet ut voluit ducere vitam*<sup>312</sup>. O outro Sátiro lhe fazia também uma outra pergunta nestes termos: *Quae tibi summa boni est?* e ele respondeu-lhe como ao outro: *Uncta vixisse patellae nunc semper et assiduo curata cuticula Sole*<sup>313</sup>. Na frisa estavam escritas estas palavras: *Contemptus perages si vivere cum Jove tendis*<sup>314</sup>. A leitura de tudo isto me fez pensar que eu veria aqui alguma coisa de mais raro do que tudo o que vira antes, de sorte que, mais curioso do que nunca, segui minha guia<sup>315</sup> com um grande desejo de ver todos os segredos deste lugar, já que a ocasião se apresentava. Assim continuando meu caminho vi uma infinidade de coisas raras, que seria longo demais descrever aqui particularmente, pois o lugar era grande e todo repleto de coisas mais curiosas que necessárias; com efeito, estavam elas reunidas e arranjadas apenas para contentar os olhos. Havia lá dentro várias cadeiras articuláveis que se alongavam, alargavam, abaixavam, e elevavam por meio de molas o quanto se quisesse<sup>316</sup>. Era uma invenção *Hermafrodítica* recentemente encontrada neste país, pois pelo que aprendi eles se aplicam às vezes às Matemáticas, mais para aprender os movimentos terrestres que os celestes, que lhes são desconhecidos, se não for para deles zombar. Havia aí mil outros tipos de invenções sobre este assunto que eu deixaria<sup>317</sup>, para dizer-vos que vi num dos

---

antigos gregos, que conceberam a lenda de sua vida leviana e de sua morte espetacular em uma fogueira em companhia de todas as suas mulheres (D, p. 76, nota 35).

<sup>310</sup> Pietro Bacci, o Aretino (1492-1556) é um autor italiano conhecido por seus escritos licenciosos, sátiras, comédias e narrativas. Os *Ragionamenti*, 1536-1556, publicados em um volume em 1584, inauguraram uma tradição da literatura satírica chamada “aretinesca” (D, p. 76, nota 36).

<sup>311</sup> Líber é uma divindade itálica assimilada a Dionísio ou Baco. Para Dubois ele pode ser assimilado aqui a Silene, preceptor de Dionísio, representado como um velho obeso e embriagado no cortejo de Baco. Thomas joga com o nome de Líber, em honra do qual foram instituídas na Antigüidade as festas chamadas *liberalia* (D, p. 76, nota 37).

<sup>312</sup> – *Quem é livre?* Resposta: – *Aquele que pode conduzir sua vida segundo seus desejos.* (D, p. 76, nota 38).

<sup>313</sup> – *O que é para ti o cúmulo do bem?* Resposta: – *Ter vivido com a pele untada com perfumes e cuidada noite e dia para sua preservação.* (D, p. 76, nota 39).

<sup>314</sup> *No desdém tu perseverás/ Se quiseres viver com Deus verdadeiramente.* (D, p. 76, nota 40).

<sup>315</sup> A palavra “guia”, como nome de agente, não é sempre distingüida, até o início do século XVII, do instrumento, e se põe normalmente no feminino (DL, verbete “*guide*”). Somente em 1835 a Academia admitiu o masculino (DLL).

<sup>316</sup> Trata-se do antepassado das cadeiras articuláveis. Dubois nota certo humor quanto aos hermafroditas, cujas “bases” estão longe de serem sólidas, a começar pela instabilidade da própria ilha, flutuante, como já foi ressaltado na nota (DUBOIS, op. cit. p. 77, nota 41).

<sup>317</sup> <sup>317</sup> *Je lairrai*: antiga forma do futuro de *laisser*, admitido por Oudin mas condenado por Vaugelas (DLL, verbete “*laisser*”).



lados do cômodo doze Estátuas de alabastro representadas ao natural, e quase como revivificadas por uma transmigração, todas sentadas em assentos feitos em forma de cadeira curul. É verdade que os quatro do meio tinham seus assentos mais elevados, que representavam alguma forma de trono, pois os dois estavam ainda mais elevados, e mais próximos que os dois outros, de sorte que isto fazia aproximadamente a figura de um quadrado em perspectiva. Todas essas Estátuas estavam muito ricamente decoradas, e parecia, pelo grande cuidado com que eram tratadas, que eram muito estimadas e tidas em grande respeito. Seus trajes estavam misturados, de um e de outro sexo, sem que se pudesse bem distinguir qual lhes assentava melhor. Seus nomes estavam escritos sobre seus diademas; os quatro do lado direito se chamavam Anthonius, Nero, Othon e Vitelius. À mão esquerda estavam estas quatro outras, Galenus, Spotus, Demetrius, Apicius<sup>318</sup>; os dois que estavam menos elevados não tinham diademas, mas um tinha uma Águia perto de si, e ainda não tinha barba, o que me fez julgar que era Ganimedes<sup>319</sup>; também vi depois seu nome escrito aos pés de seu assento; o outro tinha como duas faces em uma, da qual um dos lados era de homem e o outro de mulher. Aos seus pés estava o *Hermafroditus genius hujus insulae*; os dois outros de cima chamavam-se, um que estava à mão esquerda, *Sardanapalus auctor Hermaphrodi*, e sobre o outro estava escrito *Heliogabalus PP. restaur. ac inst. volup*<sup>320</sup>. Sorri comigo mesmo da escolha que este povo fizera de suas deidades, e julgava que suas vidas não eram de engendrar muita melancolia, nem de ir pregar penitência. E quando estava nesta meditação, aquele que me conduzia mostrou-me ao lado do dito Heliogabalo um grande livro muito elegantemente encadernado, e todo escrito em letras de ouro, que era suportado por um púlpito, a fim de que aqueles que viessem nesse lugar pudessem ver a toda hora o que nele estava contido. Ele me disse que era o livro das leis e costumes dos habitantes da Ilha e que este Imperador instituíra, e às quais ajuntara-se algumas particularidades, segundo o que a necessidade havia requerido; e abrindo-o, vi que ele me dissera a verdade. Mas como havia muita escrita, e que eu não podia ler tudo porque se aproximava a hora do jantar, ele me disse que aqueles desta Ilha apreciavam sobre todos os outros estrangeiros como aqueles de quem podem aprender muitas novas maneiras, e

---

<sup>318</sup> Anthonius, Neron, Othon e Vitelius são nomes de soberanos conhecidos por sua volúpia. Os quatro nomes seguintes são nomes de “engenheiros do prazer”: Galenus, médico, ocupa-se do corpo; Demetrius, ator, de festas e espetáculos; Apicius é mestre de cozinha. O nome Spotus parece ser um erro gráfico. A forma correta seria Sporus, *mignon* de Neron, que com ele casou-se após tê-lo travestido de mulher. Sporus continuou vivo após a morte de neron e teve o mesmo papel junto a Othon. Na edição de 1724 esse erro gráfico se encontra corrigido (D, p. 78, nota 42).

<sup>319</sup> O jovem Ganimede, “o mais belo dos mortais”, foi raptado por Júpiter metamorfoseado em águia, ou com a ajuda de uma águia, e servia de copeiro dos deuses (D, p. 78, nota 43).

<sup>320</sup> *Hermafrodita, gênio tutelar da ilha; Sardanápalo, pai de Hermafrodita; Heliogabalo. instaurador e restaurador da volúpia.* (D, p. 78, nota 44).

que fazem depois espalhar sua fama por todo o mundo universal. E assim como nos contentamos em sempre saber os costumes dos países que freqüentam, antes lhes fazíamos conhecer os segredos misturados aqui e acolá em vários livros; mas desde então imaginamos, para maior facilidade e a fim de se conciliar ainda mais sua amizade e boa vontade, e atraí-los sempre mais para estas regiões, fazer-lhes um extrato de todas as leis e costumes mais necessários de saber, e do que julgamos mais próprio para ser introduzido neste universo, de sorte que há sempre várias cópias já prontas para aqueles que sejam curiosos; e eu que não era menos [curioso], roguei-lhe muito encarecidamente que me fizesse conhecê-las. O que fez, abrindo uma porta onde havia uma pequena cabina, na qual estavam alguns armários sobre alguns dos quais havia livros e sobre os outros vários papéis; nalguns haviam Pasquins<sup>321</sup>, Sátiras, e outros tipos de poesias, e sobre os outros estavam as cópias das quais falei acima, das quais ele me deu uma em Latim que depois traduzi em nossa língua, como podereis ver neste papel, se fazer a leitura for de vosso grado. E então, fazendo trazer um pequeno cofre, tirou um papel, onde encontramos o que se segue.

**EXTRATO DAS LEIS, ESTATUTOS,  
COSTUMES, E ORDENANÇAS DOS  
*HERMAFRODITAS***

*Imperator Varius<sup>322</sup>, Heliogabalus, Hermaphroditicus,  
Gomorrhicus, Eunuchus, semper impudicissimus.*

Desejando restabelecer a sublime república<sup>323</sup> dos *Hermafroditas*, que foi como aniquilada durante o Império de Trajano, Anthoine Pie, Marco Aurélio, Severus<sup>324</sup>, e outros nossos predecessores tartufos e sem prudência, e porque todo homem bem avisado deve tomá-la pela mais polida, a mais deliciosa, a mais corporal, e a mais conforme aos sentidos exteriores e interiores, e que sabe melhor acomodar-se às paixões humanas que restam no mundo, estimando-a nesta ocasião digna de comandar todo o universo, e a fim de que no

---

<sup>321</sup> O pasquim é uma peça de versos satíricos. Em Roma havia uma estátua chamada Pasquino, onde se colocavam epigramas políticos de teor crítico. Aretino era um dos autores dessas “pasquinadas”. A estátua existe ainda hoje em Roma, perto da praça Navona (D, p. 79, nota 45).

<sup>322</sup> *Varius* é o primeiro nome de Heliogabalo e de um dignatário romano chamado Híbrida. Como adjetivo, o nome sugere inconstância e variação. Lenglet-Dufresnoy vê aí uma alusão a Henrique III pois, para ele, “nunca houve Príncipe mais inconstante”. A alusão parece aplicar-se à mentalidade hermafrodita. (D, p. 81, nota 46).

<sup>323</sup> Fato curioso, a ilha dos hermafroditas é uma república com rei.

<sup>324</sup> Trajano, Antônio o Pio, Marco Aurélio e Severo são imperadores cuja reputação é de terem restaurado a ordem pública (D, p. 81, nota 47).

porvir algum impertinente, querendo estabelecer suas opiniões quiméricas, não queira um dia desenraizar o que foi estabelecido com tanto contentamento e volúpia, julgamos ser muito necessário dar-lhes algumas leis e ordenanças, a fim de que segundo estas eles se possam conduzir à perpetuidade, e fazer reviver e reinar no mundo sua monarquia, alguns regulamentos (que nossos adversários chamam de piedade e de religião) que se lhes queira pôr adiante. Nós do conselho de nossa muito-honrada Dama e mãe Varia<sup>325</sup>, e de nossa muito-cara e bem-amada mulher Semiamira<sup>326</sup>, da opinião de nossos mais caros *Hermafroditas*, gentes de nosso Senado, e outros oficiais e voluptuosos súditos deste nosso Império, e de nossa muito-acertada ciência, plena poder e autoridade, temos estabelecido, estatuído e ordenado, estabelecemos, estatuímos e ordenamos<sup>327</sup> o que se segue.

### ORDENANÇAS SOBRE O FATO DA RELIGIÃO

As cerimônias de Baco e de Cupido e de Vênus sejam aqui continuamente e religiosamente observadas; toda outra religião seja banida à perpetuidade, se não for para a maior volúpia. Todavia não impedimos de acomodar-se com as outras religiões, desde que seja somente em aparência e não por crença.

A maior volúpia seja mantida por todo este Império para a maior santidade. A conservação da vida, na qual dizemos consistir a questão de honra para valor e generosidade; o que chamamos presunçosa vaidade para um perfeito conhecimento de si mesmo; o que os vãos sonhadores nomearam petulância seja entre nós reputado como gentileza<sup>328</sup>, para uma grave confiança, e para uma brava maneira.

E todavia por causa das calúnias em hordas<sup>329</sup> que se fazem de nós ordinariamente em todas as regiões do mundo, é necessário acomodar-se às imperfeições que se encontram dentre os povos, a fim de conciliar-se a benevolência das nações. Nós aconselhamos a

---

<sup>325</sup> *Varia*: em latim, a Inconstante ou a Pantera. Lenglet-Dufresnoy vê aí uma alusão a Catarina de Medicis que, como Julia Soemias, esposa de Varius Avitus (daí seu nome *Varia*), mãe de Heliogabalo, exerceu grande influência sobre seu filho (D, p. 82, nota 48).

<sup>326</sup> Semiamira é o nome sírio da mãe de Heliogabalo e o nome de uma de suas três esposas que não teve um papel muito marcante. Dubois acentua a sugestão de relações incestuosas (D, p. 82, nota 49).

<sup>327</sup> No original há três verbos no “*passé composé*” seguidos dos mesmos verbos no presente do indicativo: ... *avons estably, statué et ordonné, établissons, statuons et ordonnons*... Já que a tradução desses dois tempos verbais do francês para o português tem a mesma forma, optamos por traduzir literalmente os verbos do “*passé composé*”, o que corresponde ao nosso pretérito perfeito composto, procurando manter a diferenciação dos tempos verbais (N. da T.).

<sup>328</sup> *Gentillesse*, no original: orgulho, nobreza de alma (DL, verbete “*gentillesse*”).

<sup>329</sup> *En peuplades*: o texto original traz “*et peuplades*”, que Dubois, traduzindo por “zombarias populares” (“*plaisanteries populaires*”), considera improvável, enquanto que, se se considera “*et*” como um erro gráfico, deformação de “*en*”, tem-se um sentido mais satisfatório (D, p. 82, nota 50).

todos os nossos súditos, quando se encontrarem com aqueles que fazem caso da piedade, o que deve ser muito raramente, de discorrer com muito zelo sobre a devoção. Quando estiverem com esses Hércules e esses Césares, que sejam ainda mais Rodomontes<sup>330</sup> em palavras quanto os outros são bravos nos efeitos, contanto que seja quando se sentirem apoiados e suportados, senão, converter todos os atrevimentos em risadas. Quanto à afronta, entendemos que ela se faça com discrição, observando a quem nos dirigimos, seja em palavras, em ações de volúpia ou de vaidade, de temor que suceda algum perigo.

Nós queremos e entendemos que todas estas palavras, de consciência, de temperança, arrependimento, e outras de parecido teor, sejam tidas, tanto na substância quanto nos termos, como coisas vãs e frívolas. Ao contrário nós queremos que estas tenham somente curso entre nós, a saber, de liberdade, prodigalidade, desprezo da religião e outras como mais conformes a nosso Estado.

Ninguém tenha nenhuma lembrança da morte, e nem se trabalhe o espírito se deva haver uma outra vida.

Nós reputamos que haja em todas as coisas bom comportamento e aparência, muito mais que ação, porque ela esconde muitos feitos com menos pena. Eis porque exortamos a todos os nossos súditos, de qualquer estado, qualidade ou condição que sejam, a adquiri-la, tão dissimuladamente quanto se puder fazer, e de preferi-la a toda outra virtude.

A vontade por todo este nosso Império seja tida por razão sem que seja lícito elevar-se acima dos sentidos sem contrariá-los, ou resistir, de modo que seja, sob pena de ser tido por inimigo de si mesmo, e de sua própria natureza, e ser privado de toda felicidade.

Aqueles de nossos súditos que quiserem assistir às orações públicas (pois esta lei é voluntária) poderão sentar-se, e ter a cabeça coberta, se bom lhes parecer, durante algum mistério que se possa tratar, a não ser que alguém queira descobrir-se por calor, ou por medo de desarranjar o frisado de sua cabeleira; pois então poderá dar seu chapéu a algum pagem ou lacão. Que se alguém quiser a elas trazer algum respeito, e queira adorar, nós o proibimos de dobrar mais de um joelho<sup>331</sup>, sob o qual colocar-se-á um quadrado de veludo, ou alguma almofadinha trabalhada, e acolchoada, de receio que se fira contra o chão; mas sobretudo, que demore pouco tempo, pois isto o fatigaria e perturbaria sua devoção.

---

<sup>330</sup> *Rodomonts*, no original. *Rodomont* (*Roulemontagne*, “Rodamonte”) é o nome de um personagem de Boiardo e de Ariosto, que tornou-se sinônimo de ferrabrás, mata-mouros, fanfarrão (D, p. 83, nota 51).

<sup>331</sup> Pequenos senhores mostravam sua afetação ao recusar-se de ajoelharem-se com os dois joelhos à terra, como era o costume na igreja, e preferirem esta outra maneira, marca de distinção aristocrática (D, p. 84, nota 52).

Aqueles que quiserem manter-se de pé, nós os proibimos muito expressamente de permanecer num lugar e numa mesma postura. Pois a decência dos súditos deste Estado, é de estar sempre em ação, e de ter em si este movimento perpétuo, seja da cabeça, do corpo e das pernas, e sobretudo nós estimamos os modos saltitante e balanceado como os mais agradáveis e mais decorosos.

Cada um terá um livro à mão muito delicadamente encadernado, dourado e marchetado, espesso dum meio dedo, e do comprimento dum meio pé, ou aproximadamente, e não mais longo nem mais espesso nem mais grosso, de medo que isso pese demais à mão, e canse aquele que nele gostaria ler. O dito livro tratará o mais freqüentemente de amor, ou de alguma coisa de prazer, o qual todavia se observará raramente; mas se conversará bastante alto uns com os outros, sobre as boas refeições, o amor, e outras coisas de prazer. Entendemos que o riso<sup>332</sup> é nisto uma parte do decoro, desde que não seja contínuo.

Aquele que possuir alguma amante, ou algum amigo, poderá entretê-los nas Igrejas, que estão nas outras regiões, rogá-los que se ponham de joelhos diante delas, persuadi-los para torná-los compadecidos às suas intenções, com todo tipo de gestos e de palavras que estimarão necessários a este efeito; que se eles os encontrem favoráveis a seus desejos, poderão aproveitar a ocasião, sem nenhum escrúpulo ou reverência ao lugar onde eles poderão estar, dado que os mistérios venéreos são preferíveis a todos os outros.

E a fim de incitar mais nossos súditos ao que for da volúpia e do prazer, que temos por nosso soberano bem, restauramos<sup>333</sup> por todo este nosso Império o antigo bando sagrado dos Tebanos<sup>334</sup>; mas como temos a vida de mil de nossos inimigos, trouxemos somente esta diferença que aqueles queriam adquirir fama expondo-se a todos os tipos de perigos, mas nós queremos que os nossos combatam somente em campo fechado para serem mais prontamente socorridos nos acidentes que lhes possam ocorrer.

Como estamos sempre limpos e purificados de todos os tipos de devoções, elevações, contemplações e outras bagatelas e invenções de nossos contrários, não haverá outra lustração<sup>335</sup>, nem outra água abençoada por todos os tempos assinalados deste nosso Império, somente belas palavras e cortesias e belas promessas que faremos uns aos outros, sem todavia que sejamos obrigados a dizer, ou a fazer aparecer o que temos na alma nem de cumprir o que teremos prometido, se a força ou a necessidade constranger.

---

<sup>332</sup> *Riz*, no original: *ri*, riso (DL, verbete “*riz*”).

<sup>333</sup> No original *nous avons ... remis sus* (DL, verbete “*remis sus*”).

<sup>334</sup> Os jovens aristocratas tebanos, celebrados por Píndaro, eram reputados por sua habilidade guerreira e porte atlético. Lenglet-Dufresnoy vê aí uma referência ao bando de jovens aristocratas que serviam de guardacostas a Henrique III e foram usados para assassinar o duque de Guise (D, p. 85, nota 53).

O mês de Maio seja celebrado dentre todos os meses do ano; ninguém faça nele nenhuma obra espiritual, nem manual, se não for porventura reduzido a uma condição pior que desejaria; pois então pode ser privilegiado, sob condição todavia de ter continuamente em seu pensamento os mistérios de Cupido e Vênus, e se esforçará para executá-los em todas as ocasiões que se puderem apresentar. As festas de Reis e do Carnaval<sup>336</sup> consagradas a Baco sejam as mais célebres em todo o ano, as oitavas<sup>337</sup>, das quais serão semanas, e não dias, com permissão todavia, na última semana, que aqueles que são mais rústicos, e menos entendidos, chamam santa, de fingir alguma reformação<sup>338</sup>, e todavia com uma firme intenção de não mudar jamais de modo de vida, e de retornar ao exercício habituado tão logo suas superstições<sup>339</sup> tenham sido rematadas.

Nós ordenamos também, e pedimos muito expressamente àqueles que serão os mais elevados em dignidade, e àqueles a quem a riqueza e a abundância não pode faltar continuamente em suas casas, e com os seus mais privados amigos, as bacanais todo o ano, que se elas não puderem celebrar-se de dia, por causa de sua qualidade, que ao menos sejam solenizadas à noite.

Aqueles que tiverem menos comodidade poderão celebrar tantas festas quanto lhes agradar, e segundo sua devoção e comodidade; pois os dias que os antigos chamam festas são condenados por todo este Império, como inimigos do repouso, do prazer e contentamento humano. Se alguns são praticados, é por sofrimento<sup>340</sup>, e não por mandamento expresso, mas somente para o bem e utilidade de nossos pobres súditos, na esperança de sacudir algumas vezes o jugo da pobreza. Pois então nós os proibimos muito expressamente de fazer alguns dias de trabalho ao invés de manter o ano todo como um dia e uma festa contínuos.

Os ministros ordinários do templo serão cantores, saltimbancos, comediantes, farsistas<sup>341</sup> e outros de semelhante feitio. Os predicadores serão escolhidos dentre os poetas mais lascivos<sup>342</sup>, sem que outros possam ser chamados a este ofício. Pois nós temos por

---

<sup>335</sup> Purificação ritual (L).

<sup>336</sup> *Carême prenant*, no original: corresponde ao *mardi gras*, carnaval (DLL, verbete “*carême*”).

<sup>337</sup> *Octaves*, no original: *huitaine*, designa o período de oito dias consagrados à celebração das festas religiosas ou somente o último desses oito dias. Segundo Dubois é nessa segunda acepção que a palavra dever ser entendida no texto (D, Léxico).

<sup>338</sup> Em francês, *réformation*: 1. reforma das instituições políticas; 2. corte, supressão de abusos; 3. reforma religiosa ou moral; 4. em particular, a Reforma protestante (DLL).

<sup>339</sup> Segundo Dubois, “manifestações espetaculares de devoção” (DL, verbete “*superstitions*”).

<sup>340</sup> *Souffrance*, no original: tolerância (D, Léxico).

<sup>341</sup> *Farceurs*, no original: comediante que atuava nas farsas, comédias burlescas. O termo tornou-se pejorativo no século XVII (DLL).

<sup>342</sup> Lenglet-Dufresnoy alude a Desportes, eclesiástico e poeta de corte (D, p. 86, nota 54).

profanos, heréticos e cismáticos todos aqueles que escrevem ou que anunciam o pudor, a santidade, ou que por seus Sátiros querem rir de nossa maneira de viver.

Os livros que se lerão mais comumente, e dos quais tomar-se-á assunto de exortação, serão Ovídio, Catulo, Tibério, Propércio, traduzidos em várias e diversas línguas, segundo o uso das nações. Poderemos aí entremear algumas vezes Aristófanes, Anacreonte, Galo<sup>343</sup> e outros, tratando de assuntos semelhantes.

Queremos que o que os ditos ministros cantarem seja tomado dos livros intitulados gracejos, loucuras, e charmes, a menos que alguém, para converter o coração daquele ou daquela que ama, tenha feito alguns versos representando a violência de seu martírio, para incitar o amado a alguma compaixão; pois quando lhes for permitido fazê-los cantar pelos ditos ministros à noite, ou em outra hora do dia, segundo o que eles julgarem mais adequado a seu contentamento, e segundo o humor daquele ou daquela que eles procuram.

E ainda que nós não entendamos que não haja nenhuma superioridade entre os ditos ministros, e que nós queiramos que todos tenha tão boa opinião de si, que se estime tanto, ou mais hábil que seu companheiro, nós desejamos, todavia, e exortamos a todos os nossos súditos que eles rendam mais reverência e honra àquele dentre eles que saberá mais graciosamente e mais lascivamente expressar os mais secretos mistérios do amor.

E como é por eles, principalmente, que nosso Império pode se manter, crescer e amplificar, sendo bem razoável que eles se ressintam com o despojo de seus inimigos, e dos nossos, desejando liberalmente gratificá-los em tudo o que nos será possível, e para de alguma maneira recompensá-los por seu trabalho, queremos e entendemos que, além dos dons e presentes ordinários, que cada um de nossos súditos lhes poderá dar segundo sejam por eles empregados no alívio de suas paixões, que estes benefícios que chamamos comumente Abadias e Priorados lhes sejam particularmente atribuídos, a fim de que a grandeza das rendas seja empregada no crescimento do Estado, sem que se possa torná-los devolutórios<sup>344</sup> sobre eles, nem que estas palavras de incapacidade, inabilidade, e simonia possam ser postas diante de suas vistas no que os concerne, mas somente contra nossos adversários.

Como também entendemos que haja em todo o mundo vários Bispos laicos<sup>345</sup>, vigários de hábito curto, e outros beneficiários, tendo peso na alma sem prestar contas, mas somente que eles gozem de benefícios, contentando-se somente em fazer alguma pensão

---

<sup>343</sup> Todos esses três autores compuseram poemas eróticos ou satíricos (D, p. 87, nota 55).

<sup>344</sup> *Devolutaires*, no original: a devolução é um ato de jurisprudência que consiste em transmitir um bem a uma pessoa que não é herdeira. O autor parece criticar, além da simonia, ao hábito de doar benefícios eclesiásticos a escritores profanos, praticado até o início do século XVII (D, Léxico).

para algum pobre desafortunado, sob o nome do qual eles o poderão manter em toda segurança, empregando o excedente em suas delícias e gastando voluptuosamente e prodigamente, fazendo mais gastos num ano que eles os possuirão, que os verdadeiros titulares não teriam em vinte anos.

Por graça e privilégio especial, nós permitimos aos Eclesiásticos que quiserem se converter a nós, e viver segundo nossas leis, estatutos e ordenanças, vender a seus diocesanos e paroquianos as coisas que eles têm por mais santas, de ir o menos que lhes será possível em suas dioceses e outros lugares de sua jurisdição, mas somente freqüentar os templos mais renomados deste nosso Império. Permitimo-lhes também viver em ignorância da Escritura que chamamos santa, sem serem constrangidos a dar instrução àqueles que eles têm a seu cargo. Que se eles forem sábios em algumas coisas, nós os desobrigaremos da crença. Estimamos bom todavia que eles usem seu saber somente para fazê-lo aparecer. Queremos que eles possam renunciar neles mesmos a todos os votos e profissões que possam ter feito, exortando-os somente a dar-se bom tempo, e passar sua idade viril em pompas e delícias, e sua velhice em banquetes e boa mesa e outras volúpias supranaturais. Desejamos todavia que eles sejam implicados e empregados em todas as coisas do mundo, contanto que a grandeza de sua coragem, que nossos contrários chamam ambição, para ela os traga, e que isto não os prive de suas volúpias.

A fim de que estes que quiserem ser catequizados em nossa religião possam ser instruídos em poucas palavras sobre toda a sua substância, redigimos em oito artigos o mais sumariamente que pudemos, tudo o que ela pode conter.

## **ARTIGOS DE FÉ DOS HERMAFRODITAS**

Nós ignoramos a criação, redenção, justificação e danação, salvo em boa aparência e em palavras, e somente para enganar nossos adversários e acomodar-nos ao momento.

Nós ignoramos se há alguma temporalidade ou eternidade no mundo, e se ele deve ter um dia algum fim, de medo que isto nos atormente o espírito e nos cause pavor.

Nós ignoramos qualquer outra Divindade que não seja Amor e Baco, que nós dizemos residir essencialmente em nosso desejo, ao qual nós rendemos toda honra.

Nós ignoramos uma providência superior às coisas humanas, e cremos que tudo se conduz ao acaso.

---

<sup>345</sup> *Laiçz*, no original. Crítica à concessão de benefícios eclesiásticos a laicos que cumpriam suas obrigações religiosas por um terceiro, eclesiástico (D, p. 88, nota 56).



Nós ignoramos qualquer outro paraíso além da volúpia temporal, que dizemos reconhecer pelos sentidos. Eis porque nós os procuramos e estimamos acima de todas as coisas.

Nós ignoramos qualquer outra vida além da presente, e cremos que depois dessa tudo estará morto para nós. Eis porque nós nos esforçamos até o último dia para dar-nos todo o prazer que pudermos imaginar.

Nós ignoramos todo outro espírito além do que nos é persuadido pelo prazer que cremos tornar-se visível em nossas paixões e afeições. Eis porque lhe aderimos tanto quanto se pode fazer.

Nós ignoramos que o que está sobre a terra possa algumas vezes servir ao que se diz estar no céu. Eis porque nós temos por loucura toda outra comunhão além daquela que o encontra em nossas assembléias, que nós cremos poder ser mantidas somente por meio da antiga opinião dos gnósticos.

Juramos e protestamos viver e morrer nesta crença, sob pena de sermos tidos por tartufos, supersticiosos, desavisados, e de estar toda nossa vida em contínua inquietude sem nenhuma tranqüilidade.

### **NO QUE CONCERNE A JUSTIÇA E OFICIAIS DESTE ESTADO**

Quanto à justiça que se deve praticar entre nossos súditos, nós queremos e entendemos que aqueles que observarem ponto por ponto as presentes leis e ordenanças possam viver em toda liberdade, franqueza e segurança que se possa desejar, sem temor de serem condenados, o que quer que seja que possam cometer. Também proibimos o conhecimento de suas ações a todos os oficiais de justiça (se não forem particularmente e especialmente delegados pelo soberano, para algum caso muito notável, onde seja questão de sua vida e de seu estado).

Eis porque não temos por crime o homicídio quando o inimigo terá sido pego à sua desvantagem; ao contrário, nós queremos que aqueles que tiverem tido a segurança de vingar-se de alguma injúria, por menor que ela tenha sido, possam caminhar com a cabeça levantada frente a todos, com a reputação de um galante e valente *Hermafrodita*.

Excetuemos todavia todos aqueles que consideraremos os mais mata-mouros dos riscos e perigos da guerra, com permissão de retirar-se à salvo quando haverá perigo, e de não afrontar o inimigo quando as forças serão iguais.

Os parricidas, matricidas, fraticidas e outras ações de tal qualidade não serão perseguidos dentre os nossos, desde que o que eles tiverem feito engrandeça suas riquezas e comodidades. Que se alguns mais escrupulosos se abstiverem do sangue de seus parentes, eles rogarão ao menos pela abreviação de sua vida, não estimando razoável que algum ancião caduco ou algum humor rústico possua o que merece um de nossos bravos galantes.

Quanto aos duelos, nós entendemos que se coloquem em prática o mais raramente possível, e somente quando tivermos sido surpreendidos, querendo no entanto que a coisa seja sabida em vários lugares, e que ela chegue até as orelhas do Príncipe da província onde isto sucederá, a fim de que por amigos ou pela autoridade isto se possa cessar com honra, e que se por acaso aconteçam alguns lances, que um basta possa conservar a vida. Os outros, que farão de outra maneira, nós os estimamos indiscretos e desajuizados.

Queremos também que o que nossos contrários nomeiam adultério esteja em voga, em honra e reputação por todo este nosso Império, como coisa muito-necessária para a manutenção de nossos súditos, sem que por isto os maridos possam de qualquer maneira ser menos estimados; ao contrário, serão honrados e favorecidos, pois nós estimamos o nome de Chifres significar antes elevação e aumento de dignidade, assim como tomavam os antigos Hebreus, do que humilhação ou desdém; ao contrário, queremos que se faça caso de um marido em proporção à abundância de chifres que ele portará, assim como os caçadores fazem com os Cervos. Também entendemos que nos perguntamos um ao outro: “quantos fulano traz [à cabeça]?” a fim de lhe render a honra que merece. Queremos também que aqueles que deles mesmos puderem plantá-los por sua indústria, boa conduta e por sua grande utilidade serão tidos como os mais avisados.

Que se haja algum marido que tenha ciúmes de sua mulher, ainda que ele mereça alguma punição por um tão grande crime, nós lhe permitimos no entanto trazer a chave do que suas mulheres tiverem a fechadura, de mantê-las confinadas o mais que puderem, desde que haja alguma pequena abertura por onde possa entrar a chuva de Danaé. Entendemos que aqueles ou aquelas que eles lhes darão como guardas ou espiões<sup>346</sup> lhes sirvam de meios para corrompê-las. Queremos semelhantemente que as mulheres não se detenham em tudo o que lhes poderão dizer seus ditos maridos, mas dêem-se sempre bom tempo o mais que puderem; aconselhamos todavia de comportar-se o mais secretamente possível, de medo que não lhes sobrevenha apoplexia acidental ou algum mal supernatural.

Nós damos como armas aos ditos maridos três dedos de paciência em canto de Cuco, com permissão de portar as ditas armas timbradas em forma de massacre de Cervo.

---

<sup>346</sup> Espiões ou vigias (DL, verbete “*espies*”).

Se algum ancião desposar uma jovem, nós queremos que ela possa ajudar-se com a lei de Lycurgus Lacedemonien<sup>347</sup>, e aquela de quem o marido será covarde ou poltrão demais poderá servir-se daquela de Sólon<sup>348</sup>.

Os raptos, estupros e outras galantearias serão tidos em reputação por todo o Império, desde que nos enderecemos àqueles que serão muito inferiores, e que o ofendido tenha mais medo do agressor que esperança de justiça, quando eles vierem se lamentar.

No que concerne os incestos do pai com a filha, do irmão com a irmã, do genro com a sogra, e outros, que os loucos e desavisados estimam tamanho crime, nós queremos e entendemos que se possa usar de toda franqueza e liberdade, contanto que isto concirna e aumente em proporção as famílias, se alguma consangüinidade puder ser distinguida entre eles.

Nós permitimos também aos pais e às mães traficar suas crianças para servirem de sacrifício ao amor, desde que seja a algum grande que lhes dê boa recompensa e sobre o qual eles possam fundar uma bela esperança.

Nós queremos e entendemos que os Embaixadores, agentes, ministros, procuradores e outros negociantes para os pleitos de amor sejam procurados, apreciados e estimados por todos os nossos súditos. E para incitá-los mais ao dever de seu encargo, queremos que eles sejam enriquecidos e elevados às dignidades mais honráveis. E quanto às mulheres que se ocuparem com tal ofício, queremos que elas tenham seus passe-partout e que elas sejam qualificadas com nome de mãe Dama de honra, e outros nomes parecidos. Ordenamos a todos os nossos súditos que os recompensem bem e favoravelmente, e os façam gozar de toda sorte de privilégios, franquias e imunidades. Que se uns ou outros desta qualidade, a saber homens e mulheres, passarem pela rua ou forem para algum lugar, proibamos a todos, de qualquer qualidade ou condição que tenham, de fazer-lhes piu piu, ou de dizer-lhes outros termos de caçoada, sob pena de serem injuriados por todo tipo de [nomes] digno[s]<sup>349</sup> de risada, e de serem tidos como gente incivil e sem discrição.

Nós não entendemos que haja dentre nossos súditos algum grau de consangüinidade, salvo no que concerne os bens e posses, e somente por esta consideração nós quisemos reter os nomes de irmão, irmãs, tio, sobrinho, primo germano e outros. Não

---

<sup>347</sup> Lenglet-Dufresnoy informa que a “lei de Licurgo”, legislador legendário de Esparta, permitia que, em um casal, um terceiro fizesse as vezes de um marido idoso. Parece haver contaminação entre “A vida de Licurgo” (15, 11-18) e uma passagem de “A vida de Sólon”, de Plutarca (10, 2) (D, p. 92, nota 57).

<sup>348</sup> Segundo Plutarca, em “*Vie de Solon*”, tradução para o francês de J. Amyot, 1577, p. 194 sqq. A “lei de Sólon” previa a substituição do marido, em caso de fraqueza sexual, por um parente próximo (D, p. 92, nota 58).

<sup>349</sup> “Nomes” e o “s” de digno estão entre chaves na edição Droz. Dubois explica esta restituição mostrando que a versão original, respeitada na edição de 1724, traz “*par toutes sortes digne*”, frase incoerente (D, p. 93, nota 59).

crendo que no que concerne o sangue possa-se dizer de uma família mais que de uma outra, por causa da abundância de pais que cada um pode ter e das suposições que se podem fazer. Eis porque nós abolimos desde agora e para sempre estes nomes de pai, mãe, irmão, irmãs e outros, mas queremos que se use apenas aqueles de Senhor, Senhora ou outros de semelhante honra, segundo o costume dos países<sup>350</sup>.

Nós fazemos expressas inibições e proibições de usar a partir de agora do nome bastardo ou filho da puta, assim os declaramos desde agora e para sempre verdadeiros e legítimos herdeiros, principalmente aqueles que foram concebidos em adultério, assim como nossos adversários os nomearam, sem que eles tenham necessidade de letras de Magistrado tanto secular quanto Eclesiástico, já que o nome do marido lhes servirá de aprovação e de legitimação<sup>351</sup>.

E ainda que nós tenhamos o casamento por coisa ridícula e inteiramente contrária a nossos desejos e vontades, dissipando as afeições mais freqüentemente do que lhes conservando, todavia, como ele traz comodidades ao amor de um segundo, nós permitimos seu uso; além do que, sob esta cobertura, as coisas, que de outro modo seriam divulgadas a todo mundo, se metem mais facilmente encobertas.

Permitamos aos mais galantes dentre os nossos fazer-se de bravos e embelezar-se às custas de outro, pegando emprestado de todo mundo sem ter nenhuma intenção de devolver. Que se algum credor importuno e de má sorte os queira atormentar com processos e chicanas para ter de volta o que lhe poderia ser devido, nós ordenamos muito expressamente a todos os nossos oficiais de justiça que lhes dêem tantos prazos quanto eles saberão pedir. Que se algumas vezes forem constrangidos por importunidade dos ditos credores a condená-los num certo tempo, e o termo expirado por falta de pagamento, suas adversas partes quiserem colocá-los em lugar seguro e encoberto, ou confiscar, nós lhes permitimos rechaçar esse ultraje com rebeliões, violência, rupturas e outras vias de fato para intimidar cada vez mais seus inimigos, sem que por coisa que eles possam ter feito, eles devam ter algum temor de serem procurados no porvir.

Aqueles que tiverem usurpado de outros terras, rendas, senhorias, dinheiro, móveis e outras coisas, não estarão sujeitos à restituição, mas as reterão por força se os tiverem pego de seus inferiores, sem que os outros ousem queixar-se, se não quiserem dar seu bom dinheiro aos maus e colocar em perigo suas próprias vidas depois de ter perdido seus bens.

---

<sup>350</sup> Este era um costume comum na aristocracia do século XVII; na comédia de Molière, Dom Juan trata seu pai de *Monsieur*, “Senhor” (ato IV, cena 5) (D, p. 94, nota 60).

<sup>351</sup> A regra é: *pater est quem nuptiae demonstrant*, o pai é aquele que desposou a mãe em uma cerimônia (D, p. 94, nota 61).

Quanto às diferenças que nossos súditos possam ter uns com os outros, queremos que aquele que tiver mais autoridade, amigos, riqueza e dignidade seja quem ganhe sua causa, por mais injusto que possa ser seu direito, queremos que o que os censores de nossas ações chamam de favor e corrupção seja tomado por justiça em todo este Império.

Eis porque permitimos a todos os nossos oficiais de justiça e outros que serão do número de nossos mais fiéis e afeiçoados súditos, tomar sem escrúpulos, julgar a partir da etiqueta, fingir algum *déficit* ou calar alguma coisa importante, supor falsos títulos, lembrar-se somente das razões daqueles a quem eles querem fazer justiça, ou seja, favorecer, ajustar e reformar as sentenças ou decretos que tiverem sido dados, declarar os segredos e opiniões da assembleia, omitir às enquetes e interrogatórios muitas coisas de assunto ousado, dar lição aos falsos testemunhos, prolongar o julgamento ou abreviá-los segundo a utilidade de seus amigos e outras invenções necessárias ao devido e exercício de seus encargos, sem que por isto eles devam apreender serem jamais condenados, ou temer nenhuma Mercuriale, pois em todas estas coisas estimamos que devemos usar da proporção Geométrica. Também retiramos as balanças de nossa justiça e lhes demos olhos e mãos corretos.

Pois também nós queremos e entendemos que seus decretos e sentenças possam longamente viver, sem que a extensão do tempo possa trazer corrupção, aconselhamos aos nossos não subornar<sup>352</sup> mediocrementemente e segundo que razoavelmente ele possa pertencer para o ofício, mas que subornem de modo que a ponta se possa sentir até o fundo por aqueles que tiverem provado, mesmo por muito tempo, mesmo depois que tiverem sido dados.

E quanto aos oficiais de justiça que quiserem usar da proporção Aritmética, ou harmônica, devolvendo o direito a quem ele pertence e que temos por costume chamar bons juizes e gente de bem, nós os estimamos cegos e sem julgamento. Eis porque nós proibimos de tomar suas vozes e sufrágios, ao menos o mais tarde que se puder, e de aderir a suas opiniões, se possível. Ao contrário queremos que eles sejam sujeitos ao ostracismo (assim como este idiota do Aristides<sup>353</sup>) em todas as ocasiões que se puderem apresentar, banindo-os o mais freqüentemente possível, de medo que não espionem particularmente

---

<sup>352</sup> No original, *espicer*, dar gratificações para obter os favores de um juiz ou de um administrador. O *épiçage* era oficialmente tolerado enquanto que a prática dos *pots-de-vin*, ou *dessous de table*, presente oferecido clandestinamente para obter ilegalmente uma vantagem, era uma prática oficiosa (DL, verbete “*espicer*”).

<sup>353</sup> Aristides, conhecido como Justo, foi condenado pelos seus compatriotas ao ostracismo, ou expulsão temporária. Segundo Amyot, em sua tradução *La vie d’Aristide*, de Plutarca, 7, 2, “*cette maniere de bannissement à temps, appelé ostracisme, n’estoit poinct punition d’aucune forfaiture, ains estoit comme un contentement et une allegeance de l’envie de la commune, laquelle prenoit plaisir à rabattre et rabaisser ceulx qui luy sembloient trop excéder en grandeur*” (D, p. 96, nota 62).

demais os nossos o os empeçam no dever e no exercício de seus encargos, abolindo para sempre o crime e o nome de conclusão.

Ninguém seja tão ousado nem temerário para formular alguma queixa, ou intentar alguma ação contra nossos ditos juizes, e oficiais, por qualquer causa que seja, se não quiser ser rigorosamente castigado em sua bolsa, além da perda do que ele pedir, se for matéria civil, e de suportar mil afrontas e ignomínias em caso de crime, e até mesmo perder a honra e a vida, dando-se o caso.

Os pais e mães processarão ordinariamente contra suas crianças, e as crianças contra seus pais, os manterão sob tutela, ou lhes farão crer que eles perderam os sentidos, a fim de gozar de seus bens. Que se alguma boa fortuna tenha educado as ditas crianças em algum grau mais honorável do que aquele de seus pais, queremos que eles os desdenhem e lhes renunciem como pais, principalmente se eles forem de uma natureza simples e bonachona ou se quiserem viver sem cerimônia.

Aqueles que tiverem a administração de nossas finanças serão constrangidos e obrigados a escutar sobre todas as coisas estas duas regras, de subtração e de multiplicação, para ajudar-se de uma em suas receitas, e de outra na despesa. Também queremos que eles saibam aumentar os registros (Enquadrar as linhas, Determinar as somas totais, Supor viagens e outros itens) a fim de que em suas contas eles possam preparar um capítulo dos *deniers*<sup>354</sup> contados, e não pagos, no qual eles incluirão também as faturas das quais tiverem somente pago, no máximo, o quarto, ou o terço, como dons, recompensas, cauções, quitação de dívidas, pagamento de rendas, mandamentos e outros tipos de rendimentos, os quais todavia eles redigirão detalhadamente às custas deles, suporão não-valores<sup>355</sup>, tirarão em segredo ordenanças<sup>356</sup> não ordenadas, darão os *deniers* reais com juro, câmbio e recâmbio, os quais serão em seu proveito e não àquele do Príncipe, a serviço de quem estarão.

Aqueles que estarão sob eles lhes darão vários presentes, caça, vinho, frutas, especiarias, lençóis de seda, pedrarias e outros; todas estas coisas determinarão a paciência do recebedor, sem que por isto eles devam temer algum cômodo real, nem que se possa acusá-los de crime de peculato<sup>357</sup>; mas colocamos e temos colocado<sup>358</sup> para o futuro todas

---

<sup>354</sup> *Denier*: antiga moeda francesa equivalente à ducentésima quadragésima parte da libra e à duodécima parte do *son*. Significava também os juros de uma soma de dinheiro ou de capital (R).

<sup>355</sup> *Non-valeur*: terra improdutivo (R)

<sup>356</sup> *Ordonnances*: ordem dada a um tesoureiro para que pague certa soma (DLL).

<sup>357</sup> Desvio de dinheiro público ou uso de funções públicas para aumentar os próprios bens (DL, verbete “*peculat*”).

<sup>358</sup> Já que em português o presente e o pretérito perfeito de “colocar” na primeira pessoa do plural têm a mesma forma traduzimos o presente “mettons” pela passiva “temos colocado”, guardando assim a idéia de continuidade presente nos dois tempos (N. da T.).

estas faturas em tolerância, sem que possam temer serem investigadas, desde que tenham a indústria de regar, a propósito seus adversários, com a água tirada no fundo do rio de Pactole, ou do rio da Prata<sup>359</sup>.

Aqueles que serão empregados nas comissões para recolher impostos, empréstimos, talhas<sup>360</sup> e outros subsídios que os Príncipes e Potentados, a serviço de quem estarão, poderão postar sobre seus súditos, queremos que eles possam usar de acréscimo<sup>361</sup> em seu proveito, e todavia que as despesas da comissão e recompensas dos oficiais nela empregados subam tão alto que o terço dos *deniers* recolhidos não cheguem líquidos aos cofres do Príncipe. Pois é nisto que se descobrirá a gentileza de seu espírito, e sobretudo se depois de todas estas coisas eles tiverem a audácia de pedirem recompensas por seu fiel serviço.

Nós queremos e entendemos que nossos ditos financeiros de baixa origem, e cuja vilania de origem foi clarificada somente em seus cofres, que sem nenhum fundo e renda, ou pelo menos com pouca coisa terão fielmente adquirido, da maneira que foi dita acima, em bem poucos anos riquezas muito grandes, e por meio destas tirado boas quitações de sua administração, possam portar o título de Senhores para as terras que eles tiverem adquirido, ter em suas casas móveis muito ricos e preciosos e fazer construir vários palácios e casas sublimes, em toda segurança, sem que se lhes possa perguntar onde puderam tomar tanto dinheiro, nem que possam estar sujeitos a alguma revisão de contas, ainda que se conheça manifestamente que toda sua opulência só pode vir da pobreza pública, mas ao contrário queremos que eles sejam honrados e respeitados, e que eles ou seus descendentes sejam capazes de ter os maiores estados das repúblicas onde se encontrarem.

Nós estimamos também entre os particulares financeiros aqueles mais hábeis que adquirirão de seus mestres as melhores terras que eles tiverem, quando eles serão em suas casas com o mandil<sup>362</sup> ou com a almofaça<sup>363</sup> e o esfregão<sup>364</sup>, ou algum ofício de qualidade

---

<sup>359</sup> Jogo de palavras: o rio Pactole, na Ásia Menor, tinha a reputação de deslocar pepitas de ouro (apalavra é usada como sinônimo de reserva financeira); o rio de la Plata, na América do Sul, tinha a reputação de deslocar lâminas de prata (D, p. 97, nota 63).

<sup>360</sup> Tributo medieval pago pelos vassalos para o custeio da defesa do feudo (H). *Taille seigneuriale*: redevance payée au seigneur par les serfs et les roturiers; *taille royale*: impôt direct au profit du trésor royal, payé principalement par les roturiers. Le receveur, les collecteur des tailles (R).

<sup>361</sup> Aumentar o valor do imposto para obter um benefício pessoal apropriando-se da diferença (DL, verbete “*crüe, user de la*”).

<sup>362</sup> *Mandille* é a casaca do lacaios, *estrielle* e *bouchon* são instrumentos de palafreireiro. O autor evoca metaforicamente pessoas de baixa condição (DL, verbete “*mandrille, estrille, bouchon*”). DLL precisa que *mandille* é um manto sem gola que distinguia os lacaios dos outros valetes. Houaiss traz “mandil”: 2. pequena capa, de três peças, usada por lacaios e pessoas humildes em geral.

<sup>363</sup> No original, *estrielle*: instrumento formado de pequenas lâminas dentadas, para retirar as sujeiras que aderem ao pelo dos cavalos (L, verbete *étrille*); escova metálica para limpar cavaladuras (H).

<sup>364</sup> Em português “mandil” é a tradução mais exata para *mandille* e também para *bouchon*. Para não repetir a palavra “mandil” trocamos-la por “esfregão” (N. da T.).

parecida, e todavia que seus ditos mestres lhes sejam tão relicatários<sup>365</sup> na apresentação de suas contas, que o resto do balanço do bem seja colocado em vendas públicas, e vendido a preço vil, levando as crianças de seus senhores a [passar] tamanha necessidade que eles sejam constrangidos a vir procurá-los e fazer-lhes corte, fazendo-se assim honrar por sua vez. Que se eles lhes derem por acaso algum desembargo<sup>366</sup>; ou lhes permitirem gozar de algumas poucas coisas, nós queremos que eles sejam tidos por muito caritativos e reconhecidos, e queremos que eles possam dizer alto e claramente frente a todo mundo, e sem enrubescer, que eles fizeram-se pobres para bem servir seus pais, e que eles nunca obtiveram outra recompensa além de muitas dívidas, que lhes deixaram nos braços.

Que se algum Príncipe estabelecer acima deles um superintendente<sup>367</sup>, que porventura descobrir suas invenções e quiser beneficiar seu mestre, nós queremos que ele esteja sujeito ao ódio de todo mundo, pelo artifício dos ditos financeiros, e permitimos maldize-lo à vontade<sup>368</sup>, e de tratar por seus artifícios de rendê-lo suspeito aos olhos do Príncipe, a fim de que estando desgraçado eles possam recomeçar seus antigos e louváveis costumes, como faziam antes.

Quanto aos oficiais que são próximos da pessoa do Príncipe, e têm conhecimento de seus afazeres mais secretos, nós queremos e entendemos que sejam pensionários e comissários dos outros Príncipes, seus vizinhos, lhes permitimos descobrir seus segredos e lhes dar notícia de tudo o que sucede, sem que por isto eles sejam menos queridos e acariciados pelos seus mestres e menos recompensados por sua fidelidade.

Quanto àqueles que quiserem ser pérfidos com eles mesmos e fazer o bem a outrem por seus conselhos e por seus silêncios, nós queremos que sejam desprezados como gente estúpida e sem espírito, e que os outros sejam temidos porque (como dizem) farão mal, e estes tidos por gente de pouco porque não devem fazê-lo. Eis porque ordenamos que os nossos sejam enriquecidos e que seus contrários se empobrecam.

Nós queremos também que os acima citados oficiais sejam *partisans*<sup>369</sup> a fim de que possam fazer com que as fazendas sejam entregues abaixo de seu valor, e que o Príncipe possa vangloriar-se que a riqueza não está em sua bolsa mas na de seus súditos. Poderão tomar garrafas de vinho e outros delicados direitos, e com isto entrar no grupo por um

---

*Bouchon*: punhado de palhe torcida que serve especialmente para enxugar e friccionar um cavalo (L). Mandil: 1. pano grosseiro, usado para esfregar as cavaladuras após a escovação (H).

<sup>365</sup> *Reliquataire* é um termo de jurisprudência designando uma pessoa que permanece devedora após ter pago uma parte de sua dívida (D, Léxico).

<sup>366</sup> *Main levée*: termo de jurisprudência que autoriza um prazo na condenação ou impede o confisco de bens (D, Léxico).

<sup>367</sup> Foi esta a função de Sully, superintendente geral das finanças a partir de 1596 (D, p. 99, nota 64).

<sup>368</sup> No original, *à toute reste*, em toda liberdade, tanto quanto possível (DL, verbete “*à toute reste*”).

<sup>369</sup> Financeiro que tomava as rendas (*fermages*) dos ganhos reais (DLL, verbete “*partisan*”).



quarto, ou por outra porção, segundo a soma que eles trouxerem, sem por que por isto deixem de tomar alguns presentes, se for necessário fazer diminuições. Pois tal é a lei de todos os oficiais deste Império, que são nossos súditos, de tomar de todas as mãos, quando for o caso.

## NO QUE CONCERNE A POLÍCIA

Quanto aos reformadores e gente da polícia, que serão de nossos súditos, eles permitirão os falsos pesos, falsas medidas, fantasias, sofisticções e outras belas invenções que nossos pobres súditos puderem inventar, desde que estes que usarão de tal coisa, dêem aos ditos oficiais o reconhecimento que lhes é devido.

Os ditos oficiais permitirão também todos os discursos e libelos difamatórios contra a honra do Príncipe e de seu Estado; que se para sua honra eles forem obrigados a fazer alguma busca e que aconteça deles prenderem os culpados, aqueles que tiverem do que, será permitido deixá-los sair pela porta dourada; os outros que serão necessitados e não colocarão nada em suas mãos de medo que elas se inchem, experimentarão o rigor da justiça, para dar ainda mais ao mundo uma boa impressão de sua honestidade<sup>370</sup> e fidelidade. Que se houver algum néscio que queira que se pratique com rigor leis e ordenanças do país onde ele estará sem outra recompensa além de uma louca e vã honra, de ser tido por nossos contrários por homem de bem, tanto no que nós dissemos acima quanto no que nós diremos aqui depois, queremos que os nossos persigam tais maneiras das gentes, imponham-lhes todo tipo de calúnias, e acusem-nos de concussão, e criem-lhes tantos obstáculos que sejam enfim constrangidos a calar-se se não forem porventura da raça dos Catões<sup>371</sup>. Pois então nós aconselhamos a nossos ditos oficiais de manter-se em guarda, e de fazer seus pequenos negócios o mais secretamente possível.

Proibimos também muito expressamente a nossos ditos oficiais de perseguir aqueles que passam sua vida sem nada fazer, ainda que não tenham nenhum meio, pois nós temos todos os nossos súditos por Gentis-homens, e queremos que a este propósito eles vivam segundo a lei de Licurgo<sup>372</sup>, sem todavia assujeitá-los aos exercícios do corpo, salvo

---

<sup>370</sup> Honestidade (DL, verbete "*preud'hommie*").

<sup>371</sup> Catão é o símbolo do antigo romano, sóbrio e incorruptível, pregando sem descanso em público as idéias que lhe eram caras (D, p. 101, nota 65).

<sup>372</sup> Licurgo, legendário legislador de Esparta, havia instituído uma casta de guerreiros dispensados de todo trabalho produtivo mas sujeito a um treinamento militar intensivo (D, p. 101, nota 66).

àqueles que podem incitar à volúpia. O ócio sendo a virtude mais necessária para alimentá-la e manter.

Quanto aos lugares sagrados de Vertumnus<sup>373</sup>, Baco e Vênus, queremos que sirvam de hoje em diante de asilo e de refúgio a todos aqueles que nossos adversários nomeiam Falidos<sup>374</sup>, Cessionários, Bancarroteiros e outras gentes de bagagem de nosso séquito, sem que nossos ditos oficiais lhes possam fazer algum desprazer; muito bem lhes será permitido descompor com os ministros dos ditos lugares e deles tirar alguns censos<sup>375</sup> e direitos senhoriais, para indicar que são súditos e vassalos de nosso Império.

Nós queremos também que aqueles que tiverem cometido falta, não por necessidade, mas por uma vontade premeditada por uma gentileza de espírito, transportando-se eles mesmos e o dinheiro de seus credores para algum país um pouco afastado, fazendo no entanto por meio de seus amigos uma composição de prêmio<sup>376</sup> com seus ditos credores, sejam tidos pelos mais hábeis e melhor entendidos dentre os nossos, quando tiverem usado cinco ou seis vezes da mesma galantearia, desde que achemos em suas casas belos livros de razão<sup>377</sup> e outros papéis diários bem escritos, onde se possa ver claramente todas as suas dívidas, mas que não façam nenhuma menção do que possuem, nem do que lhes é devido.

Nos anos em que o trigo e o vinho serão mais raros que de costume, principalmente nos países onde não existam em grande quantidade, permitiremos aos nossos armazená-los e vendê-los somente em situação extrema, a fim de tirar mais facilmente todo o mau sangue do público que vem a eles durante os anos de abundância e por uma sutil alquimia convertê-lo em sua substância. Proibimos a nossos ditos oficiais de aplicar outras taxas, seja sobre os ditos trigos e vinhos, ou outras provisões necessárias à vida, além daquelas que os ditos Cirurgiões públicos quiserem, contanto que elas lhes forneçam de tudo o que lhes será necessário para o entretenimento de sua casa e família.

E porque alguns dos antigos Romanos, após alguma célebre vitória faziam-se conduzir ao som de flautas, queremos renovar este antigo costume que julgamos justo e civil, para gratificar também cada vez mais aqueles que tiverem sempre aprovado nossa maneira de vida, e tomado em mãos nosso partido; e que têm seus lares perto das florestas

---

<sup>373</sup> Vertumnus, Vertumne é uma divindade associada às árvores frutíferas (D, p. 101, nota 67).

<sup>374</sup> *Safranier* (“falido”) é um termo familiar, praticamente sinônimo de *cessionnaire* e de *banqueroutier*. *Cessionnaire* designa uma bancarrota fraudulenta por cessão de bens a um cúmplice (DL, verbete “*safraniers, cessionnaires, banqueroutiers*”).

<sup>375</sup> *Censive*: terre sujeita ao censo anual (L).

<sup>376</sup> *Composition de prime*: literalmente, conciliação para o primeiro depósito; abatimento de juros, *remise d'intérêts* (DL, verbete “*prime, composition de*”).

<sup>377</sup> Livro de contas (DL, verbete “*raison, livre de*”).

e altos bosques, por uma graça e privilégio especial, nós lhes permitimos tocar oboés todas e quantas vezes lhes aprouver, sem que os reformadores possam trazer suas distinções de madeira morta e morta madeira<sup>378</sup>. Mas queremos que toda madeira arrancada<sup>379</sup> seja que lhe tenhamos colocado fogo nos pés, ou de outra maneira, sejam madeiras de uso, nossa intenção sendo tal que, no que as concerne, todas as florestas sejam da madeira de Danaé, a saber que os florestais<sup>380</sup> não possam jamais dar marteladas.

Quanto aos ditos Reformadores e outros sub-oficiais de nossos afeiçoados súditos, eles poderão podar, secar<sup>381</sup> ou desbastar as ditas florestas nos lugares que eles verão mais cômodos para sua utilidade. E quando lhes ordenaremos que vendam alguma quantidade de pés de árvores, não queremos que se atenham ao pé da letra, como se toma comumente, mas segundo sua inteligência, a saber, que contem tantas árvores por um pé, como se contam ordinariamente polegadas para compor um pé Real, sendo bem razoável, já que eles são oficiais Reais, que se governem também *à la Real*<sup>382</sup>.

Quanto aos menores oficiais das ditas florestas, nós lhes permitimos fazer todo tipo de prancha<sup>383</sup>, ripa<sup>384</sup> e outra madeira de uso sob o nome dos pobres mercadores, acomodando-se com a pobre mão-de-obra de nossos súditos próximos das ditas florestas. Que se houver algum dentre a dita mão-de-obra que tenha alguma condição e queira fazer seu caso à parte, comandamos aos ditos guardiões de lhe permitir tomar as mais belas árvores e de melhor corte, desde que eles os recompensem, de modo que uns possam cobrir suas casas com quartos de escudo<sup>385</sup>, os outros comprar por este meio todas

---

<sup>378</sup> Os florestais distinguem a “madeira morta”, seca em pé, da “morta madeira”, ruim, inutilizável (D, p. 102, nota 68).

<sup>379</sup> No original, *chablis*: madeira – ramos ou árvores – arrancada pela violência do vento ou de outro fenômeno natural (N. da T.).

<sup>380</sup> No original, *gruyers*: administradores florestais encarregados de estimar as madeiras e, notadamente, as distinções enumeradas no texto e notas acima (madeira morta, morta madeira, madeira arrancada, madeira de uso). Os reformadores executavam a exploração segundo o que haviam determinado os *gruyers*: daí a designação “sub-oficiais”. A martelada designava a árvore a ser abatida. A madeira de Danaé pode ser a madeira intocável, por alusão ao cofre de madeira no qual Danaé foi fechada com seu filho, sob a proteção de Zeus. Este parágrafo, que contém alusões obscuras e joga com as diferentes combinações possíveis da palavra “madeira”, parece exprimir uma inversão das regras normais de exploração (D, p. 102-103, nota 69).

<sup>381</sup> Segundo Lenglet-Dufresnoy, fazer secar. Pode tratar-se de um erro gráfico de *essorer*, termo técnico de tratamento da madeira, já que a palavra não é atestada (DL, verbete “*essorer*”).

<sup>382</sup> Neste parágrafo a palavra “pé” dá origem a toda uma série de derivações semânticas: pé de árvore, ao pé da letra, pé (unidade de medida), pé real (que será usado mais adiante), oficiais reais (ao serviço do rei) e “à la royale”, “*royallement*”, “realmente”, “generosamente” (D, p. 103, nota 70).

<sup>383</sup> No original, *merrin*. Merrin ou *merrain*: madeira destinada aos trabalhos de marcenaria ou carpintaria (D, Léxico). O Larrousse traz dois sentidos: 1. madeira para aduelas de pipas, cortadas no sentido dos veios medulares; 2. parte principal da galhada do cervo.

<sup>384</sup> No original, *bardeau*. Madeira de cobertura (D, Léxico). 1. Prancheta de madeira em forma de telha usada para cobrir um telhado ou uma fachada, especialmente na montanha; 2. Prancheta fixada sobre as traves de um soalho e formando um superfície que receberá o ladrilho ou o parquet (L). Ripa de telhado delgada e curta (G).

<sup>385</sup> No original, *quarts d'escu*, que geram aqui dois trocadilhos. *Escu* designa três coisas diferentes: a forma de uma lâmina de madeira para a cobertura de casas; em arboricultura, *greffe en écu*, “enxerto em escudo”, *taille en*

as suas comodidades, e todos juntos sejam freqüentemente acariciados na casa do bom pai Sileno, e não saiam jamais sem fazer ressoar nas ditas florestas o santo nome de Evoé<sup>386</sup>.

Por este nosso Edito e ordenança irrevogável nós suprimimos desde agora e para sempre o ofício de Censura; queremos que todos os Censores, por qualquer coisa que possa ser, sejam proibidos por todo este nosso Império, e comandamos a todos os nossos súditos que deles fujam como gente excomungada e de má sorte, como aqueles que podem causar todo problema e impedimento, seja por desejo, seja por prazer. Que se alguém dentre eles for tão temerário que se misture entre os consortes, e queira colocar em prática e dogmatizar sua perniciosa doutrina, queremos que seja incontinente banido por todo tipo de afrontas e de ignomínias que se lhe poderá fazer sofrer.

Se houver algum marido que esteja cansado e enfatiado de sua mulher, ou alguma mulher que queira mudar de marido, nós lhes permitimos divorciar e dar-lhes um libelo de repúdio. Que se estiverem em país onde o costume não permita repudiar, nós os aconselhamos alegar impotência de uma das partes<sup>387</sup>, ainda que isto não exista, e que eles tenham filhos um do outro, esta única palavra sendo toda poderosa para dissolver todos os tipos de tais contratos e alianças.

Aqueles que quiserem dar alguma nova que dirão ser para o público, nós proibimos muito expressamente de ouvi-los, ou pelo menos, se forem ouvidos, queremos que sejam longamente mantidos sem nada efetuar de suas intenções, que se cansem enfim de tantas falsidades<sup>388</sup> e abandonem toda empresa mesmo quando seria de muita utilidade ao Príncipe da província onde estarão. Mas queremos e entendemos que aqueles sejam somente escolhidos e executados, que trarão ruína e dano ao público e que poderão alienar as vontades dos súditos da obediência e fidelidade que se deve prestar ao soberano.

Cada um poderá vestir-se segundo sua fantasia, desde que seja bravamente, sublimemente e sem nenhuma distinção nem consideração sobre sua qualidade ou faculdade<sup>389</sup>. Que se, no feitio, um tecido, por precioso que seja, não for enriquecido com

---

*écu*, “corte em escudo”; e a moeda de mesmo nome que traz uma flor-de-lis em seu reverso. *Quarts* significa pedaço, parte (pedaço de madeira talhada em escudo) e designa igualmente moedas: *écu-quart* e *quart d'écu* (D, p. 103, nota 71).

<sup>386</sup> Evoé é o grito dos parceiros de Dionísio, dentre os quais Silene, no momento de seus cortejos ou Bacanais. O texto original traz “*retenir*”, erro de impressão da palavra “*reten[t]ir*” (D, p. 104, nota 72).

<sup>387</sup> Este procedimento se apoia em uma mentalidade inquisitória, que se desenvolve na esteira da caça às bruxas, relativa às dificuldades de relações sexuais em casais e estudadas por P. Darmon no Tribunal de l'impuissance. Paris: Seuil, 1979. A não consumação do casamento era uma das razões aceitas para a obtenção de sua ruptura (D, p. 104, nota 73).

<sup>388</sup> No original, *bonnetades*. Literalmente, gesto feito com o chapéu. Maneira delicada de recusar pedidos (D, Léxico).

<sup>389</sup> A indumentária era determinada por regras e proibições estritas e codificadas segundo a ordem e o ofício. Nesta época assiste-se a um relaxamento das regras, especialmente dentre as mulheres da burguesia e os jovens (D, p. 105, nota 74).

supérfluos bordados em ouro, prata, pedrarias e pérolas, e mais freqüentemente sem decência, tenhamos tais trajes por vis, mesquinhos e indignos de serem vestidos em boas companhias, reputando nisto toda modéstia por baixeza de coração e falta de espírito. Também temos por regra quase geral dentre nós, que tais trajes honrem mais do que sejam honrados: pois nesta Ilha o hábito faz o monge, e não o contrário.

Os trajes que se aproximam mais daqueles da mulher, seja em tecido ou à maneira de, serão tidos dentre os nossos como os mais ricos e mais decentes, como os mais convenientes aos modos, inclinações e costumes daqueles desta Ilha; queremos todavia que as modas mudem todos os meses e que aqueles que vestirem por muito tempo um traje sejam estimados mesquinhos<sup>390</sup>, avaros e incivis. Todavia eles poderão renovar as velhas modas e colocá-las a crédito como se fossem novas invenções, ainda que tenham estado em uso por mais de sessenta ou oitenta anos antes. E a fim de que as coisas se possam fazer mais comodamente e que se procurem à vontade as invenções, nós aconselhamos aos nossos mais favoritos que cada um tenha um criado de quarto costureiro com o qual possam passar boa parte do tempo a inventar novos padrões. Pois além da utilidade que daí retirarão, reterão por este meio muitos termos necessários para discorrer a propósito com as Damas ou com seus semelhantes, quando quiserem entreter-se privadamente, como discursos muito sólidos e dignos de sua verdade.

Os móveis dos aposentos e casas de particulares serão em todas as coisas o mais ricos possível, chegando até mesmo a sobrepujar as faculdades daqueles que os possuirão, sem que se lhes possa alegar que não é sua qualidade. Pois aqueles que têm a honra de contar entre nossos súditos são bastante qualificados, todos os outros estados, nobrezas, grandezas, principados tendo sido antes inventados para a aparência do que pela coisa necessária a fazer-se valer. Também permitimos a nossos ditos súditos que vivem em seu particular dourarem as portas, janelas, lambris e outros lugares de seus aposentos, terem vários quartos revestidos com ricos tecidos, realçados com ouro e seda, ou trabalhados<sup>391</sup>, e outros tipos de bordados, os assentos cobertos de seda e recamados com brilhos e fazerem Quadros onde não esteja representado nada a não ser todas as coisas que poderão incitar à volúpia. Proibimos muito expressamente que haja alguns que ressintam de qualquer maneira que seja sua santidade ou coisa que incite ao que chamamos virtude. Quanto aos móveis de madeira, queremos que sejam todos dourados, prateados e marchetados e que

---

<sup>390</sup> No original, *tacquin*. Esmiuçador, mesquinho (D, Léxico).

<sup>391</sup> No original, *emboutie*. Termo técnico designando a arte de ornar com altos ou baixos-relevos (DL, verbete “*emboutir*”).

todos os ditos móveis, principalmente os estrados sejam, se possível, de madeira de cedro ou rosa e outras madeiras odoríficas, se alguém não preferir fazê-los em Ébano ou Marfim.

E como todos os leitos são também Altares onde nós queremos que se faça um sacrifício contínuo à deusa Salambona<sup>392</sup>, desejamos que sejam também mais ricos que o resto, encapados e cobertos<sup>393</sup> para a comodidade dos mais secretos amigos, sabendo também que as ações vulgares se fazem sob um céu que chamamos lunar<sup>394</sup>. E os mistérios de Vênus estando elevados dois graus acima, nós entendemos que cada um tenha duplo dossel em seu leito, e que aquele que estiver dentro não seja menos rico do que aquele de fora; queremos que a história seja tirada das Metamorfoses de Ovídio, fantasias dos Deuses e outras coisas parecidas para encorajar os mais arrefecidos. Que o traseiro chame mais atenção do que o dianteiro por sua largura, como mais conveniente aos Hermafroditas, sendo o lugar mais propício para as conversações. Porque também a terra não é digna de trazer coisa tão preciosa, nós ordenamos que se estenda sob os ditos leitos alguns ricos cairinos<sup>395</sup>, ou outros tecidos de seda.

Os banquetes e festins se farão, de preferência à noite que de dia, com toda a superfluidade, prodigalidade, curiosidade<sup>396</sup> e delicadeza possíveis, e segundo a invenção e opulência dos ricos presentes ou por vir poderá permitir, queremos que se use todo tipo de cristas e de línguas, entre outras dos Galos, dos Pavões e dos Rouxinóis<sup>397</sup>, como muito saudáveis para o mal Epilético. Que todas as carnes sejam fantasiadas e que nenhuma se reconheça em sua natureza, a fim de que nossos súditos tomem alimentos em semelhante forma que estiverem compostos. Eis porque nós estimamos todos os tipos de doces, geleias secas e líquidas, e que quanto mais elas forem trazidas de um clima afastado daquele em que estaremos, mais sejam estimadas, pois serão mais caras; que se quiserem algumas vezes por curiosidade usar peixe, nós queremos, qualquer que seja a distância do mar ao lugar onde se comerá, que sejam marinados<sup>398</sup>. E no que concerne os Omeletes, queremos

---

<sup>392</sup> Salambona é o nome familiar que designa a Volúpia; palavra sem dúvida usada pelos marinheiros, como parece indicar sua origem em parte árabe (salam), em parte romana (bona), ou sua origem derivada do nome fenício de Vênus (Salambo) (D, p. 106, nota 75).

<sup>393</sup> No original, *houssez et caparaçonnez*. O *caparaçon* e a *housse*, tipos de capas, são peças originalmente destinadas a proteger os cavalos (D, Léxico).

<sup>394</sup> Há seguramente um duplo trocadilho sobre as palavras céu (vastidão celeste e dossel da cama) e lua (astro e metáfora corporal), que parece desenvolvido, sempre alusivamente e com um duplo sentido, em uma das frases seguintes: “que o traseiro seja mais notável que o dianteiro, como o mais conveniente aos Hermafroditas” (D, p. 107, nota 76).

<sup>395</sup> Tapete do Cairo: grandes tapetes para os pés ou de mesa com grandes abas (DL, verbete “*cairin*”).

<sup>396</sup> Originalidade insólita (DL, verbete “*curiosité*”).

<sup>397</sup> Estes são exemplos de cozinha sofisticada tomados do Satiricom mas que revestem aqui um significado alusivo à vaidade ou à bela linguagem (D, p. 107, nota 77).

<sup>398</sup> Do mar. Os peixes de água doce eram praticamente os únicos consumidos nas terras do interior. O autor retoma uma indicação da *História Augusta* sobre Heliogabalo: *ad mare piscem numquam comedit, in longissimis a mari locis omnia marina semper exhibuit* (H.A., XXIII) (DL, verbete “*marine*”).

que sejam polvilhados com almíscar, âmbar e pérolas, e que custem cada um de cem, até cinqüenta escudos os menores; no verão teremos sempre de reserva em locais apropriados para este efeito grandes cubos de gelo e montes de neve, em qualquer país quente que possamos estar, para misturar com bebidas, mesmo que isto provoque doenças extraordinárias. Pois aqueles que são verdadeiramente nossos não devem nada temer para gozar da volúpia, mas, antes, devem expor-se a todos os tipos de perigos para um tão grande bem e contentamento.

Cada um poderá vestir-se segundo sua fantasia, por mais bizarra que possa ser a invenção, desde que o inventor tenha nele a virtude que nossos contrários chamam petulância; que se este for porventura de nossos favoritos, cada um daqueles que não têm invenção melhor o imitarão e se vestirão segundo sua moda.

Ainda que tenhamos a caridade por pura tolice, como uma invenção que serve somente para esvaziar as bolsas, que queiramos que as nossas estejam sempre plenas, todavia, porque ela tem reputação junto à gente e que faz-se caso daqueles que a abraçam, nós aconselhamos aos mais avisados dentre os nossos de assistir e tomar o partido de um pobre contra um rico, o qual, no entanto, não será tão apoiado e favorecido quanto eles, a fim de que ajudando a um eles possam despojar o outro e que sua avareza lhes traga o renome de liberalidade. Que se façam algumas outras esmolas, que seja o mais raramente possível, e que elas somente sejam distribuídas se sabidas e vistas por toda a gente<sup>399</sup>.

Nós ordenamos também que nossas crianças sejam alimentadas em toda liberdade sem forçá-las nem obrigá-las pelo que quer que seja, nem mesmo castigá-las a não ser no que puder prejudicar as relações sociais<sup>400</sup> ou a ter boa graça; se lhes ensinará também desde a mais tenra idade os termos da volúpia e freqüentarão o mais comumente aqueles que nela podem instruí-los, aprendendo deles os preceitos, ensinamentos, leis e ordenanças necessárias para torná-los capazes de ser um dia perfeitos *Hermafroditas*, e chegar à posição dos mais queridos e favorecidos dentre os nossos.

Os jogos florais e cênicos serão altamente reputados dentre os nossos sem que seja jamais permitido a alguém aboli-los como a mais útil escola onde se possa aprender os primeiros Rudimentos da nossa doutrina.

Os hospitais, casas para doentes, e outros lugares para tal repouso terão reputação não pelo seu bem fazer, ou esmolar alguma coisa, mas por servir de retiro àqueles que os nossos poderão enviar por sua indústria. Também queremos que os mestres e guardas

---

<sup>399</sup> Aqui há a inversão de um preceito evangélico (*Lucas* 18: 9-14) que recomenda a discrição nos atos religiosos (D, p. 108, nota 78).

<sup>400</sup> No original, *faillir à l'entregent* (DL, verbete “*entregent, faillir à l'*”).

daqueles tenham mais cuidado com os prédios do que com os doentes e necessitados, pois no que concerne a renda que já adquiriram, nós entendemos que os ditos mestres deles disponham como de sua coisa própria e que lhes pertence de direito.

Quanto aos mendigos, canalhas e outros de tal feitio, nós proibimos a todos os nossos oficiais de impedi-los em sua indigência e mendicância, mesmo quando for sem razão e somente para levar uma vida preguiçosa, e de temor de dar-se demasiada pena, como também nós queremos que lhes seja permitido fazer em si úlceras e feridas artificiais sem estarem sujeitos a revistas, desde que exerçam a mesma caridade para com nossos ditos oficiais que se praticou em seu lugar, introduzindo-lhes na manga uma parte do que se lhes colocaram na mão.

Nós queremos que todos aqueles que saibam ajudá-lo com o polegar, cortar a corda sem fazer tocar a sineta, tocar harpa e servir-se de suas unhas recurvadas<sup>401</sup>, aqueles que são bons algazarrentos e morcegos<sup>402</sup> e têm boas asas para a noite<sup>403</sup> estejam em segurança, e quando tomarem ar de um lado, nossos ditos fieis Oficiais tirarão do outro, de medo do encontro e de algum mau augúrio; é bem verdade que nós lhes permitimos ir em seus ninhos e lá lhes fazer dar-se conta do espólio sem todavia fazê-los nada devolver àqueles a quem pertence, mas partilhar igualmente amigavelmente ao mesmo tempo as coisas conquistadas, desde que por infelicidade os ditos pássaros noturnos e outros de seu grupo não caiam nas mãos destes desleais oficiais que puseram testemunho de nós, de medo que os façam ser a própria presa dos outros pássaros que voam de dia, ou pelo menos servir de espelho para a contemplação dos segredos da natureza.

Quanto à calúnia e à traição, nós proibimos muito expressamente que elas sejam punidas e castigadas, a não ser que o Príncipe soberano queira nelas tomar parte para o bem de seu estado; mas no que concerne os particulares, queremos que os nossos que tiverem estas duas perfeições estejam em honra e reputação; uns por terem relações sociais, outros uma sutileza e gentileza de espírito, que se reconhecerá no quanto serão largos e pródigos em palavras, e avaros em fidelidade. Eles farão também tudo junto o que nossos contrários chamam adutores e enganadores, de sorte que se seus amigos perderem por

---

<sup>401</sup> Estes termos imagéticos designam diversas formas de roubo: *à la tire* (“roubo que consiste em tirar dos bolsos os objetos visados”) ou *à l’arraché* (“graças a um esforço violento e, freqüentemente, eficaz”), *à l’escamotage* (*escamoter*: “fazer desaparecer com uma manobra habilidosa”). A edição de 1724 transcreve “ajudá-lo” por “ajudar-se”, e “se sont mis adveu de nous” por “qui n’ont nul adveu de nous” (D, p. 110, nota 79).

<sup>402</sup> Na tradução perdeu-se o trocadilho com gatos e ratos do original: *bons-chatz-buants et chauve-souris*, literalmente, “bons-gatos-algazarrentos e camundongos carecas”, ou ainda “barulhentos e carecas”; sem esquecer “gatuno e morcego”, este último, segundo o dicionário Houaiss, no sentido de um indivíduo que só sai à noite (N. da T.).



meio destas duas notáveis virtudes o bem, a honra ou a vida, e mesmo todos os três juntos, desde que sobrevenha utilidade aos nossos, seja pelo bem ou pelo avanço da fortuna, nós os temos por galantes e bem avisados *Hermafroditas*.

Cada um poderá estudar-se em<sup>404</sup> arte química, segundo a sutileza de seu espírito e a comodidade dos lugares, e poderão ensinar aos mais ricos que quiserem tornar-se mestres nestas artes como deve-se converter o Sol em Vênus<sup>405</sup>, e a Lua em Saturno, para depois fazer evaporar o todo em Mercúrio volátil; mas em tudo nós queremos que os mestres das moedas e outros oficiais destas que são de nossos fieis súditos sejam muito entendidos em ligas peso sobre cem, sobre trinta, sobre dez e outros pés, modos e maneiras de falar *Hermafroditicos*, que serão todavia compreendidos sob este nome de pé do Rei. Queremos também que saibam falsificar<sup>406</sup>, limar e outros exercícios deste estado, sem que possam estar sujeitos a busca, desde que façam verter na matriz<sup>407</sup> algumas fieis espécies para o contentamento de seus superiores, que conheçam ser de nossos mais leais e mais fieis oficiais.

Proibimos a nossos ditos oficiais políticos considerar todos os artesãos que inventarão modas novas de pouca duração e de grande despesa a fim de que possamos ver mais facilmente o fundo dos rendimentos de todos os nossos súditos; e sobretudo ordenamos que os ofícios mais inúteis sejam aqueles que tenham maior voga, que se enriqueçam mais prontamente, e que sejam os mais honrados, os outros sendo somente valetes destes.

E como por uma ciência profética nós sabemos que nos séculos por vir haverá bem poucos Sólon, Licurgo e Platão que se porão a viajar pelo mundo, seja para tomar as melhores leis dos lugares onde eles irão para fazê-las praticar depois em seu país, seja para ensinar eles mesmos os povos que freqüentarão, ao contrário sabendo que a maior parte daqueles que viajam serão o mais freqüentemente os mais corrompidos e dissolutos dentre

---

<sup>403</sup> Termos imagéticos que designam os ladrões noturnos, por um trocadilho com o verbo “*voler*” (D, p. 110, nota 80). Em francês, “roubar” e “voar” são homônimos - “*voler*” -, assim como “roubo” e “vôo” - “*vol*” (N. da T.).

<sup>404</sup> No original, *s'étudier en*. Optamos por uma tradução literal do verbo e da preposição que o segue para manter o efeito de estranhamento do texto original: em francês o uso deste verbo seguido da preposição “em” não é habitual (N. da T.).

<sup>405</sup> Alusão a diversas operações de alquimia, em voga nesta época. Trocadilho com a palavra francesa “*Sol*” que designa o sol, símbolo alquímico, e o *sol*, unidade monetária. Vênus simboliza a água, a lua a prata, e Saturno o chumbo. As operações evocadas ironicamente vão no sentido contrário das operações habituais de transmutação alquímica (D, p. 111, nota 81). O sistema monetário mais usual era: 1 *pistole* = 11 *livres*; 1 *livre* = 20 *sols*; 1 *sol* = 12 *deniers*; 1 *denier* = 2 *oboles*; 1 *obole* = 2 *pites* ou 4 *demi-pites* (DLL).

<sup>406</sup> No original, *billoner*. *Billonage* é o tráfico de moedas defeituosas ou falsas (N. da T.).

<sup>407</sup> *Boëtte à l'esspreuve*. matriz usada para confeccionar moedas. Alusão a uma prática dos fundidores de moeda que usavam estes aparelhos para proveito próprio (D, Léxico).

os povos, verdadeiros Alcebíades<sup>408</sup>, e que não terão nem fé, nem amizade, nem modo de vida determinado, nós, tendo considerado que todas estas coisas são muito conformes ao humor dos habitantes desta Ilha, que amam a novidade, permitimos a todos os estrangeiros habitá-la e em bem pouco tempo obter cargos e gozar das mesmas honras que os naturais do país, e mesmo bem freqüentemente serem preferidos àqueles, assim como, se o caso se apresentar, fazer-lhes a lei, ou tirar toda sua substância natural, enchendo-os ao invés de vícios e de curiosidades para fazerem velas sem demora para onde pensarem fazer tão boa ou melhor fortuna.

### NO QUE CONCERNE AS RELAÇÕES SOCIAIS<sup>409</sup>

Todos aqueles dentre os nossos que quiserem freqüentar as companhias trarão sobre o fronte uma medalha chamada impudência, e no verso a petulância, a fim de que isto possa ensinar a todos os povos que eles são capazes de fazer e de sofrer todos os tipos de afronta.

Cada um deles se esforçará para fazer o belo, o agradável e o discreto, ainda que não sejam nada disso, terão muita submissão e humildade em suas palavras nas boas vindas ou na separação, e nas ocasiões onde será necessário usar de fraude para apanhar seu companheiro, mas em todo o resto de suas ações serão plenos de ventos de presunção e de boa opinião de si mesmos, cantarão eles mesmos seus louvores e entreterão as companhias com a narração de suas ações, ainda que estivermos satisfeitos em não ouvi-los.

Sua língua será como a mola de um relógio que foi afrouxada, ele não poderá parar enquanto não tiverem explicado tudo o que tiverem vontade de dizer e cada um permitirá a seu companheiro falar o mínimo que puder, a não ser que seja para abafar sua glória e impedir sua reputação.

Seus discursos serão o mais freqüentemente coisas inventadas, sem verdade nem sem qualquer aparência de razão e o ornamento de sua linguagem será renegar e blasfemar pausadamente, e com gravidade fazer várias imprecensões e maldições e outras flores de nossa Retórica para sustentar ou para persuadir à mentira, e quando quiserem persuadir a uma coisa falsa, começarão por estas palavras: “A verdade é...”

---

<sup>408</sup> Alcibíade: protótipo do aristocrata libertino (ele está implicado no caso da mutilação de Hermes), homossexual e caracterizado por suas mudanças de posicionamentos políticos (*varius*). A maior parte dos nomes de personagens históricos da Antigüidade vêm das Vidas dos homens ilustres gregos e romanos, traduzidas de Plutarco por Jacques Amyot (1559, 1567) (D, p. 112, nota 82).

<sup>409</sup> No original, *entregent*: relações sociais (D, Léxico).

Aqueles que não tiverem a palavra certa ou à sua disposição serão todavia estimados hábeis, desde que possam dizer um “É isto”, um “Eu vos asseguro, Eu respondo por vós” e outros termos parecidos, meneando a cabeça e o corpo e que tenham este engenho de colocar-se sempre do lado dos mais fortes.

Se houver alguém que queira fazer-se de entendido e fazer-se estimar acima dos outros, nós achamos muito bom que por desprezo ele não escute o que dirão aqueles que estão na companhia mas, antes, que com uma voz mais alta que todos os outros, e muito brava, interrompa seus discursos por alguma outra galantearia, que nossos contrários chamam bagatela; e se por acaso os outros quiserem concluir seus propósitos encetados, que ele não deixe por isto de continuar ainda os seus.

Sobretudo nós aconselhamos aos nossos antes perder um bom amigo do que uma piada, e que suas palavras sejam todas repletas de traços e de pontas tão pungentes que possam descobrir a honra e a reputação, ou pelo menos que ofendam sempre aquele para quem são ditas, repreendendo-o encobertamente por sua imperfeição, mesmo quando seríamos maculados pelo mesmo mal, pois é então que se parece muito mais hábil do que os outros, quando acusamos alguém pela falta da qual somos culpados, e que tornamos a lançar sobre o outro zombando das imperfeições que nos são as mais familiares.

As amizades serão somente para bem parecer<sup>410</sup>, e somente para passar o tempo, ou pela utilidade. Que se um amigo tiver necessidade ou se estiver em algum perigo, ou for acusado de algum crime, nós proibimos de assisti-lo com comodidades, socorro e assistência; permitimos o que chamamos perfídia, traição e ingratidão, que temos por sabedoria, boa conduta e gentileza de espírito.

Os mais eloqüentes dentre os nossos mesclarão sempre em seus discursos algum traço de zombaria e de risada contra as coisas que nossos adversários chamam Santas; tirarão suas comparações, se for questão fazer uma boa conta, a fim de que sejam ainda mais desprezadas e que nelas se creia menos.

A maledicência lhes será muito familiar sem nenhuma distinção de parentesco, sociedade ou amizade: pois escandalizar e caluniar às custas da honra e da reputação daqueles com quem se tem alguma amizade muito estreitamente jurada, é um preceito dos mais conhecidos e necessários para as relações sociais.

Nossos mais leais súditos e verdadeiros *Hermafroditas* discursarão uns com os outros sobre o amor e a volúpia ou sobre alguma invenção nova para vestir-se. Poderão também discorrer sobre a singularidade das águas e composição dos arrebiques, como se deve frisar

os cabelos. Saberão tudo o que é necessário para o enfeite das mulheres para saber acomodar-se e embelezar-se. E proibimos muito expressamente a nossos ditos súditos de entreter-se e discorrer sobre as graças e as perfeições divinas, sobre a santidade da vida, reformação e outras invenções de nossos adversários como completamente contrárias aos nossos modos e maneira de viver. Que se alguém for tão ousado que introduza o tema, que seja desdenhado<sup>411</sup>, aviltado e escarnecido como tolo e mal educado nas regras das relações sociais.

Por graça e privilégio especial nós queremos também que seja permitido a nossos súditos inventar os termos e as palavras necessárias para a civil conversação, os quais terão ordinariamente duplo sentido: um representando ao pé da letra o que tiverem vontade de dizer, outro, um sentido místico<sup>412</sup> de volúpia que somente será entendido por seus semelhantes ou que terão sido seus legionários<sup>413</sup>, com esta observação, que, pronunciando-o, o som seja doce, por medo de ofender a delicadeza de suas orelhas, com proibições de usar outros, qualquer substância, propriedade ou significação que possam ter do que quisermos dizer. E a fim de que a continuação não lhes possa trazer algum aborrecimento, estimamos ser muito a propósito mudá-los todos os anos, a fim de que, se com o tempo o vulgar os quiser usar, eles possam quanto ter sempre alguma coisa de particular.

Ordenamos também a todos os nossos que digam sempre a seu Príncipe somente coisas agradáveis, ou nunca lhe falar, quando o silêncio puder lhe causar ruína. Pois é melhor que sofra algum prejuízo do que que eles mesmos se exponham despropositadamente para receber algum mau viso. Eis porque queremos que eles tenham a adulação em singular recomendação; e que a tenham por soberana virtude, que consideramos ter então atingido sua perfeição, tanto mais estará afastada da verdade e persuadirá ao máximo a volúpia.

Porque os nossos têm entre si vários conluios, conspirações, intentos e empresas secretas, seja por amor, seja pelo Estado, nós lhes permitimos e temos permitido ter desde agora e para sempre alguma língua ou jargão composto segundo sua fantasia que eles nomearão com algum nome estranho, como Mesopotâmica, Pantagruélica e outros. Usarão também sinais ao invés de palavras, a fim de serem entendidos em seus pensamentos mais secretos, por seus consabedores, e sem serem descobertos.

---

<sup>410</sup> Trocadilho de difícil tradução que junta duas idéias: “amizades de boa aparência” (*bonne mine*) e “amizades fingidas” (*faire mine de*). (N. da T.).

<sup>411</sup> No original, *bouffé*: *bué*, desdenhado (DL, verbete “*Léxico*”).

<sup>412</sup> Cujo uso está reservado aos iniciados (DL, verbete “*mystique*”).

<sup>413</sup> Aqueles que terão servido nas mesmas classes. A palavra, como aquela de “*comes*”, companheiro de armas, pode pertencer ao vocabulário codificado dos grupos homossexuais (DL, verbete “*légonairé*”).

Nós queremos também que haja alguns dos nossos que falem muito freqüentemente contra os vícios e volúpias. Que reclamem dos desbordamentos, tanto públicos quanto particulares, e todavia que sua vida seja toda corrompida, voluptuosa, lasciva e sem nenhum desejo do que chamamos virtude, o que dirão disso não sendo mais do que o poder maldizer com mais segurança, a fim de que se pense que o que dirão seja mais por piedade do que para ofender. E deste modo poderão discorrer sobre as ações do Príncipe a quem serão sujeitos, dos negócios de seu Estado. Falarão destemidamente contra o modo de governar e de seus magistrados em toda companhia impunemente e sem temor. E ainda que tenham a vontade de todo afastada de seu serviço, eles se dirão os mais fiéis e afeiçoados súditos, e que é a força da dor que ressentem em ver tudo andar tão mal, que os faz ter esta linguagem, ainda que seu propósito seja alienar as vontades da obediência que se lhe deve prestar, a fim de ajudar-se junto àqueles que eles tiverem assim corrompido.

E porque queremos que nossos ditos súditos sirvam de luz e de exemplo a todos os outros, entendemos também que tomem parte nas ciências, a fim de poder discorrer com aqueles que delas não entendem nada, e somente para fazer-se admirar. Pois não lhes aconselhamos empregar tempo, vigílias e pena mas que tomem alguma superfície, como saber os termos da arte, ter em mãos algum exemplo, ou alguma comparação, ainda não queremos que se empreguem nisto. Pois qualquer pobre Filósofo ficará muito contente com algumas carícias que lhe poderão fazer, de redigir para eles em algumas pequenas folhas de papel o que terá aprendido em vários anos com um grande trabalho, e desde que lhes tenham dito que seja bem e dignamente satisfeito, e que ele se dê por contente.

Seu estudo contínuo será sobre as doze invenções da Cireniana<sup>414</sup>, nos livros que Leontina muito sábia na filosofia do amor, escreveu contra Teofrasto, nas ordenanças por nós feitas e decretadas em pleno senado, nas sete artes liberais referindo-se no sentido Místico aos preceitos de Epicuro, regras de Apícios<sup>415</sup>, os livros de Antífanes, Aristófanes, Calistrato, Cefalo, Alcídamo<sup>416</sup> e outros bons livros de semelhante substância, e úteis e

---

<sup>414</sup> No original, *Cyrenienne*: escola de Cirena, fundador Aristipa e chamada também de escola “hedonística”. Professava uma filosofia que preconizava o princípio de prazer como fonte da moral. Os Cirenianos, cujo ensinamento derivava do socratismo, concediam no entanto um importante espaço ao prazer da inteligência e do conhecimento. Eles foram considerados como precursores do epicurismo. Teofrasto é um filósofo aristotélico ao qual Leontion (chamada também Leontina ou Leontiane), “uma cortesã ateniense” cuja opinião pública a fez amante de Epicuro, respondeu por contrapropostas sensualistas e epicuristas. Os escritos de Leontion desapareceram: Cícero faz referência a eles em suas memórias (D, p. 116-117, nota 83).

<sup>415</sup> Autor latino de um livro de receitas culinárias (D, p. 117, nota 84).

<sup>416</sup> Antífane e Aristófanes são autores de comédias. A escolha dos nomes seguintes constitui um problema. Céfalo poderia ser o herói mitológico, marido de Procris, que veio um dia visitá-la sob um hábito emprestado e foi bem acolhido como amante. Alcídamos escreveu, ao que parece, sobre o prazer da música. Calistrato é o nome de um reitor (D, p. 117, nota 85).

necessários, para bem e felizmente viver, como também nós queremos que eles possam continuamente ler este antigo decreto do Senado Romano, colocado em duas mesas no templo de Vênus<sup>417</sup>. E que tenham sempre em mão alguma Comédia tresloucada e lasciva, a fim de que possam sempre aprender alguma nova artimanha, para torná-los mais dignos da posição que ocupam, e que sejam por fim os mais bravos e galantes *Hermafroditas*. Pois é mister que alimentem suas almas com estas coisas sagradas, e lhes dêem um conhecimento superficial, a fim de que estando perfeitamente imbuídas elas possam facilmente resistir às tentações dos profanos que lhes quiserem persuadir a seus despropósitos.

Eis porque nós queremos que todos aqueles que tiverem estas ciências que chamamos virtuosas, e que querem fazer-se de Doutores, Filósofos, ou Censores, todos aqueles que quiserem que se admire as obras divinas e incitem os outros a alguma contemplação, todas estas maneiras de gente devem ser tidas pelos nossos por sonhadoras, pedantes, plenas de mania e sem razão, visto que todos os seus discursos não podem ser fundados na razão humana, já que todas estas coisas são sobrenaturais.

Que se houver alguém a quem se queira prestar respeito e que faça caso de todas estas bagatelas, nós aconselhamos aos nossos não deixar perder nenhuma ocasião para romper este discurso, seja sobre o que se dirá, seja sobre o que se apresentará: farão dizer novamente muitas vezes uma mesma coisa, e fingirão não compreendê-lo para aborrecer e também cansar aquele que falar, fingirão saber alguma coisa de novo, que têm medo de esquecer, ou encontrar-se mal, fingirão semelhantemente adormentar-se e outras ricas invenções a esta necessidade, que os nossos procurarão incessantemente segundo as ocasiões para libertá-los de todas estas importunidades.

Nós não achamos mal no entanto que os nossos vão por vezes às predicções públicas, por forma de relações sociais para olhar, acariciar, e distrair aqueles e aquelas que eles afeiçoarão mais, para fazer-se de belos e mostrar alguma nova invenção em trajes e para zombar daquele que terá pregado, e com isso distrair-se pelo resto do dia, seja sobre estes termos, ou sobre sua ação. Proibimos muito expressamente tirar disto alguma instrução e mudar de forma de vida no porvir por coisa que tenham dito. Pois queremos que seu interior seja todo nosso e afeiçoado à nossa religião. Para o exterior, lhes será permitido dele fazer parte a quem bem lhes parecer, desde que tenhamos suas primícias e que sejamos sempre preferidos a todos os outros, por alguma honra, vida e salvação que lhes possamos anunciar. Pois tal é a Lei inviolável deste Estado, ser santo em aparência dentre aqueles que fazem caso de tais coisas preciosas, e todavia ser sempre lascivo na

---

<sup>417</sup> Pode tratar-se de regras definindo o culto de Vênus, para a qual César, que pretendia ser seu descendente,

consciência, e dissoluto em todas as ações que se poderiam fazer secretamente, esta virtude que nossos contrários chamam hipocrisia sendo muito necessária para o repouso e tranqüilidade da vida humana, desde que se possa servir segundo as ocorrências.

Esta velha droga de antigüidade será tida em muito grande desprezo pelos nossos, que escarnecerão de tudo o que ela ensina, como fábulas de velhas invenções para o prazer e fora da possibilidade da natureza; e todavia zombando de seus costumes, poderão deles servir-se<sup>418</sup> no que será da invenção dos trajes, dos móveis e das ciências, convertendo-os e fantasiando-os, como se isto viesse deles e de sua indústria; que se houver alguma coisa bastante baixa e trivial (como isto lhes será mais ordinário do que de outra forma), queremos que eles possam dizer que tiveram a concepção alta, mas que é que o quiseram assim explicar baixamente, a fim de que de qualquer modo que possa ser, nós os encontremos sempre muito hábeis e entendidos em todas as coisas.

Também queremos que nossos penachos e aqueles que têm aparência realçada sejam temidos sobre todos os outros, e que todos lhes dêem lugar em qualquer local que forem, mesmo quando serão vilões de quatro raças e lassos poltrões como galinhas, pois o penacho que trazem lhes dará bastante nobreza e valor.

Nós temos por gente de honra aqueles que despendem muito mais do que têm de valor, e que querem parecer, seja em despesa de boca, de móveis e suntuosidade, de hábitos, muito maiores qualidades; e menos comodidade terão, e mais exercerão nesta virtude que acabamos de dizer, queremos que sejam muito mais estimados: pois é isto a que chamamos ter um bom coração.

Todos os histriões, bufões, mofadores, papa-jantares, que procuram refeições gratuitas, moscas de cozinha, amigos de mesa e outras maneiras de gente de espírito e agradáveis convenientes que são somente para a invenção de boas palavras, e de Salgalladas<sup>419</sup>, nós lhes damos permissão de ter tais relações segundo lhes aprouver, vestir-se e falar segundo sua fantasia, viver em liberdade de consciência, e de modos de fazer, ou até mesmo com os maiores aos quais será permitido dizer-lhes tudo o que quiserem sem

---

fez construir um templo, sob a invocação de *Venus Genitrix* (D, p. 117, nota 86).

<sup>418</sup> A versão original não é clara nesta passagem, por causa da pontuação, que faz terminar a primeira frase em “costumes”. Movendo a pontuação forte antes de “e todavia” obtêm-se um sentido inteligível (D, p. 119, nota 87).

<sup>419</sup> No original, *Saulces* que se poderia traduzir literalmente por “molhos”. Poderíamos ter traduzido também por “temperos” ou “pimenta”. Optamos por “salgalladas” – segundo o Houaiss, “mistura de coisas heterogêneas, confusão, trapalhada, mixórdia” - para manter o radical de origem, “*sal*”, que significa também o humor ou o “*trait d’esprit*”, prova de caráter espirituoso. “*Saulces*” tem três sentidos vizinhos: a) o que acompanha a “palavra certa” assim como o molho acompanha a carne; b) provocação dirigida a alguém (*donner une sauce* equivale aos termos do francês familiar *donner une trempe* ou *mettre en boîte*, em português, “zombar, caçoar de alguém”); c) palavras soltas (em francês moderno, “*salades*”, o equivalente de “abobrinhas” em português) (D, p. 120, nota 88).

que por isto lhes façamos mau semblante; pelo contrário queremos que sejam procurados como gente de boa companhia e que saibam bons contos para fazer rir os outros.

Eis porque nós os aconselhamos observar e debulhar muito particularmente todas as palavras, ações, gestos, relações, vícios e imperfeições daqueles onde se lhes dará uma entrada familiar, e onde se lhes fará o melhor semblante (como gente que não entra em desconfiança nenhuma de sua conversação), para fazer disso depois suas contas nos lugares onde não terão nem acesso nem entrada, a fim de que isto incite os outros a procurá-los, cada um estando bem à vontade para escutar as novidades de seu companheiro para escandalizá-lo e ter ocasião de desprezá-lo.

Nós aconselhamos semelhantemente aos Príncipes que quiserem saber mais particularmente das notícias de seus súditos, sem que se apercebam, e sem que seus ditos súditos possam descobrir como seus mais secretos negócios podem chegar ao conhecimento do soberano, ajudar-lhes para este efeito de nossos ditos bem amados parasitas, pois descobrirão mais coelheiras<sup>420</sup> com estes esquadrinhadores<sup>421</sup>, num dia, do que farão num mês com toda sua caça Real, desde que permitam também aos ditos Histriões de esquadrinhar algumas vezes em suas bolsas.

Porque o curso ordinário da natureza é de fazer com que as coisas secas e áridas sejam também mais sujeitas à inflamação, nós que queremos viver tanto quanto se possa as naturais inclinações às quais nós somos naturalmente dados, sem forçá-las nem constranger de sorte e maneira que seja, permitimos a nossos anciãos mais decrépitos ser tanto ou mais dados ao amor do que a juventude. Mas porque seu poder não é semelhante, queremos que tenham ao menos continuamente o desejo, o pensamento e os toques e que suas conversas familiares<sup>422</sup> sejam volúpia com os gestos mais lascivos que poderão inventar para melhor alimentar e entreter seu bom humor e que possam ao menos dizer o que não podem fazer.

Aqueles dentre os nossos que são de habitação ou de humor mais meridional do que os outros, nós lhes permitimos misturar-se com naturezas de todo afastadas da deles, quando bem daí se devesse sair algum monstro, porque nós fazemos caso do que ultrapassa o curso ordinário das ações vulgares, além do que não pode nada haver de monstruoso, para nossa vista.

---

<sup>420</sup> No original, *clapier*: 1. coelheira; 2. lupanar (L).

<sup>421</sup> No original, *furtet*. há no final deste parágrafo um trocadilho com a dupla acepção da palavra: 1. furão, animal usado para a caça; 2. pessoa curiosa, intrometida. O verbo *furteter* significa: 1. caçar com a ajuda de um furão; 2. esquadrinhar, fuçar.

<sup>422</sup> *Familiers devis*: conversação familiar. Como em *familière accointance*, há aqui uma repetição do termo “familiar” que aparece no adjetivo e no substantivo. Na tradução tal repetição desapareceu (N. da T.).



Os jogos, folganças e passatempos mais ordinários de nossos mais favoritos, serão o bota-fora<sup>423</sup>, barras<sup>424</sup>, cavalo tosqueado, esconde-esconde bem se tu o tens, com cubaixo, no revés<sup>425</sup>, Jean de Rencontre e todo tipo de Jeans, exceto aquele de Jean que não pode<sup>426</sup>, que queremos que seja banido de toda boa companhia (como de todo contrário a nossos estatutos e ordenanças), à caça entre duas telas, pegar os pássaros com vara, com filetes<sup>427</sup>, com propósito interrompido, caçada ao anel, desde que seja posta em execução de modo novo, com damas abatidas, damas empurradas, com trictrac<sup>428</sup>, desde que ele seja jogado segundo nosso uso e outros jogos que eles poderão mais abaixo inventar para passar o tempo com mais prazer e contentamento.

Queremos também que todos os criados e homens livres que tiverem espiado e descoberto os segredos de seus mestres ou que tiverem participado de seus conluios, conspirações e outras ações virtuosas, sejam por eles temidos, honrados e respeitados, avançados<sup>429</sup> e enriquecidos como suas próprias crianças, sem que ousem em algum modo ofendê-los, de medo que descubram o que se quer manter escondido, mas antes, que seus ditos mestres os obedeçam em tudo o que puderem desejar, a fim de que cada coisa tenha sua vicissitude e que cada um sirva em sua vez.

Os ditos homens livres e outros de semelhante qualidade, que tiverem sido tirados da miséria e da pobreza pelos bem-feitos de seus Senhores, esquecerão para sempre o lugar de sua origem e perderão a memória dos prazeres recebidos, de sorte que serão, e crerão livremente ser companheiros com seus ditos mestres, por maiores que sejam, até poderão desdenhá-los publicamente e desprezar, e tratá-los mal em boa companhia, o que farão e dirão sem respeito nem discrição, seus mestres sofrendo pacientemente a reprimenda, e adoçando-os o quanto lhes será possível, e com os termos mais doces que puderem escolher.

---

<sup>423</sup> *Boute-hors* tem duas acepções: 1. no vocabulário marítimo *boute-hors* é a parte do mastro permitindo aprestar uma vela suplementar; 2. *bouter-hors* quer dizer empurrar para fora, expulsar (L).

<sup>424</sup> *Aux barres*: antigo jogo de corrida-perseguição (pique) entre jogadores divididos em dois campos (L).

<sup>425</sup> *No original, au reversis*, do italiano, *rovescio*, “à rebours”: jogo de cartas em que ganha aquele que faz o menor número de retiradas de cartas (*levées*) e de pontos (Larousse). Pode-se comparar estes nomes de jogos com aqueles que recenseia Rabelais (*Gargantua*, cap. XXIII) ou aqueles que são descritos em *Les jeux à la Renaissance*: Paris: Vrin, 1982. Estes nomes encobrem alusões irônicas ou obscenas (D, p. 121, nota 89).

<sup>426</sup> O termo “*jean*”, “*joão*”, com frequência usado em expressões populares e no vocabulário dos jogos, designa um tipo ingênuo, ridiculamente composto de características físicas ou morais: Jean que chora, Jean que ri, *Gros-Jean comme devant*, Jean das Vinhas, etc. O último jogo, “Jean-que-não-pode”, é uma alusão ao nome de *Eunuchus* citado em início de capítulo. A expressão “brincar de jean-que-não-pode” significa não cumprir suas obrigações, principalmente conjugais (D, p. 121, nota 90).

<sup>427</sup> Filetes (DL, verbete “*riers ou rieux?*”).

<sup>428</sup> Antecessor do *jacquet*, o trictrac é um jogo cujos componentes são damas, dados e um tabuleiro especial com dois compartimentos. *Jacquet*: jogo derivado do trictrac, que se joga com piões e dados em um tabuleiro dividido em quatro compartimentos (L).

<sup>429</sup> Precoces (DLL)

Proibimos também àqueles que serão nossos súditos mais afeiçoados de nunca ter resolução determinada; ao contrário, comandamo-los muito expressamente de mudar de opinião em todos os momentos por qualquer ocasião importante que seja, e qualquer solidez<sup>430</sup> que haja ao dito aviso; queremos também que se representem tão logo tiverem colocado alguma coisa em execução, e que creiam que teriam feito melhor se tivessem usado de outra forma, a fim de que todas estas coisas mantenham-nos sempre com o espírito inquieto, pois isto o tornará mais sutil e mais pronto para as extravagâncias das quais os nossos têm necessidade de usar para todos os propósitos como coisas muito agradáveis e necessárias às relações.

Aqueles que conhecerem melhor suas relações se acomodarem sempre aos pensamentos, às paixões e às afeições daqueles de quem podem tirar utilidade e avanço, falarão somente por sua boca e terão por julgamento de cores, gostos e conhecimento das coisas somente aquela que lhes agrada, quando o pensamento dos outros seria contra o senso comum; pois temos que os nossos não devem ter outro sentimento além da utilidade e da volúpia, e que bem freqüentemente o deleitável cede ao útil, como aquele que conduz ao outro. Achamos muito a propósito que os nossos se enquiram muito cuidadosamente sobre todas as coisas não para por fé, mas por curiosidade; que se em seus próprios negócios eles tiverem necessidade do aviso dos outros, nós os aconselhamos de perguntar-lhes, mas que seja sem crer em nada e sem nada fazer do que se lhes aconselhará; pelo contrário que prefiram sempre seu conselho àquele de outrem como melhor, mais judicioso e mais sólido, porque será em tudo e por tudo mais conforme à sua vontade, na qual queremos que eles creiam conduzir-se melhor por seu próprio movimento que por alguma instrução estrangeira; pois de dizer que ela deva ser iluminada pela inteligência e conduzida pela razão, nós temos que são velhos devaneios pedantescos que repugnam o senso comum, já que todos os nossos súditos sabem pela experiência que é seu querer que rege, e governa tanto a alma quanto o corpo; que se algumas vezes esta razão tem comando sobre alguma coisa, deve ser por força e por constrangimento, não por consentimento, bem é verdade que eles efetuarão freqüentemente seu desejo na imaginação ao invés de reduzi-lo em ação; mas é somente para fazer aparecer mais a excelência de sua natureza, o resto do mundo não sendo digno de ver os efeitos das coisas tão altas, tão sublimes e sobrepujantes a capacidade de seus espíritos.

Se eles se reconciliarem uns com os outros, queremos que seja somente para bom comportamento, e em aparência e que todos os seus abraços sejam tanto ligações que

---

<sup>430</sup> *Solide*: 1. real, efetivo; 2. pleno, rico, de valor (DLL). Resistente, sério (L).

estreitam mais indissolúvelmente sua inimizade do que nós entenderemos dever viver eternamente e se transportar de geração em geração, qualquer que seja a multidão de mortos que possa haver de uma parte e de outra. Eis porque nós permitimos a estes cavaleiros, que perderam a marca da velha estampa<sup>431</sup> e que não são mais estes anjinhos de grossa escama, de ajudar-se com a tampa<sup>432</sup> e com o estilete, como instrumentos muito apropriados para executar seus atos mais heróicos e generosos, e que descubrem aos olhos de todo mundo seu ódio enraizado, ou antes, a constância imutável de sua coragem<sup>433</sup>. Que se eles não puderem ajudar-se destes meios, espiarão as ocasiões para humilhar seus inimigos quando verão que a fortuna lhes quererá voltar as costas, arruinando-os pouco a pouco, a fim de que pereçam mais longamente e que se sintam morrer. Eles nos caluniarão, escandalizarão e jogarão sob qualquer pretexto o gato nas pernas<sup>434</sup> a fim de que recuem ao invés de avançar, se por acaso estiverem acompanhados da felicidade e forem muito favorecidos. Todas estas coisas se chamarão fazer-lhes bons ofícios, e viver uns com os outros em boa paz e tranqüilidade *Hermafrodítica*, fazendo sempre bom semblante entre si, e entreendo-se com discursos prazerosos, e plenos de honra e de cerimônia, ou até mesmo se louvarão uns aos outros, e cada um fará retinir as perfeições de seu companheiro, desde que um esteja na presença do outro. Pois na ausência queremos que usem disso como dissemos acima, principalmente se for um inimigo que seja de qualidade e que tenha autoridade. Pois estes dois não devem ser de modo algum poupados. Teremos todavia consideração frente a quem estes discursos se farão, de temor que lhe sejam dirigidos; que se ele se encontrar nas companhias alguém da facção, então é necessário, antes, colocar em louvores do que em calúnia, a fim de que isto sendo redito, retire toda desconfiança, e que pela crença da afeição que lhe portamos, caia mais facilmente, e sem suspeitas, na armadilha que lhe teremos preparado.

---

<sup>431</sup> *Vieille stampe*. Em espanhol, *estampa* pode-se traduzir por aparência (tb modo de andar, passo do cavalo, fig.: modo de proceder, feição). *Étampe*: matriz servindo para produzir impressões sobre peças metálicas (L).

<sup>432</sup> *Bouchon*. No original, *boucon*, veneno. “Estilete” é um punhal com lâmina muito fina, geralmente triangular (H).

<sup>433</sup> Esta frase contém uma série de termos técnicos emprestados da gravura e da cunhagem de moedas, usados aqui em sentido figurado. A *marque* é a impressão desenhada que se quer reproduzir sobre a estampa (*stampe*) pelo procedimento chamado *étampage* (“estampagem”). O “anginho” (*angelot*) é uma moeda antiga (data de são Luís), cuja “escama” (*écaille*) designa a superfície (mais precisamente, os fragmentos de metal deixados na superfície quando a estampagem é grosseira). A tampa (*boucon*) e o estilete (*stilet*) são instrumentos de gravura e de escrita que permitem obter maior fineza, em detrimento de solidez. Há também um trocadilho, pois *boucon* e *stilet*, ou *stilet* podem também ter um sentido livre; eles significam igualmente “veneno” e “punhal”, instrumentos freqüentemente usados pelos assassinos das cortes de Roma e de Florença. O autor quer insinuar que se trata de uma predileção pelos métodos de importação italiana para desembaraçar-se de uma pessoa importuna. A idéia geral é evidente: o autor opõe os valores da antiga cavalaria, um tanto desgastada mas honesta, ao comportamento dos modernos “cavaleiros” mais refinados, mais lassos e mais perversos (D, p. 124, nota 91).

<sup>434</sup> *Jeter le chat aux jambes*: procurar meios de pôr o outro em situação embaraçante (DLL).

## LEIS MILITARES

Como nós temos vários bons e leais súditos, entre os menores, que por sua baixa posição, e por não terem sido alimentados nas artes mecânicas, não podem tirar-se da miséria, sem uma graça especial nossa, desejando benignamente favorecê-los, como aqueles que guardam religiosamente em seus corações as leis e estatutos deste Império, porque também que a guerra é aquela que lhes pode mais prontamente avançar, enriquecer e honrar, fazemos mandamento muito expresso a todos os Pretores<sup>435</sup>, Tribunos Militares, Centuriões e outros por nós encarregados de fazer recrutamento de gente de guerra, de escolhê-los sempre entre a escória dos povos e de preferir a todos outros aqueles que verão mais enclinados ao nosso modo e maneira de viver.

Não querendo que haja nenhuma divisão entre os nossos, e sabendo bastante que os graus de honra entre soldados causam inveja, ciúmes e bem freqüentemente sedição, não entendemos que haja alguma ordem de preferência entre nossos legionários, e temos para sempre suprimidas estas posições de Príncipes e Veteranos<sup>436</sup>, que compreendemos todos sob o nome de Velitas<sup>437</sup>, que em outros países acostumamos chamar crianças perdidas, que preferimos nomear crianças encontradas, como miraculosamente nascidas da terra, sem origem nem genealogia.

Os antigos Capitães, nossos ancestrais, servindo-se freqüentemente de homens grosseiros, criados de acampamento, e outras gentes sequazes, em vários estratagemas e ardilezas de guerra, além do que os exércitos nisso se mostravam maiores e mais espantosos aos inimigos, queremos que a multidão dos ditos homens grosseiros e outros, seja três vezes maior que todo o exército junto, a fim de que nossos soldados sejam melhor servidos no exército, que se estivessem em suas casas, e que enquanto que uns estarão perto de seus mestres, os outros estarão na provisão e a dar ordens na cozinha.

Não sendo razoável que aqueles que têm a honra de ser recrutados sob nossas insígnias e que combatem sob nossos auspícios, sofram muitos trabalhos, enquanto que seus criados estariam em repouso, nós queremos que os ditos homens grosseiros tragam

---

<sup>435</sup> “Pretores”, “Tribunos Militares” e “Centuriões” são termos tomados do vocabulário romano. O pretor é o comandante chefe, o tribuno militar um oficial geral, o centurião (*centenier* ou *centurion*) é o responsável por uma centúria, ou seja, uma companhia de 100 homens. Estes termos designam, em ordem decrescente, os diversos níveis do comando (DL, verbete “*preteurs, tribuns militaires, centeniers*”).

<sup>436</sup> No original, *triaiariens*, do latim *triarrii*: soldados de terceira linha no exército romano, sinônimo de “veteranos” (D, Léxico).

espadas, e outras armas de seus mestres, os quais assim descarregados não deixarão de caminhar a curtas jornadas, de medo de ficar lasso demais, ou sem fôlego, se lhes fosse necessário afrontar o inimigo.

Tendo julgado que quanto mais países os exércitos têm, mais eles devem ser grandes, nós, a fim de enganar ainda mais nossos inimigos, queremos que os nossos se espalhem o mais que puderem pelo país, onde devem fazer a guerra e que dois ou três mil homens tenham sempre dez ou doze léguas de país, e alojem-se nas melhores cidades, e principalmente naquelas que são mais de sua devoção. Pois estimamos bárbaros e gente incivil todos aqueles que querem viver sob tendas, como os Nômades, e cremos que aqueles que se entrincheiram e se fecham no recinto dos fossos e cercas<sup>438</sup>, são mais medrosos do que lebres, e merecem ser degradados para sempre, como indignos do nome de soldados.

Nossos ancestrais tendo sustentado que os personagens heróicos eram nascidos de algum Deus, e a comum opinião sendo tal que não há ninguém de heróico além daqueles que manuseiam as armas, nós queremos que todos os nossos soldados sejam tidos por crianças da Deusa Abastecida<sup>439</sup>. E quando sua influência reinar nos campos, que os camponeses procurem abrigo para si e para suas bestas, sob pena de serem tornados presa fácil, e de serem consagrados à dita Deusa como passatempo e espólio.

O antigo costume dos povos Setentrionais sendo tal que apertam os polegares, e se os ligam estreitamente, quando eles querem contratar alguma aliança que seja de duração, entendemos também que nossos soldados tendo em mão algum camponês ou mercador, que usem da mesma maneira, a fim de fazer uma estreita aliança<sup>440</sup> com sua bolsa. Que isto não for suficiente para fazê-los condescender a um tão grande bem, queremos que lhes possam dar o Diadema soldadesco<sup>441</sup>, ou lhes esquentar os escarpins e fazê-los dançar sem se mover de seu lugar, com outras bonitas invenções que a sutileza de seu espírito poderá procurar.

O dinheiro sendo o nervo da guerra, é necessário por consequência que o soldado que tenha mais seja o mais forte contra o inimigo. Eis porque exortamos os nossos a encher suas bolsas o mais que puderem, e empregar todo o seu valor e sua indústria para

---

<sup>437</sup> Soldados de infantaria ligeira. Pode haver aí um trocadilho com *velum* (véu) em alusão ao véu de tecido leve que é o “traje” dos Hermafroditas (DL, verbete “*velites*”).

<sup>438</sup> *Fascines*: paliçadas constituídas de feixes de lenha fina servindo de proteção (D, Léxico).

<sup>439</sup> No original, *Picorée*, termo militar, aprovisionamento, que rapidamente derivou para o sentido de “rapina” (D, Léxico).

<sup>440</sup> Trocadilho sobre o ligamento dos polegares como signo de aliança, precedentemente evocado, e como instrumento de tortura para extorquir das vítimas seus bens (DL, verbete “*alliance*”).

<sup>441</sup> Meio de tortura usando faixas ou círculos metálicos envolvendo a cabeça ou o pescoço (DL, verbete “*diadème soldatesque*”).

este efeito, e, antes, contratar com os demônios e acordar os mortos para encontrar tesouros e fazer, antes, guerra à terra, assim como os soldados de nosso predecessor<sup>442</sup>, do que nada ter.

Porque um campo móvel<sup>443</sup> é bem mais apropriado às surpresas do que um que está parado num lugar, e pesadamente armado, ordenamos que os nossos voem ao invés de caminhar, a fim de que possam dar o lazer a seus inimigos de colocar seus bons amigos (a saber, o ouro e o dinheiro) em tal lugar, que não os possam ver nem encontrar, mas irão em debandada, sem formar corpo de exército até o local de seu encontro, onde quando reunirão novamente para seu proveito, pois usando<sup>444</sup> deste modo de fazer serão menos descobertos.

Que se eles encontrem resistência, nós lhes permitiremos usar de transgressões, incêndios, violências e extorsões, quando for sobre nossos próprios súditos (sobre os quais eles devem fazer o melhor de seus negócios), pois sendo nossos oficiais lhes devemos prestar obediência tão prontamente quanto tiverem falado.

Eles terão um Deus somente na boca<sup>445</sup>, que nomearão muito freqüentemente, não por invocação, mas por derrisão, sem serem sujeitos a costumes, nem religiões, em qualquer país onde possam ir. O soldado que será dos nossos tendo este privilégio de viver segundo sua fantasia, e de se forjar uma religião, segundo bom lhe parecer.

A disciplina sendo para as crianças e não para os homens que atingiram uma idade razoável, que esta velha desatinada de antigüidade fazia precedentemente observar, permitimos aos nossos viver em discricção sem outra observação de regras nem de leis além de sua fantasia, nem sem de outra maneira respeitar seu chefe, senão por constrangimento, porque temos que o temor abaixa e faz a coragem mais lassa, ao contrário que a liberdade que damos aos nossos os torna mais temerários e ousados, com menos palavras.

Tendo encontrado nossos ditos soldados em tal ardor, que tenhamos aqueles que lhes são contrários por inimigos, queremos que aquele que terá mais matado seus inimigos seja com sangue frio, com emboscada, por surpresa, ou de qualquer modo e maneira que seja, seja temido e receado por todos os outros, que não nos terão tanto prestado serviços,

---

<sup>442</sup> Pode haver aí uma alusão a Heliogabalo, acusado mais adiante de “ter despojado o mar e a terra”, ou a Calígula, que fez despojar a areia de suas conchas para apresentá-las como troféu a Roma. A alusão a Henrique III é possível mas sem certeza (D, p. 127, nota 92).

<sup>443</sup> *Volant*: há aqui um trocadilho, presente em todo o parágrafo, com o verbo “*voler*”, “roubar”, homônimo de “voar” e o adjetivo, “*volant*”, “móvel”, que possui mesmo radical (N. da T.).

<sup>444</sup> no original, *de usant ceste façon*, equivalente a *usand de*. O verbo “usar” pode ser transitivo mas trata-se, antes, de uma negligência de tipografia que inverteu as duas palavras. A correção foi efetuada na edição de 1724 (D, p. 128, nota 93).

<sup>445</sup> Poderíamos traduzir por “de boca pra fora”. Segundo Dubois, há aqui alusão às injúrias blasfematórias freqüentes na linguagem dos soldados (D, p. 128, nota 94).

e não terão chegado a esta perfeição. Queremos também que seja estimado mais valente do que o pai de nosso antigo fundador<sup>446</sup>, e como tal que possa cantar bem alto as nações acima ditas como prova de sua valentia.

Seus exercícios contínuos serão depenar a galinha, correr atrás da vaca, bater o tambor com toques de ossinhos, levantar o copo, fazer o inventário dos bens móveis que eles encontrarão na casa de seus anfitriões, jogar a barra contra as portas e os cofres dos aldeões, combater a honra das moças e das mulheres e levar a vitória a qualquer preço, brincar de desarrumar os móveis tão logo quanto tiverem entrado em um aposento e outros prazerosos exercícios para passar o tempo alegremente.

A fim de que os nossos possam melhor fazer parecer que não cederam em nada a esta velha antigüidade, tendo ouvido bastante louvar as ações valorosas dos soldados de Alexandre o Grande, e sabendo também a ordem que tiveram em seu retorno das Índias, seu exército assemelhando-se antes a uma comédia num teatro do que gente de guerra indo pelo país<sup>447</sup>, nós entendemos também que enquanto os nossos marcharão juntos, façam reviver as antigas Bacanais, e que nos demos um ao outros mais goladas do que setadas contra o inimigo. Queremos também que sejam às vezes conduzidos ao som de flautas como os antigos Lacedemônios, a fim de ir mais alegremente ao combate, no qual todavia estarão somente em aparência, de temor de retornar mais tristemente do que partiram.

Todas as coisas estando sujeitas a aniquilarem-se e a tomar fim em pouco tempos pela dissolução, como aliás elas se conservam e tomam nova vida pela geração, desejando que nossos soldados sejam não somente entretidos mas também multiplicados, além do que por este meio nossas legiões são sempre completadas com novos soldados, nós queremos que haja sempre em nosso campo uma muito grande multidão de moças alegres, a fim de que aqueles que serão gerados possam dizer-se nascidos, alimentados e educados na guerra, além do que os soldados também não serão constrangidos a sair de seus regimentos por este súdito, como o soldado deste Imperador Macedônio<sup>448</sup>, assim terão sempre em seu departamento com o quê contentar seu desejo.

Os nossos evitarão tanto quanto será possível os encargos temidos de sentinelas perdidas, prognósticos e outros que foram inventados somente para a ruína dos pobres

---

<sup>446</sup> Pode tratar-se de Varius Avitus Marcellus, pai de Heliogabalo, de Germanicus, pai de Calígula e avô de Nero, que, como é sabido, gabava-se de “cantar altamente”, ou de Sardanápalo, qualificado de *Hermafroditi author* (D, p. 128, nota 95).

<sup>447</sup> Alusão ao retorno das tropas de Alexandre e às festas e cerimônias que acompanharam sua embarcação. Plutarca (*Vie d'Alexandre*, 67,1) fala, a propósito do périplo de Nearca, tenente (*lieutenant*) de Alexandre, de uma travessia da Carmânia “que durou sete dias em cortejo báquico” (D, p. 129, nota 96).

<sup>448</sup> Na *Vie de Pyrrhus*, Plutarca fala dos soldados de Demétrio, rei da Macedônia, que deixavam o exército pois eram menos bem tratados que no exército adversário (D, p. 130, nota 97).

soldados; muito bem poderão fazer a sentinela que estará próxima do corpo de guardas, e manter-se sempre em direção da retaguarda para a segurança de suas pessoas e da bagagem, pois é suficiente que o inimigo seja espantado pelo seu olhar, sem que seja necessário que eles ponham-se em maior perigo, mas lhes aconselhamos a deixar o encargo a outros que são menos entendidos no ofício da guerra, menos versados e mais inábeis para viver segundo nossas leis e estatutos.

Os velhos caminheiros<sup>449</sup>, que tiverem corrido aqui e ali, e vendido seu sangue e sua liberdade ao que mais oferecesse e último lançador, após ter enfarinhado o mundo com sua corrupção, guardarão o farelo para a ruína de seus países, servindo tantas tochas para inflamar o coração da juventude em novos tumultos a fim de fazer algum ato memorável em prejuízo de seus cidadãos para adquirir a fama, que nossos contrários chamam condenável, e que nós dizemos muito recomendável à posteridade; todas as quais emoções nós dizemos todavia dever serem fundadas sobre algum pretexto aparente, como para a religião, o bem público, ou para a realeza, a fim de que a opinião de Alexandre o Grande seja tornada verdadeira, o qual dizia que todas as guerras se faziam para ter pluralidade de Deuses, de leis e de Reis.

Não crendo que seja a segurança deste estado transportar gente de guerra em país estranho, e desgarnecer assim fazendo as regiões deste Império, nós queremos que nossos soldados sejam mais limpos e mais hábeis na guerra civil do que na estrangeira, pois assim fazendo terão e encontrarão todas as coisas mais a propósito, e sem sofrer as desconcomodidades que esta bela antigüidade queria fazer aturar aos seus. Todavia nós não entendemos que economizem menos seus mais próximos e os tratem mais docemente do que aqueles que lhes serão os mais desconhecidos, mas que seja sobre estes que façam melhor seus negócios e sua fortuna.

Porque todo homem que não sabe nem obedecer nem comandar é tido por inútil, e que ser soldado é um dos primeiros graus de honra e em conseqüência digno de todo mandamento, além do que aqueles deste Império têm obediência a uma coisa inventada por prazer, e à qual somos obrigados somente pela força, nós queremos que nossos ditos soldados sejam sempre mais apropriados para comandar do que para obedecer, a fim de que estando em nossos exércitos cada um possa fazer segundo sua fantasia o que julgar ser a propósito para o bem de nosso serviço, e dar ensinamento e instrução àqueles que poderiam ter algum comando sobre eles e lhes contradizerem nas coisas que poderiam ordenar, principalmente se o que lhes comandam prejudicasse de algum modo seu prazer e



comodidade particular, pois sendo a lei fundamental deste estado, é necessário que toda outra lei lhe ceda.

Quanto aos chefes, nós entendemos que cheguem às dignidades antes por acaso do que por eleição, ou por conhecimento de seu valor, a fim de que possam dizer que os bens lhes vieram dormindo, e que depois se deixem conduzir à aventura sem outra consideração além do que o encontro lhes apresentará defronte dos olhos. Pois temos todos estes fenômenos ou meditações por tolas bagatelas, que não trazem outro fruto além de alambicar a cabeça<sup>450</sup> daqueles que se divertem nisso. Ao contrário a precipitação será tida pelos mais suficientes dentre os nossos, por sabedoria e marca de generosidade, a fim de que se lhes sobrevier alguma inconveniência, possam pôr a culpa na fortuna. O que não poderiam verdadeiramente dizer se executaram as coisas com uma deliberação pensada.

Sendo mais necessário que sua reputação aumente entre os seus sem risco que sobre os inimigos com muito perigo, além do que os nossos não tomam cuidado ordinariamente com o que é da honra em seu todo, mas somente sobre um ponto de honra, nós queremos que haja muitas cartas de desafio<sup>451</sup> uns contra os outros, sem todavia chegar ao sangue, que deve ser sempre cara e preciosamente guardado. Mas entendemos que haja alguns que pacificam as coisas antes que de chegar às mãos e que por este meio sejam tidos por gente de coração sem perigo. No entanto achamos bom que tenham inteligência com o inimigo, e que lhe descubram os segredos e estratagemas, evitando por este meio os riscos, e fazendo continuar o exercício militar mais longamente com boa recompensa, sem tocar no tesouro do Príncipe, mas ao contrário empobrecendo sempre seu inimigo.

A prontidão e a ligeireza tendo sido em toda antigüidade recomendável aos soldados, nós entendemos que nossos exércitos sejam compostos de soldados irregulares<sup>452</sup> e de soldados de nome para fazer estremecer o inimigo com o soldo<sup>453</sup>; a velocidade e agilidade dos quais será tal que se tornarão invisíveis quando será necessário combater, de sorte que haverá somente os mais lentos e tardios que aparecerão no campo [de batalha]. E porque esta escolha e esta eleição dos ditos soldados irregulares deve ser feita pelos chefes que comandarão em nossos exércitos, com todavia a inteligência e a indústria de nossos

---

<sup>449</sup> No francês, *routier*: originalmente, soldado ladrão, tomado em seguida no sentido de veterano (DL, verbete “*routier*”).

<sup>450</sup> No original, *alambiquer la cervelle. S'alambiquer le cerveau, l'esprit*: fatigar sua inteligência, atormentar-se (DLL).

<sup>451</sup> *Cartels de deff*: desafio ao duelo (D, Léxico).

<sup>452</sup> *Passe-volans*: Soldado suplementar apresentado nas revistas, sob o Antigo Regime, para justificar os soldos majorados (L).

<sup>453</sup> No original, *à la monstre*: em sentido literal, revista passada para o acerto do soldo e, por extensão, o montante do soldo (DL, verbete “*monstre*”).

questores<sup>454</sup>, nós queremos que os ditos chefes e questores lhes façam o pagamento discretamente, retendo perante eles a melhor e maior parte do soldo, sendo os ditos soldados irregulares cúpidos demais de honra para divertir-se em proveito, além do que por um privilégio especial nós os encantamos<sup>455</sup> e tornamos inteiramente invulneráveis.

As leis da guerra não tendo nada em comum com aquelas da paz, sendo inimigas mortais e diretamente contrárias uma à outra, não seria razoável que nossos soldados fossem sujeitados às ordenanças de polícia nem de religião. Eis porque nós lhes permitimos ser sem polícia e viver sem o exercício da religião, se bom lhes parecer; mas sobretudo queremos que os chefes lhe possam dar um Calendário à parte, seja para o prolongamento dos meses ou anos. Proibimo-lhes muito expressamente de encurtá-los e diminuir, mas queremos que o ano seja de quatorze ou quinze meses, como se apresentar o caso e que os meses sejam de quarenta dias pelo menos.

Nós queremos que tanto os chefes quanto os simples soldados possam contar suas valentias, que a grandeza de sua coragem lhes representará na imaginação. E como dentre os nossos contrários fazemos mais caso das coisas espirituais do que das corporais, queremos que os atos de valentia que tiverem executado somente em espírito, sejam em muito maior número que os outros, e que sejam por eles altamente exaltados, como se realmente e de fato tivessem sido postos em execução.

As coisas comuns sendo sempre desprezadas, e aqueles que se afastam mais das ações vulgares sendo estimados pelos nossos, como os mais perfeitos e mais certos somos do aviso que os mais assinalados dentre os chefes que nós estabelecemos para governar nossos exércitos, e que eles praticam o mais fielmente e apaixonadamente as constituições deste Império, tomam mais freqüentemente a ocasião por detrás, sem regrar-se sobre a opinião destes contemplativos, que querem limitar-se em todas as coisas, e tomar o tempo, como dizem, e saber usá-lo. Pois fazendo assim os efeitos são tão baixos e tão comuns que ainda que eles consigam, são mais dignos de desprezo do que de louvor. Ao contrário quando os nossos executaram alegremente alguma coisa a contratempo, ainda que lhes suceda mais raramente, eles devem no entanto fazer muito mais caso, quando haveria uma ruína manifesta, porque aquela lhe deve trazer mais glória, ao que devem sempre tender e preferi-lo a qualquer consideração que possa ser.

Tendo avisado para construir tanta quantidade de cidadelas, quanto ferros colocados aos pés da liberdade, entendemos que sejam fortificadas com cerceamentos,

---

<sup>454</sup> Termo emprestado ao vocabulário militar romano: oficiais encarregados das finanças (DL, verbete “*questeurs*”).

<sup>455</sup> Providos de poderes mágicos (DL, verbete “*feez*”).

baluarte<sup>456</sup>, fortificações em forma de meia-lua, casamatas, muros, muralhas e outras fortificações para a segurança de nossos Soldados, a fim de que nelas possam ser sempre recebidos em uma boa composição. Mas a fim de que nelas possam fazer seus negócios, nós aconselhamos aos chefes que terão comando de deixá-las desguarnecidas de víveres, munições, pólvoras e outras coisas necessárias para a defesa dos lugares, a fim de que se o inimigo faça semblante de sitiá-las, eles tenham uma legítima desculpa para terem se rendido, mas à condição de disso tirar secretamente boa recompensa, a fim de que se ficarem sem gibão, que possam ao invés ter um bom traje para guardá-los do frio. E quanto aos Soldados, poderão deixar suas armas desde que se lhes encham suas bolsas.

Os habitantes das cidades onde estarão as ditas fortalezas estarão, eles e seus bens, na misericórdia dos governadores, sendo bem razoável que possam usar o que conservam como também os Soldados da guarnição poderão participar, principalmente no que dependerá da vida, da manutenção e de seus exercícios à volúpia, sem que por estas coisas nosso fisco<sup>457</sup> seja em nada diminuído. Queremos também, já que eles têm sob sua proteção a pessoa e os bens dos ditos habitantes, que suas mulheres e suas filhas depositem sua honra entre as mãos dos ditos soldados, tendo grande aparência que devem ser tanto ou mais cuidadosos que do resto, comandando muito expressamente aos pais e aos maridos de passar todas as coisas sob silêncio, se não quiserem experimentar o que pode uma potência que não é retida por nenhum temor, ou pelo menos de serem acusados de ter empreendido a guerra contra aqueles que a guardam.

Quanto aos governantes de nossas Províncias, porque é a honra deste Império, que tenham uma boa parte da mesa e sejam seguidos e acompanhados como Reis, o que não pode se fazer sem uma extremamente grande despesa, ao que nosso fisco imperial não poderia fornecer sem muito nos incomodar. Nós queremos que eles sigam os exemplos destes excelentes homens Albinus e Florus, Governadores da Judéia tanto recomendáveis à posteridade por seus fatos assinalados na dita Província. E que encontrem sempre novas ocasiões de amotinar-se e dar alguma razão de queixa ao povo, a fim de melhor fazer seus negócios, tornando por este meio mais portáteis aqueles que são gordos demais e em consequência mais prontos e mais flexíveis à obediência de nossos mandamentos.

Para fazer isto eles impedirão o comércio do mercador, o trabalho do camponês e o trabalho do Artesanato, a fim de que, cada um vivendo uma vida preguiçosa, sejam mais

---

<sup>456</sup> Termo técnico de fortificação militar, assim como ou dois seguintes. O baluarte, no original *boule-ver* (ou *boulevard*), é um terrapleno de reforço; o *ravellin* (ou *raveline*), uma fortificação em forma de meia-lua; a casamata (*casemate* ou *casematé*), um subterrâneo de proteção (DL, verbete “*boule-vers, ravellins, casemates*”).

<sup>457</sup> Designação para qualquer financiamento público. As contribuições locais não podiam ser reduzidas dos impostos gerais (DL, verbete “*fisco*”).

apropriados às suas intenções, protegendo os mais fracos com sua autoridade, para ter a razão dos mais fortes, chamando revolta e rebelião tudo o que os ricos poderão fazer para sua manutenção.

E a fim de que sejam assistidos em suas intenções com as forças de seus Príncipes, ganharão o coração de seus Soldados com lisonja, com carícias, com súplicas e com presentes, a fim de que se os povos quiserem fazer algumas recriminações a seus Príncipes de seus governos, tenham boas testemunhas, cúmplices de suas ações que invertem os discursos de seus contrários e dão novas ocasiões aos ditos governantes de fazer melhor fortuna.

Aqueles dos ditos governantes que quiserem empreender alguma coisa contra a autoridade de seu soberano, desincumbindo-o por caridade de seus estados, e aliviando-o outro tanto em sua tarefa, tomando todo o fardo, e a conduta, persuadirão os povos com toda a humildade para adquirir a autoridade de comandar e para estabelecer-se. Mas quando o temor lhes será passado, nós lhes permitimos serem imperiosos e insuportáveis.

A honra sendo muito maior para um soberano em fazer Reis que ser si mesmo, nós queremos que aqueles dos governadores que saberão melhor viver segundo as leis e constituições desta Ilha, usem em todas as coisas de autoridade Real e sejam mais temidos e receados do que os Monarcas mesmos a fim de que quando acompanharem seus soberanos cada um possa dizer deles o que Cineas dizia do Senado Romano<sup>458</sup>.

E porque queremos fazer sempre aparecer nossa liberalidade imperial, e aconselhamos a nossos sucessores a fazer o mesmo, e seguir nosso manuseio da vida, para ser prontamente deificado, e para de modo algum recompensar também os pais dos bons serviços que nos terão prestado no exercício de seus encargos, assim como foi declarado acima, entendemos que seus encargos sejam hereditários para as crianças, qualquer juventude ou incapacidade que possam ter, pois o Estado da república tendo mudado, que queria que os magistrados fossem anuais, é bem razoável que já que o soberano magistrado é imortal<sup>459</sup> (sua autoridade se constituindo em seus descendentes) que aqueles que serão abaixo dele, e que devem comandar sob seus auspícios, sejam da mesma forma perpétuos.

---

<sup>458</sup> O que dizia Cineas do senado romano: Cineas, ministro de Pirrus, rei de Epire, ficou encarregado de negociações com o senado romano. Suas frases, freqüentemente em forma de máximas, foram narradas por Plutarca na Vida de Pirrus. Amyot traduz assim as palavras: “Ele disse/ ao rei/ que o Senado lhe havia precisamente parecido um consistório de Reis” (Vie de Pyrrhus, Paris, Gallimard, 1977, p. 884) (D, p. 136, nota 99).

<sup>459</sup> A “imortalidade” da função real é concretizada pela fórmula: “*le roi est mort, vive le roi*”. O autor declara sua hostilidade às pretensões nobiliárias em guardar um encargo de pai para filho. Vemos exprimir-se aí uma reivindicação a favor da competência contra os direitos aristocráticos do nascimento, que dá uma idéia da posição social do autor. (D, p. 136, nota 100).

Que se aconteça que alguém ou de seus descendentes tenha alguma querela particular, para mostrar a seu adversário que tem um crédito extraordinário, queremos que ele se faça acompanhar de gentis-homens, ou supostos, e de cuidar antes da preservação de uma tal trupe, sem tirar todavia outro fruto que uma boa impressão, que de contentar-se com a via ordinária. Pois por este tal meio quem não será somente simples gentil-homem, sem encargo nem outra qualidade será todavia tido por algum grande Senhor, vendo-o tão bem acompanhado, e que por dois escudos que pode gastar por dia, lhe custará trinta para bem acolher os companheiros tanto e tão longamente quanto durará sua querela.

Permitamos a todos nossos mais fiéis conselheiros de pôr [fé] em tudo o que [está] acima, enquanto o caso se apresente, e que julguem as ocasiões mais a propósito, querendo que a eles isto fazendo seja obedecido, como se nós mesmos o tivéssemos assim ordenado.

\*  
\*       \*

Tais eram as leis desta nação que encontramos contidas neste extrato, e que nos pareceram tão plenas de admiração quanto de abominação pelas coisas detestáveis que continham, de maneira que teríeis dito que era um povo que não tinha outro estudo que revoltar-se contra o que fosse da razão, e da virtude das quais em todas as suas ações e em todos os seus discursos, procuravam somente a aparência, de temor somente de perder seu crédito entre os homens, e não por alguma particular razão que tivessem, de maneira que cada um de nós, ainda todos tomados de estupor, pelas coisas que ele acabava de ouvir, permanecia num profundo silêncio, quando nosso viajante, retomando a palavra nos disse: “Havia ainda várias outras leis e ordenanças que não me coloquei a recolher, pois para ser aproximadamente conformes àquelas que têm curso pelo mundo, pensei que seria uma coisa supérflua a se ater, somente me diverti em traduzir o que me pareceu extraordinário, como pudestes ver.

“Realmente, disse um da trupe, eis uma bem boa quantidade, e se não fosse a curiosidade de aprender e se que pelo mal o bem se faz freqüentemente parecer mais por ele mesmo, eu diria de bom grado que a embarcação está sempre e somente carregada demais desta mercadoria; mas já que a divindade mesmo permitiu o mal para nosso maior mérito, há de se acreditar que podemos tirar a felicidade das coisas mais corrompidas, ou

antes a virtude pode fazer-se como o óleo que nada sobre todos os licores sem neles se misturar. Assim o homem de bem pode ser levado sobre este grande mar do mundo sem todavia ser levado por estas águas amargas, nem sem elevar-se contra os bancos e os escolhos desta; mas como o sol, sem misturar-se na lama, ele vê e conhece a natureza das coisas sem misturar-se nelas, e sem tirar seu hábito das coisas que a devem receber dele.”

Este belo dizedor queria continuar o discurso de sua Filosofia e provar com razões e com exemplos que na leitura dos livros nós devíamos fazer como o Geômetra que quer tomar a medida de alguma altitude; ter um olho no Céu e outro na terra; mas foi interrompido pelo Gentil-homem viajante, o qual, querendo acabar seu Discurso, e nos discorrer sobre o resto das singularidades desta Ilha, retomando a palavra:

“Nós teremos, disse, tempo bastante uma outra vez para discorrer sobre este assunto, os objetos se representando muito freqüentemente para disso nos lembrar<sup>460</sup>”. Mas agora, para continuar o que começara, lhes direi que este honesto homem que me mostrara estas singularidades, vendo que o sol começava a partir em direção ao poente, me disse que a hora do jantar se aproximava, e reconhecendo pelo meu semblante que meu estômago não estava muito carregado e que me fariam também grande prazer de contentar seu desejo, como a curiosidade do meu espírito, rogou-me que viesse tomar a paciência de um mau jantar. E na verdade esta paciência me teria sido muito agradável se o desejo de considerar as ações deste povo houvesse tido mais poder sobre mim que o resto. Assim roguei-lhe de me levar onde jantavam seus Senhores-Damas, para ver se as cerimônias deste sacrifício igualavam àquelas que vira antes. O que ele me acedeu facilmente, pois por não sei que secreta potência da natureza, que nos torna amáveis mesmo àqueles que nos são desconhecidos, começava a me querer muito bem, de sorte que, avançando-se em primeiro para me conduzir, após ter passado em alguns aposentos e descido uma pequena escada, que estava colocada escondida para a comodidade dos mais galantes, entramos em uma bastante grande sala que encontramos toda juncada de uma diversidade de flores. Na extremidade, embaixo, havia uma muito longa mesa e bastante larga, sobre a qual havia um grande tecido estendido chegando até o chão; sobre esta mesa colocaram uma pequena escada de madeira, de quatro ou cinco degraus somente, que continha todo o comprimento da mesa, e sobre a escada estenderam um outro tecido que cobria cada um de seus degraus. Eu estava espantado para que podia servir esta cerimônia, mas tão logo vieram arranjar vários tipos de travessas de prata, como pratos, escudelas, pratos, bacias, vasos, jarros e tudo isto disposto em muito bela ordem, de sorte que isto tinha alguma semelhança com as

---

<sup>460</sup> *Ramentevoir*: trazer novamente ao espírito, lembrar (D, Léxico).

mesas sagradas<sup>461</sup> que fazem no país, no dia da festa de Deus<sup>462</sup>. “Costumavam outrora, dizia meu condutor, nomear isto o bufê, mas como os termos não são nunca semelhantes neste país dois anos consecutivos, nomearam-no então a credência<sup>463</sup>; pode ser que agora eles lhe tenham novamente mudado de nome.” Sobre esta mesa havia alguns pratos sobre os quais vi alguns fragmentos de cristal, ao que me parecia. E sobre alguns outros, não sei quê de branco, que eu tomei por Sal. Mas eu me enganava: um era sorvete, e o outro, neve. Aos pés desta mesa, via-se uma grande bacia de cobre cheia de água na qual havia vários frascos e garrafas; um gordo rechonchudo estava de sentinela lá junto ao seu parapeito. Do outro lado desta mesa, havia uma grande cesta e nesta vários tipos de pão: um feito, como dizem, de massa fermentada, o outro de massa triturada, um outro com levedura; um era fofo, estufado e salgado, o outro todo liso e sem sal; um era redondo, o outro longo; um feito de chifres, um menor, o outro um pouco mais gordinho. Por fim havia de todas as idades e de todas as espécies. Eram somente semelhantes em uma coisa, é que nenhum tinha sua veste natural, pois lhes haviam raspado<sup>464</sup> tanto que não restava mais do que uma pequena casca muito delicada. Diziam que os mais honestos deste país estavam muito sujeitos a uma certa doença que lhes veio, ao que dizem, de uma região Mediterrânea, a qual lhes enfraquecia tão fortemente os dentes, quando a haviam tido, que lhes era necessário portanto comer casquinhas delicadas para sua conservação<sup>465</sup>. Uma outra pequena mesa estava ao lado onde se colocavam as taças e alguns outros utensílios. Eu considerava muito atentamente todas estas coisas e me maravilhava com sua curiosidade; mas meu guia pôs-se a rir e me disse que me espantava com pouca coisa, que isto não era nada em relação ao que devia me mostrar; e então me tomando pela mão, levou-me à outra extremidade da sala onde nós encontramos uma outra mesa já toda preparada. A toalha era de um tecido muito graciosamente adamascado; mas porque neste país as coisas que estão em seu natural, qualquer grau de perfeição que possam adquirir, não lhes são agradáveis se não estiverem fantasiadas, estivera dobrada de um certo modo que parecia muito um riacho

---

<sup>461</sup> No original, *repositoires*. Termo da religião católica: altar provisório construído em certas ocasiões na igreja ou ao ar livre onde se dispõe o santo sacramento (L). Altar preparado para uma procissão (DIL).

<sup>462</sup> *Fête-Dieu*: festa do Corpo de Deus ou da Eucaristia, instituída em 1264 por Urbano IV e celebrada no segundo domingo após Pentecostes (L).

<sup>463</sup> Palavra de origem italiana (*credenza*) que designa ao mesmo tempo em *buffet* (o termo francês está no texto) e um móvel religioso destinado a receber as galhetas (daí a alusão aos *repositoires*, “mesas sagradas”). Na Itália, a credência designa a mesa de degustação prévia das iguarias e bebidas destinadas aos príncipes, operação chamada *far credenza*, com um trocadilho com a palavra que significa também crédito ou confiança (DL, verbete “*credance ou credence*”).

<sup>464</sup> No original, *chappellez*. *Chapelure*: “farinha de rosca” (N. da T.). *Chapeler*: raspar a casca do pão para obter a *chapelure* (D, Léxico).

<sup>465</sup> Esta doença mediterrânea era a sífilis, chamada “mal napolitano” na França e “mal francês” (*morbus gallicus*) em outras partes (D, p. 140, nota 101).

ondulante que um pequeno vento faz docemente sobrelevar. Pois dentre várias pequenas dobras, via-se muitos tufos<sup>466</sup>.

Sob esta toalha havia mais uma, toda simples, que era mais curta que esta acima. Esta mesa estava guarnecida de pratos dos dois lados, excetuado a extremidade alta onde parecia haver um grande vazio, que no entanto não estava, assim como pude ver depois, mas era uma pequena toalha dobrada de um outro modo ainda mais delicadamente que a precedente, que fazia que à primeira vista se julgasse que não havia nada embaixo. Na extremidade da mesa havia um grande vaso<sup>467</sup> de prata dourado e todo cinzelado, feito em forma de nau, excetuado que tinha um pé para ficar firme sobre a mesa, e isto servia, ao que pude ver depois, para colocar o leque e as luvas do Senhor-Dama do lugar, quando tivesse chegado. Pois o vaso se abria e fechava dos dois lados; num estavam os guardanapos, que o *Hermafrodita* devia trocar, e no outro se colocava o que disse acima. Os outros guardanapos que estavam em volta da mesa estavam fantasiados em vários tipos de frutas e pássaros. E como me divertia considerando esta indústria (não sem admiração da perda de tempo que se fazia no exercício de uma coisa tão vã), vi entrar um homem bastante elegante, com um bastão na mão, seguido de um número de pagens que haviam todos um prato coberto. Aquele que tinha este bastão veio acomodar-se na extremidade da mesa, e enquanto um que estava lá retirou esta primeira toalha, sob a qual vi três tipos de vasilhas, não da forma das outras. Pois havia um pequeno círculo na extremidade que estava elevado, e um pequeno estojo de comprido, como um engaste<sup>468</sup> de baú, onde se poderia colocar a faca, o garfo e a colher. Sobre o resto, que estava vazio, se colocava o pão. No começo tomei isto por um escritório, pois vira semelhantes nos práticos<sup>469</sup> de nosso país; mas me disseram que nesta Ilha, nomeavam-no um cadado<sup>470</sup>. Não sei porque lhe haviam dado este nome, na linguagem de seu país, se não é por causa que todas as suas ações se faziam por constrangimento, eles não podem nem mesmo comer seu pão em liberdade. Tão logo esta primeira toalha foi tirada, um gentil-homem servo veio colocar os pratos, todos cobertos, sobre esta mesa, de modo que estava toda carregada de carnes, sem

---

<sup>466</sup> Designa as dobras ou nós com função ornamental, em roupas ou nos tecidos usados como paramentos de casa (DL, verbete “*bouillons*”).

<sup>467</sup> Os dois sentidos desta palavra (*navire* e *vase*, *vaisselle*: navio e vaso, baixela) permitem jogos de sentido combinados com nau/navio (*nef*) designando o “*vaisseau*”, utensílio de forma alongada servindo de porta-luvas (D, Léxico).

<sup>468</sup> Fechadura de um baú. A descrição que segue dá uma idéia da forma (DL, verbete “*chetton, casseton* ou *chaton*”).

<sup>469</sup> *Practiciens*: aqueles que conhecem os procedimentos e usos do *barreau* (DLL). Anc. Place réservée aux avocats dans un prétoire, délimitée par une barre de bois. Par ext. Ensemble des avocats auprès d'un même tribunal de grande instance. *Être inscrit au barreau de Paris*. (L).



que se soubesse o que nela havia. Enquanto eu contemplava a cinzeladura desta nau, que estava na extremidade da mesa, onde havia várias histórias dos amores de Pan e de Baco. Eu acreditava que esta segunda toalha, que estava em ondas, fora dobrada desta maneira para fazer melhor vogar este vaso. Como todos estes pratos foram dispostos em ordem, permanecemos algum tempo em grande silêncio, esperando a companhia, que devia chegar, além do que, neste país, pelo que me dizem, a maioria prefere sua carne fria do que quente<sup>471</sup>. Logo entraram vários, com instrumentos, que se colocaram num dos cantos da sala, e outros, que com Alaúdes, e algum corne de caça, se puseram do outro lado. Cada um deles se divertia em afinar as flautas, e eu ocupava meu espírito a olhar a tapeçaria do lugar, que era de um couro dourado, entremeado de verde, e as beiradas em torno representavam ao longo a história e a sobriedade de Vitelius, os retiros deliciosos do bom Tibério na Ilha de Caprée, aqueles da casa dourada, do complacente Nero, e várias outras antigüidades, convenientes àqueles que freqüentavam este palácio<sup>472</sup>; ao que tirava tanto prazer quanto ver todas cerimônias que eram feitas neste local. Pois me parecia que nada fora posto lá sem propósito. Mas quando filosofava sobre todas estas coisas, ouvi um grande ruído de gente que chegava, que me fez crer que era a companhia que vinha jantar, no que não fui enganado. Pois vi um homem que veio em diligência levantar a tapeçaria, e tão logo entrar aqueles que vira vestir antes: aquele no quarto de quem eu estivera desde minha chegada neste palácio, entrava em primeiro, com o mesmo andar que observara nos outros, excetuado que se deixava ainda mais negligentemente tombar sobre um que, com a cabeça nua, lhe sustentava a mão; dois outros o seguiam com a mesma gravidade<sup>473</sup>; depois entrou todo o resto da brigada, cada um segundo sua fantasia.

Quando todos estes entraram, pegaram tão logo no altar da Credência uma bacia de prata dourada com um jarro do mesmo feitio, e de um dos lados da nave, que estava sobre a mesa, pegaram um guardanapo dobrado em muitas pequenas dobras. Com tudo isso, estes três que acabo de dizer lavaram todos as mãos, depois aqueles que estavam neste séquito, aos quais deram outras toalhas e tão logo cada um veio se sentar. Os três primeiros em cadeiras de veludo feitas de um modo que chamam quebradas, e muito afastadas umas das outras. O resto da trupe tinha cadeiras que se abriam e se fechavam como uma fôrma

---

<sup>470</sup> A palavra francesa, *cadena*, tem origem italiana (*catenaccio*), o que esclarece particularmente a falsa ingenuidade da expressão “na linguagem de seu país”. A origem latina, *catena*, “cadeia de elos de ferro”, explica a alusão ao constrangimento na frase seguinte (D, Léxico).

<sup>471</sup> Alusão aos “pratos que se comem frios” para designar o rancor e a vingança (D, p. 142, nota 102).

<sup>472</sup> Aulus Vitelius era reputado por sua gula e pela “suntuosidade de sua mesa” (Suetônio). O palácio de Tibério em Capri e a Casa Dourada de Nero escandalizaram, segundo Tácito e Suetônio, por seu luxo e suas decorações lascivas (D, p. 142, nota 103).

<sup>473</sup> Segundo Lenglet-Dufresnoy trataria-se de Henrique III e de seus *mignons* Caylus, Maugiron e Saint-Mégrin (D, p. 143, nota 104).

para favos tomada ao contrário<sup>474</sup>. Estes se puseram bastante perto uns dos outros. Quando sentaram-se vieram levar os pratos, que cobriam todas estas carnes, enquanto outros traziam pratos e guardanapos aos três que estavam sentados nestas cadeiras; mas o que eu achava divertido, é que vieram colocar no primeiro seu guardanapo e o prenderam por trás, quase da mesma maneira que se faz neste país àqueles que querem fazer cortar sua barba, sem muita cerimônia. Me disseram que a colocava desta maneira de medo de estragar sua bela gola de rufos. Os outros não puseram nisso tanta pena. Como colocaram seus guardanapos, cada um afastou um pouco de lado seu cadeado para dar lugar ao prato que lhe traziam. Não pude me impedir de me espantar em ver todas estas particularidades. Pois me parecia que isto pertencia somente aos Reis e aos grandes Príncipes, que usam mais a maior parte tanto para a conservação de sua vida, principalmente para o sal, do que por ostentação ou cerimônia. Mas aquele que me servira de intérprete em todas estas coisas que já vira, e que eu não abandonava, me disse que não devia achar isto estranho, pois tal era o costume deste país, que é permitido àqueles que têm o que gastar, de fazer-se de Reis, de Príncipes e de Monarcas, sem ser repreendido por ninguém. “É verdade, disse, que alguns, por não entenderem bem a analogia de suas faculdades com estas dignidades, convertem o mais freqüentemente seu ouro em açafão<sup>475</sup>, com o qual se enfeitam em seguida na maior parte de seu mobiliário, e isto por uma razão filosófica, porque se diz que se regozija muito, e em consequência é para viver sempre com humor alegre, o que procuram sobre todas as coisas; além do que esta Ilha sendo sempre flutuante, aqueles que colocaram menos têm esta vantagem sobre os outros que têm tantas coisas para levar consigo, pois pelo menos encontraram bagagem muito prontamente.” Estas razões me agradaram muito, e não me pude deixar de me engajar com discernimento. Disse-me também que estes se sentavam ainda à velha moda e que à moderna o meio era tido pelo lugar mais honorável. Enquanto discorriamos estas coisas entre nós, três homens vieram acampar em pé de frente para estes *Hermafroditas*, tendo cada um deles uma toalha sobre o ombro e uma grande faca na mão, com a qual destrinchavam a carne que lhes era a mais agradável. Pois faziam passar todos os pratos em sua frente, como uma companhia de gente de guerra, que queria fazer o caracol<sup>476</sup>; eles retinham somente à passada<sup>477</sup> o que queriam, e repudiavam a sobra, com um pequeno movimento do dedo, pois não queriam nem mesmo ter a pena de falar àqueles que se empregavam neste ofício. As carnes deste primeiro serviço estavam tão moídas,

---

<sup>474</sup> Trata-se das cadeiras dobráveis das quais já foi questão na nota 41 (D, p. 143, nota 105).

<sup>475</sup> Chamava-se “açafão do Peru” o ouro proveniente das Américas. Mas a palavra significa também “bancarota”. Alusão às trapaças e falências fraudulentas (D, p. 144, nota 106).

<sup>476</sup> Movimento de manobra militar (DL, verbete “*limaçon*”).

cortadas e fantasiadas que eram irreconhecíveis. Isto foi a causa de ter me limitado antes na consideração das ações do que a particularizar a natureza das carnes. Também traziam tanta elegância para comer, quanto em todo o resto. Pois primeiramente não tocavam nunca a carne com as mãos, mas com os garfos<sup>478</sup>, levavam-na até suas bocas alongando o pescoço e o corpo sobre seus pratos, que eram trocados com freqüência. Mesmo seus pães eram todos fatiados<sup>479</sup>, sem que tivessem o trabalho de cortá-los e acredito que teriam muito desejado que fosse encontrada uma invenção com a qual não se tivesse futuramente a pena de mastigar. Pois pelo que pude ver, isto os ocupava muito, pois muitos dentre eles tinham dentes artificiais, que retiraram antes de se porem à mesa.

Tendo neste primeiro serviço (como nós dizemos em nosso patoá) nem um pouco ensurdecido sua enorme fome, trouxeram a carne assada com a mesma cerimônia que a precedente. Eles chamavam a isto o segundo. Todas estas carnes eram tão sofisticadas, seja pelos molhos seja pelo aparato, que estou certo de que vos seria enfadonho fazendo o relato, além do que perdi a memória da melhor parte. Observei somente que algumas carnes que lardeamos aqui não estavam assim. Eu pensava que fosse alguma cerimônia Judaica<sup>480</sup>; mas meu intérprete me disse que era somente por curiosidade, e que neste país é costume fazer muito caso das coisas novas, tanto no viver quanto no vestir até mesmo quando isto devesse prejudicar a saúde, de maneira que comiam muito freqüentemente coisas que eram completamente contrárias a seu gosto. Mas se eram novas, e sobretudo estrangeiras, para fazer prazer ao costume, eles forçavam seu uso, e dele faziam grande caso em público. Dentre estas carnes, havia algumas pastelarias às quais deram nomes de alquimia, como excitação, ereção, projeção, multiplicação e outros nomes significando a virtude e a propriedade de cada coisa, e era disto que fizeram a melhor parte de seu festim, misturando entre as dentadas muitos goles, principalmente aqueles da baixa extremidade<sup>481</sup>. Pois estes três que lhes disse que estavam na extremidade alta trouxeram muito mais elegância: pois, além do criado gentil-homem que trazia os copos e fazia a prova, havia ainda dois outros que trouxeram pratos que havia visto na credência onde estava esta neve e este sorvete, dos quais o *Hermafrodita* tomava ora um, ora outro, segundo o que lhe vinha à fantasia, para colocá-los em seu vinho a fim de torná-lo mais frio; após isso remexia um

---

<sup>477</sup> *À la passade*: dizia-se de um cavalo voltando meia volta sobre seus próprios passos e, no sentido figurado *revenir à la passade*: voltar sobre seus passos (DLL).

<sup>478</sup> O uso do garfo foi introduzido na corte por Henrique III (D, p. 145, nota 107).

<sup>479</sup> *Détranché*: mais uma palavra que pertence ao mesmo tempo ao vocabulário da guerra e àquele da mesa (N. da T.).

<sup>480</sup> A religião judaica proíbe o uso alimentar do porco. O autor visa o orientalismo introduzido no Ocidente tanto no tempo de Heliogabalo quanto no final do século XVI (D, p. 145, nota 108).

<sup>481</sup> *Bas bout*: a parte menos honrável, sobretudo à mesa (DLL).

pouco o corpo e balançando a cabeça pegava o copo muito delicadamente e bebia, e enquanto se lhe segurava um prato sob o queixo de medo que não entornasse alguma coisa, depois devolvia seu copo ao gentil-homem que, fazendo finta de beijar sua mão, o tomava de volta. Vinham depois lhe trazer um outro guardanapo sobre um prato, pois trocam-nos assim a cada serviço, até mesmo com mais freqüência, e assim que vêem alguma coisa de sujo. Dentre estas carnes eu notava alguns pratos de peixe, mas diziam que era marinado. Me parecia que esta palavra era supérflua, pois bem notava que era da maré; mas não o achavam de modo algum agradável a seu paladar, se não estivesse fantasiado com este tempero. Havia também alguns pratos de salada que não eram como aquelas que comemos aqui, pois havia tantos tipos de coisas que com pena aqueles que as comem podem-nos distinguir. Estavam em grandes pratos esmaltados que eram todos feitos de pequenos nichos; tomavam-na com garfos pois é proibido neste país tocar a carne com as mãos, por mais difícil de pegar que seja, e preferem que este pequeno instrumento forqueado toque suas bocas que seus dedos. Este serviço durou um pouco mais tempo que o primeiro, depois do qual trouxeram algumas alcachofras, aspargos, ervilhas e favas debulhadas, e então foi um prazer vê-los comer isto com seus garfos, pois aqueles que não eram nem um pouco tão hábeis quanto os outros deixavam cair bem antes na travessa, sobre seus pratos e pelo caminho que colocavam-nos em suas bocas. Depois disto trouxeram a fruta, mas era o que havia de menos em seu natural, pois estava quase toda fantasiada em untagens, geleias líquidas e outras invenções: pois dizem que é muito prejudicial à saúde quando se a come assim como vem da árvore. Vários outros tipos de pastelarias estavam misturadas dentre tudo isto, porque de qualquer tipo e por menor que seja o número de convidados que haja, até mesmo quando houvesse somente o senhor do lugar, é necessário que a mesa esteja coberta, e sua razão nisso é fundada na antigüidade, pois dizem que é bastante que Luculus venha jantar na casa de Luculus<sup>482</sup>. Eu tinha este pelo último serviço, mas pouco tempo depois vi trazerem caixas em baixelas de todas as cores, que colocaram principalmente frente aos três *Senhoresdamas*<sup>483</sup>. Dentro estavam todos os tipos de geleias secas, mas do que faziam mais caso era uma certa massa que estava em uma caixa muito grande de quatro dedos de altura, sobre a qual havia muitas figuras de açúcar que representavam Cupidos, Vênus e outros de semelhante natureza. Tudo isso estava misturado com ouro e seda encarnada. É verdade que podia-se facilmente retirar estas figuras sem tocar na massa que estava em baixo, pois isto estava colocado somente para contentar a vista. Eles nomeavam

---

<sup>482</sup> Alusão a uma palavra atribuída ao *gourmet* Lucullus: “basta que Lucullus almoce na casa de Lucullus” para que a mesa seja boa (D, p. 147, nota 109).

esta massa, marmelada<sup>484</sup>. Depois de tudo isto eles se serviam de um pouco de anis cristalizado, outros da marmelada, mas era necessário que fosse almiscarada, senão não faria efeito em seus estômagos, que não tinha calor se não fosse perfumado. Durante todo este festim, haviam mantido vários discursos, uns diziam que aqueles estavam felizes que tinham pais que queriam viver à Fabriciana<sup>485</sup>, pois por este meio deixavam às suas crianças o que gastar e do que fazer-se aparecer, e não podiam impedir-se de dizer: “estas boas gentes eram bem tolas de viver tão mecanicamente<sup>486</sup>, e de privar-se de toda comodidade para deixar-nos ricos e à vontade.” – “Quanto a mim, dizia um, eu bem sei que faria de modo a não deixar outro herdeiro além de mim mesmo.” O outro dizia: “Minhas reservas e meu tesouro, isto será sempre meu prazer e minha volúpia.” Eles também discorriam muito sobre os mistérios secretos da Ilha de Pafos e de Erice<sup>487</sup>, lamentavam muito que isto tivesse sido abolido em público e juravam pela mesma volúpia empregar toda a sua potência para fazer reverenciá-los por todas as nações onde sua boa ventura lhes teria disposto. Dentre tudo isto faziam-se lamentações muito grandes da pouca indústria de seus cozinheiros que não tinham invenção para as fantasias das carnes e que davam-lhes sempre um mesmo tempero. Mas pelo que soube, era que seus gostos eram tão devassos, ou antes tão desregrados que teria sido necessário uma invenção infinita para aparelhar suas carnes e dar-lhes novo apetite. Seus discursos não continuavam muito tempo sobre um mesmo assunto e alguns não davam aos outros a paciência de dizer o que queriam, tanto tinham grande vontade de declarar o que tinham na fantasia. Eles discorreram também muito tempo sobre os meios de gastar, não para recompensar seus servidores, pagar suas dívidas, fazer o bem aos necessitados, fazer alguma obra necessária ao bem público, socorrer seus amigos, avançar aqueles que têm espírito e virtude, e outras coisas semelhantes, pois em tudo isto eles consideram que ser muito acanhado, muito mesquinho, muito sovina<sup>488</sup>, muito avaro, muito desagradecido, muito ingrato, são marcas de glória e de honra, e testemunho suficiente para fazer acreditar que aquele que delas assim usa tem muito espírito. Mas falavam de seu mobiliário magnífico, de seus trajes sublimes, de seus gastos

---

<sup>483</sup> *Syresdonnes*: palavra compósita burlesca constituída de *Syres* (“senhores”) e de *donnes* (“damas”) (DL, verbete “*syresdonne*”).

<sup>484</sup> Palavra de origem ibérica (português: *marmelo*) que designa originariamente o doce de marmelo (*pâte de coing*). Esta confeitaria tinha, no entanto, um nome francês, *cotignat*, citado na frase seguinte (DL, verbete “*marmelade*”).

<sup>485</sup> Ao modo de Fabricius, antigo romano célebre por sua austeridade (D, p. 147, nota 110).

<sup>486</sup> No sentido de “simplesmente” ou “sobriamente”. As artes mecânicas opõem-se às artes liberais como a plebe à nobreza (DL, verbete “*mécanique*”).

<sup>487</sup> Os santuários da ilha de Pafos, onde se celebravam ritos de prostituição pública, e do Monte Erix eram consagrados a Vênus (D, p. 148, nota 111).

<sup>488</sup> No original, *tacquin*: mesquinho, *tatillon* (DL, verbete “*tacquin* ou *taquin*”). *Tatillon*: “aquele que se entretém com ninharias, minucioso, esmiuçador (G).

supérfluos e de suas volúpias desordenadas, pois nestas coisas consideram o dinheiro muito bem empregado, como em coisa que lhes deve trazer mais glória e reputação, lhes parece. Isto os fez entrar num outro discurso de desejos, onde cada um fazia belos castelos em Espanha<sup>489</sup> que construíam sobre o cume dos montes Pireneus<sup>490</sup>, a fim de comandar depois mais facilmente todo o país. Um desejava cem mil escudos para construir uma casa segundo sua fantasia, um outro queria cem mil libras de renda para manter (dizia) uma casa honrável e esplêndida; um desejava ter olhos de lince para penetrar no coração como se fosse um livro para nele ler as concepções a descoberto; um outro desejava poder tornar-se passarinho para transportar-se em tal lugar que quisesse e no instante mesmo que desejasse. Cada um tinha desejos infinitos e que seria penoso contar pela sua quantidade e diversidade, e segundo aqueles faziam conjecturas que deviam ter tanto sucesso quanto seus desejos, mas isto não deixava de lhes contentar o espírito, pois diziam que a esperança era uma das coisas do mundo mais necessárias para ter o espírito contente. Entre estes discursos, eles misturavam vários gestos e palavras lascivas que não são honestas para recitar; mas neste país, um não é tido por galante se não as usar a todo propósito, pois é isto em parte a que chamam estar de belo humor. É verdade que há alguns que querem falsificar os discretos, mas se não pronunciam os termos próprios, pelo menos falam equivocadamente. Isto os fez entrar nas lembranças, de modo que cada um dizia a seu companheiro: “Lembraís de tal encontro, e vós de tal loucura, e vós de uma boa fortuna que vos adveio em tal lugar.” Também têm eles o segredo para uma coisa tola, e que sente sua asneira, e é nesta coisa apenas que não são dissimulados, pois sua vaidade os força a declarar em público os favores que receberam de suas damas em particular, sem considerar mesmo se isto lhes pode prejudicar ou não. Mas para vir ao propósito que havia deixado, depois que cada um se saciou com estas delicadezas, haviam começado a servir aqueles da extremidade baixa, pois nesta ação eles decorticaram a enguia pela cauda<sup>491</sup>. E depois que tiraram tudo trouxeram àqueles que haviam ficado à mesa (pois a maior parte se levantara), uma grande bacia de prata dourada com um vaso de mesmo feitio, e dentro, água onde haviam molhado Íris<sup>492</sup>, com a qual lavaram suas mãos, aqueles da extremidade alta separadamente, e aqueles que estavam embaixo juntos, e todavia não deviam cheirar demais

---

<sup>489</sup> Em português a expressão correspondente é “fazer castelos no ar” (N. da T.).

<sup>490</sup> A delimitação da fronteira franco-espanhola sobre os Montes Pireneus resultou em lutas que prosseguiram até 1659, data do Tratado dos Pireneus. Talvez a alusão esteja em relação com as tendências “colaboracionistas” dos Hermafroditas quanto ao rei da Espanha e pode ser lida como uma crítica à sua hispanofilia (D, p. 149, nota 112).

<sup>491</sup> Trata-se de uma expressão popular que significa a inversão da ordem normal. Expressões equivalentes: “pôr o carro antes dos bois” ou *mettre la charrue avant les boeufs* (DL, verbete “*escorcher l’anguille par la queue*”).

<sup>492</sup> Pó de íris, extrato perfumado desta planta (DL, verbete “*iris*”).

carne nem gordura, pois não a haviam tocado, mas somente o garfo. Mas o que era bastante para tê-las corrompido, pois quanto a eles, tudo o que vem de dentro não os suja de forma alguma, mas somente o que os toca por fora. Depois pegamos nesta nave, as luvas e os abanadores dos três primeiros, que fomos apresentar-lhes. Depois disso, tiraram estas duas toalhas, e depois estenderam um grande cairino arrastando-se até o chão, pois queriam jogar reverso<sup>493</sup>. Todavia, outrora, esta música de Alaúdes e de vozes que já ouvira, recomeçou. Mas meu condutor que recomeçava a ter apetite, rogou-me que fosse jantar com ele à mesa do senhor do Hotel, pois, dizia, “estas carnes vazias são apropriadas somente para gente bêbada.” Consenti muito facilmente a esta reprimenda, meu estômago começando a fazer outros desejos além dos que ouvira nesta mesa. Assim segui meu homem muito alegremente, esperando dar ainda algum alimento a meu espírito com aquele do corpo. Este lugar aonde me levava era bastante sujo, e onde o cheiro do vinho e das carnes misturadas juntas levavam ao nariz um perfume bastante desagradável, mas eles estavam tão acostumados que isto não lhes parecia de forma alguma repugnante. Este lugar estava mobiliado com várias mesas quase como os refeitórios de nossas religiões. É verdade que o silêncio não era aí tão religiosamente observado, pois falavam todos juntos e fizeram tamanho ruído ao longo do jantar com seus gritos, assuadas e suas risadas que creio que aqueles que estão próximos das cataratas do Nilo não ouvem muito mais. Como havíamos chegado, nos deram a lavar as mãos; alguns também as lavaram conosco, mas poucos, e então cada um se pôs à mesa bastante bruscamente, principalmente aqueles das outras mesas, pois as mesas sendo bastante curtas para a multidão, todos se espremiavam e empurravam um ao outro para aí entrar. Tão logo nos sentamos, foi a cada um de pegar aqui e ali tudo o que se pudesse apanhar, de modo que os mais avisados enchiam muito bem seus pratos desde o início, pois podiam assegurar-se de não por nunca as mãos num mesmo prato. Este grande tumulto e esta maneira rapace<sup>494</sup> me surpreendeu um pouco no início, e pensei que estivessem todos encolerizados, mas era somente contra a fome. Achei que fosse retornar de lá vazio, pois enquanto me divertia olhando-os, esvaziavam os pratos; mas aquele que aí me introduzira havia provido, pois pegara por dois. Este jantar durou muito pouco tempo, pois era necessário ir tão rápido com os dentes quanto com as mãos, de modo que a melhor parte de todas estas trupes observa as regras de saúde, pois saem da mesa com seu apetite, mas em recompensa têm no dia alguns refúgios onde solenizam à

---

<sup>493</sup> Do italiano *rovescio*, “ao contrário”. Jogo de cartas em que aquele que fizer menos vazas (*levées*) e pontos ganha a partida (N. da T.).

<sup>494</sup> O trocadilho com este adjetivo que quer dizer, ao mesmo tempo, rapace e encantador, tem relação com as maneiras de mesa descritas precedentemente (DL, verbete “*ravissante*”). Em português, perde-se o trocadilho (N. da T.).

vontade os mistérios de Baco, de modo que tudo isto é somente um preparativo para colocá-los ao gosto, assim como soubemos então por nosso marujo. Saímos então deste lugar bastante alegres e dispostos, pois sem outra cerimônia cada um se retirava para onde tinha mais afazeres. Quanto a mim que não abandonava minha guia, retornamos passar num dos quartos onde havia já estado, pois dizia que havia alguma coisa a pegar no guarda-roupas do *Hermafrodita*, no qual ele estava. Este guarda-roupas era bastante espaçoso e acomodado todo em volta mais ou menos como a boutique dos capelistas, pois havia chapéus, em um outro lugar cintos, aqui ligas, acolá golas de rufos, umas com grandes pregas redondas<sup>495</sup>, outras com menores, num lugar a toailete e pentes e dentro de certas caixas que ainda não vira. Isto me fez perguntar para que isto poderia servir. Me disseram que algumas vezes seu Senhor e Dama colocava em seu bolso para servir-se em tempos e lugares. Isto me fez tomar uma para ver o que havia dentro, e encontrei vermelhão todo preparado que ele aplicava sobre as bochechas, quando aquele que lhe colocaram de manhã se houvesse apagado. Havia também estas pequenas tenazes com as quais frisavam-nos, e um pouco mais adiante muitas caixas e garrafinhas, umas de vidro simples e sem maneiras, outras douradas e enfeitadas, nas quais havia vários tipos de águas, tantas fragrâncias somente para os arrebiques<sup>496</sup>, com muitas caixinhas e pequenos alguidares pintados de vermelho por dentro, todas as quais estavam sobre pequenas mesinhas que foram postas lá para este efeito. Via-se também uma grande mesa sobre a qual havia uma forma de baldaquino bastante baixo que a cobria. Sobre esta mesa haviam colocado em uma das extremidades todo tipo de trajes, na outra, quantidade de livros; um pouco mais adiante que os trajes estava preso contra a tapeçaria um certo tipo de meias cabeças. Eu estava espantado, [o] que queria dizer esta marca de crueldade que me parecia maravilhosamente estranha. Mas este honesto homem me disse que a coisa não era tão cruel quanto estimava e a este respeito soltou isto que somente um alfinete suspendia, e a colocou sobre a cabeça, pois com efeito não era nada além de cabelos que estavam assim cortados e trançados juntos. Eu lhe perguntava para que isto podia ser próprio. Ele me disse que era para aqueles que tinham a cabeça um pouco desgarnida, seja por contágios venéreos, seja pela natureza mesmo. E porque neste país tem-se muito freqüentemente a cabeça descoberta,

---

<sup>495</sup> Pregas arredondadas sobre uma gola de rufos, sobre os folhos que se usavam no peitilho da camisa ou sobre os punhos (DL, verbete “*godrons, goderon ou gauderon*”).

<sup>496</sup> No original, *...tant de senteurs que por les fards... Fard*: no sentido figurado, “fingimento, dissimulação nas palavras ou na atitude” (DLL); “Composição cosmética de maquiagem destinada a mascarar certos defeitos da pele, a realçar o brilho da tez ou a modificar sua cor”; lit. *Parler sans fard*, “sem fingimento, diretamente” (L).



usavam esta forma de calota para evitar o mau encontro do Poeta Ésquilo<sup>497</sup>. Na outra extremidade deste local havia muitas armas penduradas que guardavam muito religiosamente sua virgindade. Elas eram muito douradas, muito leves e delicadamente elaboradas: com efeito, estavam lá somente para exibição e não para o uso. Pois não há espada que ousasse penetrar uma coisa tão rica e tão curiosamente fabricada, de modo que os Senhores destas endossavam-nas somente pela extremidade; ainda seria mais como marca de sua grandeza, e para fazer aparecer a generosidade de sua coragem, que por algum feito de armas que esperassem alcançar por meio destas. Havia um leito no meio deste guarda-roupas para deitar o valete de quarto, e entorno desta muitos baús, num dos quais este honesto homem procurando alguma coisa de que precisava, encontrou alguns papéis, os quais me mostrando, disse: “Eis aqui dois discursos que foram apresentados há alguns dias a nosso homem (assim chamava seu Senhor) como uma coisa curiosa porque se dizia que foram feitos por dois heréticos na lei dos *Hermafroditas*.” É verdade que havia alguma coisa neste último discurso que lhe era mais agradável que no primeiro porque se referia mais aos seus sentidos; mas todavia dizia que era algum humor frenético que, na falta de melhor ocupação, se divertira em fantasiar estes discursos; e assim deixando-os sobre a mesa, como coisa que não levava muito em conta, eu os tomava muito curiosamente e fiz até mesmo algumas cópias para mostrar aos meus amigos; “pois (dizia ele), ainda que eu esteja aqui sob a sujeição de gente que despreza tais coisas, não deixava todavia secretamente de abraçar e seguir o que tem alguma luz de virtude.” Eu estimava muito sua sabedoria e sua boa inclinação, louvando Deus por ter feito com ele um tão feliz encontro. E depois de tê-lo incitado o melhor que me foi possível a continuar nesta santa deliberação, eu lhe rogava de me mostrar estes discursos. “Seria para mim (disse) agora impossível de dar-vos o tempo de lê-los, pois me é necessário ir encontrar nossa gente; mas se quiserdes lhe farei parte de uma cópia que guardareis por amor de mim”; e então me apresentou uma. Eu o agradei bem humildemente por tanta cortesia que me fazia, me sentindo extremamente seu obrigado pela boa vontade que já me fizera aparecer em tantas ocasiões. “Deixemos (disse) todas estas cortesias e todos estes cumprimentos que são comuns demais nesta Ilha, e segurai estes dois papéis que eles não sejam por acaso reconhecidos; quando nosso mundo será fora daqui, isto vos servirá de entretenimento esperando que retornemos de seus passeios, onde duvido que poderão logo ir-se, pois creio que terei então o bem de revê-los e entretê-los esta noite sobre algumas particularidades que ainda

---

<sup>497</sup> Alusão a uma anedota segundo a qual Ésquilo tornou-se careca por ter recebido águas sujas sobre a cabeça. Talvez também seja uma alusão à sua morte legendária: haviam predito ao poeta que ele morreria

não percebestes”. Como acabava de me dizer estas coisas, veio um pagem lhe dizer que colocasse um tecido na janela para ver se não fazia vento. Eu lhe perguntei porque se observava esta cerimônia. Disse-me que era de medo que o suão estragasse a delicadeza da tez. Eu me pus realmente a rir de sua efeminação. “Mas ao contrário, disse, tais coisas são aqui grandemente estimadas como marcas essenciais da virtude.” Então, colocando o pano na janela e vendo que não havia mais do que um pequeno ventolino que o fazia ligeiramente mover-se, “devo ir dizer-lhes (disse), com diligência”. Assim saindo deste lugar, o segui segurando primeiramente os papéis que me dera, os quais tomei a pena de traduzir como suas constituições. Nós lhe suplicamos então de fazer-nos saber e, já que nos havia tanto favorecido até agora, que não nos privasse desta singularidade. O que nos tendo concedido, foi buscá-los<sup>498</sup> no local mesmo de onde havia tirado os outros papéis, e apresentando-os a nós, neles encontramos os versos que seguem.

## CONTRA OS HERMAFRODITAS

*Profano que o vício sepulta no mundo,  
Ateu de quem o Céu é tão forte em desprezo,  
Deve-se, para julgar teu mal, deve-se tomar o fundamento,  
A fim de ver no fundo aquele que te surpreendeu.*

*O Vício é um nada, um vazio, uma impotência,  
Um trabalho sem repouso, uma privação,  
Um grande desregramento, uma acre lembrança,  
Um tormento, uma morte, uma imperfeição.*

*Esta confusão, esta massa disforme  
Vem em nós pelos sentidos e se enraíza no coração,  
Um fornece a matéria, e este outro a forma,  
Um nos enche de vento e o outro de rancor.*

*E depois dilatando-se e crescendo em malícia,  
Exalta-se em espírito, e deteriora o intelecto,  
De modo que a razão se abisma na injustiça,  
Ou voga sem piloto ao vento de qualquer objeto<sup>499</sup>.*

*Seu objetivo (diz) tende somente a banir a miséria,*

---

esmagado pelo teto de uma casa; por isso ele andava no meio das ruas. Morreu espancado por uma carapaça de tartaruga que caiu do céu (D, p. 152-153, nota 113).

<sup>498</sup> Pegar em um armário ou em local acessível. Termo em desuso no final do século XVI (DL, verbete “avindré”).

<sup>499</sup> *Objet*: 1. espetáculo, imagem, o que impressiona os olhos ou a imaginação; 2. mulher amada; 3. mais raramente, homem amado (DLL).

*A contentar o espírito, a encantar nossos trabalhos,  
Mas esta horrível Esfinge, esta pele de Pantera,  
Esconde sob estas palavras cruéis furores.*

*Pois a alma resistindo nesta fé Púnica,  
Seduzida pelos sentidos cede ao seu inimigo,  
Mas, Régula, perdes tua pobre república  
E terminas pelos olhos, vendo somente pelas metades<sup>500</sup>.*

*Porque este tirano soberbo em sua vitória,  
Dá aos sentidos todo poder sobre as ações,  
De modo que seu triunfo, e sua maior glória,  
É ver-nos conduzidos por todas as paixões.*

*E eis o conselho, o monarca e a guia  
Que conduz aos prazeres de um porto delicioso;  
Mas rompei este caniço, nada fica além do vazão,  
E os cantos deste Cisne auguram uma morte.*

*Pesares, desgostos, são bens que ele oculta,  
E guarda ao final para seus mais favoritos,  
Pois o prazer é breve, a pena imortal,  
e os mais avisados são amiúde surpresos.*

*Mas a virtude não é enganosa, nem lisonjeira,  
Em seu início ela ensina o penar,  
Mas vida bem-aventurada dá depois,  
Repouso do espírito e todo contentamento.*

*Se quiseres te salvar, vai sob este Plátano,  
Deixa teus vãos prazeres, torna-te homem de bem;  
Pois não se pode provar do celeste mane,  
Sem o pão Egípcio ter consumido.*

*Não te espantes, se por vezes caminhas,  
Por veredas enfadonhas e plenos de adversidades,  
Pois é pelos espinheiros e entre os espinhos,  
E não nas volúpias, que Deus se pode encontrar.*

*Que se o bem futuro não puder comover-te a alma,  
Que ao menos o presente de modo algum te incite,  
A prova te fará julgar que esta chama,  
Pode temperar o ardor do teu desregramento.*

*Sentirás em ti reinar a temperança,  
A justiça será dona do teu coração,*

---

<sup>500</sup> Alusões elípticas à história de Régulus que, confiando em seus inimigos cartagineses (a “má fé Púnica”), voltou para eles após ter sido liberado para uma missão e submetido a horríveis torturas, como o arrancamento das pálpebras (“terminas pelos olhos”), sem que isto tenha servido ao seu país (“perdes tua pobre república”). Seu excesso de confiança faz que ele tenha vista “somente pelas metades” (D, p. 155-156, nota 114).

*Todos os teus conselhos serão conduzidos pela prudência,  
E tu serás enfim guiado pela felicidade.*

*Ama portanto o Eterno, adora sua natureza,  
Não podes ignorar os fatos deste motor;  
Pois se quiseres ler em cada criatura,  
Compreenderás sempre qual é teu criador.*

*Depois caminha para o Levante, deixa esta noite sombria,  
Renuncia à amizade do Cruel Gerião,  
Para gozar o Sol, volta as espáduas à sombra;  
Toda infelicidade sempre vem deste Setentrião<sup>501</sup>.*

*Não podes no instante ver o céu e a terra,  
Poderias tu unir o Inferno ao Paraíso?  
Deus ama somente o dia e aquele que te encerra  
Quer tão somente os cárceres do grande Ídolo Dis<sup>502</sup>.*

*Mas levanta um pouco esta máscara e descobre seu disfarce,  
Tão logo perderás o desejo de amá-la;  
Pois se provares Deus com pura e santa alma  
Julgarás depois muito amargo o mundo.*

Seguindo estes versos, havia um Discurso cujo título era:

## **DO SOBERANO BEM DO HOMEM**

e começava assim:

O Olho não é capaz de luz se não se abre, nem o homem da graça divina, se a ela não se dispõe. Pois assim como nós gozamos as coisas corporais somente pelos sentidos, também somente pela fé podemos possuir as espirituais, e esta fé é o fundamento da disposição. Eu disse o fundamento pois esta fé sem as obras estando morta, parece que nossas ações não sejam menos necessárias para a vida eterna, que o aspirar e o respirar<sup>503</sup> na temporal, estes dois Pólos nos conduzindo sobre este grande Oceano de misérias, ao longo

---

<sup>501</sup> Estas alusões a Hércules podem ser uma referência direta a Henrique IV, freqüentemente qualificado de “Hércules gaulês”. Hércules teve que combater, no extremo Ocidente, um gigante de três corpos, Gerião (seria uma alusão aos três hermafroditas acima citados?). Para tal, ele usou os serviços do Sol com o qual ele concluiu um negócio. Não parece todavia ser necessário ler esta passagem com chaves de ordem histórica: as alusões mitológicas se organizam em volta do Bem e do Mal e podem ter alcance geral ” (D, p. 157, nota 115).

<sup>502</sup> Dis: nome geralmente dado a Plutão, deus dos Infernos. Aqui ele é tomado no sentido do Demônio representando o espírito pagão ou o gosto pelo gozo ” (D, p. 157, nota 116).

de nossa navegação para nos fazer enfim surgir no porto de uma bem-aventurada imortalidade. Eis porque não é somente necessário ter a fé para conceber o soberano bem, mas deve-se ter também uma santidade de vida para poder apreendê-lo. “Mas esta fé, estas obras, este soberano bem, dirá algum Ateu, são luzes tão grandes que servem de trevas a nossos olhos. Por que quereis que eu reconheça em mim o que não sinto? Dê-me alguma coisa que me seja doméstica; tudo o que é estranho é contrário à minha natureza; eu creio no que vejo, e no que posso compreender. Chamo de Eternidade a esta vicissitude das coisas, e as obras a meu ver aspiram mais à recompensa presente, e a alguma glória entre os homens que a uma beatitude futura. Não penetro nestes tetos<sup>504</sup> eternos. A terra é minha mãe, minha ama de leite, e meu sepulcro; ela é minha vida, minhas delícias e meu último fim. Este círculo deve terminar pelo seu princípio: não conheço mais nada além. Todos estes antigos devaneios só fazem diminuir minha vida, me privar de todo contentamento de espírito e me tirar o que é tão requisitado por todos os homens, a glória e a volúpia. Com que propósito sofrer tanta pena em uma tão breve vida? Por que se fantasiar quimeras de esperança: vivamos. Mas o que é viver, senão ter muitas comodidades frente a si, contentar seus apetites e seus desejos? A beleza das mulheres, a delicadeza das carnes, o delicioso gosto das frutas, a graça<sup>505</sup> dos harmoniosos instrumentos, os jardins voluptuosos, as danças lascivas, a conversa das companhias agradáveis, os discursos faceciosos, o desprezo dos negócios, senão daqueles que podem trazer alguma comodidade, o minucioso<sup>506</sup> cuidado de sua saúde, em vestes estar sempre magnífico, aparecer entre os outros, e fazer-se respeitar, ter um humor alegre, sem entristecer-se com o público nem com o particular. Todas estas coisas juntas são meu Paraíso, viver nesta liberdade, é minha santidade. Todas estas ciências que se aprendem com tanto labor, esta atenção contínua com a república e esta sujeição a tantas leis e ordenanças, é meu Purgatório. Estes jejuns, estas elevações de espírito, este regulamento de vida que chamamos virtuosa, é meu Inferno. Chamo de virtude o que me conserva a vida e me dá contentamento, todo o resto para mim é vício. Afastai-me esta palavra de religião, longe de reunir em mim ela me divide. É uma invenção dos grandes para sua manutenção. Todas estas cerimônias e estes Editos, correntes para aprisionar nossas vontades. Subi um degrau sobre esta escada do estado, conhecereis incontinentemente todos estes falsos semblantes. Comandar a si mesmo é forçar-se a si mesmo; ao contrário viver suas inclinações é caminhar pela via Real de toda felicidade. A que

---

<sup>503</sup> Desejar ardentemente (DLL).

<sup>504</sup> *Planchers*: no século XVII, esta palavra designava indistintamente teto ou chão (DLL).

<sup>505</sup> *Mignardise*: graça, delicadeza (não possui a nuance pejorativa atual). (DLL)

<sup>506</sup> *Curieux*: cuidadoso, escrupuloso, minucioso (DLL).

propósito esta genealogia de espíritos celestes ou infernais? Um sente sua mania<sup>507</sup>, o outro sua Licantropia<sup>508</sup>; nada é superior ao homem, tudo lhe faz jugo; ele não se eleva sobre os céus; esta região é deserta demais, nem desce na terra; esta morada é obscura demais, mas permanecendo num estado ele subsiste sempre em si mesmo, entrando na matriz da mãe que o concebeu, para depois produzir novos descendentes, e eu chamo a todas estas coisas, Fé, Esperança, Caridade e soberano bem. O que está além me é insensível e, em conseqüência, um vazio e um nada.” Eis os discursos da impiedade, a qual reinando neste tempo<sup>509</sup>, eu vos quis fazer ver em seu lustre, a fim de que o assaltante por lugares melhor defendidos, suas fortificações abatidas, o resto se renda depois a melhor composição. Mas a fim de responder-lhe particularmente, melhor será fazer algumas distinções, de medo que a confusão esconda a verdade em suas trevas.

Entre todos os mortais, reconheço três tipos de vontades, e três diferentes opiniões do soberano bem: os primeiros têm um amor, todo corporal, sem nenhum desejo das coisas espirituais, que eles ignoram. Sua esperança assim arrasta-se contra a terra, e permanece amortalhada no que há de mais grosseiro. Os segundos têm um amor todo espiritual, sem nenhum cuidado das formas corporais, que eles desprezam; seu último fim, assim, se porta sobre todos os céus, purificado de tudo o que pode ser terrestre e corrompido. E os terceiros, participando dos dois outros, têm alguma afeição à terra para seu uso, e todavia seu soberano bem está no Céu, ao qual eles aspiram. Chamo os primeiros mundanos, os segundos celestes, os terceiros prudentes. Todas as outras opiniões são conjuntas a esta e mesmo que em aparência elas sejam dissemelhantes, em efeito são uniformes. Deve-se então fazê-las ver em sua natureza depois que eu tiver definido esta suprema felicidade: *O soberano bem é uma infinita e perdurável beatitude, que compreende nela tudo o que se pode desejar, e que o homem se esforça em adquirir para dela gozar em toda a eternidade.*

De modo que todo homem que põe seu soberano bem em uma coisa caduca e transitória, que nela recebe algum defeito e da qual pode gozar somente por um tempo, tem, antes, a alma repleta de inquietudes, de aflições e de descontentamentos, que de

---

<sup>507</sup> Forma de delírio, a caráter megalomaniaco, com acessos de furor (DL, verbete “*manie*”).

<sup>508508</sup> Forma de delírio que consiste a se acreditar transformado em lobo, ou perseguido por um lobo, considerada como uma variedade de “melancolia”. Os processos de feitiçaria (em Jean BODIN, *De la Démonomanie des sorciers*, II, 6 “de la lycanthropie”) dão consistência a estes delírios (DL, verbete “*lycantropie*”).

<sup>509</sup> Um certo número de escritos apologéticos do final do século XVI e início do século XVII atacam a “impiedade” qualificada abusivamente de “ateísmo”, como a *Athéomachie* de Duplessis-Mornay, de 1582, ou o *Antichrist*, de Florimond de Raemond, de 1597. Esta campanha culmina com a *Impiété des déistes, athées et libertins*, de 1624, do Padre Mersenne e o *Atheismus triumphatus* de Tommaso Campanella, de 1630. Este texto se inscreve nesta tradição apologética e polêmica. De fato, o “ateísmo” do início do século XVII encobre dados muito diversos: pode ser a heresia das Reformas, o novo racionalismo da escola padovana de

repouso e tranquilidade e, em consequência, está em uma perpétua cegueira, sem fim, sem princípio e sem felicidade. Resta a mim, portanto, mostrá-los separadamente a fim de que se possa julgar mais acertadamente. Começo pelos mundanos.

Esta espécie de homem para quem a alma somente serve de sal para impedir o ressentimento de sua corrupção, que, afogados nas volúpias, chamam infelicidade a tudo o que os separa, para quem as trevas servem de luz, a desordem de regulamento têm verdadeiramente alguma razão de pôr aqui embaixo seu último fim. Pois já que eles viveram somente de terra, não podem ser mudados em outra natureza além daquela de seu alimento. Quem quer escalar o céu deve tornar-se celeste; esta santa morada recebe somente aqueles que provaram sua ambrosia. Eis porque estes não têm nenhuma chance de elevar-se, já que ao invés de desejá-la eles a desprezam. Mas porque se ajudam com algumas aparências e que, não ficando na natureza, parece que não se afastam da razão, quero mostrar qual é a composição do homem, sua origem e seu fim.

O homem tem duas partes essenciais em si, sem as quais não pode ser tal, a saber a alma e o corpo. A alma indivisível, quando a si, e distinta em seus efeitos, tem três faculdades: a inteligência, a memória e a vontade. O corpo é da mesma forma composto de três partes principais: o ser, a vida e o sentimento. E bem que ele não tenha originariamente a vida e o sentido, mas somente por participação, se a alma vivificada e sensitiva, que nós chamamos, sendo antes um meio entre o espírito e o corpo, somente coisas puramente espirituais, e que suas ações são corporais, penso não me ser abusado uni-los por causa de sua criação, além do que é pela sensitiva que o corpo se une à alma, obedece à alma e se glorifica com a alma, quando ela se é primeiramente a ela unida pela persuasão, como também dela se separando, é causa que ao invés de todas as duas deverem encontrar uma vida nas cinzas (assim eu chamava a mortificação do corpo), encontra um túmulo. E como há um meio entre o corpo e o espírito, para a ligação de certas distâncias tão afastadas, assim há um meio entre a alma e a divindade para a união destes dois extremos. É o que se chama inteligência abstrata ou separada, que não é outra coisa que uma graça divina, agindo ora no entendimento para nos ensinar, ora na vontade para nos excitar. No primeiro, nós a nomeamos inteligência, no outro, *sinderese*<sup>510</sup>: de maneira que é por ela que toda felicidade nos chega, quando nela cremos; ao contrário, toda infelicidade nos acompanha, quando nós a negligenciamos; e porque é sempre pura e santa, sem misturar-se em nenhuma corrupção (as outras se deixaram levar por seu amor próprio e por suas delícias contra suas

---

Pomponazzi e de seus discípulos, o racionalismo científico ou o epicurismo dos libertinos nas maneiras ” (D, p. 160, nota 117).

instruções<sup>511</sup>), ela deixa-os trazer o arrependimento de sua obstinação e retorna sozinha ao local de sua origem. Que se, por outro lado, eles se tenham estudado para lhe obedecer, então toda triunfante de glória, por ter subjugado o diabo, o mundo e a carne, na alma, nos sentidos e na vida, ela conduz à imortalidade aqueles que lhe ajustaram uma tão fiel e voluntária crença. Eis para a composição.

Quanto à origem, é o argumento que este profano nos pôs no começo e ao final de seu discurso, pelo qual ele quer que, Aborígenes, nós tenhamos saído da terra, como o povo de Cadmos<sup>512</sup>. E verdadeiramente os dentes desta pavorosa serpente nossa inimiga comum não podiam produzir outros homens além destes furiosos, os quais, voltando-se contra a própria natureza, destroem-se a si mesmos, pensando conservar-se. É acreditável que a terra, tão impotente por si mesma, que precisa a todos os momentos da influência celeste para a geração de suas criaturas, tão grosseira, tão opaca, tão plena de corrupção compreendida por todos os outros Elementos, seja o primeiro princípio do homem, quer que ele seja muito mais excelente, mais perfeito e mais bem acabado que ela e todos os Elementos juntos. Assim quem crerá que seja o Céu ou as estrelas, já que nós observamos a mudança, ou até mesmo a alteração em seus movimentos? Não confessais que o Sol é mais belo, mais perfeito e mais acabado, que há mais potência e virtude que em todas as outras estrelas, e também no céu mesmo? E todavia não observamos diariamente o atraso de seu curso? Seus eclipses, bem que não sejam para o nosso olhar, não são uma falta de potência, ele de quem nós reconhecemos sensivelmente que procede a luz, faltaria em seu principal efeito? E no entanto nós vimos chegar em pleno dia trevas palpáveis, sem que eu coloque em linha de conta este grande e universal eclipse por todo o universo chegado neste belo astro contra toda ordem de natureza na morte do Salvador. E finalmente podeis vós chamar soberano príncipe este que vós compreendeis e medis tão distintamente e tão sensivelmente<sup>513</sup>? A coisa que compreende excede sempre aquela que é compreendida, e o

---

<sup>510</sup> Termo de teologia, tomado geralmente no sentido de exame de consciência ou remorso. No presente caso, trata-se da ação da graça como estimulante da vontade (DL, verbete “*synderese*”).

<sup>511</sup> A pontuação do texto original torna difícil a compreensão desta frase cuja construção clareia se fazemos da proposição “as outras [...] contra suas instruções” um parêntese ou uma incisa, e se concordamos a subordinada “e porque ela é sempre pura” com a principal “ela os deixa trazer [...]”, da qual ela está separada pela proposição incisa. “As outras” representam “as faculdades” da alma às quais se referem os pronomes “seu” e “suas” (D, p. 162, nota 118).

<sup>512</sup> Os aborígenes são um povo lendário da Itália que simboliza a humanidade primitiva: sua etimologia tradicional seria *ex arboribus*, nascidos das árvores. Aqui a lenda está contaminada com o mito tebano segundo o qual Cadmos fez jorrar homens da terra semeando os dentes do Dragão original. Estes, em razão de sua agressividade nativa, teriam se matado entre si. Mais geralmente os Aborígenes (*ab originibus geniti*), chamados também *Terrigenae*, designam os homens primitivos, nascidos diretamente da terra. Jean Bodin, em seu *Méthode de l'histoire* (capítulo: “como conhecer as origens dos povos”) evoca e refuta esta teoria (D, p. 163, nota 119).

<sup>513</sup> O autor alude aos mitos que dão o Céu como pai dos homens. Uma etimologia do Sol gerador, de origem antiga, adquire um certo renovo na esteira da teoria heliostática copernicana (D, p. 164, nota 120).



que pode ser medido não pode dar a primeira medida. Eu digo isto tanto do céu quanto do Sol, e de todas as estrelas. A experiência nos ensinando todos os dias que estas medidas não são imaginárias, já que nós encontramos um cálculo justo em nossos prognósticos, e que nossas compreensões não são de forma alguma vãs, já que elas se referem aos efeitos. Onde encontraremos então um princípio digno do homem? Após ter falado de tanta coisa tão excelente, que eu no entanto achei defeituosa, não pude me ater ao que é menor. O que então será todo o universo junto? Mas seria retornar ao antigo Caos! Isto sendo completamente incrível, até mesmo impossível, que tantas naturezas tão diversas e contrárias se tenham originariamente criado por si mesmas. Que se isto fosse, seria necessário que houvesse entre elas uma igualdade de potência: de outra forma, deve-se confessar uma superioridade. E todavia nós observamos algumas muito inferiores às outras, outras até mesmo muito vis e abjetas. Além do que seguindo a máxima que coloquei acima, o homem compreende ainda todas estas coisas, e sabe as distinções e propriedades, e quem mais é, usa disso e ordena, é então o homem que é autor da natureza? Pobre criatura, não saberias reformar a menor de tuas imperfeições, bem freqüentemente não tens uma disposição livre da tua vontade (ainda que seja aquela onde tu deves ter maior potência), como poderias criar? Não saberias conservar. Poderias ser o autor da vida? Não saberias devolvê-la àqueles a quem tu a terias tirado. Que se teus pais tenham tido algumas vezes este poder, teria ficado para ti alguma amostra. Mas longe de restabelecer, tu destróis, e a maior parte das tuas ações são, antes, forçadas que voluntárias. E o que chamas vida, e da qual gozas somente por empréstimo, e que deixas sem tua vontade, não é outra coisa além de uma morte contínua<sup>514</sup>.

Deve-se então vir a vós, Soberana, Eternal, Infinita, Incompreensível Essência, sem fim e sem começo, uma simples em Trindade, Trindade em unidade, fonte originária da vida, Deus, Criador da luz, única beatitude e felicidade das criaturas racionais<sup>515</sup>. É por vós que recebemos nosso ser, a vós para quem pedimos sua conservação, e em vós que desejamos disso fazer uma perfeita união. Sois vós que tendo tirado o homem do nada, formou-o à vossa imagem e semelhança, e ornando-o com todas as graças que se poderiam desejar, lhe sujeitou todas as criaturas que haveis criado, em sua ocasião e para o seu uso, cujo Império ele podia conservar, se tivesse querido vos obedecer. Somente para vós seja

---

<sup>514</sup> Retomada de uma argumentação própria à corrente pirroniana que se desenvolveu na esteira das *Hypotyposes Pyrrhoniennes* de Sextus Empiricus, impressas em 1562. Esta argumentação, usada contra o triunfalismo antropocêntrico, é explorada, entre outros, por Montaigne em sua “Apologia de Raimond Sebond” (D, p. 165, nota 121).

<sup>515</sup> A poesia religiosa e as meditações em prosa, na produção literária contemporânea, revestem freqüentemente esta forma de apóstrofe elogiosa, e esta ampla tonalidade, para celebrar o Deus único e a Trindade (D, p. 165, nota 122).

portanto a honra, a glória e os louvores para sempre, e para nós a vergonha e a confusão, da qual todavia vossa graça e misericórdia infinitas nos resgatará algumas vezes segundo sua bondade costumeira. E eis nossa verdadeira origem, para a qual não há ponto de repartida, já que este princípio pode tudo, possui tudo, compreende tudo e beatifica tudo.

Quanto ao fim da natureza humana, já que nós lhe havemos encontrado uma origem, é necessário que ela termine algumas vezes. E já que todas as coisas que estão no mundo hão sido criadas pelo homem e para seu uso, ele finito, seria necessário que este grande tudo retornasse num nada; mas a presciência e a providência divina ordenou de outra forma. Pois por uma virtude e conhecimento inefável, ela fez que o homem, tirando e convertendo em sua natureza a substância de todas as coisas como seu último fim, oferece em seguida o todo como soberano Preste<sup>516</sup> dela, com sua própria vontade sobre o altar da fé, e no braseiro de uma muito ardente caridade em sacrifício pacífico aos pés da muito santa Trindade, que recebendo-os com um olho pleno de misericórdia, lhes dá um ser permanente e imutável, pela conjunção destas, à sua bem aventurada Eternidade. Eis o último fim do homem, seu contentamento e seu soberano bem e o verdadeiro círculo do qual este zombava no início de seu discurso.

Mas como a vista de um grande e rico tesouro é inútil àquele que dele não faz uso, assim o conhecimento do soberano bem é supérfluo, se nós não nos dispusermos para dele ter gozo. Eis quem me ocasionará de traçar aqui tais quais ensinamentos, assegurando-me que o senso comum, vosso zelo e a divindade mesmo suprirão minha insuficiência (além do que eu vos prometi discorrer sobre a distinção do soberano bem), desde que vós me permitis acrescentar aqui alguns traços da imortalidade. Pois é sobre esta cauda que este dragão atrai as mais claras estrelas, quero dizer, os espíritos mais sutis.

É verdadeiramente uma deplorável coisa o entendimento humano separado da divina inteligência. Todas as suas crenças são somente vaidades, seus discursos, absurdidades. Ele se contradiz a si mesmo, e todo cheio de glória e de presunção, deixa voluntariamente a luz do verdadeiro bem para seguir a cegueira da ignorância e do erro. Vedes o exemplo nisto aqui: ele nos havia elevado seu homem em aparência, sobre todas as criaturas, e sem demora o torna a mais miserável de todas as coisas criadas, quando pensais ver o fim da grandeza. Pois se o homem não tem outro fim além do que está sob ele, se, quando ele morre, todas as coisas tomaram fim no que o concerne, no que posso reconhecer sua excelência e sua superioridade? Será na extensão da vida? Quantos animais

---

<sup>516</sup> No original, *couverain Preste*, onde há um erro de impressão e deve-se ler *souverain Preste* (N. da T.). Preste: forma dialetal ou grafia incorreta de *Prestre*, “padre”. A imagem é convocada por aquela da oferenda feita pelo homem para Deus dos bens da natureza reconduzidos a seu último fim (D, p. 166, nota 123).

há que o ultrapassam nisso? Bem poucos homens chegam aos 80 anos, e todavia vós encontrareis entre os brutos quem viva cem e cento e três anos. Será isto pela força? Ele é o mais fraco de todos; na saúde ele é o mais débil e o mais imperfeito. Os outros estão sujeitos somente a certos maus: encontrou-se tal homem que teve todos os tipos de doença em uma bem curta vida. Pela agilidade ele é ultrapassado por quase todos. Quanto à destreza e à indústria? Eles lhe ensinaram, e até mesmo o ensinam todos os dias invenções. Eu diria mais: que tudo o que ele sabe de melhor a este respeito, tirou deles. O que então está no comando e na obediência que todas as coisas lhe prestam? Ao contrário, eu não vejo nisso nada além da revolta de todas as partes. Os menores e mais débeis animais são aqueles que lhe fazem mais freqüentemente guerra, onde encontraria então esta marca? É uma coisa fora de todo discurso dizer que todas as criaturas tenham algum regulamento nelas, tenham mesmo superioridades e graus de excelência e de mandamento, em todas as suas espécies e que o homem, o qual no entanto tem o uso de todas as coisas, fosse sobrepujado por elas em sua vida e igualado em seu fim. Ora, a corrupção de seus pais e a sua própria não lhe pode adquirir soberanamente o primeiro; é necessário portanto que o trono de seu Império seja a imortalidade. Ainda que a alma racional que não tem nada de corrupção Elemental, nada de corporal, morra, que os sentidos que lhe serviram de órgãos para suas funções e o corpo de instrumento para suas ações, permaneçam completamente aniquilados, isto somente pode se imprimir num entendimento bem composto. É necessário que a primeira por essência, e as outras por participação e conjunção, após de ter sido purificada de seus defeitos, gozem todas juntas do que lhes é adquirido desde a sua criação. Infinitos argumentos poderiam levar à prova da imortalidade da alma, mas tomarei aqui somente alguns.

O que não crê nem diminui na sua substância deve ser imortal, já que nós observamos a morte chegar às criaturas somente por estes dois meios. Ora, a alma do homem tem estas propriedades. Ela é então imortal.

O que é incorruptível é imortal, o aniquilamento das coisas chegando somente pela corrupção; e no entanto nós observamos que quanto mais a alma humana é pressionada, menos ela é oprimida. Ela é portanto incorruptível e por conseqüência imortal.

O que se mostra mais vigoroso ou quando o corpo se enfraquece por velhice, ou morre de fato, é Imortal; a alma do homem se mostra tal pelo desejo e várias outras de suas funções: ela é portanto imortal. Quem poderá negar assim que o que nos faz desejar perpetuar nossas crianças não seja imortal, e onde pode nascer este desejo senão na alma humana?

E esta pluralidade de objetos de diversa matéria, que em si ela concerne, sem mudar sua forma espiritual, não é outra coisa além de uma marca de sua imortalidade?

Em suma, o que tem autoridade e comando sobre o corpo mortal não pode ser outro que imortal. E é por esta garantia preciosa que nossa alma, finita quanto a Deus, infinita no que concerne as criaturas inferiores, livra todas as coisas da mortalidade, e as reúne em unidade pela união da humanidade à Divindade, como eu dizia acima. Que este não nos fale mais portanto da vicissitude das coisas! Pois assim como elas começaram seus cursos pelo comando do Imperador celeste, elas o terminam assim por sua união ao Imperador terrestre. Isto então seja tido por constante e irrevogável, que a alma humana é imortal, que por seu meio os sentidos e o corpo são beatificados, que nela todas as criaturas recebam benção.

Eu vos mostrei suficientemente, tanto quanto a brevidade deste discurso me permitiu, que o homem tivera algumas vezes origem, e todavia que ele era imortal, e minei tanto quanto pude as ímpias proposições que este Ateu alegava ao contrário. Deve-se agora fazer ver certa anatomia da volúpia que ele tem por seu soberano bem.

A volúpia não é outra coisa que o titilar dos apetites sensuais no instante mesmo que eles gozam da coisa desejada. Eu a considero em sua origem, em seu progresso e em seu fim. Ela se engendra em nós pelo conhecimento que temos da beleza, e da harmonia, do odor, da doçura e da delicadeza de alguma coisa que amamos; mas porque a perfeição tomada em seu centro só se reconhece em certo ponto, é necessário que o gozo desta perfeição seja como um ressentimento inexplicável. Eis porque o homem reitera sua ação, a fim de ter tanto quanto lhe é possível este gozo perdurável. Em vão todavia, para não poder juntá-la em sua substância, e bem que isto se faça em algumas coisas, é necessário que ele dissipe primeiramente, e que ele destrua sua perfeição antes de poder fazer sua conversão, pois ainda que ele reúna o todo em Deus, não é a dissolução das formas e das propriedades, de modo que ele falte sempre no que deseja mais. E se depois de uma longa reiteração destas coisas seu desejo estiver satisfeito, então, ao invés de receber algum contentamento, há somente uma saciedade e um desprezo do que ele tanto procurou. Assim vedes que a volúpia é somente um desregramento em seu princípio, um defeito em seu progresso e um desgosto em seu fim.

E depois quanto recebemos de inquietudes antes que esta onda de felicidade chegue? Com quantos trabalhos, quanta solidão, raivas e desejos chega-se ao gozo de algo? Não é verdade que tão logo a volúpia domina o homem, no mesmo instante todos os aborrecimentos lhe caem sobre a cabeça? Dizem que não há nada tão caro quanto o tempo,

porque o passado e o futuro não estão em nosso poder, e o presente corre tão prontamente que este momento e este átomo é, antes, um nada que alguma subsistência. Mas eu disse que não há nada tão caro quanto a volúpia, não pelo que ela é conforme ao tempo para a prontidão de sua ação, mas porque ela se compra ao risco de perder a vida da alma, e bem freqüentemente aquela do corpo. Pois o que nos pôde produzir esta longa genealogia de febres? De onde vêm tantos tumores, tantos humores, tantas doenças desconhecidas que nascem todos os dias em nós, senão dos excessos dos nossos pais e os nossos? E estes excessos não são as flores da volúpia, como as doenças são deles os frutos? Nós nos assemelhamos àqueles que foram mordidos por estas pequenas Serpentes que chamamos Tarentas<sup>517</sup>: rimos, cantamos mas este riso Sardônico<sup>518</sup> nos conduz a um fim eterno. Eu disse que ela fazia perder a vida da alma, não que esta alma morre por uma perda ou aniquilamento de sua essência, mas porque a separação do autor da vida é para ele uma morte eterna. Ora, acontece que a alma que consente às volúpias do corpo se mistura por este consentimento à corrupção que lhe chega. Disto vem que ela é cheia de aborrecimentos, de tristezas, de ciúmes, de esperanças vãs, de desesperos, de inconstâncias e de loucas imaginações que lhe engendraram tantos erros, crimes e desobediências contra o soberano, formando suas ações diretamente contra sua vontade. De modo que sendo privado de sua graça ela cai em trevas obscuras todas contrárias à sua natureza que respira somente luz. E são as flores e as árvores dos jardins de prazer deste paraíso delicioso: os regatos de lágrimas servem de fontes, os suspiros, os arrependimentos e os pesares são os gorjeios de seus mais graciosos passarinhos.

Mas acordemos alguma coisa a este insensato; e ponhamos o caso que seu soberano bem possa ser o que ele nos pintou: se for necessário que ele confesse, segundo sua definição mesmo, que para ser bem-aventurado deve possuir plenamente e soberanamente tudo o que descreveu em detalhes. Pois este que goza somente de uma parte não poderia ser bem-aventurado, porque lhe faltaria alguma coisa para possuir toda a volúpia (porque ela não está em uma só coisa, mas em todas as coisas), e que ele teria muito mais pena para adquirir o que não tem do que receberia de contentamento no gozo do que ele possui. E quem é aquele no mundo que tenha chegado neste ponto? Os maiores Monarcas com

---

<sup>517</sup> Chamava-se tarentismo uma doença nervosa que se alastrou na Pulha meridional, na região de Tarenta, até o século XVII. Ela se caracteriza por uma agitação e por sobressaltos irreprimíveis. Esta doença foi m de maneira errônea, atribuída à picada de uma aranha, a tarântula. A dança chamada *tarantela* seria uma imitação, ao final de uma terapia de exorcismo, dos sintomas desta doença (D, p. 170, nota 124).

<sup>518</sup> Sardoniano ou sardônico designa um riso crispado. O termo vem de uma erva da Sardenha (*sardonio*) cuja ingestão provocava uma paralisia facial. Observaremos a escolha geográfica desta doença vinda, como a precedente, da Itália: isto não é sem dúvida fortuito e deve ser posto em relação com a italianofilia dos Hermafroditas (D, p. 170, nota 125).

grande pena poderiam fazê-lo. Este monstro da natureza, Heliogabalo, despojou o mar e a terra, arruinou todos os homens e sua própria natureza, e mesmo havia preparado para si meios para prová-la na morte e todavia ele soube tirar somente sombra, já que nunca foi feliz. Eu bem sei que alguns dirão que a mulher os contenta infinitamente e que tantas vezes quanto eles nela gozam, isto é para eles uma soberana felicidade, ou antes, como diziam os antigos, eles caem tantas quantas vezes do alto mal<sup>519</sup>. Mas além do que discorri acima em que consiste a volúpia, acrescentarei que se eles quiserem por em linha de conta os desdêns, as crueldades, os desprezos, os pavores e as inimizades, principalmente se amarem em lugar proibido (pois alhures eles não têm isto por volúpia), e se eles juntarem a isto as doenças horríveis que ela produz, as úlceras, as gotas, o tremor universal de todos os membros, um embotamento do cérebro, a perda do julgamento e a diminuição da vida, com um desgosto do prazer no instante mesmo do gozo, ele serão muito mais sujeito de chamar a isto de martírio e flagelo, que sucesso e felicidade. Eles dirão também que há prazeres de longa duração, como coisas que vemos e escutamos, mas não dizem que são delícias imperfeitas que depois atraem um desejo de maior volúpia; pois para o primeiro, bem que ele seja de alguma duração, tem no entanto um gozo imperfeito do que ele vê; o outro faz mais cócegas, mas ele engendra incontinentemente uma saciedade, além do que eles têm alguma permanência sobre as outras partes da volúpia, é enquanto eles são mais espirituais que os outros sentidos, os quais tanto mais são grosseiros, menos suas delícias são elas de longa duração: o que deveria servir de forte argumento a estes pobres cegos, que já que entre as coisas corporais o que tem algum grau de espiritualidade contenta mais longamente (mesmo que com imperfeição) que é necessário que a beatitude soberana seja inteiramente espiritual e se refira inteiramente ao espírito. É também o que se ressent, principalmente na volúpia, pois o corpo é somente um canal pelo qual uma água fluida passa: o consentimento da alma, é o que causa o prazer. Usais de tal volúpia tanto quanto desejeis, se nela (não) tendes o pensamento, a encontrareis sem delícias; e bem que a alma não possa nela receber estas matérias corruptíveis, é no entanto por ela que podemos possuí-las. Ora, eu vos disse que era necessário uma conservação de substância para um real e perdurável gozo. Deve-se então procurar as coisas espirituais já que a alma rejeita as corporais contrárias à sua natureza. Eis aqui os meios.

Esta infinita misericórdia que criou o homem para sua glória, que ela ama sobre todas as obras de suas mãos, querendo tirá-lo do abismo de miséria onde ele mesmo se

---

<sup>519</sup> A comparação entre o orgasmo e a epilepsia, e a evocação dos problemas fisiológicos que se seguem, fazem parte da exploração dirigida contra toda atividade sexual, que se desenvolve contra o culto renascente

havia precipitado, deu-lhe certas leis e certos meios, dos quais usando segundo a forma que lhe deu, poderia beatificar-se e a fim de que o conhecimento que ele deve ter de seu Criador, ao qual ele é infinitamente devedor por tantos bem-feitos recebidos de sua liberal mão, e sua débil impotência não o fez entrar em algum desespero e de temor que sua fragilidade e sua corrupção o impedisse de inteiramente cumprir o que lhe estava ordenado ela reduziu todas estas leis sob um só preceito, que é o mais doméstico e o mais voluntário que seja no homem, a fim de que ele possa quitar sua dívida de uma coisa que estava inteiramente em seu poder e à sua disposição. Sabendo bem que se nós o amávamos de todo nosso coração, e mesmo se nós lhe portávamos tanta afeição quanto às coisas terrestres, todos os seus mandamentos nos serão dóceis e fáceis, pois nós sabemos quando nossa alma está mais em seus atos que em suas potências e que onde ela ama lá está onde ela faz ofício da alma. Eis porque assim como se ganha a vida do corpo trabalhando, assim a vida da alma se ganha amando e as coisas corporais se ligam e se aproximam umas das outras por movimentos e paixões corporais, mas as espirituais só se ligam por amor: assim somos transportados da morte à vida pelo que amamos. É a verdade também que amar a Deus é tanto próprio e natural como viver, pois já que por amor nós somos produzidos por Deus, é necessário também que pelo mesmo amor sejamos a ele reduzidos; mas porque nós não somos simplesmente espirituais, mas corporais e espirituais junto, e que não somos menos obrigados a nosso Criador para o corpo que para a alma, é bem razoável que o homem lhe renda a homenagem por tantos bens que recebeu e que recebe. Eis porque ele nos instituiu certas cerimônias pelas quais pudéssemos reconhecê-lo e protestar exteriormente o que nós cremos interiormente, as quais juntamente com os mandamentos, chamamos religião, por causa da união inseparável destas coisas nos religa e nos reúne ao soberano bem, do qual estávamos separados pela corrupção. Eis como a religião não é uma coisa vã, nem contrária ao nosso contentamento, como este nos quer fazer acreditar, já que ela tem um fundamento na divindade e que ela nos conduz ao gozo de uma eterna felicidade.

Quem desejará então gozar deste Reino adquirido ao preço de um sangue tão precioso, que ele o conserve por uma boa polícia de si mesmo, por uma temperança e um regulamento de todas as suas ações segundo o compasso e o esquadro que lhe foi dado por seu humor. E que não nos surpreendamos se suportamos alguma pena com esta prática. Para adquirir a eternidade não há nada que não se deva sofrer. Quanto padecemos bem freqüentemente para nos conservarmos uma vida lânguida plena de dores e misérias pela

---

do corpo. Esta tradição pseudo-medical durará até o século XIX, antes que as fobias sexuais sejam objeto de

crença somente que temos que a vida é um grande de bem. E no entanto gostaríamos de persuadir que a imortalidade pode adquirir-se sem pena! É impossível, eu diria mais, que não seria justo. Ora, a divindade sempre balançou todas as suas ações de misericórdia e de justiça. Não que nós recebíamos estas coisas imediatamente por ela mesma, mas por seus ministros, uns superiores pela recompensa, outros inferiores pela vingança. E este zomba disto tanto quanto ele quererá, as coisas foram assim ordenadas pela suprema majestade. Ele tem alguma razão de duvidar de uns, pois sua cegueira o impede de ressentir suas santas admonições, mas se ele tem tão pouco conhecimento e julgamento, ele deve muito sensivelmente temer a tirania dos outros, não tanto pelo presente quanto pelo futuro, se ele não reconhece sua falta. Pois então as cruéis penas que lhe farão sofrer lhe ensinarão, com risco de uma morte eterna, que há uma potência soberana sobre tudo o que ele se imaginou. Eu poderia fazer uma longa dedução destes espíritos e poderia provar, por razões naturais e sensíveis, que suas visões não são vapores forjados no cérebro, nem doenças corporais, como ele nos quer fazer crer. Mas isto mereceria um discursos particular: eu diria somente que Dion e Brutus pelo paganismo, todos os dois sábios, muito santos, muito prudentes e muito engenhosos, Abraão, Tobias e todos os Profetas pelo Judaísmo, o Evangelista São João, o adúltero Coríntio e todos os apóstolos no Cristianismo nos deixaram exemplos muito admiráveis, com a experiência que tiramos todos os dias, tanto entre nós quanto em países estrangeiros<sup>520</sup>. Deixemos então este homem mundano gozar à sua vontade seu soberano bem, ou, antes, sua extrema miséria (pois assim poderíeis reconhecê-lo) e venhamos àquele do homem celeste.

Eu lhe dou este Epíteto a bom direito, pois tendo se purificado de tudo o que é terrestre e mortificado todos os seus sentidos para obedecer a Deus, ele permanece perpetuamente elevado na contemplação divina tendo em grande desprezo as coisas corruptíveis e amando soberanamente seu soberano. Ele se une tão perfeitamente nele que a morte mesma lhe é muito desejável desde que ela lhe seja agradável. Morrer assim pela honra divina é florescer na Eterna primavera. As aflições lhe são muito prazerosas e tem por máxima verdadeira que uma vida tranqüila sem nenhuma vaga é um mar morto. É ele

---

uma atenção mais séria dos psiquiatras (D, p. 171, nota 126).

<sup>520</sup> O debate sobre a crença nos “espíritos” está no cerne dos processos de feitiçaria que se desenvolveram ao final do século XVI e se amplificaram de maneira epidêmica no início do século XVII. Os nomes alegados pela antigüidade pagã, aqueles de Dion e Brutus, foram popularizados pela tradução feita por Amyot de suas vidas, a partir do texto de Plutarco. Dion amigo de Platão e homem político que viveu e trabalhou em Siracusa, e Brutus, amigo de Cícero, um dos últimos defensores do republicanismo romano, tinham por opção filosófica comum o platonismo, que acordava importância aos “gênios” e aos seres intermediários. Abraão e Tobias tiveram relação com anjos, espíritos enviados por Deus, dos quais São João também trata no Evangelho que traz seu nome e no *Apocalipse* que lhe é atribuído. O “adulterio coríntio” se refere sem



que nos ensina que o amor penetra freqüentemente onde o conhecimento natural permanece fora. Também ama completamente aquele que o ama em tudo e por todos. Nele nós vemos claramente a prática das coisas necessárias que eu disse acima, para adquirir o soberano bem. Ele disse goza antes do tempo, já que é verdade que mais o amor se estende, e mais se multiplica e aumenta a alegria que dele provém. Mas ó quão são raros estes Hércules que seguem este caminho espinhoso! Quão poucos alcançaram a esta alta contemplação! Há destes, no entanto. Pois ainda que nós estejamos em uma época perdida de vícios e volúpias, se posso dizer que não houve neste século tão mau quem não tenha mencionado algum homem de virtude muito assinalada, e que o número se encontrará maior daqueles que atingiram a perfeição de uma muito rara santidade, que daqueles que foram maus em todas as extremidades, Deus fazendo nisso aparecer seu poder acima dos esforços de seu inimigo.

Quanto ao homem prudente, é aquele que, misturado no mundo, usa do que está no mundo para seu uso com algum contentamento, que reconhece o magistrado, que obedece às leis, quem se esforça pelo conhecimento das ciências em ser útil ao seu próximo e que no entanto reconhece que ele tem todas coisas da liberalidade de seu soberano, ao qual ele refere todas as ações, não todavia com tanta elevação que o celeste, mas que se desvia do mal tanto quanto lhe é possível e fazendo o bem tanto quanto pode praticar entre os homens, lhes aconselha pela sua prudência, lhe serve de luz pelo seu exemplo; este que ensina aos mundanos que as ciências são muito necessárias à vida humana, que é por elas que nós restabelecemos a saúde, que administramos a justiça, que estabelecemos as polícias, que conservamos os estados, e que temos conhecimento dos oráculos, é a vontade Divina. É ele quem ensina aos Reis, que os superiores, tanto espirituais quanto temporais, não são potências usurpadas, mas assim ordenadas pelo soberano Monarca para nos reger e nos conduzir sob sua autoridade. Seu objeto tem dois fins, Deus e o próximo, não por uma afeição simples e voluntária, mas por uma ação real (bem que nossos dois fins sejam somente uma única e mesma coisa, já que uma se refere à outra); assim ele desposou a ação, como o celeste a contemplação, e que todavia não permanece ligado às coisas mundanas, tendo esta crença que não temos mais liberdade de espírito por estar em uma larga prisão, também que, mais nós temos possessões neste mundo, mais somos largamente prisioneiros, mas não tranquilos em nós mesmos, se nisto pusermos nossa afeição. Felizes três e quatro vezes quem dentre estes grandes bulha de afazeres do mundo tem sempre frente os olhos que é mais expediente em não sê-lo, que ser privado do bem-estar. Feliz

---

dúvida a um texto da primeira épître de são Paulo aos Coríntios, onde o apóstolo trata primeiramente do

aquele que pode comandar a si mesmo e às suas afeições, já que não somente desta tirania (como nossa impiedade a nomeou) adquirimos a vida gloriosa, eternal e bem-aventurada, mas a saúde do corpo pelo regulamento de nossas ações e uma tranqüilidade de espírito pelo temperamento<sup>521</sup> de nossas afeições, que podemos nomear um soberano bem terrestre, já que por esta única via podemos receber algum contentamento entre as misérias da vida.

\*  
\*        \*

Eis o que continha este primeiro discurso com o qual cada um de nós ficou muito admirado com a ousadia daquele que ousara discorrer neste local tão grandes coisas, e ainda mais com o que se encontrava neste país, gente que tinha concepções tão elevadas; mas este gentil homem nos disse que não devíamos nos maravilhar nem com um nem com outro, porque quanto ao primeiro, os *Hermaphrodites* não se preocupam com tudo o que podem dizer deles nem de sua maneira de viver. Pois não há verdade tão eloqüente que os possa persuadir à mudança que nós chamamos de conversação. “Quanto ao segundo (disse ele) ainda que a melhor parte leve a vida que vós haveis podido ouvir acima, em todo caso<sup>522</sup>, há ainda entre eles um bom número de gente de bem e que prefere a virtude a todas as coisas. É verdade que eles não aparecem muito, pois que potência tem a virtude nos lugares onde o vício está em seu trono? Eles se ajudam somente dos acidentes e dos encontros para fazer algumas vezes aparecer sua luz entre tão profundas trevas, assim como pudestes ver por este discurso. Quanto a este outro aqui, ele foi feito sobre uma questão que estava muda dentre aqueles mesmos que fazem profissão da virtude, uns todavia mais contemplativos que os outros que queriam que aqueles que vivem no mundo fossem como sem nenhum cuidado das coisas temporais, e os outros sustentavam o contrário. Podereis ver por este pequeno discurso se suas razões têm alguma aparência”; e a este respeito nós desdobramos o papel onde encontramos escrito nestes termos.

---

adultério, no capítulo VII, e depois dos demônios, no capítulo X (D, p. 175, nota 127).

<sup>521</sup> Ação de temperar, moderação (DL, verbete “*temperament*”).

## QUE A ALMA DO HOMEM DEVE CUIDAR DAS COISAS CORPORAIS

Nossos pensamentos também não devem se ater na terra como a flecha no ar, dizia alguém. Pois o soberano bem do homem durante esta vida depende somente de uma tranqüilidade de espírito. Ora este repouso não pode ser engendrado por coisas cambiantes e transitórias, tais que são todas as terrestres. Deve-se então elevar-se mais alto para adquirir esta felicidade. Tudo isto tem muita verossimilitude, mas quem poderia continuamente separar-se do corpo a não ser pela morte? E esta elevação contínua, é outra coisa senão uma separação? Eu bem sei que a alma é a vida do corpo, e que deve-se conservar a vida para ter a vida. Ou seja, esta imagem divina somente pode se manter em seu perfeito estado por meditações na divindade: mas quem negará que os sentidos não sejam o cimento e a conjunção destas coisas incompatíveis, a Alma e o corpo, a vida e a morte, o incorruptível e o corrompido? A alma deve comandar os sentidos e os sentidos devem guiar o corpo, de sorte que é por eles que a afeição se faz do corporal ao espiritual. É pelo veículo que esta terra animada se porta até o templo da imortalidade. Admirável meio, se o soubermos bem compreender e ainda mais se pudermos usá-lo bem. Pois assim como a vida da alma é a graça divina e a vida dos sentidos, uma assistência de razão, assim a manutenção do corpo só depende da boa conduta dos sentidos assistidos por esse primeiro movimento. É verdade que os dois últimos são por algum tempo privados da vida, ou, antes, eles passam num ser mais perfeito, se eles viveram bem (pois é antes uma morte viva já que eles devem incontinentemente depois serem vivificados na Eternidade). Mas todavia eles são todos os dois corporais, alimentados pelo corpo, conhecidos pelas coisas corporais e bem que a alma seja superior, se ela é criada ao mesmo tempo que os dois outros são engendrados. Ou seja, ela deve perpetuamente assisti-los enquanto estiver ligada a eles. Coisa estranha que seja necessário que o espírito se faça corpo para espiritualizar o corpo. E todavia é necessário, mas pela razão. Pois se ela quisesse se contentar com ela mesma sem trabalhar para seus associados, ela perderia toda a sua glória, somente podendo ser unida à unidade por ter merecido, e seu mérito depende somente de seu governo. Pois nisso consiste sua ação. Ora, em quê ela pode agir, ou por qual coisa ela pode fazer-se conhecer, senão por suas faculdades? É necessário portanto que ela lhes assista, que ela os conduza e que ela os mantenha. Que se aliás ela quiser por muito agradar a seus apetites e concupiscências e que esquecendo sua condição e sua carga ela se torne escrava de suas

---

<sup>522</sup> No original, *si est-ce que: toujours est-il que*, “em todo caso, “no entanto”. Esta locução, considerada como elegante, envelheceu no século XVII (DLL).

vontades, então ela mereceria por ter se deixado conduzir ao nada, de ser privada do soberano ser, já que ela fez vã a intenção de seu criador que era tal que ela devia tomar o mais sutil destas coisas impuras e atraí-lo, para depois nele as juntar. O meio portanto que ela poderá ter entre estas contrariedades, será fazer de forma que o corpo, que os sentidos e que ela mesma sejam somente razão: entendo que é necessário que ela não seja tão espiritual, que não pense ter um corpo que é necessário manter para poder dele usar livremente, e que ela não seja também tão corporal que não se lembre de sua essência, e que ela é a segunda causa da beatitude de todos os dois. Não me dizeis então mais que é necessário ter perpetuamente o espírito tendido às coisas celestes. É a mim permitido, e mesmo me é comandado pensar no que é do corpo, e desde que se possa sempre observar em mim uma razão incorporada, e um corpo elevando-se pouco a pouco, pois isto se deve fazer assim. Nossa vida corre por círculos de vários anos antes de chegar a seu trópico. Porque quereis então somente o que é mais fácil na vida, que é o viver, se conduza a seu fim por uma longa seqüência de tempo, e que o que é mais difícil, que é a perfeição, se conclua num momento? Não, a ordem das coisas não o quer assim. Permitam então que meus sentidos combatam uma certo tempo a fim de mais merecer. Mas eu quero que combatam: pois não sou da Ilha dos *Hermafroditas* nem da seita de Epicuro, eu não quero sufocar o espírito; quero que ele reluzo em mim, que ele aja, e mesmo que sobrepuje o corpo tanto quanto eu poderia, e mediante a assistência suprema, não por razão. Sei que nasci entre os homens, num certo país e sob um estado ou seja, sob certas leis. Porque estimais mal se, vendo estes homens aflitos, o país arruinado e as leis derrubadas, discorro, lamento e medito sobre os meios do restabelecimento. Não sei que a eles estou ligado? Que perdendo isto me perco, que esta desordem me atormentaria sob sua ruína? Meus sentidos que, por alguma espécie de providência, julgam sobre minha miséria futura, têm dela uma apreensão ainda maior quando vêem de longe a infelicidade chegar a passos largos; e a parte vegetante, que teme sobretudo a necessidade lhes causa ainda mais pena, de modo que estas Idéias tantas vezes representadas não podem impedir que elas engendrem discursos conformados à primeira causa. Eis porque escutais hoje quase todo mundo discorrer sobre a miséria do tempo. Bem sei agora que pensais ter ganho de causa. Pois eis-me (dizeis vós) todo corporal inteiramente apegado à utilidade e ao corruptível. Mas esperais e julgareis que me elevo até o Arquétipo<sup>523</sup>. Pois reconheço as causas destas desordens. Sei que o mal procede de nós e que a punição vem do alto. É necessário então arrepende-nos em nós sobre nossas dissoluções e pedir a Deus a misericórdia. Eis onde

---

<sup>523</sup> Termo filosófico que designa o modelo gerador ou a causa primeira (DL, verbete “*archétype*”).

tendem meus discursos: não tomareis estes dois fins por justos e razoáveis? Não quero negar que não desejo o repouso para estar mais à vontade. Porque não? Isto é natural à parte corporal. Fugirei todos os dias da necessidade tanto quanto me for possível, e se me incomodo em alguma coisa para tornar o corpo mais pronto aos comandos do espírito, ou seja, para servir a Deus (pois Deus sendo o centro da alma, ela não deve ter essencialmente outro querer além daquele de seu Deus), quero, se me for possível, que seja por vontade e não por constrangimento. Mas que no entanto eu queira resistir (tanto quanto poderia) à vontade Divina, isto ainda não entrou na minha imaginação. Sei que não tenho razão de queixar-me da sua bondade, e que, antes, devo admirar sua justiça. Ele me pôs no mundo para sofrer e imitando-o só posso dele herdar a paciência: é necessário portanto que eu suporte, e não permanecer impassível. Mas quem poderia sofrer sem lamentar-se? Não nos enganemos: não há aquele dentre nós, por tão direito e tão constante possa ele ser, que não ressinta movimentos e paixões em sua alma, quando se vê muito incomodado, senão quando o faz de boa vontade. Mas os exemplos deste são também raros nesses tempos como os outros são freqüentes daqueles que o fazem por força. É verdade que podemos ser tomados pela paixão, mas não subjugados. E é nisso que a prudência e a razão devem se exercer se elas não quiserem perder o Império que lhes foi dado sobre este Imperador terrestre. Feliz quem pode alcançá-lo, e que sem querer empreender mais que a capacidade de sua natureza, usa por razão do meio que lhe foi dado para alcançar seu fim.

\*

\*      \*

Julgávamos as razões deste discurso acompanhadas de muita verossimilitude e começávamos a aprofundar mais adiante esta concepção, quando um de nossa trupe, mais contemplativo que os outros, ofendeu-se com muitas coisas que estavam aí contidas, e querendo mostrar que ele se fundava na razão, começava já a replicar contra a opinião do outro. Mas nosso Gentil-homem viajante, que via isto tomava um longo traço<sup>524</sup>, adiou a disputa para uma outra vez e retomando seu discurso, que fora interrompido por todas estas leituras, nos disse:

---

<sup>524</sup> *Prendre trait*: durar muito tempo (DLL).

“Tendo pego estes papéis, segui meu condutor até na sala onde ele jantara, que encontrei toda cheia de gente, uns ainda zombando, outros folgazando, e os outros entretendo-se juntos; mas cada um deles se dera nomes graciosos, como “meu coraçãozinho, meu amor, meu tudo”, e outros similares. Quanto àqueles que zombavam e folgavam, não me divertia muito nisso temendo ver alguma coisa que não me tivesse sido porventura agradável, mas me detinha a escutar aqueles que discorriam. Estimava que devia aprender mais com todos estes que com o que resta. Assim chegando mais perto, ouvi um desta trupe que sustentava que a ambição era uma gentileza de espírito e que se contentar com a fortuna era antes ócio e preguiça que sabedoria. Que aquele que não se vangloriava devesse ser todo estúpido e sem sentimento, que era pela ambição que as mais belas intenções se faziam aparecer, e que podiam em seguida dar reputação, não podendo crer que um homem pode ser bem nascido nesta virtude, como aquela que havia mais brilho, e que podia mais se fazer aparecer; um outro falava altamente dos modos e compleições do Príncipe a quem estava sujeito, tomando em má parte todas as suas empresas, e dando em seus conselhos mais secretos sem ouvi-los, queria que ele governasse seu estado não segundo seus desígnios, mas segundo a fantasia dele que discorria de outra forma. Ameaçava agitar-se às mil maravilhas, principalmente se elevassem às dignidades outras gentes além daquelas que tinham seu partido, ou se introduziam ao dito estado alguns que lhe fossem contrários. E então louvava altamente os outros Príncipes vizinhos, admirando sua sabedoria, sua felicidade e boa conduta, ainda que nenhum tivesse todas estas coisas juntas, e que ao contrário o seu as tivesse, sem comparação, em muito maior perfeição. É verdade que, tendo um pouco demais se avançado para louvar um dentre os outros, as notícias que lhe contaram imediatamente, e que ele ainda não ouvira, lhe fizeram mudar tão logo a palinódia, chamando-o tacitamente por um nome que quisemos dar ao Imperador dos Abissínios<sup>525</sup>. Isto foi porque um outro que estava todo contra ele começou a desprezar fortemente os costumes e as leis de seu país, ao contrário fazendo grande caso dos outros. Ele chamava de prudentes aqueles que estavam plenos de vaidade<sup>526</sup> e, sábios aqueles de quem as ações eram somente loucura; felizes aqueles que eram tiranizados; avisados aqueles que eram ordinariamente enganados e de boa natureza aqueles que eram plenos de malícia, sedição ou rebelião. Numa palavra, todos os vícios dos outros povos lhe eram agradáveis, porque eles tinham em suas ações certa aparência de virtude. Mas a virtude do seu lhe era odiosa, porque era franca demais, livre demais e sem artifício e, em consequência, sem

---

<sup>525</sup> O imperador da Abissínia era chamado “Padre João”. É possível que este nome tenha tomado um sentido familiar ou de insulto em razão dos empregos figurados da palavra “joão” (D, p. 183, nota 128).

<sup>526</sup> *Vent*: vaidade, orgulho (DLL).

brilho, de modo que isto lhe fazia desejar a boa fortuna dos outros, que sem dúvida (pelo que soube depois) foi o cúmulo da miséria. Lá perto estava uma outra pequena trupe junta, da qual me aproximava, porque prestando a às vezes a orelha ao que eles diziam, ouvira freqüentemente o nome de *Hermafrodita*, o que me fez pensar que eles estavam lá em algum bom discurso; e pelo que pude ouvir depois, eles falavam de sua origem e da causa de seu nome. Aquele que fazia esta proposição dizia que seu Deus fora engendrado por Mercúrio, ou seja, *Hermes*, e por Vênus, dita também *Afrodite*, e que estes dois nomes haviam composto o seu<sup>527</sup>; que na verdade aqueles de sua natureza foram inteiramente de maus augúrios e malfadados aos outros Romanos, que os tinham como uma coisa monstruosa, do tempo que esta República era ainda grosseira e sem civilidade; mas desde que seus espíritos se foram um pouco mais polidos, e a ferocidade de suas coragens um pouco mais amolecida, eles os tiveram em maior estima que todo o resto de seus cidadãos: “E porque este Império comandou todo o resto do mundo, isto foi causa, dizia, que nós fomos assim dispersos por todo o mundo. É bem verdade que antes nós não tínhamos pouco crédito na Grécia e nas outras regiões do Oriente, mas tudo isto não foi nada no que concerne a reputação que nos adquiriu a grandeza desta Monarquia.” Ele falava ainda quando um outro veio estorvar (pois é uma conveniência nesta esta nação interromper-se assim um ao outro, e preferir suas concepções às de outrem pela boa opinião que cada um tem de si mesmo): “Quanto a mim, disse, não entro em meditações tão sublimes; deixo lá estes discursos políticos, e sou da opinião de nossos adversários, que têm que a mais necessária ciência é aquela que ensina o conhecimento de si mesmo. É verdade que eles querem que isto se faça a fim de humilhar-se e de abaixar-se, e eu digo que deve-se estudar nesta doutrina para mais e mais admirar-se e elevar-se, tendo sempre boa estima de si mesmo e tratando de alimentar e de manter esta boa opinião, não somente em nossa fantasia (pela reflexão que se faz no interior sobre cada uma de nossas ações), mas também na opinião<sup>528</sup> de todos aqueles que nos freqüentam, quando bem seria a falso título, pois que importa de qual lado possa vir o louvor, é um perfume que não saberia produzir nada além de um muito agradável odor; nunca este instrumento me faz mal às orelhas, qualquer seja a má mão que o possa tocar. Eis porque eu queria que cada um dos nossos tendesse a este fim: a saber, que todos os nossos discursos fossem nossos próprios louvores, ainda que fosse fora de propósito e sem razão, de nossas perfeições, bem que elas sejam desconhecidas a quem que isto possa ser que a nós mesmos, de nossas valentias imaginárias, que são sempre as

---

<sup>527</sup> Esta é a origem atribuída por Ovídio em suas *Metamorfoses* ao Hermafrodita (D, p. 183, nota 129).

<sup>528</sup> *Créance*: oposição entre a *creance* (opinião que se faz do outro) e a *fantaisie* (termo não pejorativo), imagem que se faz de si (D, Léxico).

mais bravas e as mais ousadas, de nossas cortesias que não são nunca sem dissimulação, ou sem algum desígnio de maior proveito. E no que concerne o que os outros devem dizer de nós, gostaria que sem nos ater a tudo o que o vulgar sem julgamento e sem discrição algaravia de todas as nossas ações à nossa desvantagem, que nós tivéssemos sempre perto de nós (uns mais, outros menos, cada um segundo seu poder) alguns galantes homens tais que devem ser os libertos dos antigos Imperadores Romanos, estes *gnatons*<sup>529</sup>, estes parasitas histriões para louvar todas as nossas virtudes espirituais, isto é, invisíveis. Nossos bemfeitos, principalmente aqueles que nós estreitamos preciosamente na potência de nossa vontade, nossos discursos que representam mais inocentemente os mistérios mais escondidos de Vênus. Que farão exclamações e admirações sobre nossas Fanfarronadas, e nos servirão de testemunhos para as coisas que nunca foram e que eles nunca viram, tendo sempre estes refrãos sobre tudo o que nós podemos dizer, de “sim, sim”, “não, não”, “é isso”, e outras semelhantes, pois as contradições são para as escolas Pedantescas. Nesta Ilha onde se faz profissão de toda civilidade, é necessário que antes a complacência esteja em prática que a disputa, principalmente entre essa gente, que nasceu somente para o louvor ativo e indiferente. Pois eu não queria que eles se ocupassem de controlar algumas ações, exceto para exaltar uma outra, que se voltaria mais à nossa reputação, pois é este branco que eles devem visar<sup>530</sup>, como a coisa que os garante mais de pôr facas<sup>531</sup> sobre a mesa e os mantém sem nenhum cuidado salvo aquele de dar-se bom tempo. Eis uma das indústrias que eu desejaria mais que colocássemos em prática sem nos ater a tantos vãos discursos, que servem somente para alambicar nosso espírito sem dele tirar nenhum contentamento. Quanto a mim, como um bravo Trasco<sup>532</sup> me vingarei sempre do impossível e terei pelo menos o contentamento em si mesmo, que posso render minha imaginação mais poderosa do que a natureza, e fazer que minha persuasão me torne mais feliz que o mesmo efeito, do qual eu não poderia gozar sem pena, e esta me chegará sem trabalho. Aqueles são loucos e frenéticos que se matam o coração e o corpo para adquirir-se renome visto que uma palavra ousada, que nossos adversários chamam impudência, e uma bela confiança que eles nomeiam petulância nos pode dar mais disso num quarto de hora do que os trabalhos em vinte e cinco anos saberiam adquirir para nós. Todas estas

---

<sup>529</sup> Nome de parasita na comédia antiga (DL, verbete “*gnaton*”).

<sup>530</sup> A expressão “visar o branco” (*butter au blanc*) pertence ao vocabulário técnico da artilharia. Trata-se de tocar a parte branca do alvo que serve de mira (diz-se ainda: *de but en blanc*, “de pé para a mão”, “sem precaução”, “inconsideradamente”, “repentinamente”). O uso desta expressão estendeu-se ao vocabulário dos jogos: o branco pode designar com efeito uma moeda (palavra de onde saiu a *blanque*, “jogo de azar em forma de loteria”, designando um banco ou uma loteria) colocada sobre uma quilha que se deve acertar (DL, verbete “*butter*”).

<sup>531</sup> Pôr a mesa, armar a mesa; trocadilho com o sentido figurado de “tirar as armas” (DL, verbete “*couteaux*”).

<sup>532</sup> *Thrason*, soldado fanfarrão da comédia antiga (DL, verbete “*trasco*”).



formalidades são somente velhos erros que a ignorância entretém dentre alguns que a maioria do mundo o faz crer ser em muito grande estima dentre nós, mas as pobres gentes são bem abusadas, pois longe de lá que se deva fazer caso disso que ao contrário eu tenho que devemos bani-los de nossa companhia, na medida em que se poderá fazer, como gentes inteiramente contrárias à volúpia e à vida repousada da qual nós fazemos profissão.”

Este queria passar mais adiante mas aqueles que brincaram querendo retirar-se em seus quartos e os outros querendo ir fazer alguma visita, isto interrompeu todo discurso, pois cada um foi obrigado a tomar partido. Uns montaram a cavalo, ou antes os montaram, pois tendo posto o pé num estribo enquanto que um valete segurava o outro, um supostamente os elevavam até a sela. Davam-lhes depois certos véus muito delicados que colocavam frente a seus semblantes para protegê-los do tisme. Me disseram também que alguns colocavam máscaras. Quanto aos outros, eles subiram em carroças que somente desfilavam. Mas o Senhor de meu condutor subiu na liteira onde não havia pouca maneira para fazê-lo entrar. Dois sustentando o marcha-pé, enquanto que ele, sem se precipitar avançava um pé depois do outro. Todo o resto se passou incontinente, uns de um lado, outros do outro. Quanto a mim, que não tinha vontade de segui-los, e que já propusera ir passear num muito delicioso jardim que eu vira pelas janelas desta sala, não fui curioso demais em perguntar onde eles isam, procurando somente a entrada deste local de prazer, a qual tendo muito facilmente encontrado, vários dentre eles indo eles mesmo passear, me encontrava nas mais belas aléias que seja possível de imaginar-se, tanto pela altura das paliçadas, que era a perder de vista, quanto pela industriosa disposição dos gabinetes e pela graciosa invenção dos compartimentos que estava na entrada. Neste local de volúpia me pus a ler os discursos que vos mostrei acima, esperando o retorno de meu homem, o que me distraiu por uma boa parte do resto deste após-jantar. Mas, ao que vejo, disse, não vos aborreceis em me escutar.” – “Não, lhe dissemos nós, quando continuaríeis várias jornadas, pois quem poderia se aborrecer ouvindo tantas novidades?” – Bom, disse, já que sois insaciável, retomaremos amanhã o mesmo propósito, mas por hora, demos a nós alguma pausa. O discurso será ainda mais agradável quando terá sido algumas vezes interrompido.” Concedemos tudo o que ele quis, agradecendo-lhe com toda a cortesia que nos foi possível por sua boa vontade. Assim deixando-o em repouso, retiramo-nos aos nossos quartos, não sem fazer muitos discursos sobre tudo o que havíamos escutado.

FIM

### PARTE III: *Anexo de textos*

**PLATÃO. O banquete. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 28 a 32:**

[...] Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançavam a uma rápida corrida, como os que cambalhotando e virando as pernas para cima fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se

locomoviam em círculo. Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores. Eram por conseguinte de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham; mas voltaram-se contra os deuses, e o que diz Homero de Efialtes e de Otes é a eles que se refere, a tentativa de fazer uma escalada ao céu, para investir contra os deuses. Zeus então e os demais deuses puseram-se a deliberar sobre o que se devia fazer com eles, e embaraçavam-se; não podiam nem matá-los e, após fulminá-los como aos gigantes, fazer desaparecer-lhes a raça – pois as honras e os templos que lhes vinham dos homens desapareceriam – nem permitir-lhes que continuassem na impiedade. Depois de laboriosa reflexão, diz Zeus: “Acho que tenho um meio de fazer com que os homens possam existir, mas parem com a intemperança, tornados mais fracos. Agora com efeito, continuou, eu os cortarei a cada um em

dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tornado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas. Se ainda pensarem em arrogância e não quiserem acomodar-se, de novo, disse ele, eu os cortarei em dois, e assim sobre uma só perna eles andarão, saltitando.” Logo que o disse pôs-se a cortar os homens em dois, como os que cortam as sorvas para a conserva, ou como os que cortam ovos com cabelo; a cada um que cortava mandava Apolo voltar-lhe o rosto e a banda do pescoço para o lado do corte, a fim de que, contemplando a própria mutilação, fosse mais moderado o homem, e quanto ao mais ele também mandava curar. Apolo torcia-lhes o rosto, e repuxando a pele de todos os lados para o que agora se chama o ventre, como as bolsas que se entrouxam, ele fazia uma só abertura e ligava-a firmemente no meio do ventre, que é o que chamam umbigo. As outras pregas, numerosas, ele se pôs a polir, e a articular os peitos, com um instrumento semelhante ao dos sapateiros quando estão polindo na forma as pregas dos sapatos; umas poucas ele deixou, as que estão à volta do próprio ventre e do umbigo, para lembrança da antiga condição. Por conseguinte, desde que nossa natureza se mutilou em duas, ansiava cada um por sua própria metade e

a ela se unia, e envolvendo-se com as mãos e enlaçando-se um ao outro, no ardor de se confundirem, morriam de fome e de inércia em geral, por nada quererem fazer longe um do outro. E sempre que morria uma das metades e a outra ficava, a que ficava procurava outra e com ela se enlaçava, quer se encontrasse com a metade do todo que era mulher – o que agora chamamos mulher – quer com a de um homem; e assim iam-se destruindo. Tomado de compaixão, Zeus consegue outro expediente, e lhes muda o sexo para a frente – pois até então eles o tinham para fora, e geravam e reproduziam não um no outro, mas na terra, como as cigarras; pondo assim o sexo na frente deles fez com que através dele se processasse a geração um no outro, o macho na fêmea, pelo seguinte, para que no enlace, se fosse um homem a encontrar uma mulher, que ao mesmo tempo gerassem e se fosse constituindo a raça, mas se fosse um homem com um homem, que pelo menos houvesse saciedade em seu convívio e pudessem repousar, voltar ao trabalho e ocupar-se do resto da vida. É então de há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador da nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana. Cada um de nós portanto é uma tábua complementar de um homem,

porque cortado como os linguados, de um só em dois; e procura então cada um o seu próprio complemento. Por conseguinte, todos os homens que são um corte do tipo comum, o que então se chamava andrógino, gostam de mulheres, e a maioria dos adultérios provêm deste tipo, assim como também todas as mulheres que gostam de homens e são adúlteras, é deste tipo que provêm. Todas as mulheres que são o corte de uma mulher não dirigem muito sua atenção aos homens, mas antes estão voltadas para as mulheres e as amiguinhas provêm deste tipo. E todos os que são corte de um macho perseguem o macho, e enquanto são crianças, como cortículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar, e são estes os melhores meninos e adolescentes, os de natural mais corajoso. Dizem alguns, é verdade, que eles são despudorados, mas estão mentindo; pois não é por despudor que fazem isso, mas por audácia, coragem e masculinidade, porque acolhem o que lhes é semelhante. Uma prova disso é que, uma vez amadurecidos, são os únicos que chegam a ser homens para a política, os que são desse tipo. E quando se tornam homens, são os jovens que eles amam, e a casamentos e procriação naturalmente eles não lhes dão atenção, embora por lei a isso sejam forçados, mas

se contentam em passar a vida um com o outro, solteiros. Assim é que, em geral, tal tipo torna-se amante e amigo do amante, porque está sempre acolhendo o que lhe é aparentado. Quando então se encontra com aquele mesmo que é a sua própria metade, tanto o amante do jovem como qualquer outro, então extraordinárias são as emoções que sentem, de amizade, intimidade e amor, a ponto de não quererem por assim dizer separar-se um do outro nem por um pequeno momento. E os que continuam um com o outro pela vida afora são estes, os quais nem saberiam dizer o que querem que lhes venha da parte de um ao outro. A ninguém com efeito pareceria que se trata de união sexual, e que é porventura em vista disso que um gosta da companhia do outro assim com tanto interesse; ao contrário, que uma coisa quer a alma de cada um, é evidente, a qual coisa ela não pode dizer, mas adivinha o que quer e o indica por enigmas. Se diante deles, deitados no mesmo leito, surgisse Hefesto e com seus instrumentos lhes perguntasse: Que é que quereis ó homens, ter um do outro?, e se, diante do seu embaraço, de novo lhes perguntasse: Porventura é isso que desejais, ficardes no mesmo lugar o mais possível um para o outro, de modo que nem de noite nem de dia vos separeis um do outro? Pois se é isso que desejais, quero fundir-vos e

forjar-vos numa mesma pessoa, de modo que de dois vos torneis um só e, enquanto viverdes, como uma só pessoa, possais viver ambos em comum, e depois que morrerdes, lá no Hades, em vez de dois ser um só, mortos os dois numa morte comum; mas vede se é isso o vosso amor, e se vos contentais se conseguirdes isso. Depois de ouvir essas palavras, sabemos que nem um só diria que não, ou demonstraria querer outra coisa, mas simplesmente pensaria ter ouvido o que há muito estava desejando, sim, unir-se e confundir-se com o amado e de dois ficarem um só. O motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo; e portanto ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor. Anteriormente, como estou dizendo, nós éramos um só, e agora é que, por causa da nossa injustiça, fomos separados pelo deus, e como o foram os árcades pelos lacedemônios; é de temer então, se não formos moderados para com os deuses, que de novo sejamos fendidos em dois, e perambulemos tais quais os que nas estelas estão talhados de perfil, serrados na linha do nariz, como os ossos que se fendem. Pois bem, em vista dessas eventualidades todo homem deve a todos exortar à piedade para com os deuses, a fim de que evitemos uma e alcancemos a outra, na medida em que o

Amor nos dirige e comanda. Que ninguém em sua ação se lhe oponha – e se opõe todo aquele que aos deuses se torna odioso – pois amigos do deus e com ele reconciliados descobriremos e conseguiremos o nosso próprio amado, o que agora poucos fazem. E que não me suspeite Erixímaco, fazendo comédia de meu discurso, que é a Pausânias e Agatão que me estou referindo – talvez também estes se encontrem no número desses e são ambos de natureza máscula – mas eu no entanto estou dizendo a respeito de todos, homens e mulheres, que é assim que a nossa raça se tornaria feliz, se plenamente realizássemos o amor, e o seu próprio amado cada um encontrasse, tornado à sua primitiva natureza. E se isso é o melhor, é forçoso que dos casos atuais o que mais se lhe avizinha é o melhor, e é este o conseguir um bem-amado de natureza conforme ao seu gosto; e se disso fôssemos glorificar o deus responsável, merecidamente glorificaríamos o Amor, que agora nos é de máxima utilidade, levando-nos ao que nos é familiar, e que para o futuro nos dá as maiores esperanças, se formos piedosos para com os deuses, de restabelecer-nos em nossa primitiva natureza e, depois de nos curar, fazer-nos bem-aventurados e felizes.

**OVIDE. Les métamorphoses. Traduction nouvelle avec introduction et notes par J. Chamonard. Paris: Librairie Garnier Frères, 1936, p. 180-187:**

[...] On sollicite Alcithoé, après que ses soeurs se furent tues. Celle-ci, tout en laissant courir sa navette entre les fils verticaux de sa toile: “[...] c’est par une touchante aventure ignorée de vous que je retiendrai votre attention.

“D’où vient que Salmacis soit décriée, pourquoi l’action malfaisante de ses eaux énerve-t-elle et ramollit-elle les membres qu’elles ont touchés? Apprenez-le. La cause en est ignorée, mais bien connues sont les propriétés de la source. Un enfant étant né de Mercure et de la déesse de Cythère, il fut nourri par les naïades dans les grottes de l’Ida; son visage était tel qu’on y pouvait reconnaître les traits de son père et de sa mère; c’est aussi d’eux qu’il tira son nom. Quand il eut accompli sa quinzième année, il abandonna les montagnes de sa patrie, et, quittant l’Ida qui l’avait nourri, il était tout à la joie d’errer dans des lieux inconnus, de voir des fleuves inconnus; la curiosité lui rendait plus légère la fatigue. Il visite aussi les villes lyciennes et les Cariens, voisins de la Lycie. Là, il voit un étang dont l’eau est transparente jusqu’au fond. Il n’y pousse ni roseaux de marais, ni herbes stériles, ni joncs à la pointe acérée; le regard en traverse l’onde limpide. Pourtant, les confins de l’étang sont bordés de gazon vivace et d’herbes

toujours vertes. Une nymphe l’habite, mais peu faite pour la chasse; elle n’est pas de celles qui sont habituées à tendre un arc ou à forcer le gibier à la course; c’est la seule des naïades qui soit inconnue de la rapide Diane. Souvent, rapporte-t-on, ses soeurs lui ont dit: “Salmacis, prends un javelot ou un carquois peint de vives couleurs, et coupe ton oisiveté des dures fatigues de la chasse.” Elle ne prend ni javelot ni carquois aux vives couleurs, et elle ne coupe pas son oisiveté des dures fatigues de la chasse. Mais tantôt elle baigne longuement dans sa propre fontaine ses beaux membres; souvent elle passe un peigne du Cytore dans ses cheveux, et elle consulte sur ce qui lui sied l’eau où elle se mire. Tantôt, le corps enveloppé d’une voile transparent, elle s’étend sur une molle couche de feuilles ou d’herbes. Souvent elle cueille des fleurs. Elle en cueillait aussi par hasard ce jour-là, quand elle vit l’enfant, et, l’ayant vu, elle souhaita de le posséder. Elle ne l’aborda pas cependant, quelle que fût sa hâte de l’aborder, avant d’avoir vérifié sa parure et, d’un regard circulaire, les plis de son voile d’avoir assuré l’expression de son visage et fait tout ce qu’il fallait pour paraître belle. Elle prit alors la parole en ces termes: “Enfant, digne entre tous

qu'on te croie un dieu, si tu es un dieu, tu peux être Cupidon; si tu es un mortel, heureux ceux à qui tu dois le jour, heureux aussi ton frère, bien heureuse certes, si tu en as une, ta soeur, et la nourrice qui t'a donné le sein. Mais, bien plus que tous, bien plus heureuse celle qui est ta fiancée, si tu en as une, la femme, s'il en est une, que tu honoreras de la torche nuptiale. Si tu en as une, je consens à ne prendre de toi qu'un furtif plaisir; si ce n'est aucune autre que ce soit moi; viens, partageons la même couche." La naïade se tut alors. La rougeur couvrit le visage de l'enfant; car il ignore ce qu'est l'amour. Mais cette rougeur même lui seyait. C'est la couleur des fruits aux branches d'un arbre exposé au soleil, ou celle de l'ivoire empourpré, ou celle de la lune quand sa blancheur se teinte de rouge, aux moments où résonne vainement le bronze pour lui porter secours. Comme la nymphe lui demandait, avec insistance, tout au moins des baisers de soeur, et déjà portait les mains à son cou d'ivoire: "As-tu fini? Sinon, je m'en vais et je vous quitte, toi et ton étang!" Salmacis prit peur: "Je te laisse la place libre, ô étranger", dit-elle, et elle feint de s'éloigner en revenant sur ses pas. Non toutefois sans jeter encore un regard derrière elle; puis, elle se dissimula à l'abri d'un épais buisson et s'agenouilla. L'enfant, qui se croit seul dans la prairie

et ignore qu'on l'observe, va d'ici de là, et mouille dans l'onde, où se joue la brise, la plante de ses pieds, de la pointe au talon. Et, sans hésiter, séduit par la tiédeur de l'eau qui caresse, il rejette loin de son corps délicat ses souples vêtements. Salmacis, interdite, s'enflamma de désir pour ce beau corps nu. Les yeux de la nymphe brillent, tout de même que brille de tout son éclat le disque sans tache de Phoebus quand l'image s'en reflète dans un miroir qu'on lui présente. Elle maîtrise mal son impatience, elle a peine à retenir ses transports; elle brûle maintenant de l'étreindre, elle contient mal sa folle ardeur. L'enfant, après s'être donné du creux des mains quelques claques sur le corps, saute à l'eau, et nage d'un mouvement alterné des bras dans l'onde limpide au travers de laquelle il luit, comme les statuette d'ivoire ou les lis blancs quand on les couvre d'un verre transparent. "Victoire! Il est à moi!" s'exclame la naïade; et rejetant au loin tous ses vêtements, elle s'élançe en pleine eau, saisit l'enfant qui se débat, lui arrache, à la faveur de la lutte, des baisers, glisse sous lui ses mains, caresse malgré lui sa poitrine. Le jeune homme se sent enveloppé tantôt d'un côté, tantôt de l'autre; enfin, malgré sa résistance et ses tentatives pour lui échapper, elle l'enlace; ainsi le serpent que retient dans ses serres et emporte dans l'air l'oiseau royal;

suspendu, il emprisonne la tête, les pattes du ravisseur, et de sa queue s'enroule autour des ailes éployées; ou tel le lierre enveloppe les grands troncs; ou tel enfin le poulpe, aux profondeurs des mers, immobilise son ennemi prisonnier dans ses tentacules jetés de tous côtés. Le descendant d'Atlas résiste et refuse à la nymphe les voluptés qu'elle se promet. Elle resserre son étreinte, et de tout son corps engagée dans la lutte, elle ne faisait plus qu'un, eût-t-on dit, avec l'enfant: "Tu peux te débattre, méchant, dit-elle, mais tu ne m'échapperas pas! O dieux, ordonnez que jamais cet enfant ne puisse se détacher de moi, ni moi de lui." Ces vœux trouvèrent les dieux favorables. Car leurs corps à tous deux sont mêlés dans une intime union et n'ont plus à deux qu'un aspect unique. De même que si l'on rabat la même écorce sur deux rameaux, on les voit, en croissant, se joindre et grandir ensemble comme une même branche, de même, depuis que

leurs membres se sont mêlés en une étreinte tenace, ce ne sont plus deux êtres, et pourtant ils participent d'une double nature; et, sans que l'on puisse dire que c'est une femme ni un enfant, l'aspect n'est celui ni de l'un ni de l'autre, en même temps qu'il est celui des deux. Quand donc l'enfant voit que ces eaux limpides, où il était entré homme, ont fait de lui un demi-mâle, que, pour s'y être plongé, la vigueur de ses membres s'est amollie, tendant les mains, mais d'une voix qui n'est déjà plus celle d'un homme, Hermaphrodite s'écrie: "Accordez cette grâce, ô mon père, ô ma mère, à votre fils qui porte vos deux noms: que tout homme qui sera baigné dans cette fontaine n'en sorte plus qu'homme à moitié, et, dès qu'il aura touché ses eaux, perde aussitôt sa force." Émus, ses deux parents exaucèrent le vœu de leur fils désormais à double forme, et diluèrent dans les eaux de la fontaine un philtre aux effets malfaisants."



## Bibliografia

### 1. Edições da Ilha dos hermafroditas

- Les Hermaphrodites (ou) L'isle des Hermaphrodites nouvellement decouverte – Avec les moeurs, loix, coustume et ordonnances des habitants d'icelle, s.l.n.d. [Paris, 1605].

Esta edição tem formato in-12, 235 páginas e uma gravura. Dubois informa a existência de diversos exemplares do texto, impressos entre 1605 e 1610, com pequenas diferenças quanto aos motivos decorativos e ao agenciamento das letras nos títulos.

- Description de l'Isle des Hermaphrodites nouvellement decouverte, contenant les Moeurs, les Coustumes et les Ordonnances des Habitans de ceste Isle [...]. Suplemento ao *Journal de Henri III*, de Pierre de L'Estoile. Colonia: Herdeiros de Herman Demen, 1724.

Segundo Dubois, esta obra traz um “Avis au lecteur” de Jean Godefroy, uma gravura modificada em relação à edição *princeps* e tanto a ortografia quanto a pontuação do texto francês estão modernizados. Trata-se de um suplemento ao *Journal de Henri III*, de Pierre de L'Estoile, edição realizada por J. Le Duchat e J. Godefroy, Colonia: Herdeiros de Pierre Marteau, 1720, 3 volumes. A obra fez-se notar pela inquisição, como prova o documento encontrado nos Arquivos Históricos Nacionais de Madri, uma *Censura del libro francés “La isla de los Hermafroditos”* datada de 1727.

- Description de l'Isle des Hermaphrodites nouvellement decouverte – Avec les Moeurs, loix, Coustumes e Ordonnances des Habitans d'icelle, in *Journal de Henri III, Roy de France et de Pologne, ou Memoires pour servir à l'histoire de France* por Pierre de l'Estoile. La Haye e Paris: P. Gandouin, 1744, 5 vol.

A Ilha dos Hermafroditas ocupa o quarto volume desta segunda edição das memórias de Pierre de l'Estoile, introduzida por um “Avis au lecteur” escrito por Lenglet-Dufresnoy. Segundo ele, como relata Dubois, a edição precedente foi impressa primeiramente em Bruxelas, e não em Colonia, em 1719. Sem provar, Lenglet-Dufresnoy afirma, quanto ao nome do autor, que deve-se ler Thomas ARTUS e não Artus THOMAS.

- L'Isle des Hermaphrodites. Edição, introdução e notas por Claude-Gilbert Dubois. Genebra: Droz, 1996.

Esta última edição traz o texto reproduzido tal qual na edição *princeps*. Ela comporta um estudo sobre a obra em introdução, bibliografia crítica e glossário elaborados por Claude-Gilbert Dubois. Nela consta como anexo o texto de acusação da Ilha dos Hermafroditas pela inquisição espanhola.

### 2. Bibliografia geral

A.F. Doni, I Marmi, a cura de E. Chiorboli, Bari, 1928 in 2 vols.

ANGUISSOLA, Alberto Beretta. “Le Figure Parentali nei Testi Utopici”, in: FORTUNATI, Vita (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.

- ARISTÓTELES. A Política. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AUGRAS, Monique. “Imaginária França Antártica”, em *Estudos Históricos*, vol. 4, nº 7. FGV: Rio de Janeiro, 1991, p. 19-34.
- AURIGEMMA, M. “La Civile Conversatione e i Trattati sul comportamento”, in Autori Diversi, La letteratura italiana. Storia e testi, dir. C. MUSCETTA, Bari: Laterza, 1973, v.IV, Il Cinquecento dal Rinascimento alla Contrariforma, tomo I.
- BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais. 2ª edição. São Paulo: Hucitec / Edunb, 1993.
- BALDINI, Enzo. “Utopia e Riforma Luterana: “Wolfaria” di J. Eberlin”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- BARBIN, Herculine. Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita. Trad. de Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- BARON, H. En Busca del Humanismo Cívico Florentino: ensayos sobre el cambio del pensamiento medieval al moderno. Mexico D. F.: Fondo de Cult. Económica, 1993.
- BATKIN, Leonid M. L’Idea di Individualità nel Rinascimento Italiano. Bari, Laterza, 1992.
- BAYLE, Pierre. Dictionnaire historique et critique. Rotterdam: J. Leers, 1696-97 (artigo Salmacis). 2 tomos, 4 volumes.
- BEC, Christian Le siècle des Médicis. Paris: PUF, 1977.
- BENJAMIN, Walter. “La tâche du traducteur”, in Oeuvres I. Paris: Gallimard, 2000.
- BERTELLI, Lucio. “Genesi e Vicenda dell’Utopia Greca”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- BERTELLI, S. Le Corti Italiani del Rinascimento. Milano: Mondadori, 1985.
- BOF, Giampiero. Escatologia e Utopia, in COLOMBO, Arrigo (org.) Utopia e Distopia. Bari: Ed. Dedalo, 1993.
- BOSQUE, André de. Mythologie et maniérisme. Paris: Albin Michel, 1985.
- BURCKHARDT, J. A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- BURKE, P. et ali. O Homem Renascentista (dir. de Eugenio Garin). Lisboa: Presença, 1991.
- BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800, 2ª edição, São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
- CALMETTE, Joseph. “Le seizième siècle”, in L’ère classique. Paris: Librairie Arthème Fayard, s/d., p. 7-163.

- CAMBI, Maurizio. “Storia e Utopia nel Primo Seicento Francese”, in: FORTUNATI, Vita (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- CAMPANELLA, Tommaso. A Cidade do Sol. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- CAPONE, Glauco. “Sul Rapporto tra Utopia ed Escatologia”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- CARELLA. “Il Libro del Cortegiano di Baldassare Castiglione”, in Letteratura Italiana. Le Opere. Vol. I. Dalle Origini al Cinquecento. Direzione: Alberto Asor Rosa. Torino: Giulio Einaudi Editori, 1992.
- CASSIRER, E. Individuo e Cosmo nella Filosofia del Rinascimento. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1977.
- CASTIGLIONE, B. Il Libro del Cortegiano, a cura di G. Carnazzi. Milano: RCS Rizzoli Libri, 1994.
- CASTIGLIONE, Baldassare O Cortesão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CELLINI, Benvenuto La vita, a cura di Carlo Cordié, Milano-Napoli, Ricciardi / Mondadori, 1996.
- CHEVALLIER, Pierre. Henri III: roi Shakespearien. Fayard, 1990.
- COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Dedalo, 1993.
- CORSANO, A. “L’ideale estetico-morale del Castiglione”, in Studi sul Rinascimento. Bari: Adriatica Editrice, 1949.
- CROUZET, Denis. La nuit de la Saint-Barthélemy. Paris: Fayard, 1994.
- CURCIO, Carlo. Utopisti e Riformatori Sociali del Cinquecento. Bologna: Poligrafici Il Resto del Carlino, 1941.
- DELCOURT, Marie. Hermaphrodite, mythes et rites de la bisexualité dans l’antiquité classique. Paris: P.U.F., 1958.
- DELUMEAU, J. A Civilização do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1984.
- DU BELLAY, Joachim. La deffence et illustration de la langue françoise. Genève: Droz, 2001.
- DUBOIS, Claude-Gilbert. “L’Hermaphrodite: une allégorie énigmatique et son utilisation sous le règne d’Henri IV”, in *Cahiers de Littérature du XVII<sup>e</sup> siècle*, n° 9, 1987.
- \_\_\_\_\_. “Horrible Sphinx et peau de panthère”, in Prose et prosateurs de la Renaissance (Mélanges offerts à Robert Aulotte). Paris: S.E.D.E.S., 1988.
- \_\_\_\_\_. “Un aspect de la littérature utopique dans les lettres françaises sous le règne d’Henri IV”, in *Avènement d’Henri IV, Quatrième Centenaire*. Colloquio IV, Agen-Nérac, 1990. Pau: J. e D. Ed, 1991.

- \_\_\_\_\_. Mots et règles, jeux et délires: études sur l'imaginaire verbal du XVI<sup>e</sup> siècle. Prefácio de Gilbert Durand. Caen: Paradigme, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Le sauvage et l'hermaphrodite”, in La rencontre des imaginaires entre Europe et Amériques. Paris: L'Harmattan, 1993.
- \_\_\_\_\_. “La première anti-utopie française: *Les Hermaphrodites*, 1605”, in Utopia: mitos e formas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (Acarte), 1993.
- \_\_\_\_\_. “Repenser le baroque français dans un cadre européen”, in Le Baroque littéraire: théories et pratiques. Paris: Centre Culturel Portugais (Fundação Calouste Gulbenkian), 1990.
- \_\_\_\_\_. “Renaissance, maniérisme, baroque: réflexions sur un mode d'engendrement”, in Le Baroque en Pologne et en Europe. Paris: INALCO, 1990.
- \_\_\_\_\_. Le Baroque en Europe et en France. Paris: P.U.F., 1995, coleção “Écritures”.
- \_\_\_\_\_. Utopie et utopies: l'imaginaire du projet social européen. Mont-de-Marsan: Ed. Inter-Universitaires, 1994, 2 vol.
- \_\_\_\_\_. Le maniérisme. Paris: P.U.F., 1979.
- \_\_\_\_\_. Le baroque en Europe et en France. Paris: P.U.F., 1995.
- DUBY, Georges. “Renaissance et discordes religieuses, 1515-1589” e “La France baroque, 1589-1661”, in Histoire de la France. Paris: Larousse, 1970, p. 239-261 e 262-284.
- DUMONT, L. O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- E. Chiorboli, “A.F.Doni”, in *Nuova antologia*, 1<sup>o</sup> maggio 1928.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- ELIAS, N. A Sociedade de Corte. Lisboa: Estampa, 1995.
- ERLANGER, Philippe. Henri III. Paris: Gallimard, 1948.
- FAURE, E. A Arte Renascentista. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- FEBVRE, Lucien Michelet e a Renascença. São Paulo: Scritta, 1995.
- \_\_\_\_\_. Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle. Paris: Albin Michel, s/d.
- FIRPO, Luigi (org.). Studi sull'Utopia. Firenze: Leo S. Olschki. 1977.
- FLORIANI, P. “La genesi del “Cortegiano”: i problemi, Esperienza e cultura nella genesi del “Cortegiano”, Idealismo politico e Dall'amore cortese all'amor divino”, in BEMBO E CASTIGLIONE. Studi sul classicismo del Cinquecento. Roma: Bulzoni, 1976.
- FORTUNATI, Vita (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- FORTUNATI, Vita; SPINOZZI, Paola (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo, 1997.

- GARIN, E. L'Umanesimo Italiano - Filosofia e vita civile nel Rinascimento. Bari: Universale Laterza, 1975.
- GARIN, Eugenio (org.) O Homem Renascentista. Lisboa: Presença, 1991.
- GARIN, Eugenio. Rinascite e Rivoluzioni. Roma: Laterza, 1990.
- GIUSSO, L. Ombre neoplatoniche sul “Cortegiano”, in *La Fiera Letteraria*, 30 Iuglio 1955.
- GRANT, Neil. O cotidiano europeu no século XVIII. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Melhoramentos, 1994.
- HELLER, A. O Homem do Renascimento. Lisboa: Presença, 1982.
- HUDDE, Hinrich. “Genere Letterario e Spirito dell’Utopia”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- HUIZINGA, Johan. O Declínio da Idade Média, Braga: Ulisseia, 1996.
- IMBROSCIO, Carmelina. “Identité Collective et Littérature Utopique à l’époque de la Révolution”, in: SPINOZZI, Paola. Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- JAEGGER, Werner. Paidéia. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KLEIN, Robert. A Forma e o Inteligível. São Paulo: Edusp, 1998.
- KRISTELLER, Paul. Ocho Filósofos del Renacimiento Italiano. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1970.
- KRISTELLER, Paul. Tradição Clássica e Pensamento do Renascimento, Lisboa: Edições 70, 1995.
- KRISTELLER, P.O. El Pensamiento Renacentista y sus Fuentes. Mexico: Ed. Fondo de Cult. Economica, 1993.
- La BOÉTIE, Etienne. Discurso da Servidão Voluntária. Edição biligüe. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LACHÈVRE, Frédéric. Les Recueils collectifs de poésies libres et satiriques publiées de 1600 à 1626. Paris: Champion, 1914.
- \_\_\_\_\_. “La première utopie française”, in Histoire du grand et admirable royaume d’Antangil (1616). Paris: La Connaissance, 1933.
- Le GOFF, Jacques. A Bolsa e a Vida: a usura na Idade Média. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- L’ESTOILE, Pierre de. Journal d’Henri III. Paris: Le Livre Club du Livraire, 1963.
- L’ESTOILE, Pierre de. Journal du règne d’Henri III: 1574-1589. Paleo Eds, 2000.
- L’ESTOILE, Pierre de. Registre-journal du règne d’Henri III, 4: 1582-1584. Droz, 2000.

- LÓPEZ, Miguel Martínez. “The Life of Thomas More and the Life of the Utopians. An Anatomy of Paradox”, in:
- LUZI, M. “Un’illusione platonica”, in Un’illusione platonica e altri saggi. Firenze, Edizioni di Rivoluzione, 1941; e nuova edizione con un’appendice di nuovi saggi, Bologna: Boni, 1972.
- MACHIAVELLI, N. Il Principe e altre opere politiche, Milano, Garzanti, 1981.
- MACHIAVELLI, N. O Príncipe. Brasília: Ed. UnB, 1989.
- MANNHEIM, Karl. Ideologia e Utopia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARRONE, Caterina. “L’Autore e il suo Doppio: Identità Onomasiologica dell’Utopia”, in:
- MARCHAND, Prosper. Dictionnaire Historique. La Haye, P. de Hondt, 1758-1759 (artigo Hermafrodita).
- MICHAUD-POUJOLAT. Mémoires pour servir à l’histoire de France. Segunda série, Pierre de l’Estoile. Suplemento ao registro-diário de Henrique IV, 1605, abril.
- MINERVA, Nadia (org.). Per Una Definizione di Utopia. Ravenna: Longo, 1992.
- MINERVA, Nadia. “L’individu et le pouvoir dans l’utopie française de la fin du XVIIe. Siècle et la première moitié du XVIIIe”, in: SPINOZZI, Paola (ed.). Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- MONDOLFO, Rodolfo. Figuras e Idéias da Filosofia da Renascença, São Paulo, Mestre Jou, 1967.
- MONETI, Maria. “Sul Rapporto Utopia-Distopia”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- MONETI, Maria. Utopia. Firenze: La Nuova Italia, 1997.
- MONTAIGNE, M. Ensaíos, 2ª edição, São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MORUS, Thomas. A Utopia. Trad. Luís de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- NOVAES, Adauto (org.). Ética, São Paulo: Cia. das Letras / Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- NUZZO, Enrico. “Vite e Luoghi dell’Anima e della Città Ideale in Platone”, in:
- FORTUNATI, Vita (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- OSSOLA, C. “Il Libro del Cortegiano”: “Ragionamenti” ed “Expedizioni”, in Lettere Italiane. XXXI, 1979.
- PINTARD, René. Le libertinage érudit dans la première moitié du XVII<sup>e</sup> siècle. Paris: Boivin, 1943.
- PIROLA, Giuseppe. “Utopia e Distopia in Ernst Bloch”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.

- PISSAVINO, Paolo. "Lodovico Zuccolo tra dottrina della conservazione e utopia", in: FORTUNATI, Vita (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- PLATÃO. O banquete. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- POTTER, Liz. "Greek History and Utopianism: Utopian Elements in Victorian Commentary on Greek Antiquity", in: SPINOZZI, Paola (ed.). Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- PUNZO, Luigi. "Messaggio versus Personaggio" in: FORTUNATI, Vita. Vite di Utopia. Ravenna: Longo Ed., 1997.
- QUARTA, Cosimo. "L'Utopia di Thomas More: L'Aggancio alla Storia", in: FORTUNATI, Vita (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- QUARTA, Cosimo. "Paradigma, Ideale, Utopia: tre Concetti a Confronto", in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- QUONDAM, A. Introduzione a il libro del Cortegiano. Milano: Garzanti, 1981.
- RACAULT, Jean-Michel. "Fiction utopiche et autobiographie symbolique. La fictionalisation de soi dans le récit utopique au tournant de l'Age Classique", in: FORTUNATI, Vita. Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- RANKE, Leopold von. Historia de los Papas en la Época Moderna, México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- RIZZI, Armido. "Tesi sull'Utopia Cristiana" in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Ediz. Dedalo, 1993.
- RODRIGUES, Antonio E. M.; FALCON, Francisco J. C. Tempos Modernos - Ensaios de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- RÓNAI, Paulo. Escola de tradutores. Rio de Janeiro: Educom, 1976.
- RUSSO, Luigi (org.). Quaderni di "Belfagor" - Contributti alla Storia del Concilio di Trento e della Controriforma. Firenze: Vallecchi, 1948.
- S.Bongi, Vita e catalogo delle opere di A.F.Doni, na edição de Marmi, a cura de P.Fanfani, Florença, 1863.
- SACCONE, E. "Trattato e ritratto: l'introduzione del Cortegiano", in Modern Language Notes. XCIII, 1978, n. I.
- SARPI, Paolo. Istoria del Concilio Tridentino, 2 vols., Firenze, Sansoni, 1982.
- SBERLATI, Francesco. "The Ideal City in Italy during the Renaissance and the Counter-Reformation: A Literary and Political Utopia", in: SPINOZZI, Paola (ed.).

- Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- SCHIAVONE, Giuseppe. “Sulla Dinamica Storica del Progetto Utopico”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- SERRES, Michel. L’Hermaphrodite. Paris: Flammarion, 1987.
- SERVIER, Jean. La Utopia. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- SPINOZZI, Paola (ed.). Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- SPINOZZI, Paola (ed.). Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- SQUAROTTI, G. B. L’onore in Corte: dal Castiglione al Tasso. Milano: F. Angeli, 1986.
- SYMONDS, J.A. - El Renacimiento en Italia, 2 vols., México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- TORNITORE, Tonino. “Les Problèmes Méthodologiques dans l’analyse des Caractères Nationaux de La Città del Sole de T. Campanella.” In: SPINOZZI, Paola (ed.). Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- TROUSSON, Raymond. “La Distopia e la sua Storia”, in: COLOMBO, Arrigo (org.). Utopia e Distopia. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- TROUSSON, Raymond. “Les Protestants et l’Utopie à l’aube des Lumières: Foigny, Veiras et Tyssot de Patot”, in: FORTUNATI, Vita (org.). Vite di Utopia. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- TROUSSON, Raymond. “Philosophe et Religion en Utopie au Seuil du Siècle des Lumières”, in: SPINOZZI, Paola. Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective. Bologna: Cotepra, 2001.
- TROUSSON, Raymond. Viaggi a Nessun Luogo. Ravenna: Longo, 1992.
- VALLONE, A. Cortesía e nobiltà nel Rinascimento. Asti: Casa Editrice Arethusa, 1955.
- (Vários autores). Lettres de Henri III, roi de France. 5:8-04-1580, 31-12-1582. Champion, 2000.
- (Vários autores) La tragédie à l’époque d’Henri III. PUF, 2002.
- (Vários autores). Henri III et son temps. Vrin, 1993.
- VICINELLI, A. Baldassare Castiglione, il cortegiano, il letterato, il politico. Torino: Paravia, 1931.



WOLFF, Philippe. Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?, São Paulo: Martins Fontes, 1988.

YATES, Frances A. La Filosofía Oculta en la Época Isabelina, México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ZELLER, B. Le règne des mignons: le Duc d'Alençon et les Pays-Bas. Paris: Hachette, 1887.

ZELLER, Gaston. Les institutions de la France au XVI<sup>e</sup> siècle. Paris: P.U.F., 1948.